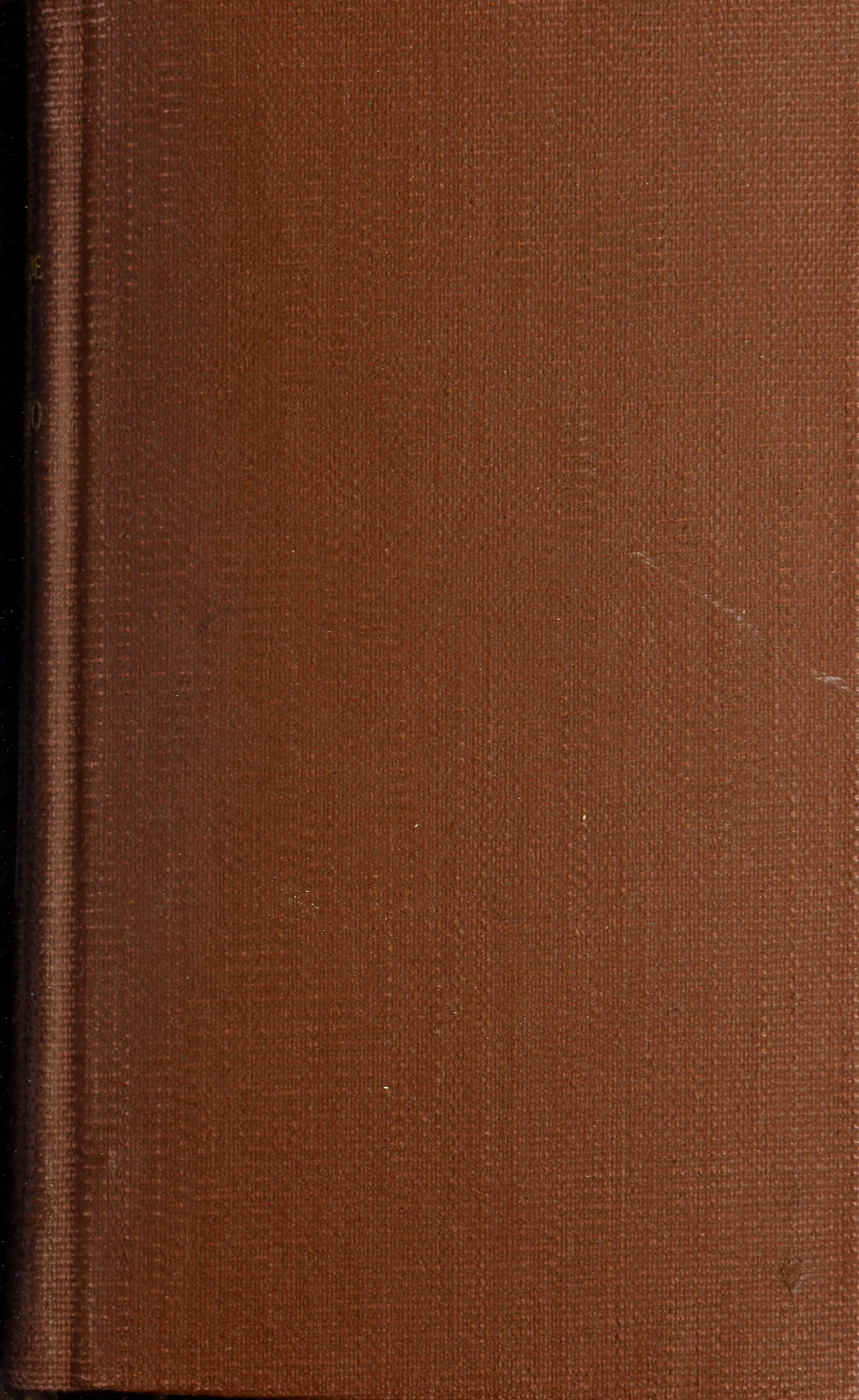




D. JOÃO
DE CASTRO

VIDA

DE

D. JOÃO DE CASTRO,

QUARTO VISO-REI DA INDIA,

ESCRITA POR

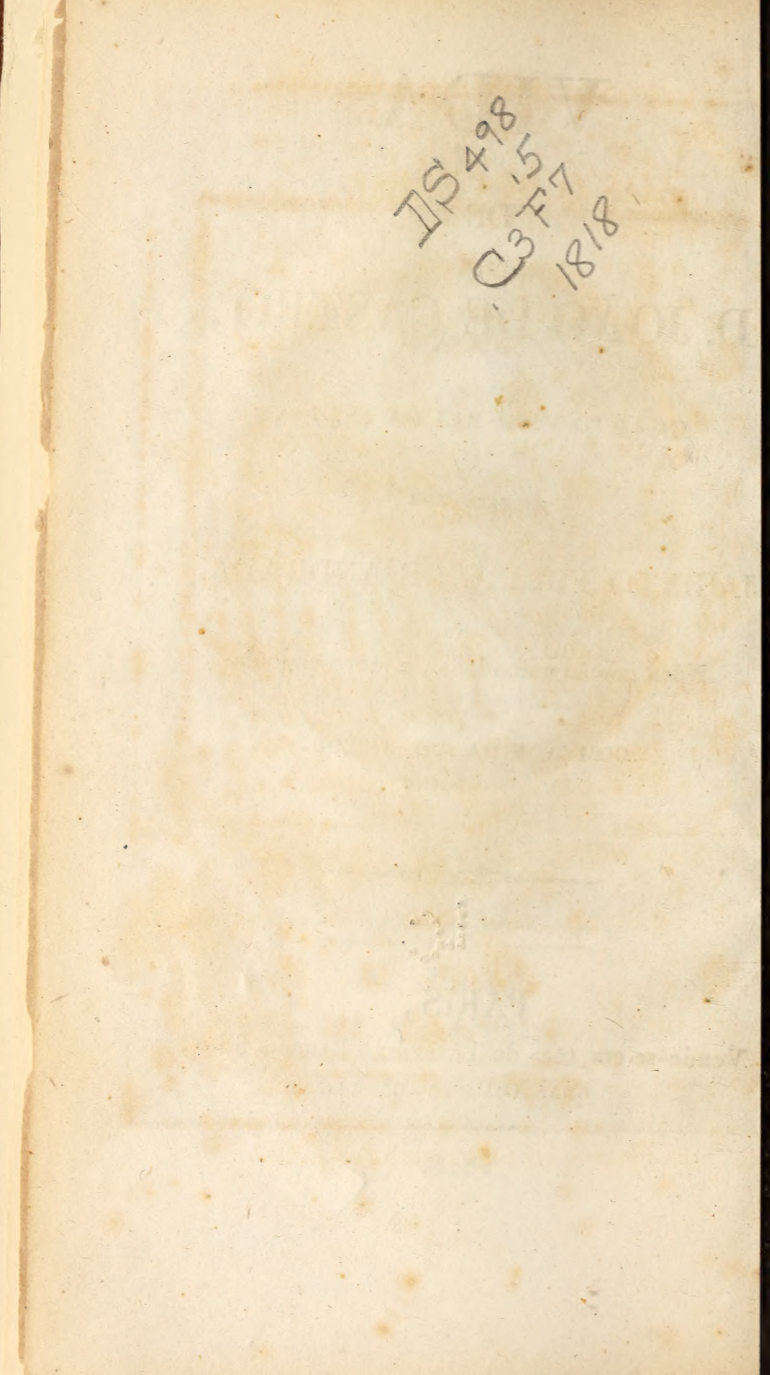
JACINTO FREIRE DE ANDRADA.

Nova edição emendada, e acrescentada

COM A VIDA DO AUTOR.

PARIS,
Vende-se em casa de THEOPHILO BARROIS filho,
quai Voltaire, nº. 11.

1818.


JS498
.5
C3 F7
1818

AOS QUE LEREM.

São os Prologos hum anticipado remedio aos achaques dos livros, porque andão sempre de companhia os erros, e as desculpas. Eu por hora me desvio do caminho trilhado, não quero pedir perdão de nada: quem achar que dizer, não me perdoe (nem será necessario encomendalo). Se me notarem o livro de roim, não negarão que he breve, e escrito em lingua Portugueza, que tantos engenhos modernos ou temem, ou desprezão, como filhos ingratos ao primeiro leite, servindo-se de vozes estrangeiras, por onde passárão como hospedes, sem respeito áquellas veneraveis cãas, e ancianidade madura de nossa linguagem antiga. Escrevi esta Historia com verdade de memorias fieis, sem que a penna, ou o affecto alterasse o menor accidente. Antes que este papel sahisse dos borrões, sei que muitos o taxárão de escasso, dizendo, que houvera de dilatar a Historia com allusões, e passos da Escritura, que fizessem mais crecido volume: estes comprão os livros pelo pezo, e não pelo feitio: de mais que não permittem tão

licenciosa penna as leis da Historia. Outros queriāo que me valesse do estrepito de vozes novas, a que chamāo cultura, deixando a estrada limpa por caminhos fragosos, e trocando com estimação pueril, o que he melhor, pelo que mais se usa. Mas como não determinei lisongear a gostos estragados, quiz antes com a singeleza da verdade servir ao applauso dos melhores, que á fama popular, e errada.

VIDA

DO AUTOR,

Tirada da Bibliotheca Lusitana.

JACINTO FREIRE DE ANDRADA nasceo em a Cidade de Beja da provincia Transtagana, onde teve por progenitores a Bernardim Freire de Andrada, e D. Luiza de Faria, de igual nobreza á de seu consorte, por se derivar do Castello de Faria, na provincia de Entre Douro e Minho, solar de huma das mais antigas Familias deste Reino. O sublime genio, que logo descobrio nos primeiros annos para as letras, moveo a seu pai para que frequentasse a aula de Minerva, e não a palestra de Marte, em que elle em obsequio deste Monarchia tinha obrado acções de eterna memoria. Instruido nos preceitos da lingua Latina, Poetica e Oratoria, passou á Universidade de Coimbra, onde fez celebre o seu nome, pelos accelerados voos com que se remontou o seu penetrante engenho com enveja de seus condiscipulos,

e dos Mestres a investigar os arcanos da Theologia, e as difficuldades de huma, e outra Jurisprudencia, que todos se faziāo patentes á sua profunda comprehensão. Resoluto a seguir a Vida Ecclesiastica recebeo o grão de Bacharel na Faculdade dos Sagrados Canones a 18 de Maio de 1618, como propria do Estado que elegéra, e passando á Corte de Madrid mereceo distintas estimações das principaes Pessoas da Jerarquia Ecclesiastica, e Secular, que sendo devidas a nobreza de seu nacimento se fazia dellas maior acredor pela sublimidade do talento. Não contava muitos dias de assistencia naquella Corte, quando foi provido na Abbadia de Nossa Senhora da Asumpção de Sãobade em o termo da Villa da Alfandega da Fé em a Provincia Transmontana, que era do Padroado Real; e posto, que era muito rendosa, passou por nova nomeação para a Abbadia de Santa Maria das Chãas do mesmo Padroado, situada em o Conselho de Tavares do Bispado de Viseu, hum dos mais opulentos beneficios deste Reino. Conhecendo o primeiro Ministro de Castella a profundidade de seu juizo, lhe participou alguns negocios graves, que felizmente se concluírão pela madura direcção da sua prudencia. Ao tempo, que imagi-

nava ser generosamente premiado pelos serviços que fizera em obsequio da Coroa Castelhana, experimentou huma fatal tormenta ocasionada da fiel liberdade com que vocalmente, e por escrito, defendeo o direito da Serenissima Casa de Bragança ao Trono de Portugal violentamente usurpado pela ambição de Filippe Prudente. Para evadir a prizão a que estava condenado sahio ocultamente de Madrid, e vencidos varios perigos buscou, para asilo da adversidade que o ameaçava, a sua Igreja das Chãas, onde assistio largo tempo; e posto que a lembrança da Corte lhe fazia mais intoleraveis a aspereza do Clima, e o horror da Solidão, temperava estas molestias com a lição dos libros em que consumia a maior parte do tempo. Acclamado no anno de 1640, legitimo Successor da Coroa Portugueza o Serenissimo Rei D. João o IV. passou a Lisboa, onde foi recebido deste Monarca com agrado, da Nobreza com affecto, e do povo com veneração. Por morte do Principe D. Theodosio, a quem foi summamente aceito, o elegeo ElRei D. João para Mestre do Principe D. Affonso, cujo lugar ainda que honorifico resolutamente regeitou, prevendo que os seus documentos havião de ser inuteis para quem a natureza incapacitára para a

disciplina. Determinado ElRei de occupar o seu talento em alguma das Cortes da Europa, e não executando este intento, lhe offereceo o Bispado de Viseu, á cuja offerta respondeo com discreta galantaria *que não queria gozar de huma dignidade em leite, pois não podia ser em carne,* alludindo á repugnancia com que os Pontifices, naquelle tempo mais attentos á Politica de Castella, que ao pasto das Igrejas de Portugal, lhe negavão a confirmação dos Bispados. Deste apothegma jocoso, que os seus Emulos interpretárão por liberdade indecorosa ao Principe, se seguio ser julgado por incapaz de ministerio quem era tão resoluto nas acções, e claro nas palavras. Conhecendo que sómente as lisonjas erão premiadas na Corte, se retirou para a sua Igreja, onde dominava a sinceridade, da qual o obrigou a ausentar-se a assistencia de sua irmãa D. Maria Coutinho, que morava em Lisboa; com a qual viveo alguns tempos occupado na cultura dos livros, em que achava a maior deleitação, até que mais cheio de merecimentos que de annos, pois não excedião de 60, expirou placidamente a 13 de Maio de 1657, em as casas proprias, situadas ás Portas de Santo Antão. Jaz sepultado na Parochial Igreja de Santa Justa, em humilde jazi-

go, digno certamente que fosse deposito das suas cinzas o mais sumptuoso Mausoleo. Teve a estatura mais que ordinaria, o aspecto melancolico, e grave, de tal sorte, que olhado infundia respeito; a conversação agradavel com apothegmas igualmente galantes que agudos; o trato com as pessoas tão moderado, que nem era arguido de severo, nem accusado de facil. Como inimigo jurado da adulação, fallou sempre com liberdade, estranhando aos fautores de acções criminosas, e proferindo o seu voto com maior attenção á consciencia, do que ao respeito de quem o consultava. Foi com os pobres liberalmente caritativo; com os humildes summamente humano; e com os Fidalgos parcamente communicavel. Teve natural affluencia, e elegancia para a Poesia vulgar, alcançando a palma entre os mais suaves Cisnes do Parnasso Portuguez, sendo os seus versos serios ou jocosos, claros indices da sua fecunda, e discreta Musa. Maior espirito mostrou na composição da Historia, onde o seu judicioso talento dilatou mais vastamente a delicadeza dos seus pensamentos. Persuadido das repetidas instancias do Bispo Inquisidor Geral D. Francisco de Castro, neto do clarissimo Varão D. João de Castro, quarto Vice-Rei da India, escreveo

a vida deste Heroe, com tão elegante frase, que deixou duvidosa a posteridade se fora mais feliz D. João de Castro pelo que obrou com a espada no Oriente, se pela penna com que descreveo Jacinto Freire as suas gloriosas e immortaes acções em todo o mundo. Nesta primorosa obra excedeo a magestosa pompa dos Livios, Curcios e Thucydides, venerados Oraculos da Historia Romana e Grega, usando de estilo altiloquo, e corrente, palavras naturaes, e elegantes, pensamentos agudos, e claros. Cada clausula he filha da eloquencia mas sublime, e cada periodo parto da locução mais discreta. Persuade com efficacia, discorre com juizo, reprehende com moderação, e louva sem lizonja. Igual methodo se admirou nas suas cartas, não se distinguindo o estilo familiar com que tratava aos seus amigos, daquelle a que o respeito das pessoas fazia ser mais severo. *Vir ingenio selectissimo* o intitula Joan. Soar. de Brito, *Theat. Lusit. Liter.* Lite. H. n. 36. Cardoso, *Agiolog. Lusit.* tom. 2. pag. 100. no Coment. de 11. de Março letr. C. *O Abbade Jacinto Freire de Andrada na celeberrima Vida de D. João de Castro.* Souza, *Apparat. a Hist. Gen. da Cas. Real.* pag. 106 §. 113.: *Do seu admiravel talento, e discrição nos deixou*

irrefragavel testemunho naquella inimitavel obra da Vida de D. João de Castro quarto Viso-Rei da India, em que a eloquencia, e pureza da nossa lingua se admira em hum estilo taõ sublime, que he huma das obras mais singulares que se tem escrito, e por isso igualmente estimada não só dos nossos, mas dos Estrangeiros. Teixeira, *Vid. de Gom. Freire de Andrada.* Part. 1. liv. 2. §. 75. *a Corte o venerava Demosthenes Lusitano, e o Reino Cicero Portuguez.* Franckenau, *Bib. Hisp. Gen. Herald.* pag. 198. Diogo Gouvea Barradas *Antig. de Beja.* liv. 3. cap. 27. Jacinto Cordeiro *Elog. dos Poet. Lusit.* Estanc. 34.

Jacinto Freire gloria de Helicona
De Andrada lustre de seu nombre gloria.
Si flor de jacta, y piedra perficiona
La gala deste nombre amable historia;
Merece con justicia la corona
Que le escrive el ingenio en la memoria
Del Templo de la fama, á que le llama
Tan inmortal con él será la Fama.

COMPOZ.

Vida de D. João de Castro quarto Viso-Rei da India. Lisboa na Officina Craesbeeckiana. 1651. fol. e ibi, por João da Costa. 1671. fol., e ibi, pelos herdeiros

de Miguel Manescal. 1703. fol. e ibi na Officina da Musica, 1712. 8. e ibi por Antonio Isidoro da Fonseca, 1736. 4. Sahio traduzida na lingua Ingleza por Peter Wichek com este titulo: *The life of Dom John de Castro, the fourth Vice-Roy of India.* London, por Henry Herringman. 1664. fol.; e ultimamente na lingua Latina pelo Padre Francisco Maria del Rosso da Companhia de JESUS. Roma ex Tipographia Rochi Barnabó. 1727. 4. O juizo, que o traductor faz do Autor da obra, he o seguinte: *Scriptor, quem interpretandum suscepi, ut magni est apud Lusitanos nominis, ita nationibus cæteris non improbabitur; habet enim in narrando non mediocrem jucunditatem, et illaboratum candorem; pressus est, et velox ut historicum decet, quin tamen obscurus sit, vel supinus: elegantiam sectatur, sed non jejunam, acumen, sed minime illiberale.* Nesta edição sahio com o Retrato de D. João de Castro primorosamente aberto, e na parte inferior animado com o seguinte distico:

Qualis, quantus erat pietate insignis, et armis,
Spirat adhuc pictâ Castrius in Tabulâ.

Portugal Restaurado. He traducção da obra intitulada *Lusitania Liberata* que

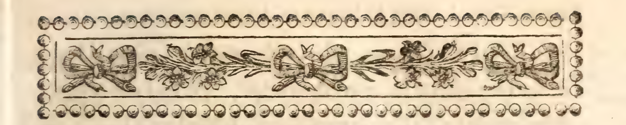
compoz o Illustrissimo Capellão mór D. Manuel de Cunha, que sahio sem o seu nome. Foi dedicada a traducção impressa sem anno, nem lugar, em 24, á Serenissima Rainha de Portugal D. Luiza Francisca de Gusmão, fechando o traductor a Dedicatoria feita á 20 de Março de 1645, com estas discretas palavras: *Aqui não ha cousa minha, senão os erros da Versão; porque traduzir não he mais que levar hum recado alheo, que eu aceitei para com elle me pôr de joelhos aos pés de V. Magestade.*

Origen, y progresso de la Casa y Familia de Castro, y de los grandes hombres que ha havido en ella, desde su principio hasta nuestros tiempos, sacado de Cronicas, Historias, y otros Autores dignos de todo credito fol. M. S. Esta obra foi composta em obsequio do Bispo Inquisidor Geral D. Francisco de Castro, a qual deixou sua sobrinha D. Mariana de Noronha e Castro aos Padres Theatinos desta Corte sua magnifica Bemfeitora, e se conserva na selectissima Livraria desta douta Communidade.

Dos seus Versos se poderão formar volumes, dos quaes a maior parte pereceo no fatal incendio, que devastou as casas em que morava ás portas de Santo Antão desta Cidade; e unicamente se

fizerão publicos no Tom. 3. da *Feniz renascida; ou Obras Poeticas dos melhores engenhos Portuguezes.* Lisboa, por Joseph Lopes Ferreira. 1718. 8. desde pag. 316. até 384. diversos *Sonetos*, *Romances*, *Silvas*, *Canções*, *Endechas*: *Fabula de Narcisso*, consta de 54 outavas: *Fabula de Polifemo*, e *Galatea*, consta de 61 outavas. A estas duas Fabulas celebra o Padre Antonio dos Reis no *Enthus. Poet.* n. 70. como a seu elegante, e discreto Autor com estas metricas vozes:

Crinibus Andradii posuit Narcissus odorum
Ex semet sertum; nec non Polyphemus, amusus
Sit licet, Idæâ præcidit ab arbore ramum,
Et male contextum (nam dextra est inscia cultus
Barbara) donavit......



VIDA

DE

D. JOÃO DE CASTRO,

QUARTO VISO-REI DA INDIA.

LIVRO I.

Escreverei a vida de Dom João de Castro, varão ainda maior que seu nome, maior que suas victorias; cujas noticias são hoje no Oriente, de pais a filhos, hum livro successivo; conservando-se a fama de suas obras sempre viva; e nós ajudaremos o pregão universal de sua gloria com este pequeno brado: porque durão as memorias menos nas tradições, que nos escritos.

Primeiros estudos de D. João de Castro.

Foi D. João de Castro, entre os de tão grande appellido, illustre descendente; mas primeiro relataremos as virtudes, e depois a origem, por serem as obras proprias, pais melhores, que os que da natureza se recebem. Passou os primeiros annos, cultivado nas letras, e virtudes que sofre aquella idade, sendo tão facil o natural á disciplina, que não havia mister torcido, senão encaminhado. Como não era D. João herdeiro da casa de seus pais, dispunhão elles inclinalo a estudos maiores: porque nas casas grandes forão sempre neste Reino as letras o segundo morgado. Obedeceo D. João em quanto não tinha liberdade para engeitar, nem escolha para tomar outro exercicio.

Applica-se ás Mathematicas em companhia do Infante D. Luiz.

Aprendeo as Mathematicas com Pedro Nunes, o maior homem, que desta profissão conheceo Portugal; fazendo-se tão singular nesta Sciencia, como se a houvera de ensinar. Nesta escola acompanhou o Infante D. Luiz, a quem se fez familiar, ou pela qualidade, ou pelo engenho; porém como D. João amava as letras por obediencia, e as armas por destino, despresou, como pequena, a gloria das escolas, achando para seguir a guerra,

em si inclinação, em seus avós exemplo.

Era naquelle tempo clara a fama de D. Duarte de Menezes, Governador de Tanger; cujo nome os Africanos ouvião com temor, e nós com reverencia. Considerava D. João melhor suas victorias, que as figuras, e circulos de Euclides, amando as artes em quanto podião servir ao valor.

Chegado aos dezoito annos, vendo-se mais crecido no brio, que na idade, fugindo se embarcou para Tanger; onde contra o estylo daquellas praças, assistio nove annos, como quem queria fazer vida do que era só caminho. Em todas as occasiões daquella guerra se portou com esforço igual ao sangue, e maior que os annos, merecendo congratulações dos parentes, invejas dos soldados.

Passa a Tanger.

D. Duarte de Menezes o respeitava, como se houvera lido nesta Historia as victorias da Asia, que estamos escrevendo. Por suas mãos lhe quiz dar, e receber a honra de o armar Cavalleiro, gloriando-se tão anticipadamente no filho de sua disciplina. E vendo que tão grandes espiritos merecião ser ajudados dos favores Reaes, desejando que respondessem os premios ao valor; zelando igualmente a

D. Duarte de Menezes o arma Cavalleiro.

E informa a ElRei de seu merecimento.

causa do Rei, e do Vasallo, escreveo a ElRei Dom João o Terceiro, que Dom João de Castro havia servido de maneira, que nenhum posto, ou mercê já lhe seria grande: que Sua Alteza o devia honrar, porque as lembranças dos Reis fazião soldados, e era justo, que aos olhos de tão grande Principe não ficassem sem premio as virtudes.

ElRei o chama, honra, e premea.

ElRei mandou logo chamar a D. João por huma carta, tão honrada, como se lhe não quizera fazer outra mercê; com a qual D. João se veio á Corte, onde foi tão envejado pelas feridas, como pelos favores. ElRei lhe fez mercê da commenda de Salvaterra, accordando aos homens de novo seu merecimento a estimação com que os tratava.

Seu procedimento na Corte.

Cursou Dom João algum tempo a Corte, sem que a nenhum desar da mocidade o arrastassem os annos, ou os exemplos, parecendo verdadeiramente varão em toda a idade; porém com tal medida, que nem a madureza o fazia pesado, nem a urbanidade facil. Soube philosophar entre as diversões da Corte, evitando naquelle genero de vida a parte que tinha de ociosa, mas não a de discreta.

Mudou de estado, casando com Dona Leonor Coutinho, sua prima segunda, filha de Leonel Coutinho, fidalgo da illustrissima casa de Marialva, nobreza tão conhecida, e tão antiga, que della, e do Reino temos igual noticia. Não lhe derão outro dote que as qualidades, e virtudes da esposa; porém sem os arrimos de fazenda, conservou o respeito de maneira, que era tratado de todos com veneração de rico, e lastima de pobre. Casou com Dona Leonor Coutinho.

Offereceo-se neste tempo a jornada de Tunez, facção mais celebre pola victoria, que pola utilidade; de que não coube a Dom João de Castro pequena parte na honra, e no perigo. Daremos do successo relação menos abbreviada, por haver ElRei Dom João empenhado na facção o poder, o Infante Dom Luiz a pessoa. Havia aquelle famoso Cossario Barba-Roxa infestado todo o Mediterraneo com poder, e atrevimento maior que de Pirata, achando a fortuna tão prompta a seus insultos, que entre os triunfos de Carlos, era só Barba-Roxa o escandalo de suas victorias. Vendo-se cada dia mais crecido em opinião, e forças, se passou ao serviço do Turco, Jornada de Tunez. Occasião que para ella houve.

com quem já a fama de nossas injurias o tinha acreditado, e comprandolhe a graça com o mais precioso de seus roubos, alcançou ser General do mar; e baixando diversas vezes com grosso numero de galés, fez grandes danos nos portos de Napoles, e Sicilia, sem que bastasse a defendelos o valor de seus naturaes, nem a tutela do Imperio a que servião. Cativou infinitas almas, perdendo muitas á Fé pola liberdade; assolou povos, e abrasou navios, dando-lhe as miserias dos Christãos, entre os Barbaros, huma gloriosa fama, até que esquecido de seus principios, lhe fizerão as prosperidades lugar á ambição de reinar, usurpando o Reino de Tunez com varios artificios, cuja relação não serve a nossa Historia. Vendo pois Carlos este tyranno já com forças proprias, fomentadas de outro poder maior; e que pola vizinhança de seus Reinos não convinha que creasse raizes ás portas de sua mesma casa; e que os Mouros, a quem não faltava valor, mas disciplina, industriados de soldado tão pratico, virião a conhecer suas forças, em dano de seus Reinos; resolveo buscalo com huma poderosa armada, e tirar-lhe o abrigo de

Tunez, para que quando melhor livrasse, se tornasse ao már, donde como Pirata, só poderia offender com forças vagas, as quaes mais facilmente poderião acabar os tempos, e os successos. Tirou os soldados velhos dos presidios de Italia, que suprio com bisonhos; fez grandes levas na Alemanha alta, e paizes de Flandes; alistou Italianos, e Hespanhoes, além dos senhores, e nobreza, que servia sem soldo; e como empresa tão util, e justificada, e onde o Emperador empenhava a pessoa, acudião muitos aventureiros a acompanhar tão pias, e valerosas armas. Em Sardenha tomou o Emperador mostra da gente que levava, e achou vinte e cinco mil infantes de lista, que recebérao soldo, fora outra muita gente que servia sem elle, que era huma grande parte do exercito, e cada dia recebia differentes soccorros, que engrossavão o campo.

O Infante Dom Luiz, Principe digno de empresas iguaes a seu valor, se resolveo achar nesta jornada com o Emperador seu cunhado; e ainda que d'ElRei Dom João foi mui dissuadido com razões differentes, humas que topavão no amor do sangue, e

Acompanha nella o Infante D. Luiz.

outras no respeito da pessoa; com tudo o Infante interpretando a vontade d'ElRei, mais em favor do brio, que da obediencia; partio secretamente com alguns fidalgos; o que entendido por ElRei, lhe mandou a Barcellona, onde o Emperador estava, largos creditos, e aprestar vinte e cinco caravellas, e alguns navios redondos; entre elles hum galeão, que jugava duzentas peças de bronze, o maior que até aquelles tempos surcárão nossos mares, á ordem de Antonio de Saldanha, para que servissem na jornada; e por reverencia do Infante se encomendárão as vasilhas da armada a fidalgos de grande conta, sendo hum delles Dom João de Castro, que nesta occasião igualmente despresou o perigo, e a cobiça, como logo mostrará a Historia.

Fidalgos que forão nesta jornada.

Os fidalgos que se embarcárão nesta armada, de que alcancei noticia, forão, de mais de Dom João de Castro, Dom Affonso de Portugal filho herdeiro do Conde de Vimioso, Dom Affonso de Vasconcellos filho do Conde de Penella, Luiz Alvarez de Tavora senhor do Mogadouro, com Rui Lourenço de Tavora seu irmão, que depois foi Viso-Rei da India; Dom

João de Almeida filho do Conde de Abrantes, Dom Pedro Mascarenhas, que tambem foi Viso-Rei da India, Dom Diogo de Castro Alcaide mór de Evora, Dom Fernando de Noronha, Dom Francisco de Faro, Dom Francisco Pereira Embaixador que foi d'ElRei Dom Sebastião em Castella, Dom Affonso de Castelbranco Meirinho mór, Pero Lopez de Sousa, João Gomez da Silva Pagem da lança, e D. Luiz de Attaide, que depois foi Conde d'Attouguia; e morreo na India, sendo segunda vez Viso-Rei daquelle Estado. Todos estes fidalgos forão servir á sua custa, levando criados, e soldados, sem receberem soldo, com galas, e librés demonstradoras do gosto com que seguião a guerra. Tomou a armada o porto de Barcellona, e salvando a Capitania Imperial, deu de si huma mostra bellicosa, e alegre. O Emperador se veio ás casas do Embaixador de Portugal Alvaro Mendez de Vasconcellos, que por estarem sobre o mar, erão mais aptas para honrar, e festejar a entrada.

Os Duques de Alva, e Cardona, com outros muitos Senhores, vierão á praia buscar o General, e fidalgos de sua companhia, que forão beijar a

mão ao Emperador, o qual os recebeo com todas as honras, e agasalhos, que a autoridade sofre, alegrando-se de se acompanhar de nossa milicia pratica, e valerosa, a quem não parecerião estranhas as Luas, e lanças Africanas. Todas as resoluções grandes communicava o Emperador ao Infante Dom Luiz, não só pola grandeza da pessoa, mas pola do juizo, tão pratico na Corte, como no Estado, de quem referirei hum lanço de urbanidade, pola estimação que delle fizerão os Castelhanos. Recolhião-se huma noite o Emperador, e o Infante, e ao entrar de huma porta, sobre qual havia de passar diante, pleiteárão ambos a cortezia, querendo hum, que precedesse o Hospede, outro a Magestade. O Emperador, travando-lhe do braço, quasi por força o fez passar primeiro. Não querendo o Infante aceitar esta honra, nem podendo engeitala lançou mão a huma tocha, que hum pagem levava. Assim soube o Infante fazer-se tão senhor da vontade do Emperador, que teve resoluto dar-lhe o Estado de Milão, achando nelle qualidades para o merecer, e para o defender, valor; mas as pertenções de França fizerão o dominio deste Estado

Cortezia entre o Emperador, e o Infante.

tão contingente, que ficou o senhorio delle muitos annos debaixo do juizo das armas.

O Emperador quer armar cavalleiro a Dom João, que não aceita, nem a mercê do dinheiro.

Não relatarei os successos desta guerra, por ser historia alhea; bem que nella D. João de Castro se portou de maneira, que o Emperador o quiz armar Cavalleiro; honra de que elle se escusou com a verdade, de o haver já sido por outras mãos, que o que lhe faltavão de Reaes, tinhão de valerosas. Mandou o Emperador dar dous mil cruzados a cada hum dos Capitães da armada, que Dom João singularmente não quiz aceitar, porque servia com maior ambição do nome, que do premio.

Concluida esta jornada, se recolhe a Cintra.

Triunfante Carlos, como outro Scipião da guerra de Africa, se veio descançar entre applausos, e acclamações de Europa, podendo-se chamar antes fundador, que herdeiro de seu Imperio. Voltou tambem a nossa armada ao porto de Lisboa, onde Dom João achou, nos braços do Rei, e saudações do povo, maior premio, do que engeitára do Cesar, e como varão que tão bem sabia despresar sua mesma fama, se retirou á sua quinta de Cintra, desejando viver para si mesmo, havendo-se no serviço da pa-

tria de maneira, que nem o desemparava como inutil, nem o buscava como ambicioso. Aqui se recreava com huma estranha, e nova agricultura, cortando as arvores que produzião fruto, e plantando em seu lugar arvoredos silvestres, e estereis; quiçá mostrando, que servia tão desinteressado, que nem da terra, que agricultava, esperava paga do beneficio: mas que muito, fizesse pouco caso do que podião produzir os penedos de Cintra, quem soube pisar com despreso os rubís, e diamantes do Oriente!

Passa a primeira vez á India.

Achava-se D. João no melhor de seus annos, estimulado a servir com os exemplos de sua mesma casa; e como a guerra de Africa com a nova conquista do Oriente, ou se dissimulava, ou se esquecia, havendo o mundo por mais gloriosa a fama, que vinha de mais longe, resolveo D. João passar á India, cuja conquista enchia o Reino de fama, e de victorias, embarcando-se sem pedir posto, ou mercê alguma, havendo por mais sua, a honra que se vai a ganhar, que a que se leva.

Faz-lhe ElRei mercê, e como a aceita.

Passou naquella occasião a governar a India D. Garcia de Noronha seu cunhado, que estimou levar a Dom João de Castro com meritos de suc-

cessor, e praça de soldado. ElRei, logo que entendeo a resolução de Dom João, lhe mandou dar mil cruzados cada anno o tempo que servisse na India, e portaria da fortaleza de Ormuz, que elle (não sei se com maior ambição, ou com maior temperança) não aceitou, por ser mais rara a memoria das mercês, que se engeitão, que das que se recebem: acção mais facil de louvar, que de imitar.

Leva seu filho D. Alvaro.

Embarcou-se Dom João de Castro com seu filho D. Alvaro de treze annos, dando-lhe por entretenimentos daquella idade os perigos, e tormentas de tão prolixos mares. Chegou a armada de Dom Garcia á India com prospera viagem, onde achou ao Governador Nuno da Cunha com armada prompta para soccorrer a Dio, e peleijar com as galés do Turco, que o tinhão sitiado naquelle illustre cerco, que defendeo Antonio da Silveira. Tomou Dom Garcia, com a posse do governo, a obrigação de soccorrer a praça, para o que se lhe offereceo Dom João de Castro, que como soldado de fortuna alvoroçado se embarcou no primeiro navio, parece que já presago dos futuros triunfos, a que o chamava Dio. Porém a retirada dos

Embarca-se no soccorro de Dio.

Turcos privou a D Garcia da victoria, ou lha quiz dar sem sangue, se menos gloriosa, mais segura.

Faleceo brevemente D. Garcia, a quem succedeo D. Estevão da Gama, que na India teve os brios dos de seu apellido, e parece que tivera a fortuna, se não fora tão breve o seu governo. Emprendeo huma facção, no perigo, e na gloria, grande; qual foi embocar o Estreito do mar Roxo, e queimar as galés dos Turcos, que no porto de Suez se fabricavão com voz de lançar os Portuguezes da India; empresa que o Turco reputava por digna de seu poder.

Vai ao mar Roxo com D. Estevão da Gama.

Posta de verga d'alto toda a armada, não houve soldado de valor a quem não alvoroçasse o risco de tão nova jornada, na qual tanta fama merecia a victoria, como o atrevimento. Partio D. Estevão da Gama com doze navios de alto bordo, e sessenta embarcações de remo o primeiro de Janeiro de mil e quinhentos e quarenta e hum. Aqui foi Dom João de Castro Capitão de hum galeão, e seguindo sua viagem com Levantes, avistárão a costa de Arabia, posto que derramados O Governador D. Estevão da Gama a vio em Mon-

te Feliz, e surto na boca do Estreito esperou os navios de sua conserva. Aqui foi certificado, que as galés inimigas estavão varadas em terra, porém tão vigiadas, que se não podião queimar senão com força descuberta; o que seria impossivel aos navios redondos, em razão dos baixos, e restingas daquelle porto: com tudo Dom Estevão da Gama, desprezando o aviso, e o perigo, passou avante com algumas fustas, humas das quaes levou Dom João de Castro, deixando o seu navio. Passárão pelas primeiras ilhas, situadas em doze graos, e meio, e pela enseada velha em treze escassos, tomárão a da Fortuna, que está na mesma altura. Em todas estas angras, e enseadas da boca do Estreito até Suez, foi Dom João de Castro, tomando o Sol, e fazendo roteiro, formando juizo, já de Philosopho natural, e já de marinheiro, mostrando como caminha cega a experiencia rude dos Pilotos sem os preceitos da arte. Aqui tão judicioso, como soldado, discursou doutamente sobre as causas, porque ao mar Roxo foi imposto este nome; e tambem dos impulsos, e movimentos naturaes das crescentes do Ni-

Nesta viagem faz hum roteiro.

lo nas monções do Estio; materia que desvelou muitos engenhos, a quem a natureza tantos annos escondeo estes secretos. Assim contaremos deste varão como parte menor de sua grandeza, o que os Romanos com tão soberba eloquencia escrevem de seu Cesar, que com tanto juizo tomava a penna, como com valor a espada. Este tratado, e outro de que daremos mais inteira noticia, escritos entre as ondas do mar, e o açoute dos ventos, dedicou ao Infante Dom Luiz, offerecendo-lhe o fruto das letras, que juntos aprendêrão.

D. Estevão arma cavalleiro a D. Alvaro.

Nesta paragem virão o monte Sinai onde com fabrica de Anjos forão as reliquias de S. Catherina collocadas em illustre deposito; a cuja vista Dom Estevão da Gama armou Cavalleiro a D. Alvaro de Castro, o qual em memoria de tão celebre sanctuario tomou por timbre de suas armas a roda de navalhas, com que religiosamente as illustrão ainda hoje seus descendentes. Do effeito desta jornada não daremos particular noticia, porque a vigilancia dos Turcos nos frustrou o effeito.

Torna D. João ao Reino.

Tornando Dom João ao Reino, como querendo deixar crescer as pal-

mas do Oriente, que havião de coroar suas victorias, não desembarcou outras riquezas, mais que a fama de suas obras; e estando com os vestidos do mar ainda mal enxutos, o nomeou ElRei por General das armadas da costa, dandolhe novas occasiões de servir em premio do que tinha servido. Sahio logo Dom João no anno de 1543, a comboiar as náos, que de viagem se esperavão da India, e pairando na altura de seu regimento, houve vista de hum Cossario Francez, que com sete navios infestava todos aquelles mares, e havia feito algumas prezas em navios de nossas conquistas, que o tinhão atrevido, e rico. Logo que Dom João o avistou, se fez naquella volta com os navios arrasados em popa, e atracando a Capitania do inimigo, a abordou, e rendeo depois de porfiada resistencia; meteo dous navios no fundo, e outros se salvárão com o favor da noite. Os casos particulares desta briga não pude achar escritos, assim ficará nosso silencio disculpado com o descuido alheo.

He General da armada da Costa.

Desbarata sete náos de Cossarios.

Houve Dom João vista das náos dentro em poucos dias, que com reciprocas salvas lhe ajudárão a festejar

Recolhe as da India.

a rota do Cossario; entrou com ellas pela Barra de Lisboa, sendo tão geral o applauso com que foi recebido, que parecia haver passado já os perigos do odio, e da enveja; felicidade, ou miseria, que só na sepultura alcanção, ou evitão, os varões excellentes. Porém destes successos conseguio Dom João sómente o premio na victoria: porque quando as dividas são grandes, os Reis por não ficarem escassos, arriscão-se antes a parecer ingratos; mais faceis a confessar os vicios na pessoa, que na Majestade.

Pouco tempo deixárão a D. João de Castro descansar no gosto da victoria, porque logo para negocio de maior cuidado, tornou a vestir as armas, como referirei mais largamente, ainda que contra meu costume: por não truncar a Historia, buscarei principios afastados. Vio-se aquelle famoso Cossario Haradin Barba-Roxa quasi desbaratado com a perda de Tunez, e Goleta, e muito mais com a das galés, perdendo na terra a autoridade de Tyranno, e no mar as forças de Pirata. Porém não ficou este inimigo de todo tão quebrantado, que deixasse de gemer ainda Italia muitos annos debaixo de seu açoute,

Tinha depositado em differentes partes o melhor de seus roubos, como segunda taboa em que salvar-se; fez delles hum presente a Solimão senhor dos Turcos, de tanta estimação, que pode fazer esquecer, ou disculpar a desgraça da armada, e fugida de Tunez, de que Solimão ainda tinha a dor, e a memoria fresca. Representou-lhe o muito que podia obrar em dano dos Christãos, pois começando a tentar o mar com duas galeotas mal armadas, o valor, e os successos o fizerão temido, e poderoso, e fazendo-lhe cruel guerra com seus proprios despojos; que não cabião já os cativos nas masmorras de Africa; que no Reino de Napoles, em toda a Apulha, e terra de Lavor, fizera tães estragos, que ainda agora, nem o sangue, nem as lagrimas estavão enxutos; que as galés de Sicilia, temerosas apodrecião ancoradas no porto; que aquelle André Doria, tão buscado dos Principes da Europa, diria quantas vezes, por se desviar de Barba-Roxa, tinha forçado o remo; que seguramente daria por testimunhas de suas obras seus proprios inimigos; que o Emperador Carlos, irritado de tantos danos, vendo que

só Barba-Roxa fazia a suas victorias sombra, mais impaciente que soldado, juntára para o destruir todas as forças de Alemanha, Italia, Hespanha, e Flandes, expondo temerario o melhor de seus Reinos, ao caso de huma ruina, ou de huma victoria, e ainda que o não desacompanhou sua antiga fortuna, só tirou da jornada fama sem fruto, restituindo a Tunez hum inimigo por desapossar outro; que se não recolhéra tão inteiro, que lhe não custasse a victoria navios, e soldados; e que com as despesas de tão numeroso poder, esgotára os thesouros de Hespanha; que agora era o tempo opportuno para arruinar a Christandade, enfraquecida com huma larga guerra, descuidada com huma apparente victoria; que no estreito de Gibraltar estava a celebre Cidade de Ceuta, porta por onde já os Africanos entrárão com victoriosas armas a dominar Hespanha; que os Portuguezes a tinhão com fracos muros, e hum debil presidio, mais attentos a inquietar os vizinhos, que a acautelar-se delles, porque altivos com as prosperidades do Oriente, despresavão sua propria morada, a maneira de rios, que quanto mais distão do berço em que nas-

cérão, são maiores; que se a Magestade do grão Senhor se inclinasse a senhorear esta parte tão principal da Europa, elle se offerecia com hum justo numero de galés, a entregar-lhe Ceuta, para que as nações do ultimo Occidente vivessem na reverencia de seu Imperio. Assim descorreo o Cossario, tentando restaurar com forças alheas o credito, e estado de que havia cahido. E como nas Cortes dos Principes, as cousas grandes são melhor ouvidas que as possiveis, e em Barba-Roxa a experiencia, e o valor tinhão tantos abonos, Solimão altivo, e bellicoso, começou a dar ouvidos a empresa de tantas consequencias, que parecia opportuna pola paz, e prosperidade, que gozava seu Imperio. Ouvio diversas vezes a Barba-Roxa, que lhe persuadio serem os uteis desta facção maiores que as difficuldades. Inflammavão mais a indignação do Turco os Mouros Africanos, queixosos de que não podião respirar, senão debaixo da paz de nossas armas, chorando huns a liberdade, outros a injuria de seu Propheta nas postradas Mesquitas. No remedio destes danos empenhavão o Turco por zelo, e por grandeza, porque huns tocavão a Religião, ou-

tros a Magestade; motivos que cobrião a ambição, e justificavão a jornada.

Avisos do Emperador a El-Rei.

O Emperador Carlos, que da negociação de Barba-Roxa em Constantinopla andava cuidadoso, entendendo que aquelle tronco, de quem cortára as ramas, não ficára tão secco, que com calor alheo não pudesse brotar novo veneno, teve industria para saber a resolução do Turco acerca da invasão de Hespanha; e ainda que o primeiro golpe ameaçava a Ceuta, como nunca a corrente da victoria pára onde começa, não querendo cahir tambem sobre nossas ruinas, mandou armar navios, alistar gente, e dobrar os presidios nos portos do Estreito, escrevendo a ElRei Dom João seu cunhado os avisos que tinha, para que juntos dispusessem a resistencia do commum inimigo.

E lhe pede ajuda para resistir aos Turcos.

Chegada a Portugal esta nova, tratou logo ElRei de fortificar Ceuta, que não tinha outra defensa, que a que ensinava a disciplina daquelles tempos; e como nós em Africa eramos conquistadores, defendiamos nossas praças com o temor alheo. Governava naquelle tempo Ceuta D. Affonso de Noronha, a quem ElRey en-

commendou a fortificação, e a defensa, mandando-lhe gente, materiaes, e engenheiros. Pedia o Emperador a El-Rei, que mandasse sahir a armada, para que unida com a que tinha em Cadiz, á ordem de D. Alvaro Bação, esperassem o inimigo na boca do Estreito, onde em qualquer successo terião no abrigo de seus portos segura a retirada. Posto o negocio em conselho, pareceo que as armadas se juntassem, porque não ficasse sobre nossas forças todo o peso da guerra.

Nomea ElRei a D. João por General.

Entrou ElRei em consideração de buscar quem governasse a armada, e dado que no Reino havia muitos homens, a quem as experiencias, e perigos de nossas Conquistas tinhão feito soldados, o nome de D. João de Castro se fazia lugar entre os maiores; fez brio de não pedir, nem engeitar o serviço da patria. Sabemos que ElRei D. João, ainda que o amava por valeroso, lhe era pouco affecto por altivo; de sorte que o que grangeava por huma virtude, vinha a perder por outra; assim não vimos que na casa Real tivesse officio, ou valimento; porque varão tão livre podião-no sofrer como vassallo, mas não como criado. Estava já com velas metidas toda a arma-

da, e embarcada muita parte da nobreza do Reino, e os soldados na expectação de quem havia de governar facção tão importante; quando de repente se divulgou a nomeação em D. João de Castro, feita com geral satisfação, ainda dos mesmos pretendentes.

Confiança que mostra ter de D. João.

Mandou ElRei chamar a D. João, a quem communicou os avisos do Emperador, e designios do Turco, significando-lhe a enveja com que o mandava a tão honrada empresa, mas que pois era huma prisão Real das Magestades, poder dar honras sem poder merecelas, lhe entregava aquella armada, esperando que havia de ajuntar ás Ruelas dos Castros as bandeiras que aos Turcos ganhasse, para que a seus descendentes as deixasse ainda mais honradas do que lhas entregárão. D. João beijou a mão a ElRei, agradecido; entendendo que dos Principes era melhor ser bem avaliado, que bem visto.

Ajunta-se com o General do Emperador.

Aos doze dias de Agosto de 1543, se fez á vela toda a armada, e em poucos dias com ventos de servir, surgio á vista de Gibraltar, onde achou sobre ferro a armada Imperial, que recebeo a nossa com toda a cortezia naval, alegrando, ou assombrando o lu-

gar com repetidas salvas. Veio logo Dom Alvaro Bação com os principaes Cabos da armada visitar a D. João de Castro ao mar, onde depois de saudações cortezes, lhe deu conta das noticias que tinha do inimigo, que segundo os avisos, a primeira invasão seria sobre Ceuta. Alli se discorreo, como unidas as armadas de dous tão grandes Principes, convinha á reputação de humas, e outras armas, peleijar com o inimigo; que dado que viesse com maiores forças, peleijavamos nos nossos mares á vista de nossos portos; que no conflito nos podião sorcorrer com gente descançada; e os navios destroçados terião o abrigo vesinho; e que quando bem a victoria se inclinasse aos Turcos, ficarião tão quebrados, que não podessem intentar acção nas praças do Estreito, as quaes sempre remirião peleijando em ambos os successos; maiormente, que as ordens, que trazião cerradas de buscar o inimigo não sofrião outra interpretação com que se salvasse a honra, e a obediencia. Tomada esta resolução, ainda que precisa, briosa, ficárão os soldados alvoroçados, e os Cabos solicitos nas ordens, e disposição de tão grande negocio; quando de repente

Discorrem sobre a jornada.

Resolvem peleijar.

chegárão apressados avisos, que Barba-Roxa com toda a armada junta demandava o Estreito. Mandou logo D. João de Castro recolher alguma gente que andava em terra, dar ordens aos Capitães, empavesar navios, e avisar a D. Alvaro de como se levava, O qual com a imaginada vista do inimigo, resfriado daquelle ardor primeiro, escreveo a Dom João de Castro, que novos casos necessitavão de novos conselhos; e que pelas noticias das espias, sabia que Barba-Roxa trazia dobrado numero de baxeis do que as armadas tinhão; que não era intenção, nem serviço de seus Principes, perderem-se com risco tão sabido; que estando aquellas armadas inteiras não podia o inimigo intentar cousa grande; e se acaso na peleija ficassem destroçadas, ficarião as praças do Estreito por premio da victoria; que elle em deixar de peleijar se violentava muito, mas que primeiro estava o serviço do Cesar, que o brio dos particulares; que lhe pedia recolhesse naquelle porto a armada, e que da resolução dos Turcos tomarião mais seguro conselho. Dom João de Castro respondeo ao General Castelhano, que elle não mudava de opinião á vista do

Muda o General Castelhano de parecer.

E trata de reduzir a D. João.

O qual permanece em peleijar com os Turcos.

inimigo; que bastava para animar os Turcos o verem-se temidos; que pois elles pretendião pisar terra de Hespanha, as armadas se devião arriscar pela reputação, quanto mais pela injuria; que juizo havia de fazer o mundo das forças de dous tão grandes Principes, quando se colligavão para fazer a Barba-Roxa a guerra defensiva? deixando senhorear a bandeira do Turco nossos mares á vista das Aguias do Imperio, e Quinas de Portugal; que elle se resolvia em esperar o inimigo, seguro de lhe imputarem culpa em hum e outro acontecimento, porque no máo successo, os perdidos não davão conta de nada, e aos victoriosos de nada se pedia.

E os espera no Estreito tres dias.

Mas nem esta resolução bastou para o General Castelhano Dom Alvaro Bação mudar de conselho; não sabemos se o tomou por melhor, se por mais seguro. D. João de Castro se poz na boca do Estreito, aonde esteve surto tres dias; aqui teve aviso, que se fizera em outra volta a armada do inimigo, por dissensões que houvera entre os Cabos maiores; ou como em outras memorias achamos, por haver recebido Barba-Roxa novas ordens do Turco, que recolhesse a armada: po-

rém a gentileza com que D. João de Castro a esperou no Estreito, mereceo dos presentes enveja, e dos futuros gloria; pois para conseguir huma illustre victoria, não faltou o valor, faltou o conflicto; bem que desta tão generosa resolução, se fizerão em Hespanha juizos differentes, pondo-lhe nota aquelles, que a todas as acções não vulgares, chamão temeridades; porém eu creio, que ainda os que mais condenárão esta acção, tomárão ser os autores della.

Vendo pois D. João, que com a retirada do inimigo ficára assegurado o receio daquellas praças, se foi a Ceuta a communicar algumas cousas de sua instrucção com D. Affonso de Noronha; o qual recebeo a D. João com tantas salvas de artelharia, que os Castelhanos em Gibraltar se persuadírão que peleijava a armada; mas nem assim quizerão desaferrar do porto, faceis em alterar o primeiro conselho, tenazes no segundo. Aqui teve . João de Castro aviso que os Mouros tinhão Alcacer Ceguer em apertado cerco; praça, que os nossos sustentavão em Africa com despesa, e perigo inutil, de que era Capitão hum Fidalgo do appellido de Freitas. Despachou logo a

Manda seu filho com soccorro a Alcacer Ceguer.

seu filho D. Alvaro com hum troço da armada, e ordem que metesse o soccorro na villa, e que até se levantar o inimigo estivesse no porto; o que executou promptamente, bastecendo, e municionando a praça; e como o exercito dos Mouros se compunha de gente tumultuaria, faltando-lhes o calor da primeira invasão, levantou o sitio, e D. Alvaro se tornou a aggregar a armada, que depois de assegurar Ceuta, e livrala do receio dos Turcos, se recolheo ao porto de Lisboa, aonde já havia chegado a fama de hum, e outro successo, que como cahírão sobre valor tão bem reputado, parecérão maiores: mas D. João, que nenhuma cousa tinha por grande, querendo tratar com desprezo suas mesmas obras, fugio das honras populares ao retiro de Cintra, ou tão modesto, ou tão altivo, que não avaliava suas acções por dignas de si mesmo.

Volta a Lisboa, e recolhe-se a Cintra.

Entrou ElRei D. João em consideração de buscar quem governasse o Estado da India; porque Martim Affonso de Sousa tinha acabado o tempo, e pedia successor com repetidas instancias, porque as cousas do Oriente estavão por varios accidentes hum pouco declinadas, e não queria que a guer-

ra com algum desar lhe desluzisse a gloria de seus feitos, como quem sabia, que dá a ignorancia do povo poder a huma desgraça, para desautorisar muitas victorias. Para negocio tão grande se representárão a ElRei sujeitos differentes; huns que pela antiguidade do sangue costumavão a ser, senão benemeritos, herdeiros dos lugares maiores (segunda tirannia de reinar, que inventou a nobreza); outros humildes por nascimento, e illustres por si mesmos, que o que se lhes devia por seus merecimentos, perdião por falta dos alheos; assim que para posto de tanta autoridade, nem bastava valor plebeo, nem qualidade inutil.

He proposto pelo Infante para o governo da India.

Com estas considerações ElRei irresoluto na escolha de varão, de quem pudesse fiar o peso de tão grande governo, perguntou ao Infante D. Luiz, quem no estado presente fizera Governador da India. O qual lhe significou o conceito que tinha dos espiritos de D. João de Castro; porque ainda que na occasião do Estreito a muitos havia parecido que se houvera com animo sobejo, he certo, que não haveria soldado que não estimasse ser reo de tão honrada culpa; e que dado que seus emulos o arguião de altivo, e

retirado, por não pedir mercês, nem cortejar ministros, erão estes defeitos de tão boa qualidade, que vinhão a ser melhores os vicios de D. João, que as virtudes de outros; que não via quem pudesse conservar a disciplina da primitiva India, senão Dom João de Castro, o qual servia tão alheo de todos os interesses, que parecia desprezar os premios da terra, como se S. Alteza não fora Rei dos homens, senão Deos dos vassallos; que era affeiçoado a D. João de Castro por suas qualidades, porém tão livremente, que seus merecimentos ainda separados do sujeito, amára em qualquer outro.

ElRei com quem a opinião do Infante tinha credito grande, vendo que avaliava as cousas de Dom João com zelo de Principe, e noticias de amigo, approvou a inculca feita pelo Infante, cuja autoridade qualificou o conceito de todos, e mandando chamar a D. João de Castro a Evora, onde tinha sua Corte, lhe disse em sala pública: « Andei estes dias cui-
« dadoso em buscar varão que gover-
« nasse o Estado da India, e não du-
« vidava podelo achar na familia dos
« Castros, de cujo tronco os senhores

ElRei o elege, e lhe falla.

« Reis meus antecessores tirárão sem-
« pre Generaes para os Exercitos, Re-
« gentes para os povos; assim me pro-
« metto, que de tão valerosa raiz
« não póde degenerar o fruto; mor-
« mente se medir as futuras acções
« pelas passadas, as quaes vos tem da-
« do justo nome na opinião do Rei-
« no, e estimação na minha; pelo que
« confiadamente vos encommendo o go-
« verno da India, aonde espero proce-
« dais de maneira, que possa dar vos-
« sas acções por regimento aos que
« vos succederem.» D. João beijou a
mão a ElRei, mais agradecido á hon-
ra, que ao officio, estimando só de
tão grande cargo o não o haver bus-
cado. Na Corte houve sobre esta elei-
ção diversos sentimentos; alguns a no-
tárão por inveja, e outros por costu-
me; tanto, que nas virtudes em que
lhe não podião achar faltas, lhe ar-
guião excessos; foi porém tão bem ava-
liada dos mais, e dos melhores, que
ElRei se alegrava de haver achado
hum homem feito a vontade de todos.

Approvão todos esta eleição.

ElRei lhe mandou logo despachos
para aprestar a armada sem correr o
meneio della por outras mãos, como
erradamente anda escrito, affirmando
hum Autor, que D. João passára a

Corre com o apresto das náos.

India descontente, por ser mal respondido em seus particulares; cousa tão encontrada com as noticias que temos, e com a pouca ambição deste fidalgo, que mais se desvelava no que havia de engeitar, que no que havia de pedir, como se não tivera Rei a quem rogar, se não a quem servir.

Determinou levar comsigo a seus filhos D. Fernando, e D. Alvaro, que era o mais velho; o qual mandou cortar algumas galas, das que pedião a profissão, e os annos; e passando D. João acaso pela Jubitería, vendo estar penduradas humas calças de obra muito curiosa, parando o cavallo, perguntou de quem erão; e tornando-lhe o official, que as mandára fazer D. Alvaro filho do Governador da India, pedio D. João de Castro huma tisoura, com que as cortou todas, dizendo para o mestre: Dizei a esse rapaz, que compre armas. Não lemos que fosse mais exemplar, ou austera a disciplina dos antigos Romanos. Reprova as galas de seu filho.

Aprestou D. João a armada brevemente, sem violencia, nem queixa dos pequenos, porque ainda então as extorsões com que os ministros maiores armão á graça dos Principes, se não usavão, ou se não conhecião. Era o Náos, e Capitães dellas.

corpo da armada de seis náos grandes, em que se embarcárão dous mil homens de soldo. A Capitania S. Thomé, em que o Governador hia; que lhe deu este nome, que depois appellidou nas batalhas, invocando já como de justiça ao Apostolo da India por patrão de huma, e outra conquista. Os outros Capitães de sua conserva erão D. Jeronimo de Menezes, filho, e herdeiro de D. Henrique, irmão do Marquez de Villa Real, Jorge Cabral, D. Manoel da Silveira, Simão de Andrade, e Diogo Rebello.

Partem, e em que tempo.

Aos dezasete de Março de 1545, desaferrou do porto toda a armada, e a poucos dias de viagem foi avisado o Governador, que na sua náo hião quasi duzentas pessoas que recebião ração sem assentarem praça; huns que por inuteis não forão recebidos, e outros que por delictos se embarcárão escondidos. Instavão os ministros da náo com o Governador que os embarcasse na caravella de refresco para desempachar a náo, e levarem mantimentos sobrados para os casos de tão larga viagem; porém o Governador mais compassivo que acautelado, fazendo huma mesma a causa dos mi-

seraveis, e a sua, seguio sua derrota. Passados alguns dias começou-se a conhecer a falta dos mantimentos, com o que os marinheiros, e soldados esforçárão a queixa contra o Governador, que com tão arriscada piedade queria pôr em contingencia pelo remedio de poucos a salvação de todos. Os mais erão de parecer, que se lançasse esta gente nas Ilhas de Cabo Verde, onde os criminosos, e os pobres ficavão assegurados, estes da fome, aquelles da justiça. Porém o Governador considerando, que os ares, e o terreno das Ilhas, buscados fora de monção, erão conhecidamente nocivos, resolveo amparar os miseraveis no seu mesmo navio, crendo se salvaria com elles, e por elles, dizendo que era deshumanidade lançar do mar a quem fugia da terra. Assim forão navegando com tempos escassos, atéque lhe entrárão os geraes na costa de Guiné, onde a náo do Governador tocando, esteve soçobrada, sendo, na opinião dos mareantes, aquelles mares limpos, e aonde a carta não sinalava baixos. Foi a confusão como de quem se via beber a morte inopinadamente; as horas, e o temor fazião maior o perigo, até que a náo estando atravessada, e sem

Compaixão do Governador.

Perigo da sua náo.

governo, começou a sordir sobre a vaga; seria caso, mas pareceo milagre. O Governador mandou tirar tres peças, para que as nàos que vinhão por sua esteira dessem resguardo ao baixo; as quaes não entendendo o sinal, arribárão sobre elle, e com melhor fortuna, que conselho, sendo do mesmo porte que a Capitánia, salvárão o baixo, achando sobre as mesmas aguas differente successo, cuja causa não souberão ajuizar os mareantes.

Chega a Moçambique.

Seguindo o Governador sua viagem com toda a armada junta, surgio em Moçambique, onde o seu primeiro cuidado foi a desembarcação, e commodidade dos enfermos, ajudado de seus filhos D. Alvaro, e D. Fernando, parecendo então herdeiros de sua piedade, depois de seu valor. Os dias que o Governador esteve em Moçambique notou que a fortaleza, que alli tem o Estado, era obra mal entendida, por estar em distancia da praia, difficil aos provimentos, e soccorros de nossas armadas, situada em lugar baixo, aonde podia ser batida de muitas eminencias que a senhoreavão, impedindo-lhe juntamente a pureza dos ares em dano da saude. Communicou este negocio com as pessoas

Muda a fortaleza para melhor sitio.

que desta arte tinhão alguma luz por uso, ou disciplina, e a todos parecérão os erros da fortificação notados com juizo. Succedeo logo a execução ao conselho, e escolhido sitio conveniente, determinou materiaes, e mestres para a nova defensa; e como isto se obrava aos olhos do Governador, os fidalgos a volta dos piões acarretavão as pedras: humas que servião a lisonja, outras ao edificio.

Posta já em defensa a fortaleza, e reparada a saude dos enfermos com os ares, e refrescos da terra, deu o Governador a vela, e navegando sempre com ventos de servir, ferrou a dez de Setembro a barra de Goa, onde por hum navio que se adiantou, soube Martim Affonso de Sousa que tinha o successor vezinho, dispondo-se a recebelo com festas que mostrassem o gosto com que agasalhava o hospede, e deixava o governo. Foi logo buscalo ao mar em hum bargantim esquipado, donde o trouxe á quinta de Antonio Correa, em-quanto se dispunha a solemnidade de seu recebimento. Alli banqueteou ao Governador, e aos fidalgos, e Capitães da frota, com tanto primor no serviço, e abastança tão grande nas viandas, Parte para Goa.

que parecia solemnizar as ultimas honras do cargo que espirava. Houve aquella noite bailes, e folias; festins que a singeleza do Portugal antigo levou ao Oriente. Aqui esteve o Governador dous dias; assistido de todos os fidalgos, desemparando a Martim Affonso de Sousa, até aquelles, que como creaturas suas, tinha feito de nada, aprendendo a ingratidão Oriental dos Indios, que apedrejão o Sol quando se poem; e o adorão quando nasce.

Chega, e como he recebido.

Chegado o termo da entrada, se metérão os dous Governador em huma falua com os remos dourados, e o toldo de sedas differentes. As torres, e os navios os festejárão com horror de repetidas salvas; e os vivas, e expectações da plebe lisongeavão sem artificio ao novo governo. Assi chegárão a desembarcar em hum grande theatro, onde os aguardava a Camera da Cidade em corpo de Cabido. E assentados com as ceremonias que a vaidade inventou em semelhantes actos, fez hum dos Vereadores sua estudada arenga, em que se promettia ao Estado prosperidades grandes com o novo ministro. Depois de ouvir o Governador as lisonjas publicas, ouvio tambem

as secretas de muitos, que com ellas abrião a porta a seus particulares interesses.

Acabada a solemnidade daquelle acto, e entregue D. João do governo da India, se partio Martim Affonso para Cochim a tratar de seu apresto para o Reino. Entrou logo o novo Governador em cuidados molestos de aquietar o povo alterado pela mudança de moeda; que os ministros Reaes havião sobido com dano dos vassallos, e escandalo do Gentio vezinho. Direi de seus principios o caso.

Estado em que achou o Governo.

Corre na India huma moeda de baixa lei, que chamão Bazarucos a qual entre Christãos, Mouros, e Gentios conservou sempre a mesma estimação vulgar. Esta como se lavra de cobre (material que naquelle tempo passava de Portugal por droga) pareceo aos ministros que se lhe devia sobir o preço em beneficio da fazenda Real. Publicou-se solemnemente a alteração da moeda, começando a correr com nova estimação; porém como aquelle valor legal não era intrinseco, pois tinha só o que recebia da lei, e não do peso, o Gentio, que não estava sojeito a leis alheas, faltava com a ordinaria provisão de mantimentos, e os

Com a alteração dos Bazarucos.

povos padecião, como por decreto de seu mesmo governo. Os ministros maiores defendião, como Real, a causa, zelando a utilidade do Rei na perdição do povo, o corpo da Cidade clamava, que os Reis de Portugal nunca fizerão de suas miserias thesouro, nem costumavão beber as lagrimas de seus vassallos em baixelas douradas; que os Gentios, e Mouros se gloriavão de que não podendo destruir os Portuguezes com o ferro, os acabavão com suas mesmas leis, armando contra elles a ambição de seus Governadores. Crescia a fome, e a liberdade dos queixosos, que fazia maior a justiça da causa, e a conformidade do aggravo commum. Com estas queixas forão os Vereadores da Cidade, entre pobres, mulheres, e meninos, huns com razões, e outros com lastimas demandar ao Governador; o qual mandando quietar a plebe, ouvio a huns como juiz, a outros como pai; e porque o mal da fome não se cura com remedios tardos, lhes remetteo a conclusão para o seguinte dia; assim os despedio confiados, crendo alguns, pelo costume da India, que como obra de seu antecessor lhe parecesse injusta. Logo naquella mesma

Ouve a Cidade e povo.

Resolução que toma.

tarde chamou os ministros da fazenda Real, e ouvidos os fundamentos, que tiverão, deu parte da materia aos homens mais scientes nas leis, e na politica daquelle Estado, os quaes, sem discrepancia, resolvérão ser cruel o decreto, e repugnante á piedosa intenção de nossos Principes. E este parecer se corroborou com os foros, e privilegios populares, e outras legalidades, que deixamos por não fazer prolixa nossa Historia. Revogada esta lei pelo Governador, começárão a correr os mantimentos do Sertão, e os povos lhe vierão offerecer as vidas, que lhes havia remido com a nova indulgencia do tributo.

Concluido este negocio com tanto credito da clemencia Real, vierão Embaixadores do Hidalcão, que depois de lhe darem as saudações ordinarias, e congratulações do cargo, lhe pedião entregasse certo prisioneiro na forma que com seu antecessor estava concertado. E porque este negocio chegou a alterar o Estado com guerra descuberta, não deixaremos em silencio a origem que teve.

Primeira Embaixada do Hidalcão.

Morto Bazarb Principe do Balagate, no tempo que foi Governador Nuno da Cunha, ficou Meale ainda

Sobre a causa do Meale.

no berço de sua infancia, havido por indubitavel successor da Coroa. Era o Hidalcão neste tempo a segunda pessoa do Reino em autoridade, a primeira em valor, porque nas guerras dos Principes vezinhos, tinha dado de suas obras hum testemunho grande. E como estes barbaros mais reinão por occasião, que por justiça, o Hidalcão vendo que suas forças, e a impossibilidade do herdeiro lhe abrião larga porta á ambição da Coroa, começou a solicitar os corações dos Grandes, com os quaes artificiosamente se lastimava da miseria do Reino com successor menino, com quem havião de servir, ou sofrer como a Rei todos os seus validos; que os Principes com quem trazião guerra, não perderião a occasião de os acabar, vendo no berço quem os havia de defender; que buscassem hum varão onde havia tantos para salvar a patria, que elle seria o primeiro, que lhe obedecesse; porque o governo do Reino não podia esperar os tardos movimentos com que a natureza havia de dar a hum menino primeiro forças, depois entendimento; que quando com inutil obediencia, abraçado aos peitos das amas adorassem Meale, não duvidava, que

por conservarem o Rei perderião o Reino. Mostrou-se logo affabel com os povos, com os soldados liberal, como quem não queria imperar para si, senão para elles, valendo-se ambiciosamente de todas as virtudes, não como necessarias para viver, senão para reinar. Chegárão em fim os principaes a offerecer-lhe a Coroa, crendo, que sempre se acordasse que fora creatura de seus mesmos vassallos, ao qual sempre seria grata a memoria de tão grande beneficio.

Era o Hidalcão liberal, e valeroso, e sem duvida fora hum grande Principe, se conservára o Reino com as mesmas virtudes com que soube acquirilo; porém logo que se vio obedecido, cessárão aquellas artes fingidas, como não tinhão movimento natural, e rebentárão a ambição, e soberba, como vicios de casa. Não tratou logo de matar a Meale, ou por clemencia fingida, ou por crueldade nova; querendo quiçá, que o pobre Principe com obediencia servil lhe autorisasse o cetro que lhe tyrannisava. Os Satrapas do Reino vendo-se fora de tempo arrependidos, e que já não podião ser traidores, nem leaes sem perigo, andavão consultando meios de

assegurar Meale da tyrannia do Hidalcão, como se tivera o desgraçado Principe mais justiça para viver, do que para reinar. Nestes discursos passárão alguns annos, nos quaes Meale chegou a idade que podia conhecer seu perigo, e considerando que sua presença arguia a consciencia culpada do tyranno, o qual maquinava com seu sangue apagar a memoria da intrusão da Coroa; aconselhado dos mesmos que lhe tirárão o Reino, se passou a Cambaia, onde foi bem recebido, mostrando o Rei, e o povo que se compadecião de miserias Reaes; porém como aquelles favores tinhão mais de ambição que de piedade, chegárão a durar pouco, porque só os primeiros dias lhe fizerão tratamento como a Rei, os outros como a perseguido. Com tudo Meale se deixou ficar em Cambaia, havendo por mais toleraveis os desfavores do hospede, que as injurias do tyranno.

Entretanto o maior cuidado do Hidalcão era destruir aquelles que lhe derão a Coroa, que ainda que como complices da traição, lhe puderão ser gratos, os aborrecia, ou porque lhe acordavão a obrigação, ou o delicto. E como já vivia temeroso de suas mes-

mas obras, entendeo que mais o podia assegurar a crueldade, que a clemencia; assim o fazião duas vezes cruel, o vicio, e a necessidade. Aos maiores foi usurpando as fazendas para os igualar com a plebe, com pretexto de castigar delictos impostos, ou esquecidos, cubrindo a tyrannia com sombras de justiça; crendo que com abaixar os poderosos, se faria aceito aos pequenos, aos quaes sempre he grata a ruina dos Grandes por odio natural de sua fortuna. Porém elles vendo, que não bastava o sofrimento, consultárão meios de restituir Meale, huns por vingança, e outros por remedio. Fizerão suas juntas secretas, onde tomárão differentes acordos, os quaes lhes fazia variar cada dia o temor, e a difficuldade do negocio, mais arduo na execução, que no conselho. Acabárão em fim de apurar a obediencia forçada com os aggravos novos; tentárão pois com a morte do Hidalção remir a culpa, e cobrir a infamia da traição passada; não sendo deste voto os atrevidos, senão os desesperados, porque já o Hidalcão neste tempo vivia com forças de Rei, e cautelas de tyranno. Era assistido do povo, que aborrecendo o Rei, ama-

va as crueldades executadas contra a nobreza, infesta pela desigualdade de huma, e outra fortuna. Os conjurados temerosos de si mesmos, e sabendo que com a dilação se fazião os odios mais remissos, e a paciencia servil se fazia costume, vendo que para tão grande empresa não tinhão forças proprias, buscárão as alheas. Acordárão communicar o negocio com Martim Affonso de Sousa, Governador que então era do Estado da India, pedindo-lhe mandasse vir Meale de Cambaia, e o tivesse em Goa. E quando engeitasse a gloria de o restituir, teria sempre ao Hidalcão temeroso, e propicio para todas as occurrencias do Estado.

Persuadido Martim Affonso, que este fogo de discordia, que começava a arder entre o Hidalcão, e os seus, convinha mais sopralo, que extinguilo, e que seria util ao Estado enfraquecer hum vezinho soldado, e poderoso; cobrindo estas conveniencias com causas mais honestas, quaes erão, pôr a sombra de nossas armas hum Principe desapossado, e perseguido; facção para os de fora gloriosa, e para os nossos util, resolveo mandar buscar Meale a Cambaia, significandolhe a disposição de seus vassallos acer-

ca da restituição do Reino, cujos animos se esforçarião vendo que lhe amparava o Estado, a causa, e a pessoa. Recebida do Mouro tão inopinada mensagem, havendo por desacostumada a piedade de homens por religião não só differentes, mas contrarios, se encommendou á fé, e clemencia do Estado; e embarcando-se com sua pobre familia, aportou a Goa, onde foi recebido do Governador com grandes honras, mais merecidas de seu sangue, que de sua fortuna, se bem forão de alguns interpretadas, antes em injuria do vezinho, que em favor do hospede. Derramada por toda aquella costa a vinda de Meale; que já começava a reinar nos animos de muitos, tomou o seu partido maiores forças entre os conjurados, vendo que já á sombra de nossas armas amparava sua causa, e que começava a soar bem seu nome nos ouvidos do povo.

Considerando o Hidalcão, que o Estado não chamára Meale só para segurar a pessoa, mas defender a causa, cujas armas como victoriosas, e vezinhas lhe erão mais formidaveis, mandou a Martim Affonso de Sousa huma embaixada, significando-lhe co-

mo tinha sabido, que estava em seu poder Meale, a quem parecia, que a fortuna andava guardando para perturbar a paz do Oriente; que sabia como fora chamado de alguns sediciosos, que cansados de obeceder, querião crear senhores novos a quem poder mandar; que elle Hidalcão não referia as razões que tivera para tomar a Coroa, porque se os Principes houvessem de dar razão de seu direito, não haveria differença entre os Reis, e plebeos; que a justiça dos Principes havia de ser julgada de Deos, e não dos homens; que o mundo tinha já recebido, que em materia de reinar não havia differença de causa a causa, mas de pessoa a pessoa; que não negava que Meale apoucado, e covarde era de geração Real, mas que o erro, que fizera a natureza, emendára a fortuna, dando-lhe o Reino a elle ousado, e valeroso; quanto mais que a natureza só aos leões dera com o nascimento a coroa, aos homens deixára que a ganhassem; que muitas cousas parecião ao mundo, por menos costumadas, injustas; que tomar para si o Reino quem era digno delle, os primeiros o recebião como escandalo, os outros como le; que Meale fora o

homem mais vil, que nascéra em seu Reino, e elle o mais feliz; e que naturalmente os homens aborreciāo os monstros da natureza, e amavão os da fortuna; que nós perguntassemos a nos, com que acções senhoreavamos a Asia; que parentesco tinhamos com o Sabaio para nos deixar Goa, em que gráo estavamos com Soltão Badur para lhe herdarmos Dio, se o Achem nos deixára Malaca em testamento, e tantas praças, quantas por todo o Oriente nos pagavão tributos; que nos rogava não infamassemos nelle os mesmos titulos com que nos faziamos do mundo absolutos Senhores; que não tirassemos a Deos o cuidado de governar o mundo, pois nascendo no ultimo occidente, queriamos emendar as desordens da Asia; que nos fazia a saber que nos seus Reinos havia minas de metaes differentes; que de humas tirava para os amigos ouro, e de outras para os inimigos ferro; que ultimamente pedia a elle Governador lhe entregasse Meale, porque na clemencia que com elle usasse, se visse que era digno de reinar quem assim tratava seu maior inimigo; que seus Embaixadores levavão ordem para assentar todas as conveniencias do Estado.

Recebida por Martim Affonso a carta, e ouvidos os Embaixadores do Hidalcão, entendeo delles, que pela pessoa de Meale offerecião cento e cincoenta mil pardaos, e as terras firmes de Bardez, e Salsete, importantes ao Estado pelos rendimentos, e vezinhança de Goa. Pareceo a Martim Affonso que o negocio era de muito peso, e que de ambas as faces mostrava utilidades grandes; porque restituir a hum Principe, e abaixar hum tyranno, era empresa digna de armas Christãas, da qual receberia não vulgar reputação o Estado, mostrando ao mundo, que não passárão nossas bandeiras a Asia a usurpar Reinos, nem acquirir riquezas, pois só tratavão de que os Pagãos, e Mouros do Oriente guardassem a Deos fidelidade, e justiça entre si. Por outra parte discorria, que Meale quando chegasse a reinar depois de larga guerra, não podia dar ao Estado mais, que o que o Hidalcão sem ella offerecia; e que como estes Mouros por odio, e por religião erão sempre inimigos, rir-se hia o mundo se visse que com nosso sangue destruiamos hum infiel, e creavamos outro, quando da ruina de ambos pendia nossa prosperidade; mormente, que não passárão a In-

dia nossas armas a defender os inimigos da Fé, senão a destruilos. Que se Meale não achára amparo em ElRei de Cambaia, de quem era parente; porque o havia de esperar dos Portuguezes, de quem era inimigo? Que quando se visse restituido, e poderoso, a primeira lança que se arrojasse contra o Estado havia de ser sua, porque lhe seria sospeitosa a vezinhança de homens tão valerosos, que o fizerão Rei; e que para nos aborrecer, bastava a memoria de tão grande beneficio.

Resoluto em fim Martim Affonso a entregar Meale por fundamentos menos considerados, despedio os Embaixadores, e com elles a Galvão Viegas, hum Cavalleiro honrado, com largos poderes para assentar o contrato na fórma referida, mandando logo tomar posse das terras firmes, em virtude da offerta do Hidalcão, com beneplacito de seus Embaixadores.

Neste estado achou Dom João de Castro as cousas de Meale, pedido agora pelo Hidalcão com nova embaixada, em fé do capitulado com seu antecessor; porém D. João com differente acordo respondeo ao Hidal-

Reposta do Governador.

cão, que os Portuguezes erão fieis aos inimigos, quanto mais aos hospedes; que as propostas de seu antecessor mais forão para conhecer a causa, que para resolvela; que as terras firmes pertencião ao Estado por doações mais antigas, e que dos rendimentos era justo alimentar Meale por gratidão dos Reis seus antecessores, que as vinculárão ao Estado; que o deixasse lograr quieto esta pequena memoria de seu direito, e que o amparar o Estado sua pessoa atégora não era protecção, senão piedade; que não alterasse a paz com impacientes armas, porque então viria a fazer certo o que temia, irritando o Estado para que se fizesse autor de huma, e outra vingança. E porque seus Embaixadores apontavão, que com a negação de Meale seria forçoso o rompimento, lhe lembrava, que as mais das fortalezas, que fizemos na India, tinhão os alicesses sobre cinzas de Reinos abrazados; que os Portuguezes tinhão a condição do mar, que com as tormentas se levanta, e crece; que elle assim como não buscava a guerra, tão pouco a sabia engeitar.

Com esta reposta despedio o Governador os Embaixadores, que na

constancia com que lhes respondeo, entendérão que o não dobraria a entregar Meale temor, ou beneficio. Apercebeo-se logo para fazer, e esperar á guerra, que como era de Principe vezinho, primeiro poderiamos sentir o golpe, que ver a espada. Mandou logo alistar a gente de cavallo, que serião duzentos homens, e servião debaixo de huma só bandeira, milicia mais valerosa que ordenada. Encarregou a guarda da Cidade a gente da ordenança, e os soldados pagos teve promptos para qualquer invasão subita do inimigo. Tratou logo de aprestar a armada, que achou desbaratada pelas viagens, e guerras de seu antecessor, e pobreza do Estado, e como as forças navaes são as mais importantes, aqui se empregou todo. Reparou as embarcações que estavão no rio, fez tres galés, e seis navios redondos com estranha brevidade, não faltando aos officiaes com a paga, e o agrado, com que a obra medrava, vencendo a diligencia o tempo. Destas galés, e navios nomeou Capitães, que assistião ás obras como a cousa propria; expediente que foi assaz importante para a brevidade do apresto, bondade, e abundancia das

Apercebimentos que faz.

munições, e mantimentos; com que a armada se poz de verga d'alto em tempo opportuno, e breve, e com ella poz freio aos Principes vezinhos para se colligarem com o Hidalcão, que já os solicitava a sacudir o jugo, como em beneficio da commum liberdade.

Primeiros movimentos do Hidalcão.

Entendida pelo Hidalcão a resolução do Governador, recorreo a justiça das armas, querendo lançar fora de casa a guerra, antes que com a presença de Meale tumultuassem os vassallos, a quem farião fieis os postos, e os premios da milicia, defendendo como commum a causa. Vedou logo com rigorosas leis aos vivandeiros trazer a Goa a ordinaria provisão de mantimentos, que como os recebia do Sertão, não estava bastecida para aturar tão repentina guerra. Traz isto mandou a Acedecão, hum valeroso Turco, com dez mil homens a senhorear as terras firmes, que estavão a nossa obediencia.

Acode o Governador pessoalmente.

Mas Dom João de Castro entendendo que a guerra recebe opinião dos primeiros successos, sahio com dous mil infantes, e a cavallaria da terra a fazer rosto ao inimigo, e sendo de muitos fidalgos persuadido que

não empenhasse sua pessoa com partido tão desigual, que não era autoridade do Governador da India cingir a espada contra hum Capitão do Hidalcão, nem dar a entender ao mundo que fazia tanto caso desta guerra, mormente quando tinha fidalgos benemeritos da honra, e do perigo desta empresa, não foi possivel dissuadilo da primeira resolução, dizendo com maior confiança do que permittião as forças de seu campo, que sahia a castigar, e não a vencer. E marchando duas legoas de Goa, avistou ao inimigo, que alojado ao pé de huma serra, tendo na frente hum rio, que lhe servia de cava, e de trincheira, com as vantagens do numero, e do sitio, esperou aos nossos, que ainda que cansados da marcha, cobrando novo alento, ou com a presença do Governador, ou com a vista do inimigo, começárão a passar o rio com mais resolução que disciplina. Não foi possivel aos Cabos detelos, ou ordenalos, porque os mais temerarios se lançárão ao rio, e nos sisudos a desconfiança fez necessidade, nos mais, para seguir aos companheiros, o exemplo pareceo disciplina.

Peleija e desbarata o inimigo.

O Governador com singular acordo, mandou aos que ficavão que passassem o rio, entendendo que o que no principio fora erro, agora era remedio; e porque este dia não teve lugar de dispôr como Capitão, peleijou como soldado. Envestírão logo os nossos aos Mouros tão impetuosamente, que assombrados daquella primeira invasão, forão largando o campo, turbadas as fileiras, e por si mesmas rotas, forão desordenadas, e vencidas; vendo os nossos (o que raras vezes succede) hum exercito sem perda, e mais desbaratado. Recebérão os Mouros grande dano na fugida, nenhum na resistencia. Forão os nossos duas legoas executando as licenças, e crueldades da victoria, recolhendo as armas que os miseraveis largavão como carga, e não como defensa. Durou em fim o alcance o que durou o dia, sendo aos inimigos o horror da noite remedio contra o da victoria. Recolhidos os soldados, cheios de sangue, de gloria, e de despojos, se deixou o Governador ficar no campo ao seguinte dia, sem arguir aos soldados a desordem, que lhe deu a victoria; seguindo a condição dos juizos humanos, que nunca deu

louvor ás desgraças, nem ás victorias culpa.

Entrando o Governador em Goa, foi recebido com singular applauso daquelle povo tão costumado a ver, e desprezar victorias. E porque nesta, e nas mais batalhas que D. João venceo, appellidou o nome de S. Thomé Apostolo da India, cremos que forão havidas com o auspicio de hum Patrão tão grande; o qual por gratificar a piedade, e honrar a memoria de Dom João de Castro, se servio de descobrir nos dias de seu governo aquella maravilhosa Cruz, achada em Meliapor na costa de Choromandel, quasi cubertos de huma mesma terra a milagrosa Cruz, e o corpo santo. E como D. João de Castro venerava este sinal de nossa redempção com devido, mas peregrino obsequio; pois sempre que topava Cruz, se apeava do palanquim, ou cavallo, pondo-se de joelhos; não parecerá casual a maravilha deste descobrimento, pois as misericordias do Ceo não vem por accidente. Daremos a relação deste misterio por involver hum milagre successivo, testemunho da fé Oriental, cultivada naquellas Regiões com o sangue, e doutrina de nossos Portuguezes.

Recolhe-se a Goa.

Veneração que fazia á Cruz.

Invenção da Cruz de S. Thomé.

Depois da maravilhosa invenção do corpo deste sagrado Apostolo na Cidade, ou ruinas de Meliapor, que então se chamava Calamina, os Reis Dom Manoel, e Dom João ardião em piedoso zelo de soprar aquellas cinzas mortas, que da primeira Christandade do Apostolo alli ficárão, ainda que corruptas já com a doutrina de sacerdotes Armenios, e Caldeos, que separados da Igreja Catholica Romana, davão a beber áquelles innocentes Christãos, perniciosos dogmas: os quaes purgados em parte com o trabalho de nossos Missionarios, tratárão de levantar huma Igreja no lugar aonde fora achado o precioso corpo do Apostolo; e abrindo os alicesses para a fabrica, achárão huma Cruz lavrada em hum pedestal de marmore de quatro palmos de alto, e tres de largo, borrifada de gotas de sangue ao parecer fresco. Tinha esta Cruz a forma das que usão os Cavalleiros de Aviz; nos baixos da pedra estavão algumas Cruzes mais pequenas com a mesma figura que a maior, salpicadas com as mesmas nodoas de sangue. Estava a Cruz grande assombrada pelo alto de huma pomba pendente; tinha em torno humas le-

tras antigas, cujo significado ignoravão os naturaes da terra, por não estarem em lingua conhecida, nem se formarem com clausulas atadas. Forão buscados velhos, e antiquarios scientes em differentes linguas, sem que nenhum pudesse rastrear a letra, nem o sentido da escritura, até que dahi a alguns tempos foi trazido hum Bramene de Narzinga, que nos deu a exposição della em sentido corrente, e dizia assim:

« Depois que appareceo a lei dos « Christãos no mundo, d'alli a trin- « ta annos, a vinte hum de Dezem- « bro, morreo o Apostolo S. Thomé « em Meliapor, onde houve conhe- « cimento de Deos, e mudança de « lei, e destruição do Demonio. Es- « te Deos ensinou a doze Apostolos, « e hum delles veio a Meliapor com « hum bordão na mão, onde fez hum « Templo; e ElRei do Malabar, « Choromandel, e Pandi, e outros de « diversas nações, e seitas, se su- « geitárão voluntariamente a lei de « S. Thomé. Veio tempo em que o « Santo foi morto por mãos de hum « Bramene, e com seu sangue fez esta « Cruz."

E como esta traducção era de in-

terprete assalariado, não lhe derão os nossos inteira fé em negocio tão grave; assim chamárão outro Gentio douto no conhecimento de todas as linguas Orientaes, o qual sem ter noticia da exposição primeira, declarou as letras na mesma forma, sem discrepancia alguma. A ElRei D. Sebastião foi trazida a copia da estampa no anno de mil quinhentos sessenta e dous.

Continuárão os nossos a fabrica da Igreja com maiores despezas pela veneração do lugar, que era deposito dos penhores sagrados, sendo grande a piedade, e concurrencia do povo Malabar á vista de tão illustre testemunho da fé que conservavão. Acabou-se a fabrica do Templo brevemente, servindo no altar maior de retabolo a Cruz, gravada no marmore que temos referido. Começárão a celebrar-se os officios divinos com a decencia, que permittia hum lugar tã remoto, quando aos dezoito de Dezembro, dia da Expectação da Senhora, estando-se officiando a Missa á vista de muito povo, começando o Sacerdote o Evangelho, começou tambem a Cruz sagrada a cobrir-se de hum suor copioso destilando sobre o

Milagre notavel da mesma Cruz.

altar não meudas gottas: e porque ficassem maiores sinaes daquella maravilha, parou no sacrificio o Sacerdote, limpando com os corporaes a humidade que a Cruz evaporava, os quaes subitamente se banhárão em sangue á vista do numeroso povo que assistia. Foi logo a sagrada Cruz mudando a côr alabastrina em pallida, e desta passou a hum negro escuro, que tornou a mudar em azul; com hum resplandor maravilhoso, que durou em quanto o sacrificio da Missa; e depois de acabada, tomou a côr natural em que foi descuberta.

Successivamente se vio o mesmo milagre muitos annos naquelle mesmo dia, e ainda agora sabemos por Autores, e relações fieis succede algumas vezes; com que aquella Christandade recebe os preceitos de nossa Lei com fé já mais robusta. Este milagre se calificou ante o Bispo de Cochim em contraditorio juizo, cujos autos vierão a este Reino em tempo do Cardeal Rei Dom Henrique, que com autoridade do Papa Gregorio XIII. authenticou o milagre, já divulgado em nossas Chronicas, e Autores estranhos. As novas deste milagre recebeo D. João de Cas-

Affecto com que o Governador recebe esta nova.

tro com não vulgares mostras de piedade, amparando aquella Christandade de S. Thomé opprimida da servidão dos Principes Gentios, que lhe havião revogado certos donativos, e graças, que por intervenção do Santo Apostolo lhe forão concedidas dos Reis antecessores, das quaes hoje pelo odio dos infieis, e corrupção dos tempos, só guardavão as memorias.

Não cessava o Hidalcão de inquietar os nossos com ordinarias correrias nas terras firmes, que bastavão a nos ter em continua vigia, e impedir a cultura aos lavradores; a cuja causa se resolveo o Governador a dar-lhe o golpe onde mais o sentisse. Mandou logo embarcar a seu filho D. Alvaro na armada que aprestára, com ordem, que nos portos do Hidalcão fizesse todo dano possivel, offerecendo aos soldados escala franca, para com as esperanças do saco, os fazer dissimular alguns soldos vencidos, que lhes devia o Estado, e desviar a outros dos tratos mercantis; corrupção que hia lavrando em muitos, e já com feio exemplo dos maiores.

Manda contra o Hidalcão seu filho D. Alvaro.

Sahe com seis navios.

Sahio Dom Alvaro com novecentos Portuguezes, e quatrocentos Indios em seus navios, e alguns baxeis

de remo; e a poucos dias de viagem houve vista de quatro náos do Hidalcão, que com roupas, e outras drogas da terra navegavão a Cambaia. Mandou logo Dom Alvaro aos Capitães, que lhe puzessem a proa, e aos navios de remo, que se fossem cozendo com a terra, por se acaso o inimigo tentasse de encalhar desesperado. Erão as náos de mercadores, com pouca guarnição de soldados; e vendo, que nem podião fugir, nem defender-se, mandárão a Capitania Mouros mercadores, que entre razões, e lagrimas se mostravão innocentes nas discordias do Hidalcão com o Estado, offerecendo para os gastos da armada hum justo donativo; porém nem a cobiça dos soldados, nem a razão da guerra sofria que os ouvissem; assi forão as náos entradas, e mandadas a Goa, para que conforme o bando do Governador se repartisse a preza. Chegadas estas náos ao porto de Goa, foi estranho o alvoroço do povo, vendo que huma a outra se alcançavão as victorias, louvando na primeira o esforço do pai; na segunda a fortuna do filho.

Preza que faz.

Vendo Dom Alvaro que as occasiões, e o tempo peleijavão por elle,

Propoem D. Alvar

à entrada de Cambre. e que tinha os soldados contentes, por terem já em seguro o fruto da jornada, mandou ao seu Piloto, que governasse ao porto de Cambre, onde o Hidalcão tinha dobrado as guarnições depois do rompimento. Havia duas fortalezas na entrada da barra com artelharia grossa; e pela estreiteza do canal não podião nossas náos passar, nem surgir sem perigo evidente. Consultou o General Dom Alvaro com os Capitães da armada as difficuldades, que se representavão, e a todos parecérao dignas de reparar, dizendo, que empresas voluntarias não se acomettião com risco tão sabido; que maior guerra fazião ao Hidalcão senhoreando-lhe seus máres, fazendo presas, e tolhendo o commercio á vista de seus olhos; que nas facções de terra era maior o risco que o proveito; que o canal vião estava tão cingido daquellas fortalezas, que os nossos navios havião de passar quasi roçando sua artelharia; que o primeiro navio que desaparelhassem impediria a passagem dos outros. E como D. Alvaro instasse, que era preciso executar as ordens que levava, que erão saltar em terra, e abrazar os portos do inimigo, lhe replicárão no Conse-

Resolve envestila.

lho, propondo que se ficasse elle General no mar mandando, e que os Capitães dos mais navios commetterião a barra, porque se ao General daquella armada, filho herdeiro do Governador da India, lhe acontecesse algum desastre, que maior dano poderia receber o Estado, que o empenho em que ficava na necessidade de tão justa vingança: do que D. Alvaro indignado, atalhou a pratica, dizendo, que ella não queria victorias, onde o seu perigo não fosse igual ao do menor soldado, porque só para a obediencia era seu General, e para o risco era seu companheiro; que a instrucção que trazia do Governador, era arriscar sua pessoa facilmente, a seus soldados com grande necessidade, que os riscos que lhe representavão, ainda lhe parecião mais pequenos que os que vinha a buscar, porque a honra não se ganhava sem perigo; que de Portugal viera a buscar este dia, que esperava fosse muito fermoso para todos, e que nesta resolução não queria conselho, só na fórma de acommetter lhes pedia consultassem o modo. A temeridade do General desculpárão então o brio, e a mocidade, e depois o successo. Assentou-se que a

Salta em terra.

gente passasse aos bateis, e que no quarto de Alva pojasse em terra, ainda mal declarada a luz do dia, para que as peças do inimigo não podessem fazer certa a pontaria. Aquella noite se apercebêrão todos, vendo já no semblante do General huns longes da victoria. Deixada guarnição necessaria nos navios, saltou o General, em terra com oitocentos homens escolhidos, e com tão declarada fortuna, que dando nos bateis muitas ballas, não houve alguma que matasse, ou ferisse soldado, sendo este accidente para a victoria disposição, ou principio.

Grandeza e forças da Praça.

Era a Cidade de cinco mil vezinhos, derramada por huma estendida planicie. As casas entre si desunidas, e independentes humas de outras, sem mais policia, união, ou medida que a que ensinava o gosto, ou poder dos moradores. Com tudo os pateos, e eirados de cada casa representavão juntos huma magestade barbara, como de homens, que edificavão com maior ambição, que architectura. Tinhão ao norte huma pequena serra, donde descião alguns rios sem nome: que assim servião ao deleite, como á fertilidade da campanha.

Fora a Cidade antigamente habitada de Bramenes, e agora de Mouros mercadores; lugar entre os Orientaes sempre famoso, então pela superstição, hoje pela riqueza. Não tinha o lugar defensa de muros, ou trincheiras, assegurados seus habitadores ou na grandeza de seu senhor, ou na paz dos principes vezinhos; porém ao presente, como a guerra que faziamos ao Hidalcão, começou por victorias, virão os Mouros seu perigo em seus mesmos exemplos; assim trouxerão para defender a Cidade dous mil soldados pagos, que com a milicia da terra fizerão numero bastante a defendelos, conforme a seu discurso.

Resistencia do inimigo.

Estes vierão debaixo de suas bandeiras impedir a desembarcação aos nossos com tanta ousadia, que nos embaraçárão espaço grande, peleijando a pé firme, e tão travados, que não podião os nossos soldados ajudarse da espingardaria, da qual só recebérão a primeira carga com notavel constancia. Aqui deu D. Alvaro mostras de seu valor, e acordo, inflamando os seus na peleija, já com palavras, já com o exemplo de suas obras. Virãose em fim tão apertados os nossos, que mais peleijavão pela vida do que

pela victoria; por espaço de huma hora esteve duvidoso o successo, até que hum grande troço dos moradores, cortados do temor, e do ferro, desempararão o campo, mostrando no primeiro conflicto valor mais que de homens, no segundo menos que de mulheres; cousa muito ordinaria nos bisonhos, succeder o maior temor á maior ousadia. Com o exemplo destes se forão os outros retirando timidos, e desordenados. Nesta volta recebêrão os Mouros grande dano, porque quasi sem resistencia perecião, sendo os que cahião tantos, que estorvavão a fogida aos outros.

Entrão os nossos.

Entrárão os nossos de envolta com os Mouros a Cidade, onde os miseraveis se detinhão presos do amor, e lagrimas das mulheres, e filhos, que acompanhavão já com piedade inutil, mais como testemunhas de seu sangue, que defensores delle; taes houve, que abraçadas com os maridos se deixavão trespassar de nossas lanças, inventando os miseraveis nova dor, como remedio novo; dos nossos soldados, huns as roubavão, outros as defendião; quaes seguião os affectos do tempo, quaes os da natureza. Algumas destas mulheres com desespera do amor

se metião por entre as esquadras armadas a buscar os seus mortos, mostrando animo para perder as vidas; lastimosas nas feridas alheas, sem lastima nas suas. Ganhámos em fim a Cidade com menos dano que perigo, po que na resolução da entrada por baixo da artelharia do inimigo, mais arrastou a D. Alvaro o valor, que a disciplina. Dos Mouros pereceo a maior parte, huns no conflicto, os mais na retirada. Maior animo mostrárão as mulheres, que os maridos; elles perdérão as vidas, que não souberão defender; ellas podendo-as salvar, as despresárão. De nossos morrérão vinte e dous; forão mais os feridos, em que entrou o General de huma setta. Foi necessario acabar hum estrago, para começar outro. Cessou a ira, começou a cobiça. Mandou D. Alvaro dar a Cidade a saco, onde o despojo igualou a victoria; porque não tinhão os Mouros posto em salvo cousa alguma, ou fosse confiança, ou descuido, e até a gente inutil para a defensa guardárão na Cidade, ou por desprezo de nossas armas, ou por não mostrar sombra de temor aos defensores, forão em fim as fazendas tantas, que se não puderão recolher aos

E ganhão a Cidade.

Destruição e saco della.

navios; os soldados recolhião as mais preciosas, e deixavão as outras, como para alimento do fogo, com que se havia de abrazar a Cidade, a qual D. Alvaro deixou entregue a hum lastimoso incendio, que fez não pequeno horror nas povoações vezinhas, por ser este lugar de toda a costa o mais rico, e defensavel, que quasi servia aos outros de muro, agora de miseravel exemplo.

Volta D. Alvaro a Goa.

Levou-se o General com toda a armada, e se fez na volta de Goa, a descarregar os navios, que com o muito peso hião empachados, determinando deixar ahi os feridos, e alguns enfermos, para tornar a continuar a guerra, a qual desejavão os soldados, contentes da liberalidade, e fortuna do novo General. Chegou primeiro a nova, que os navios a Goa, e o Governador fez grande estimação da victoria, a plebe dos despojos. Logo se teve aviso, que os que escapárão da rota forão represntar ao Hidalcão o miseravel destroço da Cidade, e entre a primeira dor dos filhos, e parentes, contavão o segundo estrago das fazendas, e edificios, onde a voracidade do fogo deixára tão confusas humas, e outras

cinzas, que não podião chorar os seus mortos com lagrimas distinctas. Dizião ao Hidalcão, que se com tal gente determinava continuar a guerra, irião habitar os desertos, onde não verião estas feras do Occidente, nascidas para escándalo, e ruina da Asia. Assim contavão, e maldizião nossas victorias huma a huma, mais engrandecidas em seu temor, que em nossas escrituras.

O Hidalcão, vendo a fortuna de nossas armas, as queixas e o estrago dos vezinhos, e muitas vontades alheas de seu serviço, que a guerra, e os successos fazião mais atrevidas, inclinou o animo á paz para remediar as discordias, e sedições de casa, que podião tomar maiores forças com as liberdades de gente armada; e pondo em conselho o estado das cousas presentes, a todos pareceo que devião cobrir seus aggravos com huma paz fingida, esperando que o tempo lhes mostrasse monção mais opportuna, para com as forças de alguns Reis offendidos cometter o Estado juntamente; e como estes Mouros mais guerreão pola conveniencia, que pola injuria, mandou o Hidalcão Embaixadores ao Governador, disculpando a

Comette o Hidalcão paz.

guerra que fizera com frivolas escusas, e acordando os beneficios que de sua amizade recebéra o Estado.

O Governador a aceita.

O Governador ouvio os Embaixadores em sala publica com grande autoridade, respondendo-lhe que assim como não buscava a guerra, tão pouco a sabia engeitar; que a prosperidade do Estado consistia em ter mais inimigos, porque com despojos, e victorias se engrandecéra sempre; mas que tambem nunca negára a paz a quem com obras, e amizade fiel a merecia; que elle queria privar a seus soldados das commodidades que desta guerra se promettião; mas que soubesse, que o primeiro dia que tinha de Rei, era este em que capitulava paz com os Portuguezes. Assim despedio os Embaixadores assombrados de animo tão altivo; e com este mesmo desprezo tratou sempre as guerras do Oriente, nas quaes mostrou valor igual á sua fortuna.

Trata das cousas do Estado.

Voltou logo o animo ao expediente dos negocios particulares; premiando aos soldados que havião servido, aos quaes deixava tão satisfeitos do despacho, como do agrado. Deu Capitães ás fortalezas vagas, em quanto os providos, por ElRei não en-

travão; fazendo do merecimento dos homens estimação tão justa, que nem á conveniencia, nem ao Estado ficava devedor: virtude nos Principes difficultosa, e nos ministros rara.

Não ardia menos no zelo da honra de Deos, que na do Estado, porque entre a confusão da guerra, e estrondo das armas, acodia aos negocios da Religião, como se só para os zelar fora enviado; e porque ElRei Dom João assim conhecia seu valor, como sua piedade, lhe encomendava a dilatação da Fé, e culto divino; e de huma carta que sobre esta materia lhe escreveo, se colhe bem, quão inflamados andavão na casa de Deos o Rei, e o ministro; de que daremos a copia, para que veja o Mundo, que nossas armas no Oriente trouxerão mais filhos á Igreja, que vassallos ao Estado.

Carta d'ElRei á D. João de Castro.

« Governador amigo. O muito que « importa olharem os Principes Chris- « tãos polas cousas da Fé, e na con- « servação della empregar suas forças, « me obriga avisarvos do grande sen-

« timento que tenho, de que não só
« por muitas partes da India a Nós
« sujeitas, mas ainda dentro da nossa
« Cidade de Goa, sejão os Idolos ve-
« nerados; lugares em que mais fo-
« ra razão que a Fé florecéra; e por-
« que tambem somos informados da
« muita liberdade com que celebrão
« festas gentilicas, vos mandamos,
« que descobrindo todos os Idolos
« por ministros diligentes, os extin-
« guais, e façais em pedaços, em
« qualquer lugar onde forem achados,
« publicando rigorosas penas contra
« quaesquer pessoas que se atreverem
« a lavrar, fundir, esculpir, debuxar,
« pintar, ou tirar a luz qualquer fi-
« gura de Idolo em metal, bronze,
« madeira, barro, ou outra qualquer
« materia, ou trazelos de outras par-
« tes; e contra os que cel brarem pu-
« blica, ou privadamente alguns jo-
« gos, que tenhão qualquer cheiro
« gentilico; ou ajudarem, e occulta-
« rem os Bramenes, pestilenciaes ini-
« migos do nome Christão. A qual-
« quer de todos os sobreditos, que
« encorrer em semelhantes crimes,
« he nossa vontade que os castigueis
« com a severidade qu dispuzer a pre-
« matica, ou bando, sem admittir ap-

« pellação, nem dispensar em cousa
« alguma ; e porque os Gentios se
« sugeitem ao jugo Evangelico, não
« só convencidos com a pureza da
« Fé, e alentados com a esperança da
« vida eterna, senão tambem ajudados
« com alguns favores temporaes, que
» amansão muito os corações dos sub-
« ditos; procurareis com muitas ve-
« ras, que os novos Christãos daqui
« a diante consigão, e gozem todas as
« exempções, e liberdades dos tri-
« butos, gozando dos privilegios, e
« officios honrados, que até aqui cos-
« tumavão gozar os Gentios. Have-
« mos tambem sido informados, que
« em nossas armadas vão muitos In-
« dios forçados, fazendo para isso des-
« pesas involuntarias; e desejando Nós
« o remedio de tão grande excesso,
« vos mandamos, que desta violen-
« cia sejão os Christãos isentos; e
« sendo a necessidade mui urgente,
« provereis, como, em caso que vão,
« se lhes dê satisfação cada dia de
« seu trabalho, com a fidelidade que
« de vosso cuidado, e diligencia espe-
« ramos. Havendo tambem sabido de
« pessoas graves, e fidedignas (com
« particular sentimento nosso) que
« alguns Portuguezes comprão escra-

« vos por pouco preço para os ven-
« der aos Mouros, e outros mercado-
« res barbaros, por interessar alguma
« cousa nelles, com notavel detrimen-
« to de suas almas, pois poderião fa-
« cilmente ser convertidos a Fé; vos
« mandamos empregueis todas vossas
« forças em atalhar tamanho mal, im-
« pedindo semelhantes vendas, pelo
« grande serviço que nisso se faz a
« Deos, e nos fareis, se com o ri-
« gor que o caso pede, remediais
« huma cousa que tão mal nos pare-
« ce. Procurareis, que se refree a ex-
« cessiva licença de muitos usurarios,
« que havemos sabido andão, sem em-
« bargo de huma lei das antigas de
« Goa, a qual desde logo revogamos,
« e vós revogareis, tirando-a do cor-
« po das demais, como contraria á
« Religião Christãa. Em Baçaim dareis
« ordem, como se levante logo hum
« Templo com a invocação de São
« Joseph, sinalando-lhe por nossa con-
« ta renda para hum Reitor, e al-
« guns Beneficiados, e Capellães, que
« nelle sirvão. E porque os Prega-
« dores, e Ministros da Fé padecem
« algumas necessidades por tratarem da
« conversão dos Gentios, queremos,
« e he nossa vontade, que se lhes

« dem algumas ajudas de custo, e só
« para isto lançareis de tributo cada
« anno tres mil pardaos ás Mesqui-
« tas, que tem os Mouros em nossos
« senhorios. Tambem por conta de
« nossas alfandegas, e direitos, dareis
« trezentas fanegas de arroz perpe-
« tuas, para alimentos daquelles, que
« nas terras de Chaul ha convertido,
« e converter o Vigario Miguel Vaz;
« a qual quantitade mandamos entre-
« gar ao Bispo, para que elle a repar-
« ta, conforme vir a necessidade. Ha-
« vemos tambem sabido, que nas ter-
« ras de Cochim são defraudados os
« pesos, e medidas dos Christãos de
« S. Thomé pelos nossos mercadores,
« que alli vendem pimenta, e que
« lhes tirão as crescenças que com
« justo peso, e medida se davão de
« sobejo, conforme o antigo costume,
« aos quaes por muitos respeitos fora
« melhor favorecer, que aggravar;
« pelo que dareis ordem, que se lhes
« guardem seus antigos costumes. As-
« sim mesmo tratareis com ElRei
« de Cochim, que faça tirar certos
« ritos, e superstições Gentilicas,
« que na venda da pimenta costumão
« fazer seus agoureiros, pois nisso
« lhe vai pouco a elle, e he de

« grande escandalo para os Christãos,
« que alli contratão. E porque ha chegado
« á nossa noticia a violencia,
« que este Rei faz aos Indios, que
« recebem a Fé, tomando-lhes as fazendas;
« procurareis, com muitas veras,
« apartar ao dito Rei (a quem
« sobre o caso escrevemos) de tão
« barbara crueldade, pois della resulta
« tanto mal para as almas, e
« corpos de seus vassallos; o que fará
« por ser nosso amigo, pondo vós da
« vossa parte o cuidado que vos encomendamos.
« E no que por vossas
« cartas, e informações nos avisastes
« ácerca de livrar os povos de
« Socotora da miseravel servidão em
« que vivem, nos pareceo remedialo
« de maneira, que o Turco, cujos
« vassallos são, não infeste esses mares
« com suas armadas, o que provereis,
« como mais convier, com
« conselho do Vigario Miguel Vaz,
« cuja experiencia vos ajudará muito,
« assi neste, como em todos os
« negocios arduos que se offerecem.
« Os da pescaria das Perolas, além
« de outros males, e aggravos que
« padecem, sabemos que recebem
« dano em suas fazendas, constrangendo-os
« nossos Capitães com pou-

« co temor de Deos, a que só para
« elles fação a pescaria com condi-
« ções intoleraveis. Polo que dese-
« jando Nós, que nenhum de nossos
« vassallos padeça aggravo, ou vio-
« lencia, vos mandamos que aos taes
« povos se lhes não faça semelhan-
« te aggravo, nem nossos Capitães
« pretendão acquirir tão injusta pos-
« se. E assim para evitar taes vexações,
« e forças, vereis se aquellas costas
« estão sufficientemente guardadas, e
« se he possivel cobrarem-se nossos
« direitos, sem que alli haja armada;
« e achando que isto pode ser, tira-
« reis nossos Capitães, mandando que
« não se navegue por aquellas cos-
« tas, porque desta maneira possão
« os naturaes gozar suas fazendas, e
« se escusem aggravos, e extorções.
« Sobre tudo vos encomendamos, que
« em tudo o que se offerecer con-
« sulteis ao Padre Francisco Xavier,
« e principalmente sobre se convem ao
« augmento da Christandade da costa
« da Pescaria, que os novamente con-
« vertidos se não occupem nella; ou,
« quando se lhes permitta, que seja
« de maneira, que se conheção nel-
« les, com a nova Religião, novos
« costumes, limitando-se-lhes a grande

« soltura com que se hão nella. Ha-
« vemos tido tambem informação,
« que os que de novo se convertem
« da Gentilidade á nossa santa Fé,
« são maltratados, e desprezados de
« seus parentes, e amigos, desterrando-os de suas casas, e despojando-os de sũas fazendas com tanta injuria, e violencia, que lhes he
« forçoso viver miseravelmente, com
« grande necessidade, e trabalho; para
« que cousa semelhante se remedee,
« fareis, com conselho do Vigario
« Miguel Vaz, sejão soccorridos a
« nossa custa, entregando o que se
« lhes houver de dar ao Reitor que
« delles tiver cuidado, para que cada anno lho reparta da maneira que
« mais convier. Juntamente havemos
« sabido, que de Ceilão se veio para
« Goa hum mancebo fugindo a furia,
« e indignação de seus parentes, e
« que sendo (como he) de casa Real,
« lhe pertence a successão do Reino;
« sobre o que nos pareceo, que para
« exemplo dos mais convertidos, e
« por converter, o accommodeis, já
« que he Christão, no Collegio de
« S. Paulo dessa Cidade, onde a nossa custa seja provido de tudo o que
« lhe for necessario para sua sustenta-

« ção, e regalo, e casas onde este-
« ja, em maneira, que bem se veja
« nossa grandeza com semelhantes pes-
« soas; além do que tratareis de ave-
« riguar o direito que pertende ter
« ao Reino, e o que acerca deste pon-
« to vos constar, nos mandareis au-
« thentico, para provermos o que
« mais convier; e entretanto he nos-
« sa vontade, que com todo o rigor
« tomeis conta ao Tyranno das cruel-
« dades que executou nos que á nos-
« sa santa Fé se convertérão, obri-
« gando-o que dê satisfação a tão
« grande insolencia, para que todos
« os Principes da India vejão quanto
« nos apraz a justiça, e como toma-
« mos á nossa conta o favorecer os
« que pouco podem. E porque não
« he conveniente, que os officiaes
« Gentios fundão, pintem, ou la-
« vrem (como atégora se lhes permit-
« tió) imagens, e figuras de Chris-
« to Senhor nosso, nem de seus San-
« tos para venderem; mandamos que
« ponhais toda diligencia em o im-
« pedir, pondo penas que o que se
« provar que fez alguma imagem das
« sobreditas, perca sua fazenda, e
« lhe dem duzentos açoutes, por-
« que sem duvida parecerão muito

« mal imagens, que representão mys-
« terios tão santos andarem por
« mãos de idolatras Gentios. Da mes-
« ma maneira sabemos, que as Igre-
« jas de Cochim, e Coulão, que
» de novo se começárão, estão por
« acabar, descubertas, e expostas a
« todas as inclemencias do tempo, o
« que não só parece mal, mas ainda
« he em prejuizo do edificio; pelo que
« mandareis que se continuem até se
« acabar, sem reparar no custo; e
« isto por mãos, e traça dos melho-
« res architectos, e officiaes. Em Na-
« rão mandareis tambem edificar hu-
« ma Igreja em honra, e com a in-
« vocação do Apostolo S. Thomé, e
« acabar em Calapor a que está co-
« meçada com o nome de Santa
« Cruz, e na ilha vezinha de Corão
« levantareis outra da traça, e ma-
« gestade que vos parecer convenien-
« te, pois he cousa, que nada mais
« despertará nos Gentios a devoção
« ás cousas de nossa santa Fé, que
« a affeição que de nossa parte virem.
« Além do que vos encomendo mui
« apertadamente, que em lugares ac-
« commodados fondeis estudos, e ca-
« sas de devoção, ás quaes em cer-
« tos dias acudão aos Sermões e pra-

« ticas espirituaes, não só os Chris-
« tãos, mas tambem os Gentios, pa-
« ra que por esta via se affeiçoem a
« nossa santa Fé, e ao conhecimen-
« to dos erros em que vivem, alumi-
« ando-lhes as almas com a luz do
« Evangelho; para o que escolhereis
« ministros em que haja as partes,
« que semelhante ministerio requere. E
« porque sobre tudo grandemente de-
« sejamos, que neste Estado seja o
« nome do Senhor Deos conhecido, e
« reverenciado, e sua santa Fé rece-
« bida, queremos, e he nossa vonta-
« de, que em todas as terras de Sal-
« sete, e Bardez, sejão de raiz ar-
« rancados todos os idolos, e o cul-
« to infernal, que nelles ainda se lhes
« faz; e para que isto se execute com
» menos dificuldade, e sem ser para
« isso necessaria força, ou violencia
« alguma, ordenamos que os Préga-
« dores em seus Sermões, e disputas
« lavrem com tanta prudencia, e ze-
« lo os corações dos Gentios, que
« com o favor de Deos, conheção o
« bem que se lhes procura, em os
« trazer ao conhecimento de seus er-
« ros, e tirar da miseravel servidão
« do Diabo em que estão, da qual
« só se podem livrar, abraçando-se

« com a santa Fé, que he o caminho
« unico de conhecer a cegueira em que
« os traz Satanás, para não verem
» quanto lhes importa a salvação de
« suas almas; e pelo muito que im-
« porta a este negocio, que os minis-
« tros delle sejão de boa vida, e costu-
« mes, e letras sufficientes, os elegereis
« taes, que se possa esperar delles o
« effeito que desejamos; encomandar-
« lhes heis o cuidado, e diligencia, que
« importa ponhão de sua parte, e da
« vossa procurai attrahir, e favorecer a
« todos, em particular aos nobres, e
« principaes (a cujo exemplo os de
« mais se movem) de maneira, que re-
« duzidos estes a nossa santa Fé, pouca
« difficuldade haverá em converter a
« gente commum, que logo fará o que
« vir fazer aos seus maiores. Os que
« se converterem sejão bem tratados,
« para que os mais se affeiçoem, favo-
« recendo-os não só em geral, mas
« ainda em particular, por pobres, e
« miseraveis que sejão. De tudo isto
« nos pareceo dar-vos conta, para que
« segundo a confiança que de vossa
« diligencia, e cuidado temos, deis a
« tudo o remedio, de que resultará a
« Deos nosso Senhor muita gloria, e
« Nós volo teremos em particular ser-

« viço. Dada em Almeirim a oito de
« Março, anno do Nascimento de nosso
« Senhor Jesu Christo de mil quinhen-
« tos quarenta e seis. »

REI.

Desta carta deu D. João a execução aquillo que com as armas na mão podia obrar, porque foi o tempo de seu governo huma continuada batalha, e os soldados com as licenças da guerra estavão mais promptos a estragar leis, que a emendar costumes; porém a historia nos mostrará não leves argumentos de seu zelo, gratificado do Ceo com sinaes, e maravilhas, de que referirei huma, que aconteceo nas Malucas, que por ter a direcção de seu governo, substanciarei o caso brevemente, como he meu costume.

Milagroso successo nas Malucas.

Havia naquellas Ilhas resplandecido a luz do Evangelho, porque S. Francisco Xavier, como fiel obreiro da vinha do Senhor, alimpou em grande parte aquella terra das espinhas, e cardos da infidelidade; se bem devemos a primeira cultura ao grande Portuguez Antonio Galvão, valeroso Governador, e Apostolo zeloso daquelle paganismo. Ao valor respondeo o fruto com maravilhosa conversão de al-

mas, que recebêrão com o Bautismo o suave jugo de Christo, assim da plebe, como dos Regulos, e Magnates, todos doceis a obediencia do Evangelho. Sentia o Demonio, que naquellas trevas da Gentilidade apparecesse a luz do Ceo a descobrir-lhe os caminhos da vida: e armou contra a innocente Christandade hum Gentio daquellas partes, que havia tirannizado a Ilha de Moro, e se dizia Tolon; o qual com zelo infernal começou a perseguir os novos convertidos, obrigando-os com inventadas crueldades a ser apostatas da Fé que tinhão professado, pela qual muitos chegárão a derramar o sangue com felice martirio; porém outros com fé menos robusta cedêrão aos tormentos. Crescia a desaforo do Tyranno com injuria de nossas armas, obrigadas ao castigo deste idolatra em obsequio da Fé, e serviço do Estado. Os perseguidos, e os temerosos acudião com queixas aos Portuguezes, que estavão em Ternate, os quaes resolutos a domar este Barbaro, se dispuserão, com mais zelo, que forças, a buscalo em sua mesma casa. Não pode ser este movimento tão occulto, que o não entendesse o Tyranno, que se apercebeo para a defensa, fortificando a en-

trada da Ilha com trincheiras, e estacadas fortes; e quando os nossos ganhassem estes reparos, tinha cubertos os passos que guiavão a Cidade com estrepes, e puas de ferro, tocados de erva, onde passando os nossos furiosos da colera, e victoria, se perderião sem remedio. Assim foi, que vencida a primeira estacada, que os Barbaros largárão com facil resistencia, quiçá fiados no segundo engano, querendo a nossa gente passar incauta, cevada mais no alcance com a fugida do inimigo (caso maravilhoso), cahio do Ceo repentinamente tanta cinza, que fez parar os nossos, até que purificados os ares seguírão a victoria por cima dos estrepes, onde a cinza abrio caminho solido, e seguro; assim o referião depois os mesmos Barbaros admirados, servindo-lhes este milagre de argumento para as verdades da lei que perseguião.

Assim se davão as mãos na Asia a Fé, e o Imperio nos dias de D. João de Castro, trazendo em huma mão a lei, e n'outra a espada, dando que discorrer ao Oriente, sobre huma acção tão grande, como fora soster huma guerra voluntaria pola tutela de Meale, hum Mouro perseguido, a quem os vassallos

negárão a fé, e os Principes de seu sangue hum piedoso amparo.

Pouco tempo o deixou reclinar a Asia sobre os triumphos de suas victorias, porque logo o começou a despertar Cambaia com os rumores de outra nova guerra, de que já as intelligencias do Estado ouvião os eccos: a qual referiremos em livro separado, por ser de nossa Historia a porção mais illustre.

LIVRO II.

Com a morte de Soltão Badur Rei de Cambaia, ficou o nome Portuguez mais temido, que amado dos Principes da Asia, porque como suas culpas erão occultas, e o castigo publico, tinha Badur em favor de seu sangue os juizos dos homens, ou pola commiseração natural dos que padecem, ou por veneração da Regalia, e odio de nosso imperio, tão aborrecido por estranho, como por poderoso.

Trata El-Rei de Cambaia de tomar a Dio.

Mahamud Rei de Cambaia, herdeiro da Coroa, e da injuria de Badur, cuja morte, succedida no governo do grande Nuno da Cunha, referem nossas Chronicas, inflammado igualmente da gloria, e da vingança, emprendeo tomar aos Portuguezes Dio, e com liga de outros Principes lançalos da India; negocio (ao parecer dos seus) não mui difficil; porque discorrião, que o Estado era hum corpo monstruoso, pois tendo a cabeça no Occidente, nutria membros distantes de si mesmo por infinito espaço com tantos mares, e ter-

ras interpostas; e que era tão grande o poder de Cambaia, que tanto com a ruina, como com a victoria podia opprimir o Estado, enfraquecido então por varios accidentes. Os Grandes, e Satrapas do Reino se partião em pareceres differentes; huns ajuizavão já por fataes as armas Portuguezas em dano de Cambaia, argumentando com o primeiro cerco, do qual ainda tinhão as feridas, e a memoria fresca; e ainda que os estimulava a morte de Badur, com a paciencia de outros offendidos, desculpavão a sua. Reprendião os primeiros, que assentárão pazes com o Estado, e aos que agora intentavão quebralas; estes porque não sabião guardar a fé, nem aquelles conhecer a injuria. Outros (como sóe succeder nas cousas incertas) discorrião ao contrario, e achavão tantas razões para a guerra, como para a victoria.

Persuadido de Coge Çofar.

Entre todos Coge Çofar, o mais poderoso, e aborrecido de Cambaia, e que da privança de ElRei lograva a melhor parte, persuadia cauteloso a guerra, crendo que com o perigo commum cessarião as envejas de sua fortuna, e as emulações dos Gran-

des, como vicios da paz; e que com os postos, e meneios da guerra, faria homens de novo, que como creaturas suas lhe serião fieis. Darei huma breve noticia deste homem, porque diversas vezes nestes escritos se ha de ouvir seu nome.

Foi Coge Çofar de nação Albanez, filho de pais Catholicos, ainda que da raiz degenerou o fruto. Servio alguns annos nas guerras de Italia, mais conhecido por insolente, que soldado; nos motins, e rebelliões era buscado como peior que todos; assim passou alguns annos aquella vida livre, sem premio, nem castigo; e como homem inquieto, querendo antes buscar a fortuna, que esperala, mudou de profissão, passando de soldado a mercador, porque era intelligente, e cobiçoso, e para seus intentos era este caminho mais breve, e mais seguro. Começou em pouco tempo a crescer nos tratos, como quem sabia as opportunidades, e monções do commercio, sendo em hum mesmo tempo, liberal, e avaro, servindo-se com artificio dos vicios, e virtudes. Veio em fim a medrar com cabedal, e credito, de sorte, que navegando o Estreito com

Quem era Coge Çofar.

tres setías suas, carregadas de differentes drogas, encontrou a Rax Solimão, General do Soldão do Cairo, que o envestio, rendeo, e despojou. Foi a presa maior que a victoria, e Solimão por credito de sua mesma fama, lhe fez honrado tratamento, apresentando-o ao Soldão como prisioneiro de maior porte, fazendo maior estimação da pessoa, que da presa. Começou Coge Çofar a contentar-se de sua desgraça, como se a buscára; tinha sufficiente pratica da guerra, aprendida nos exercitos de Italia, e Flandes; fallava no poder dos Christãos com odio, e desprezo, como ensinando ao Soldão a conhecer suas mesmas forças. Com estes artificios veio o Soldão a pôr os olhos no escravo para cousas maiores; começou a ouvilo, ao principio por curiosidade, logo por affeição. Approvava-lhe Coge Çofar os erros, e os acertos, com huma lisonja tão encuberta, que parecia liberdade, porque não mostrava que queria agradar, senão servir. Encubria a graça do Soldão, e evitava favores publicos, mais cauto, que modesto. Chegou a ser Thesoureiro do Cairo, officio de grande confiança, que administrou com jui-

zo, e verdade; louvadas pelo Soldão, como virtudes entre barbaros novas. Era o seu voto de maior peso nos conselhos de guerra, já pola pratica, já pola valia. Nas facções contra Christãos, votava com grande bizarria, particularmente nas que se havião de executar por outros; e assim cresceo de maneira, que já não podia com sua mesma fortuna; e não querendo conservar-se com as mesmas artes, com que havia medrado, veio a descubrir a ambição, e soberba; fez-se senhor dos lugares, buscando com maior attenção os postos, que os amigos; os quaes já não queria para arrimo, nem para companhia; só do Soldão queria parecer escravo, e dos outros senhor. Empenhava, e destruia os maiores com pretextos publicos, como querendo introduzir Monarchia de dous; até que cansados os Mouros de tão servil paciencia, começárão a publicar queixas com que perturbar o animo do Soldão na graça de Çofar, assim le representárão com grande sentimento seus aggravos, dizendo, que já era escusado armar galés contra Christãos, se depois havião de fazer Senhores a seus mesmos escravos, quando os Turcos mais no-

bres recebião dos Christãos tão cruel tratamento, que andavão por Italia, e Hespanha arrastando cadeas; chegando a escrever-lhes no rosto com infames letras os sinaes de cativos; que não era toleravel, qne tantos Báxas Illustres estivessem recebendo leis de hum vil escravo; que ainda que vião com seus olhos cada dia suas mesmas injurias, já não podião sofrer as do Profeta; não entrando em suas Mesquitas hum vil Christão, soberbo, e irreverente, que não faltava já mais, que nas praças do Cairo, mandar levantar Cruzes, e adoralas.

Forão estas cousas ditas com tanta liberdade, que mais parecião conjuração, que queixa; e como entre os aggravos particulares envolvião a causa da Religião, que costuma levar traz si a justificação, e amor publico, forão bem ouvidas do Soldão, privando a Çofar dos cargos, e mandando-lhe que mudasse de crença: tão caduca he a graça dos Principes, ainda com suas creaturas mesmas.

Vendo-se Çofar cahido, tornou a vestir a primeira humildade, e as artes, que a necessidade do tempo lhe ensinava; e como de Christão só conservava o nome, e a memoria,

foi-lhe facil trocar polo veneno do Alcorão a saude Evangelica, mudando o nome imposto no Bautismo, por este de Coge Çofar, que lhe demos anticipadamente, por ignorarmos o primeiro que teve. Feito Çofar cultor de Mafamede, começou a grangear maiores confianças com os Mouros, saneando o odio dos emulos com dadivas, e o da plebe com a nova apostasia, com que purgou as sospeitas na fidelidade, obrando com ambição mais cauta, com que se fazia mais affabel aos inimigos, que aos estranhos; mas conhecendo a instabilidade do Soldão, temeroso de segunda queda, não tendo por segura huma vontade já reconciliada, matando huma noite a traição a Rax Solimão seu mortal inimigo, com hum filho que tinha, juntou as joias, e dinheiro que pode, e se passou secretamente ao serviço d'ElRei de Cambaia, de cuja grandeza, e liberalidade tinha inteiras noticias, e da estimação que fazia de homens estrangeiros, principalmente daquelles que tinhão alguma pratica das guerras, e politica de Europa. Respondeo-lhe o successo ao pensamento, porque em breve tempo chegou a gozar a melhor

Como veio a Cambaia.

parte da graça de Badur, ou já por sua fortuna, ou sua industria; sendo companheiro de suas victorias, e de suas desgraças, achando-se na ultima de sua morte, como nossas historias referem; porém já tão engrandecido nos favores Reaes, que em poder, e autoridade, era o maior vassallo; conservando com Mahamud successor da Coroa a mesma estimação; ao qual inflammava na vingança da morte de Badur, pelos fins que temos referido, e por merecer a graça do novo Principe, com o amor e fidelidade que mostrava ás cinzas do defunto; he fama, que ante o Rei, e Satrapas de Cambaia fallou nesta substancia.

Suas razões para a empresa de Dio.

« As mercês que por espaço de dez « annos recebi de Soltão Badur, são « manifestas a todos; aos de fora com « espanto de sua grandeza, aos de « casa com enveja de minha fortu- « na; poz-me os olhos, e levantou- « me como vapor da terra, antepon- « do-me estranho, e peregrino, aos « que lhe nascérão em casa; sendo « vassallo me tratou como amigo, e « me amou como filho. A este cle- « mentissimo Principe (cujas cinzas « venero como de Senhor, choro co-

« mo de pai), debaixo do sagrado
« da paz, tirárão os Portuguezes a
« vida com escandalo de todos os
« Reis, e não menor injuria de seus
« vassallos, indignos de o haver-
« mos sido de Principe tão grande,
« pois insensiveis, e ingratos esta-
« mos alimentando os homicidas de
« nosso Monarcha em nossa mesma
« casa, gozando como herança a
« praça, que assegurárão com tão
« atroz delicto; hontem hospedes,
« e agora senhores. Vós, ó Princi-
« pe herdeiro, e senhor deste Impe-
« rio, vedes vossos vassallos cada
« dia receber leis destes insultuosos;
« a vos toca determinar a quem ha-
« vemos de obedecer primeiro, se a
« nosso Rei, se a nossos inimigos.
« Crescerá com a nossa paciencia o
« seu atrevimento. Depois de co-
« mettido o maior delicto, qual não
« terão por leve? Quem duvidará
« ser offensor onde se não vingão in-
« jurias? Acabemos pois de desper-
« tar deste mortal lethargo; meta-
« mos até os cotovelos os braços no
« sangue destes crueis tyrannos; nes-
« te veneno banhemos os alfanges,
« porque percão com as vidas a glo-
« ria de tão grandes insultos. Com

« o sangue de Badur recebêrão as ar-
« mas Portuguezas a maior fama do
« mais atroz delicto; e deixámos-lhes
« na mão a espada, com que nos de-
« golárão o Rei, para que com el-
« la mesma nos usurpem o Reino;
« tiremos pois dentre nós estas vibo-
« ras nascidas no ultimo Occiden-
« te para inficionar a Asia toda, co-
« mo se verá discorrendo por seus es-
« tragos, que elles chamão victo-
« rias. E começando naquelle primei-
« ro Gama, a quem os mares, pa-
« ra perturbar a paz do Oriente,
« derão fatal passagem, o Çamorim
« de Calecut foi o primeiro a quem
« cortou seu ferro. As náos de Meca,
« que no amparo do Propheta, e
« paz das ondas, navegavão seguras,
« forão assaltadas, e rendidas deste
« feliz Cossario, que tantos annos,
« como monstruo do mar, teve por
« casa as ondas, e por abrigo os ven-
« tos, e as tormentas. Pois aquel-
« le D. Francisco de Almeida, que
« em hum só dia, e com o mesmo
« golpe destroçou as armadas de Egyp-
« to, e Cambaia, que na vingança
« da morte de seu filho, parece que
« queria beber o sangue do Oriente
« todo, se hum Albuquerque succes-

« sor de sua crueldade, e seu go-
« verno, lhe não viera tirar das mãos
« a espada. Este nasceo para injuria de
« todas as Monarchias, porque com
« senhorear Malaca, poz a todo o Sul
« freio; rendeo Ormuz, emporio das
« riquezas do Mundo; tomou Goa ao
« Sabaio para cabeça de seu tyran-
« nizado imperio; e sem trazer os
« exercitos de Xerxes, ou Dario, fez
« tributarios mais Reinos do que tra-
« zia soldados; levantando o pensa-
« mento a querer tirar de Meca o
« corpo do Propheta; poz em con-
« selho mudar ao Nilo as correntes,
« para alagar o Egypto; emprenden-
« do seu espirito fazer duas tão famo-
« sas injurias, huma ao Ceo, ou-
« tra a natureza. Não poderei refe-
« rir a ambição de tantos, que com
« nossas injurias se fizerão illustres,
« porque temo me não caiba no tem-
« po, ou na memoria; porém lan-
« çai pelas mais remotas partes do
« Oriente a vista, ou o juizo, vereis
« a maior parte do Mundo receber
« leis de poder tão pequeno. Elles na-
« vegão daquella parte de Africa,
« que corre do Cabo de Boa Espe-
« rança até ás portas do Estreito do
« mar Roxo, dominando por aquella

« parte Moçambique, Çofala, Quiloa, e Mombaça; e discorrendo « o Cabo de Guardafú, olhando para « as gargantas do mar Roxo, Adem, « Xael, Herit, Caxem. Temem suas « armadas as Cidades de Dofar, e « Norbete no Cabo de Fartaque, e « logo Curia, Muria, Rozalgate. « Aqui fica a Cidade de Ormuz; alli « a Ilha de Queixome, Curiate, Calaiate, Mascate, Orfacão, e Lima; o Cabo Mocandão, e Jazque, « que formão a boca do Estreito, « que se estende até o rio Indo; logo o Cabo Guzarate, e Cinde nesta nossa Cambaia, donde até o « Cabo de Comorim passeão suas armadas a India por espaço de trezentas legoas, e começando desta nossa Cidade de Cambaia discorrem por Madigão, Gandar, Baroche, Çurrate, Reiner, Moscarim, Damão, Taraper, Baçaim, « Chaul, Bandor, Cifardão,. Galanci, Dabul, Cortapor, Carepatão, « Tamega, Banda, Chaporá. Senhoreão Goa, assento de seus Governadores, e logo o maritimo do Canará, com Onor, Baticalá, Bracalor, Bracanor, e Mangalor; e « logo aquella parte principal do Ma-

« labar, que aquentão suas frotas,
« onde está o Reino de Cananor,
« e nelle Catecoulão, Marabia, Tra-
« mapatão, Maim, Parepatão. Com
« não menos soberba assombrão o Im-
« perio de Calecut com seus por-
« tos de Pandarane, Coulate, Cha-
« ré, Capocate, Parangale, Tanor,
« Panane, Balcançor, e Chatua. Nos
« Reinos de Cananor, e de Co-
« chim quasi dominão com absoluto
« imperio em Porcá, Coulão, Cale-
« coulão, Dotorá, Birinjão, Travan-
« cor. Alcança o respeito de suas ar-
« mas até o famoso Cabo Comorim,
« de fronte do qual está a illustre Ilha
« de Ceilão, onde carregão os nãos
« de differentes drogas. Não perdoão
« a enseada de Bengala, ou seio do
« Ganges, avistando Tacancuri, Ma-
« napar, Vaipar, Calegrande, Cher-
« capale, Tutucuri, Calecare, Bea-
« dala, Canhamorra. Correm Nega-
« patão, Nahor, Triminipatão, Tra-
« gunbar, Colorão, Calapate, Sa-
« drapatão. Amedrentão com a mul-
« tidão, e grandeza de seus bai-
« xeis Bisnaga, e a costa brava de
« Orixa, e toda aquella distancia,
« que ha de Segopora até Oristão,
« e as bocas do Ganges. Atraves-

« são o Cabo de Negraes, Arra-
« cão, e Pegu com tantas, e tão
« maravilhosas Ilhas. Passão por Va-
« gatú, e Martavão, Tagala, e Fa-
« vai, Tanaçari, Lungur, Tairão,
« Quedá, Solungor, navegando até
« sua Malaca, cabeça de todo aquel-
« le Archipelago. E logo dobrando
« o Cabo de Sincapura, ancorão nos
« portos dos Reinos de Sião, Cam-
« boia, Champa, e Cochinchina. E
« passando aos Reinos da China,
« se atrevêrão a olhar aquelle tão re-
« catado Imperio, que nunca so-
« freo a communicação de gentes es-
« trangeiras; alli fundárão a ce-
« lebre Cidade de Macao, por onde
« persuadem aos Chins os Misterios
« de sua crença, fazendo juntamente
« do commercio a Religião escada.
« Daqui se divertem para as innume-
« raveis Ilhas de Japão, visitando
« Tava, Timor, Borneo, Banda,
« Maluco, Lequios; de sorte, que as
« velas Portuguezas com incansavel
« navegação, rodeão a mor parte do
« Mundo em distancia de mais de
« nove mil legoas; que a tão ardua
« navegação os estimulou sua ambi-
« ção, guiou sua fortuna. Repeti pro-
« lixamente todo o maritimo da Asia,

« onde as armas Portuguezas, por
« imperio, ou commercio se hão fei-
« to conhecidas, porque de tão der-
« ramadas Conquistas, faz o Mun-
« do erradamente o maior argumen-
« to de seu poder, e eu de sua fra-
« queza; porque sendo Portugal hum
« abreviado Reino no ultimo Occi-
« dente, e com perpetuas guerras na
« Africa vezinha, onde se consu-
« mem com os successos prosperos,
« e adversos, comendo-lhes sempre
« gente á guerra nas facções, e nas
« praças que guarnecem, e agora
« não podendo caber aonde nascêrão,
« como aborrecendo o Ceo, e o cli-
« ma, que os ha produzido, andão
« vagando o Mundo, como se lhes
« fora usurpado o senhorio dos ho-
« mens, das terras, e dos ventos.
« Agora deixo ao mais rasteiro enten-
« dimento, que julgue o pouco que
« se podem temer forças tão divi-
« didas, as quaes na maior prospe-
« ridade vão acabando suas mesmas
« victorias. Que temos que recear des-
« te imperio de loucos, que com hum
« braço na Asia, outro no Occidente
« querem abarcar o Mundo. Na India
« tem muitos Principes sujeitos, porém
« nenhum amigo, todos aos dominan-

« tes adorão, e aborrecem, porque
« com nenhum assentárão os Portu-
« guezes paz, senão depois de vic-
« torias, e estragos; de sorte que não
« o amor, senão a injuria os tem
« feito conformes; e todos estes ser-
« vem em quanto não podem offen-
« der. Mas que será se virem a Sol-
» tão Mahamud armado na campa-
« nha? Quem duvida, que todos os
« offendidos serão nossos soldados?
« Fizerão muitos Reis tributarios á
« força de armas, e dado, que del-
« las mesmas hoje recebem amparo,
« mais facilmente esquece hum be-
« neficio, que huma injuria. Selim
« Senhor dos Turcos ainda vê aber-
« tas as feridas dos seus Janizaros re-
« cebidas em Dio, e quem está tão
« pouco costumado a receber inju-
« rias, não perderá a occasião de vin-
« gar a primeira; ou sendo autor da
« guerra, ou companheiro nella, am-
« bicioso tambem de que a melhor par-
« te do Mundo conheça seu imperio.
« O Camorim depois que entrárão os
« Portuguezes no Oriente, não tem
« porto que não fosse theatro de vic-
« torias suas; e apenas tem vassallo
« que não fosse cortado de seu ferro.
« O Hidalcão cada dia vê regadas de

« sangue as terras de Bardez, e Sal-
« sete; e depois de o Governador
« lhe fazer injusta guerra, trouxe
« Meale a Goa, querendo honestar-
« lhe sua ruina com a justiça alhea.
« Todos os outros Principes se hão
« de armar contra o commum inimi-
« go, para poderem respirar na anti-
« ga liberdade em que vivião. Polo
« que a mim toca, os filhos, a fa-
« zenda, e a pessoa offereço a esta
« guerra; se acabar nella, em meu
« sangue verá Badur minha fidelidade;
« e em ambos os successos não terei
« por menos honrada a morte, que a
« victoria. »

As razões de Coge Çofar forão bem ouvidas, pelo odio da causa, e autoridade da pessoa. ElRei, depois de lhe engrandecer a fidelidade, lhe cometteo a empresa, como a maior que todos no zelo, e disciplina. Começou logo a dar calor aos aprestos, com differentes missões aos Reis vezinhos, acordando-lhes suas mesmas injurias, e offerecendo-lhes as armas de seu Principe, como em beneficio dos aggravos de todos. Despachou Embaixadores a Constantinopla convidando o Turco a restaurar o credito de suas armas com a expulsão dos Por-

O Soldão as approva, e lhe encarrega a empresa.

tuguezes da India, negocio tão importante á Religiao, como ao estado. Facilitava o soccorro, que lhe pedia, com hum donativo de tanta estima, que era mais apto a despertar a ambição do Turco contra suas riquezas, que a dar-lhe armas auxiliares com que as defendesse.

D. João Mascarenhas Capitão de Dio.

Era neste tempo D. João Mascarenhas Capitão mór de Dio, a quem o nascimento fez em Portugal grande, o valor no Oriente; varão tão benemerito de sua fama, como de sua fortuna. Este, sabendo por intelligencias secretas os desenhos de Coge Çofar, e que todos seus apercebimentos ameaçavão aquella fortaleza, escreveo ao Governador D. João de Castro os avisos que tinha, e como estava falto de gente, municões, e petrechos; descuidos que cobria a paz de tantos annos, ou quiçá assegurados os nossos no respeito da primeira victoria. Accrescentava, que os aprestos do Soldão estavão mui avante, o inimigo vezinho, e que os temporaes do inverno não tardarião muito, com que ficarião cerradas as portas ao soccorro.

Avisa o Governador.

Que escreve ao Soldão.

Quando Dom João de Castro recebeo este aviso, tinha já mandado duzentos soldados áquella fortaleza, de-

baixo das Capitanias de Dom João, e Dom Pedro de Almeida, filhos de Dom Lopo de Almeida: erão os outros Capitães Gil Coutinho, e Luiz de Souza, filho do Chanceller mór do Reino. E para conhecer o estado em que se achava o inimigo, despachou dous enviados praticos no maritimo, e sertão de Cambaia com cartas a Soltão Mahamud, em que lhe significava as noticias que tinha das conducções, e aprestos que fazia, de que lhe devia dar conta, pois como amigo o queria acompanhar na empresa; que na occasião presente lhe seria mui facil, por ter prompta no mar huma poderosa armada; e que tambem na fortaleza de Dio tinha soldados valerosos com munições sobejas, aos quaes seria mais grato enriquecer com despojos da guerra, que com o soldo limitado de huma paz ociosa. E logo encomendou aos enviados, que notassem com sagacidade as forças do inimigo, os soccorros que tinha, e o rumor do povo, para por elle penetrar os desenhos da empresa. Mas em quanto os nossos enviados dão a véla, poremos hum pequeno silencio nas cousas de Cambaia, por dar lugar aos successos de Maluco, que tiverão a direcção deste mesmo governo.

Direito dos Reis de Portugal sobre as Malucas.

Estiverão as Malucas muitos annos á obediencia de nossas leis, descubertas, e conquistadas com as armas desta Coroa, que forão as primeiras da Europa, que virão aquellas Ilhas. As quaes entravão na nossa demarcação, conforme a repartição que os Papas fizerão entre os Reis de Portugal, e Castella, tendo ElRei Dom Manoel em seu favor o direito das armas, e o das leis, não sendo estas Ilhas de Portugal sómente por conquista, mas tambem por herança; porque no tempo d'ElRei Dom Manoel, o ultimo, e primeiro deste nome, corrião naquellas Ilhas com igual prosperidade o divino, e humano, resplandecendo por beneficio de seu zelo as luzes do Evangelho nas trevas daquelle Paganismo, recebendo muitos Reinos de tão ditoso Principe Religião, e Imperio. Foi, entre outros ElRei Dom Manoel (que em Goa recebeo o Bautismo) Rei, e Senhor das principaes Ilhas de Maluco, o qual depois de bem instruido nos misterios de nossa crença, voltando a governar, e doutrinar seus povos, faleceo em Malaca sem descendencia alguma; e por gratidão dos beneficios, que desta Coroa havia

recebido, deixou a ElRei Dom João o Terceiro deste nome por herdeiro dos Reinos de Maluco, em testamento solemne, outorgado com todas as legalidades civis, para que andasse vinculado successivamente na Coroa Portugueza. Estas Ilhas descubertas com trabalho; defendidas com o sangue, possuidas com justiça, viemos a deixar a Castella contra a opinião dos melhores Juristas, e Geographos.

O Governador as dá a Cachil Aeiro.

Achou o Governador Dom João de Castro em Goa a Cachil de Aeiro, pessoa de grande autoridade nas Malucas, benemerito no serviço do Estado, e da linha Real do ultimo Principe Dom Manoel, o mais conjunto em sangue, porém tão pobre por varios accidentes, que passou á India, encommendando-se á clemencia dos nossos. O Governador, parecendo-lhe suas miserias indignas de seu sangue (crendo que ficava a memoria de nossos Reis mais honrada com dar hum Reino, do que recebelo) lhe deo a Envestidura da Coroa de Maluco, com que ficasse o uso da Regalia dependente do cetro Portuguez, nelle, e seus descendentes; attribuindo os Reis da India tão grande donativo, huns a prodigalidade, outros a despreso;

espantando-se, que fizessemos tanto por acquirir, o que sabiamos largar tão facilmente.

Vão Castelhanos a ellas.

Entretanto as cousas de Maluco estavão alteradas com a vinda de tres navios Castelhanos, que derrotados avistárão aquellas Ilhas, desembarcando na de Tidore para reparar-se das fortunas do mar, e levar a seu Principe sinaes mais certos de seu descobrimento. Deixarei de referir a opposição que os nossos lhes fizerão, por cahirem estes successos debaixo de outro governo, e andarem já com melhor penna escritos; tratarei só precisamente do succedido nos dias de Dom João de Castro, o qual mandou a Maluco a Fernão de Souza de Tavora para desalojar os Castelhanos, que convidados da abundancia, e riqueza da terra, querião gozar o fruto dos trabalhos alheios, perturbando-nos a paz, e commercio daquellas Ilhas, de que a conquista, e herança nos fizerão duas vezes senhores.

Quem era Capitão dos Castelhanos.

Governava os Castelhanos Rui Lopez de Villalobos, homem mais cauteloso que valente. Este havia feito ostentação soberba das grandes forças do Emperador Carlos V. seu senhor, e dos grandes uteis, que podião receber

de sua amizade aquelles Reis Gentios na guerra, e no commercio, tratando a fama de nossas cousas com grande abatimento; e como na opinião dos homens he maior o esperado, que o presente, algumas daquellas Ilhas tomárão a voz do Castelhano, buscando para isso motivos, ou aggravos, huns leves, e outros esquecidos.

Neste tempo aportou em Maluco Fernão de Souza, mandado pelo Governador, que informado de Jordão de Freitas Capitão mór da fortaleza, do estado das cousas, entendeo, que o partido dos Castelhanos se engrossava na esperanza do soccorro, e riquezas que promettião de Hespanha, porém logo que Rui Lopez teve aviso da vinda de Fernão de Sousa, e do negocio a que era mandado, querendo com arte escusar, ou entreter o rompimento comnosco, até chegar o soccorro de Espanha, que esperava; o mandou visitar, escrevendo-lhe saudações corteses, lembrando-lhe que estavão entre Gentios, desejosos de nossas discordias, para ficarem senhores de si mesmos; que assaz de guerras, e inimigos tinhamos na India; que para povoarmos sós hum Mundo

Fernão de Sousa chega a Maluco.

O Castelhano trata entretelo.

tão grande, eramos muito poucos; que nos offerecia suas armas para com ellas termos o Gentio mais obediente, porque como Hepanhões erão bons para soldados, e como Catholicos mui fieis para amigos; que considerasse, que era mais importante a Portugal a paz do Emperador, que o cravo de Maluco, porque estas dissenções entre vassallos podião vir a ter os effeitos das minas, que rebentão muito distantes donde se pega o fogo.

Reposta de Fernão de Sousa.

A esta carta composta de feros, e lisonjas, respondeo Fernão de Sousa, que elle era pequeno de corpo, mas tão abreviado na resolução, como na estatura; que aquellas Ilhas erão d'ElRei de Portugal seu Senhor, que com a mesma espada com que as ganhára podia defendelas; que bem sabia que era Hespanhol, e Catholico, porem que isso não lhe dava justiça para tomarlhe a capa; que o Emperador não faria guerra a Portugal, sem ler primeiro nas Chronicas de Castella os successos de seus antecessores; que ou se havia de embarcar para a India, ou meter-se com os seus naquella fortaleza, onde lhe daria embarcação segura para Hespanha.

Desta carta tão dura entendeo o

Castelhano, que Fernão de Sousa não queria curar o negocio com remedios largos, porém vendo que não podia resistir, nem lhe convinha obeceder, escreveo segunda vez a Fernão de Sousa, que suspendessem as armas, avisando a seus Principes do estado das cousas, para que elles com pacifico acordo determinassem a causa, porque se antes desta diligencia se derramasse sangue, ficaria por conta dos Reis vingar a injuria dos vassallos, que entre Portugal, e Castella havia direitos e aggravos, que a paz cobria; que não quizesse soprar o fogo sepultado nas cinzas de hum largo esquecimento; que se os Castelhanos se retirassem queixosos, facilmente os tornaria a trazer sua mesma offensa; que ainda que desbaratados do mar, e das doenças, se os obrigassem a condições injustas, maior força lhes faria o brio, que a necessidade em que estavão.

Continua o Castelhano no primeiro intento.

Fernão de Sousa, entendendo dos rodeios desta carta, e de outras noticias, que os Castelhanos se querião remir com dilações, respondeo, que deixados argumentos, tratasse de defender com a espada seu direito.

Rui Lopes de Villalobos, vendo

Vem-se os dous Capitães.

desta reposta que o entendião; ou que o desprezavão, escolheo deixar-se vencer da razão, primeiro que da força, e logo respondeo a Fernão de Sousa, que se vissem ao outro dia no mar com sós tres companheiros, para assentarem as condições da passagem, e embarcação, que lhe offerecia; o que assim se fez sahindo Fernão de Sousa da fortaleza em huma embarcação lustrosamente toldada, e emproando com a dos Castelhanos, que já o aguardavão, sobre qual dos Capitães havia de passar-se á outra, em ceremonias prolixas gastárão largo tempo. Entrou o Castelhano na de Fernão de Sousa, onde entre saudações, e urbanidades, abrio a conversasão porta ao negocio.

Acordo que tomão.

Tratou Fernão de Sousa com grande comedimento das razões de sua causa, reduzidas a escrituras outorgadas entre os Reis de Portugal, e Castella, que Rui Lopez de Villalobos folgou de ver, como quem de nosso direito havia de formar sua desculpa. Assim ficárão acordados, que dentro de tres dias virião os Castelhanos meter-se dentro na nossa fortaleza de Ternate, onde lhes darião embarcação para a India, levando livremente a roupa, drogas, e armas que ti-

vessem, e que ElRei de Tidore seu faccionario ficaria em nossa graça. As solemnidades com que rematárão esta concordia, forão hum largo banquete, brindando alegremente ás saudes dos Reis: beneficio, que lhes repetírão muitas vezes. Ao convite accrescentou Fernão de Sousa o seu çaguate, a uso da India, dando algumas joias ao Capitão, e companheiros, com que os deixou mais satisfeitos do trato, que do despacho que levavão, porque com o sainete do cravo saboreavão os desabrimentos da terra.

Despedidos os Capitães se tornou Fernão de Sousa á fortaleza, contente de alhanar hum negocio tão escabroso, por meios tão commodos á sua honra, como ao Estado. Ao terceiro dia, que era o aprazado para os Castelhanos se virem a nossa fortaleza, se pôz Fernão de Sousa mui galante, para demonstração do gosto com que esperava os hospedes, que foi buscar ao mar. O que sabendo Rui Lopez despedio huma embarcação da terra, pedindo-lhe suspendesse o negocio para o seguinte dia, porque andava vencendo alguns inconvenientes; de que lhe daria conta. Fernão de Sousa entendendo, que a dilação era

Falta o Castelhano á promessa.

E o que visto faz Fernão de Sousa.

cautela, e que o Castelhano faltava no concertado, como lhe derão o recado no mar, mandou forçar a voga, e com mais paixão, que acordo, se foi meter desacompanhado entre os Castelhanos. O que visto por Rui Lopez, o veio esperar á praia com oitenta arcabuzeiros que trazia de guarda, e levando-o a seus aposentos, lhe deu conta da alteração, que entre os seus havia; porque D. Alonso Henriquez Capitão de hum navio, cobrindo seu particular interesse com o zelo de servir a seu Principe, não queria estar pelo capitulado, e tinha convocados amigos, e homens inquietos, que sustentavão seu partido, persuadindo cousas fantasticas a ElRei de Tidore, e a outros, por engrossar seu bando, chamando, a sua sedição zelo, e a moderação do General, fraqueza, pois entregava as armas, e as bandeiras de Hespanha, que jurára defender com a vida, e privava o Emperador do Senhorio de tão abundantes Ilhas, e aos pobres soldados do fruto, e premio de navegação tão perigosa; e que os Portuguezes, como nação soberba, e sempre opposta á sua, farião riso, ou gloria de tão vil rendimento. Porém que elle sa-

bia, que todas estas bizarrias armavão sobre falso, porque os não estimulava o serviço do Cesar, nem o zelo da honra, senão o amor do cravo, de que tinhão recolhido quantidades grandes, e não fiavão de nós, que lhes deixariamos levar a Espanha as novas desta droga, cuja valia lhes havia de compensar os perigos, e trabalhos passados. O que entendido por Fernão de Sousa, e os mais, que seguião sua voz, os assegurou nesta parte de todos seus receios, e como o brio dos Castelhanos servia de cuberta ao interesse, se vierão ao outro dia meter na fortaleza, esquecidos dos brios com que bizarreavão.

Mas já o estrondo das armas de Cambaia não sofre esta pequena digressão de negocios menores. Governava Coge Çofar esta guerra com absoluto imperio, livrando o bom successo della, parte na força, e parte nos enganos. Em quanto pois juntava bagagens, e soccorros, que pela grandeza delles necessitavão de espaços differentes, escreveo a Dom João Mascarenhas, que desejava tirar qualquer escandalo que perturbasse a paz capitulada entre o Soltão, e o Estado, para que se lograssem com recipro-

Proposta de Çofar ao Capitão de Dio.

co amor os frutos de tão justa concordia; que no ajustamento passado tinhamos dado consentimento a que se fizesse hum muro entre a fortaleza, e a Cidade, o que se não executára por não mostrar desconfianças em tão tenra amizade; porém agora, que a paz de tantos annos tinha purgado qualquer injusto affécto, convinha satisfazer ao povo, que pedia esta separação, como sinal da liberdade em que vivia; que quando por aquella parte desmantelámos a Cidade, fora com a ira, ou licença da victoria, e que não querião os moradores acordar-se cada dia de sua injuria com tão fea memoria; que os sinaes do odio, como não estavão no animo, não era bem que se conservassem nas pedras derribadas; que pois eramos hospedes em Dio, não convinha dar leis como Senhores; e que levarião asperamente os moradores o que lhes ordenavão seus Reis, tolher-lho seus vezinhos, que de vassallos alheios deviamos querer amizade, e não obediencia; que o Soltão lhe dera aquella Cidade, a qual determinava engrandecer com novos moradores, aos quaes queria mostrar, que aquella fortaleza não estava como freio, senão como

amparo de seus habitadores; que aos Portuguezes convinha dar grandes satisfacões ao povo, para assegurar huma paz fundada sobre aggravos.

Reposta do Capitão.

Por esta carta entendeo Dom João Mascarenhas, que Çofar buscava causas ao rompimento, havendo, que se lhe concedia o muro, facilitava a empresa; se lho negava, justificava a guerra; e assim lhe respondeo, que em huma paz tão assentada, como Mahamud tinha com o Estado, mais seguro lhe seria derribar paredes, que intentar levantalas; que o muro nem a nos seria de perigo, nem a elles de amparo; que entre a fortaleza, e a Cidade estava outro reparo maior que a defendia, que era a fidelidade Portugueza; que do novo Senhorio lhe dava o parabem, e que dos Portuguezes, que alli estavão, fizesse a mesma conta que dos outros vassallos; que o negocio, que propunha, tocava ao Governador da India, o qual estava aprestando a armada para vir visitar aquella fortaleza, que chegado elle, lhe communicaria a sua proposta. E logo avisou ao Governador do Estado das cousas, que já pelos enviados, que mandára a Cambaia, tinha do cerco noticia mais inteira,

E avisa ao Governador.

recebendo do Soltão huma reposta incerta, sem declarar nem encobrir a jornada, fazendo relação intempestiva de passadas offensas, como quem (sem alterar a paz) queria começar a guerra.

Que soccorre Dio com gente, e munições.

Porém o Governador, dando-se todo a este só negocio, pesando a importancia daquella praça, resolveo sobre sua defensa empenhar as forças todas do Estado, sem perdoar a despesa, perigo, ou diligencia. As Cidades de Baçaim, e Chaul, que erão as mais vezinhas, encommendou affectuosamente os soccorros de Dio, lembrando-lhes a honra, o premio, a obrigação; e logo em Goa mandou aperceber hum caravelão com munições, e bastimentos, e duzentos e cincoenta soldados, que por acharem já os mares grossos, chegárão a Baçaim com trabalho, e tentando atravessar a Dio, forão os ventos tão ponteiros, e furiosos, que tornárão a arribar destrocados.

Traição intentada por Çofar.

Coge Çofar em quanto não tinha as forças juntas, nos acommettia com ardis differentes. Com largas dadivas, e promessas maiores comprou a fidelidade de hum soldado nosso, para que no silencio da noite désse fogo á

polvora, ou lançasse peçonha na cisterna, e que não podendo conseguir nenhum destes intentos, tentasse dar entrada na fortaleza aos Mouros pelas casas em que vivia, commodas a esta maldade, por estarem vezinhas ao muro. O soldado temeroso, ou irresoluto, deu parte do negocio a hum Mourisco seu familiar amigo, e como nas traições mais seguro he o premio de as descobrir, que de as executar, delatou ao Capitão mór o caso, o qual tendo noticia delle por duas vias mais, e considerando que este delicto era feio para exemplo, para castigo pouco averiguado, e que a culpa não merecia perdão, nem o tempo permittia castigo, enviou este soldado a Goa com cartas ao Governador, significando-lhe os indicios da traição imaginada.

E como Dom João Mascarenhas tinha a guerra por certa, ordenou que se comprassem os mantimentos que na Cidade havia, em quanto aquella paz fingida fazia sombra ao commercio; diligencia que entreteve, ou remediou a fome muitos dias; porém logo se alterou a segurança do trato, entrando na Cidade hum Capitão com quinhentos Turcos, mais a dis-

Prevenções de D. João Mascarenhas.

pôr, que a fazer guerra. Este trazia novas cartas de Coge Çofar para o Capitão mór, nas quaes cauteloso, e importuno, instava em levantar o muro; a que D. João Mascarenhas já não quiz dar reposta, dizendo ao Turco, que os Portuguezes não deferião a petições escritas com o arcabuz no rosto. Não foi este dia o primeiro da guerra, sendo da paz o ultimo; porque ao seguinte entrou Coge Çofar com oito mil soldados para dar principio ao cerco, tolhendo-nos os soccorros da terra, porque os do mar começavão já a impedir os temporaes do inverno, que era o mais duro inimigo que a fortaleza tinha. E como esta praça foi o theatro em que os Portuguezes obrárão maravilhas tão grandes, daremos de seu sitio huma breve noticia.

Chega Çofar com gente de guerra.

Descripção de Dio.

A Ilha de Dio, celebre pela riqueza de seu trato, lastimosa pela ruina de seus habitadores, illustre pela fama de nossas victorias, está situada em huma enseada, e ponta, que limita o Reino de Cambaia, em altura de vinte dous grãos da banda do Norte. Da antiguidade de sua fundação fabulão os naturaes, dando-lhe principios mais illustres, que averiguados,

cuja memoria conservão suas tradições na falta dos escritos. Foi sempre o porto da enseada a principal escala, frequentada das náos, que navegão a Meca, cuja viagem fez aos Mouros grata a Religião, e o comercio. He a Cidade apartada da terra firme por hum esteiro, que em torno a vai cingindo; pela qualidade do terreno he forte, e ajudando-se da arte a natureza, a faz mais defensavel. O esteiro, que a rodea, faz duas bocas, huma ao Norte, que por ser aparcelado, e baixo, he ao serviço inutil; outra ao Sul, tambem desacommodada pela aspereza do rochedo, em que bate. Tem outro canal na face da Ilha, aonde podem ancorar navios, e deste recebe a Cidade mais commoda passagem. Não segui a fórma, em que a descreve João de Barros, por se haver alterado com a differença dos Mouros que a senhoreárão, fortificando-a cada huns delles com varia disciplina, conforme o juizo, ou variedade dos tempos lhes ensinava.

Entrado Coge Çofar na Cidade com oito mil soldados, muitos delles Turcos, trazidos a seu soldo, sessenta peças grossas, em que entravão dezoito basiliscos, com munições, e

bastimentos de homem que antevia a duração do sitio. Trazia mil Janizaros no campo com aventajado soldo, os quaes com sua ordinaria soberba desprezavão a empresa, accusando o temor de Çofar, em convocar soccorros, e inquietar as armas do Grão Senhor contra quatro miseraveis Christãos, defendidos de huma fraca parede, com os quaes nem na peleija se ganhava honra, nem na victoria despojo. Coge Çofar nem louvava, nem reprendia o animo dos Turcos, mas da victoria fazia mais incerto juizo, ensinado do temor, ou da experiencia, e no abrir as trincheiras, plantar batarias, formar esquadrões, mostrou que era soldado; e logo que teve posto sitio á fortaleza, fez aos Turcos huma breve pratica, dizendo:

Pratica de Coge Çofar aos seus.

« Companheiros, e amigos, não « vos ensinarei a temer, nem a des- « prezar esses poucos Portuguezes, « que dentro daquelles muros es- « tais vendo encerrados, porque não « chegã a ser mais que homens, ain- « da que são soldados. Em todo o « Oriente atégora os acompanhou, ou « servio a fortuna; e a fama das pri- « meiras victorias lhes facilitou as « outras. Com hum limitado poder

« fazem guerra ao mundo, não po-
« dendo naturalmente durar hum Im-
« perio sem forças, sustendado na opi-
« nião, ou fraqueza dos que lhes são
« sugeitos. Apenas tem quinhentos
« homens naquella fortaleza, os mais
« delles soldados de presidio, que
« sempre costumão ser os pobres, ou
« os inuteis; por terra não podem
« ter soccorros, os do mar lhes tem
« cerrado o inverno. Estão faltos de
« munições, e mantimentos, asse-
« gurados na paz, ou na soberba;
« com que desprezão tudo. Como são
« poucos, sempre naquelle muro hão
« de assistir os mesmos defensores,
« sem haver soldado reservado para
« o lugar de outro; falta-lhes peona-
« gem para reparar as ruinas da nos-
« sa bataria, e por força os ha de
« render o trabalho repartido em tão
« poucos. Estão insolentes com o des-
« troço que fizerão nas galés do Grão
« Senhor no cerco desta mesma for-
« taleza. A tão honrados Turcos, e
« valentes Janizaros, como estais
« presentes, toca acudir pola honra
« de vossa gente, e de vosso Impe-
« rio, como causa mais justa da guer-
« ra, que fazemos; que ainda que
« Cambaia tem exercitos, e solda-

« dos, não convem á reputação do « Grão Senhor vingar suas injurias « com as armas alheas. Com este fim « vos trouxe a esta empreza, porque « vos não furtassem outros a gloria de « tão justa vingança. Esta mesma ter- « ra, que agora estais pisando, cobre « os ossos de vossos companheiros, « parentes, e amigos, que a cada hum « de nos (me parece) estão chaman- « do por seu nome, contando-nos as « mortes, e as feridas, que destes ho- « micidas recebérão, esperando por « vosso esforço poderem descansar vin- « gados. Estes mesmos são os matado- « res de Badur, ingratos aos benefi- « cios, atrevidos á Majestade de Prin- « cipe tão grande, cuja vingança será « grata a todos os que se chamão « Reis, precisa a todos os que somos « vassallos. »

Insta de novo ao Capitão de Dio.

Acabada esta pratica, ou querendo justificar mais a guerra, ou ganhar tempo para esperar soccorros, tornou a tentar o animo de Dom João Mascarenhas, com condições mais graves, instando na porfia de levantar o muro, e pedindo, que as náos do Soltão, seu senhor, pudessem navegar livres sem cartazes de nossos Generaes; injuria, que o Soltão tolerava

como amigo, e não podia sofrer como Monarcha. Pedio mais, que as náos de mercadores não fossem obrigadas tomar aquelle porto; liberdade que devia outorgar em beneficio do commercio. Dom João Mascarenhas lhe respondeo, que entre tambores, e bombardas não se fazião acordos de amizade; que aquella fortaleza estava costumada a dar leis a todos, e não a recebelas de ninguem; que em breve esperava castigalo, como a quebrantador das pazes, e que então sofreria a seu pesar condições mais duras, escritas com o sangue de seus mesmos Janizaros.

Reposta do Capitão.

Já neste tempo o Governador tinha feito aprestar nove embarcações com estranha brevidade, dizendo aos soldados, que occasião tão honrada só a havia de fiar dos seus mimosos; que elle trocára agora as prisões de seu cargo, pola liberdade de qualquer soldado; que ainda que estava resoluto em ir descercar Dio, não podia negar as envejas que tinha aos que primeiro que elle havião de vir a braços com os Turcos. E logo chamando a seu filho Dom Fernando, lhe disse em sala publica: « Eu vos mando, « filho, com este soccorro a Dio,

O Governador manda a Dio a seu filho D. Fernando.

« que pelos avisos que tenho, hoje « estará cercado de multidão de Tur- « cos; pelo que toca a vossa pessoa « não fico com cuidado, porque por « cada pedra daquella fortaleza arris- « carei hum filho. Encomendo-vos « que tenhais lembrança daquelles de « quem vindes, que para a linhagem « são vossos avós, e para as obras « são vossos exemplos; fazei por me- « recer o apellido que herdastes, acor- « dando-vos que o nascimento em « todos he igual, as obras fazem os « homens differentes; e lembro-vos, « que o que vier mais honrado, esse « será meu filho. Esta he a benção « que nos deixárão nossos maiores, « morrer gloriosamente pola lei, « polo Rei, e pola patria. Eu vos « ponho no caminho da honra, em « vos está agora ganhala. » Com isto lhe lançou a benção, e o enco- mendou a Diogo de Reinoso hum dos mais valentes Cavalleiros que passárão á India. Neste soccorro foi Sebastião de Sá, filho de João Rodriguez de Sá, que nesta occa- sião, e em outras deu de seu valor hum testemunho illustre. Com elle passou Dom Francisco de Almeida, filho de Dom Lopo, a acompanhar

dous irmãos, que tinha já em Dio. Com o mesmo soccorro forão, Antonio da Cunha, Pero Lopez de Sousa, Diogo da Silva, Jorge Mascarenhas, Antonio de Mello, e outros muitos fidalgos, que naquelle tempo andavão apoz os perigos, como se lhes fugírão.

Escreveo o Governador a Dom João Mascarenhas huma carta mui honrada, dizendo-lhe, quanto maior cousa era nesta occasião ser Capitão de Dio, que Governador da India; que naquelle soccorro lhe mandava seu filho Dom Fernando, para que depois no Reino, entre as vanglorias da velhice, contasse que fora seu soldado, que estivesse certo, que todas as forças do Estado se havião de empenhar na defensa daquella fortaleza; que naquelles navios hião muitos fidalgos moços, cujo orgulho devia moderar, porque a obrigação dos cercados só era defender-se; que alli lhe mandava munições, que bastavão a esperar segundo soccorro, dous engenheiros, e muitos officiaes mecanicos para reparar as ruinas da bataria, com os instrumentos, e materiaes convenientes; no que Dom João de Castro não só mostrou zelo de ministro, mas pra-

tica de soldado, antevendo as necessidades do sitio, e occorrendo a todas.

Reparte o Capitão de Dio os postos da fortaleza.

Já neste tempo Dom João Mascarenhas tinha mandado quebrar a ponte, que dava serventia, por cima da cava do baluarte Sanctiago á outra banda, mandando fazer outra levadiça. A torre de Sanctiago entregou a Alonso de Bonifacio Escrivão da Alfandega; o Baluarte S. Thomé a Luiz de Sousa; o de S. João a Gil Coutinho; o que ficava sobre a porta a Antonio Freire; e outro baluarte Sanctiago, que descubria o rio, a Dom João de Almeida com seu irmão Dom Pedro de Almeida; o de S. Jorge a Antonio Peçanha; a Couraça pequena a João de Venezeanos; a grande a Antonio Rodriguez. Por estes Capitães repartio cento e setenta soldados, ficando elle de sobre rolda com trinta, para soccorrer as estancias. Com tão pequenas forças esperava D. João tão numeroso poder, como contra si tinha, dispondo com tanta segurança a defensa, que lhe não fazia o perigo temor, ou novidade. Com as munições e mantimentos mandou ter grande conta, pela contingencia em que estava de poder receber outros com os estorvos do tempo, e do inimigo.

Entre os escravos, e outra gente inutil para tomar as armas, repartio o trabalho de acudirem ao muro com lanças, panelas de polvora, pedras, e mantimento, por desviar aos soldados de outra occupação mas que a da peleija. Neste serviço entreteve os meninos, os velhos, e as mulheres, para que na fortaleza não houvesse pessoa inutil, ou ociosa, pola idade, ou sexo. E logo juntando os soldados no terreiro da fortaleza, lhes disse com alegre semblante:

« Esses Turcos, e Janizaros, que « deste lugar estamos vendo, vem a « restaurar comnosco a honra que no « primeiro cerco perdérão; porém nem « elles valem mas que os que então forão vencidos, nem nós valemos menos que os vencedores. « Eu vos confesso, que me criei sempre com a enveja do menor soldado que defendeo esta praça; pois « ainda agora a memoria de seu valor, honra seus descendentes, que « menos conhecemos pelo appellido, « patria, ou solar, que por filhos, « ou netos daquelles que tão gloriosamente acabárão, ou triumphárão em Dio. Os mas illustres honrárão sua familia; os mas hu-

E falla a seus soldados.

« mildes derão a ella principio. Trou-
« xe-nos a fortuna esta empresa áquel-
« la nada dessemelhante; não sepultá-
« rão comsigo aquelles valerosos Portu-
« guezes toda a gloria das armas, ain-
« da nos deixárão esta, que nos fará
« illustres. Não nos assombre a desi-
« gualdade do poder, porque a fama
« não se alcança com perigos vulga-
« res. Navegamos cinco mil legoas
« só a buscar este dia, para nelle ga-
« nhar a honra, que nos não podem
« dar os Reis, nem as gentes; por-
« que os Reis dão premios, não dão
« merecimentos. Não nos faltão muni-
« ções, nem mantimentos para en-
« treter o cerco até chegar soccorro;
« e ainda que andão os mares le-
« vantados, por serem os tempos ver-
« des; temos hum Dom João de Cas-
« tro, que por debaixo das ondas
« virá com a espada na boca a soc-
« correr-nos, e tantos outros fidalgos,
« e Cavalleiros, que terão por inju-
« ria ganharmos nós sem elles a hon-
« ra que se nos offerece, com a qual
« não temos que esperar mais da for-
« tuna, pois seremos contados no nu-
« mero daquelles, que ao Rei, e
« á patria fizerão algum memoravel
« serviço, cuja honra viemos a sus-

« tentar do ultimo Occidente a tão re-
« motas partes. E o que mais he que
« tudo, peleijamos com inimigos de
« nossa Fé, e não nos pode faltar favor
« para tão justa causa, pois servimos ao
« Deos das victorias. »

Acabada a pratica, se ouvio logo no campo dos Turcos huma grossa salva, com que Coge Çofar festejava hum soccorro de dous mil infantes, que lhe havião chegado de Cambaia, todos soldados velhos, que fazião o soccorro maior na qualidade, que no numero. Acompanhavão esta gente, entre outros, dous Capitães Mogores pessoas entre os seus de grande nome. No mesmo dia entrou grão parte da nobreza da Corte, que se alojou separada do Campo, em mui lustrosas tendas, com tal concerto, que não devião nada á policia de Europa. Os nossos com a desestimação da vida divertião o horror de tantos apparatos, animando-se com discursos conformes ao tempo, tirando da necessidade conselho para as cousas presentes. Entrão mais soccorros ao inimigo.

Ao seguinte dia, que foi Quinta feira maior deste anno de mil quinhentos quarenta e seis, amanhezeo vezinho a fortaleza hum baluarte entulhado de terra amassada, com Começa a bater a fortaleza.

suas bombardeiras, e nellas algumas peças grossas, e por cima do muro quantidade de sacas de algodão, forradas de couros crús para fazerem resistencia ao fogo; maquina que espantou aos nossos, pelo silencio, e brevidade com que se havia obrado; mostrando bem, que não era esta fabrica desenho de multidão barbara, e confusa; porque em todo o conflicto mostrárão igual o valor á disciplina. Logo começárão a bater ditosamente a nossa fortaleza, porque nos cegárão quatro peças, das quaes a sua bataria recebia mais dano.

Estratagema do inimigo em huma náo.

O bom successo deste dia lhes deu para os outros conselho, formando em cinco noites cinco fortes em proporcionada distancia, para darem geral assalto por brechas differentes, a que não podião resistir divididos tão poucos defensores. Ao designio pudera responder o successo, se o nosso forte do mar, que estava a cavalleiro dos seus, lhes não fizera tanto dano, que julgarão lhes convinha acudir primeiro ao reparo, que a offensa. Callárão as bombardas dous dias, em quanto para segurança da primeira fabrica, maquinárão segunda. Lançárão ao mar huma náo alterosa chea de polvora,

alcatrão, e outros materiaes dispostos ao fogo; estes dispuserão na primeira cuberta, como ardil reservado para segundo intento, por cima delles fizerão huma grande esplanada, onde podião peleijar quasi duzentos homens, para com elles intentar a escala, ficava a náo senhoreando o forte, donde com a ventagem do numero, e lugar da peleija, entendião que serião os nossos entrados facilmente; e quando a resistencia fosse tão porfiada, deixada a náo, lhe pegarião fogo, que ateado no forte, o abrazaria, sem dano, nem perigo dos seus; e que logo occupadas as ruinas, que deixasse o fogo, sobre ellas levantarião outro; onde se pudesse bater a nossa fortaleza, ficando os seus baluartes seguros deste padrasto, com que poderia laborar sem dano a sua artelharia. Estratagema inventado com militar discurso.

Da obra, e do invento teve o Capitão mór aviso por espias que trazia no campo, e chamando o Capitão do mar Jacome Leite, soldado de grande confiança, lhe disse, que lhe não queria roubar a honra que tocava a seu posto; que estimasse, que a primeira facção deste cerco fosse sua; e

Desbaratada pelos nossos.

praticando-lhe tudo o referido; lhe ordenou, que na segunda vigia da noite, tivesse tudo a ponto. Sahio Jacome Leite na hora determinada, com dous catures, e trinta soldados, remando a vóga surda, e emproando com a náo, a começou a servir de muitas panelas de polvora; virão os Mouros seu perigo com o mesmo fogo, que os estava abrasando, e acudindo ás armas, turbados do temor, e do sono, se defendião com huma resistencia timida, e confusa, impedindo-se huns aos outros com as vozes, e desacordo, causado do subito acomettimento. Alguns se começárão a lançar ao mar, estes fizerão aos outros caminho, e exemplo; em fim entre queixas, e alaridos despejárão a náo, fazendo pôr em arma o campo todo. Teve Jacome Leite tempo para dar hum cabo á náo, e trazela atoada; a quem o Capitão mór deu muitos abraços, e louvores, estimando este successo por dar á guerra tão ditoso principio. Os Mouros ordenárão que se continuasse a bataria a risco aberto, custando-lhes cada pedra que derribavão da fortaleza, soldados, e artilheiros. Não fazia a sua bataria dano consideravel, só o

He trazida á fortaleza.

baluarte Sanctiago, ou por mas fraco, ou por melhor batido, estava por duas partes aberto, e já com roturas capazes de se entrar por assalto, se bem os de dentro se reparavão com alguns travezes, fazendo reparos do entulho que furtavão de noite.

Continuava a bataria não sem effeito, porque já se via o muro por muitas partes aberto, por todas aballado, e não podia pelas ameas assomar soldado, que não fosse encravado das settas do inimigo, ou ferido das ballas, que erão tantas, que parecião huma continuada salva: doendo pouco a Coge Çofar despender munições, e arriscar soldados, como quem de tudo estava prevenido, e sobrado. Tambem da fortaleza lhe respondia a meudo a nossa artelharia com mais dano, porque como era tanta a multidão dos Mouros, nenhuma balla se jogava perdida.

Instavão os Turcos, porque se désse o assalto, porque já em muitos lugares pelas ruinas da bataria, se podia subir ao muro; porém Coge Çofar os detinha, ou esperando maior poder, ou querendo, que o trabalho, e feridas quebrantassem o orgulho dos nossos, cuja furia esperava domar com

lentas armas, apurando as forças, as munições, e ainda a paciencia dos cercados; discurso, que não era de todo errado, porque o inverno, que começava furioso, impossibilitava os soccorros necessarios, e forçosos desde o primeiro dia, em razão de que os descuidos da paz, e a subita invasão do inimigo, tinha os nossos menos apercebidos para soster o peso desta guerra; sendo nesta parte tão demasiada a nossa confiança, que depois do cerco de Antonio da Silveira, só com o respeito daquella victoria, se defendia a praça; e Dom João Mascarenhas se achava só com quarenta barris de polvora de bombarda, e vinte de mosquete; a estreiteza de mantimentos, como de homens, que primeiro virão a guerra, que a esperassem; os defensores erão duzentos, os mais delles soldados de guarnição, a quem a gloria deste cerco deu a primeira fama.

Chega D. Fernando a Dio.

Trazião ao Capitão mór sollicito o estado das cousas, e a incerteza dos soccorros, que importava encobrir tão cautamente aos de casa, como aos de fora: e não queria nos principios do cerco taixar os mantimentos, e munições, vendo por huma

parte ser danoso, e por outra preciso; quando as vigias lhe vierão dar aviso, que a huma vista parecião nove velas, e que pela feição dos vasos mostravão serem nossas. Chegárão os soldados todos ao muro com o alvoroço desta nova, causando variedade nos juizos a distancia da vista, e cerração do tempo; porém dentro de huma hora divisárão as bandeiras de quadra, e logo com as armas Reaes a Capitania, que com os ventos ponteiros, vinha forçando as ondas em demanda da nossa fortaleza. Vinhão todas com flamulas, e galhardetes, empavezadas, e guerreiras. Salvárão logo as torres, donde lhes responderão com a mesma cortesia naval. Os Mouros lhes tirárão muitas peças de terra, em quanto davão fundo. Forão desembarcando as munições, e mantimentos, traz elles os soldados, e o ultimo de todos Dom Fernando, ou fosse instrucção do pai, ou brio do filho.

O Capitão mór depois de receber aquelles fidalgos, como companheiros de sua fortuna, sabendo que vinha alli Dom Fernando, o foi buscar ao navio, e o encontrou na escada da fortaleza, por onde já sobia, e le-

D. João Mascarenhas o recebe.

vando-o nos braços, lhe disse palavras accomodadas ao lugar, e tempo, e offerecendo-lhe sua mesma pousada, a não quiz aceitar Dom Fernando, pedindo-lhe, que aquella honra lhe poupasse para o tempo da paz, que agora o baluarte mais arriscado havia de ser a sua guardaroupa, porque lhe não prestaria o sono hum passo desviado da muralha. Dom João Mascarenhas o tornou a abraçar, espantado de ver espiritos varonis em annos tão verdes.

Vinha nos navios quantidade de polvora, armas, e bastimentos; com que se podia entreter o cerco até outro soccorro; tambem se lembrou o Governador de mandar aos enfermos, e feridos, remedios, e regalos. Mostrou o Capitão mór aos soldados a carta do Governador, em que (como dissemos) o assegurava de sua vinda, para a qual se ficava aprestando com a maior diligencia, e forças, que sofria o Estado; o que deu corações novos aos cercados, com que já as necessidades, e aprestos da guerra mostravão outro semblante; a qual se hia continuando, recebendo Coge Cofar cada dia soccorros, e traçando artificios; para que tinha conduzi-

do engenheiros de differentes partes, que a emulação, e premio incitava a inventar cousas novas, que fazião os nossos mais attentos ao perigo occulto, que ao descuberto.

Porém o Governador, logo que despedio seu filho D. Fernando, mandou pregoar guerra, a fogo, e sangue contra ElRei de Cambaia, como perjuro, e quebrantador da paz, que tinha com o Estado, e isto com instrumentos militares, e solemnidades legaes, para fazer publicas, e justificadas as causas de huma guerra, que tinha attentos os juizos do Oriente todo. Escreveo aos moradores de Baçaim, lembrando-lhes, que como mais vezinhos lhes tocava a obrigação de soccorrer a Dio; que as outras praças acodião ao perigo do Estado, elles ao seu proprio, pois as bombardas, que batião a Dio, abalavão os edificios de Baçaim; que elle se aprestava para hir descercar a fortaleza, e fazer a Cambaia as hostilidades possiveis, porque o Estado nunca fizera guerra defensiva aos Reis do Oriente; que lhes pedia estivessem promptos para o acompanhar com navios, e gente, como de tão honrados Cidadãos, e leaes Portuguezes, se devia

Publica o Governador guerra contra Cambaia.

esperar; que o serviço de cada hum deixava em seu mesmo arbitrio, entendendo, que qualquer delles, com a fidelidade, e amor de seu Rei, excederia a possibilidade.

Na mesma forma escreveo a todas as praças, de que podia receber soccorros, achando os animos dispostos a servir, e despender as fazendas: felicidade, que contaremos por singular em seu governo, como em differentes successos mostrará a Historia.

Emprestimo que pede aos mercadores.

Começou a dar grande calor aos aprestos da armada, e achando o Estado pobre para tantas despesas, pedio aos mercadores grandes sommas sobre sua verdade, que era o ouro, e diamantes, que só enthesourára; prenda sobre a qual os homens de negocio lhe offerecião tudo; e não sei se entre os poderosos correm hoje fazendas desta lei em tanta estima.

Recorre a Deos com Preces publicas.

Mandou fazer orações publicas, e secretas, pedindo a Deos amparasse a causa dos Fieis, pois era sua, fiando mais dos sacrificios, que das armas. Discorria de ordinario com os soldados de experiencia sobre as cousas de Dio, não se inclinando ao voto mais autorisado, senão ao mais experto.

Em Dio não descansavão as armas.

Foi o Capitão mór avisado, que no exercito se esperava por huma grande cafila de mantimentos, que se havião de carregar por aquella Costa de Balzar até Damão; o que entendido, despedio o Capitão de mar Jacome Leite com tres navios, para que a fosse esperar até a Ilha dos Mortos; o qual sahindo de noite pela barra foi correndo a costa, na qual tomou muitas Cotias, que vinhão bastecer o exercito, passou os Mouros á espada, excepto alguns que reservou, para trazer enforcados nas vergas dos navios, quando entrasse a barra; o que assim se fez, dando com elles ao exercito huma lastimosa vista, certificado mais do successo com o fogo em que vio arder as Cotias; os mantimentos se recolhérão na fortaleza, que era a droga mais importante para o tempo.

Tomão-se aos inimigos muitos mantimentos.

Tinha já Coge Çofar perdido muita gente, sem ver na fortaleza, nem nos animos dos cercados quebra, que lhe desse esperanças de ganhala; os nossos passeavão no muro com galas, e plumagens, que mostravão o gosto, ou desprezo da guerra que sostinhão. Vendo Coge Çofar que estavamos senhores do mar com tão pequenas for-

ças, e que as provisões, que recebia o exercito, vinhão furtivas, e arriscadas, mandou sahir huma armada da barra de Surrate, a qual encontrou tres embarcações nossas, que de Baçaim, e Chaul vinhão prover a fortaleza, peleijárão os Portuguezes desesperadamente; mas como era tão desigual o poder, os mais ficárão mortos vendendo tão bem as vidas, que não tiverão os Mouros que festejar na presa, ou na victoria. D. Fernando de Castro pedio ao Capitão mór licença para sahir ao inimigo em alguns navios do soccorro, que lhe não deu, por entender seria diligencia perdida, porque o inimigo fez aquella sahida furtado, e se recolheo logo.

O Capitão de Dio avisa por terra a ElRei.

Tratou Dom João Mascarenhas de avisar por terra a Sua Alteza do estado das cousas, para o que se lhe offereceo hum Armenio pratico na lingua, e costumes dos Mouros; o qual despachou em hum Catur ligeiro, para que o lançasse na costa de Por, e dahi em trajos de Jogue (que entre elles he habito religioso, e pobre) se passasse ao Cinde, e dahi a Ormuz, com cartas ao Capitão. Este fez a jornada em companhia de mercadores de Baçora, que o passárão a Babilonia pelo rio Eufrates, onde ha-

via de esperar as cafilas, para atravessar os desertos da Arabia.

Continuava Coge Çofar as obras da fortificação com não menos perigo que trabalho, e com porfia tão barbara, e cruel, que os mesmos corpos dos gastadores, que os nossos matavão, lhe servião ao entulho, usando tão deshumana disciplina, quiçá por encobrir o dano, que começava já a ser conhecido no exercito, se bem se restaurava com quotidianos soccorros, que por horas engrossavão o campo. Mandou Coge Çofar assestar nas estancias sessenta peças grossas, em que entravão Basiliscos, Salvagens, Aguias, e Camelos, sem outra artelharia miuda, de que era maior o numero. Aos cinco baluartes, que havia levantado, assegurou com novos muros, cobrindo os gastadores com paredes torcidas em tantas voltas, que os não podia pescar a nossa artelharia. Com este artificio chegárão os Mouros a senhorear a cava da fortaleza, onde assentárão dezoito Basiliscos, com que tirárão quinze dias continuos, fazendo na fortaleza tal estrago, que os nossos, por ultimo remedio, se reparavão com suas mesmas ruinas, fazendo contramuros, e

Senhoreão os inimigos a cava.

reparos das pedras derribadas.

Tinhamos já perdido oitenta homens, e mais de cento feridos; e pela estreiteza, e ruim qualidade dos mantimentos, muitos andavão enfermos. As municões em grande parte gastadas, tinhão reduzidos os nossos a perigoso estado; o que entendido por Coge Çofar de alguns escravos, que fugírão da fortaleza, mandou reforçar as barias, crendo, que não poderião durar os animos em tão quebradas forças; e logo como homem, que queria partir com seu Rei os mimos de sua fortuna, avisou ao Soltão, que estava em Champanel, que se viesse ao campo para lhe entregar a fortaleza com o primeiro assalto. Na fé desta promessa acodio o Soltão com dez mil de cavallo, e grão parte de sua Corte, onde foi recebido com huma salva Real, a volta de muitos instrumentos de guerra, e de alegria; consonancia, que os nossos ouvião, aos animos temerosa, aos ouvidos barbara.

Chega o Soltão com muita gente.

Pareceo aos nossos, que a alegria do campo solemnizada com duplicadas salvas, seria no recebimento dos Turcos, que esperavão. Logo D. João Mascarenhas ordenou a Fernão Carvalho Capitão do forte do mar, que

mandasse huma almadia a tomar lingua, para saber os passos do inimigo, porque as espias que trazia no campo, ou se havião feito dobres, ou erão descubertas; o que se fez na mesma noite, trazendo-nos hum Mouro, que referio a vinda do Soltão, as promessas de Coge Cofar, e confianças da empresa. Mandou o Capitão mór soltar o Mouro, e que disesse a ElRei de Cambaia, que lhe pedia se detivesse no exercito, porque esperava hir-lhe pagar a visita a seus alojamentos. O Mouro se foi contente com a liberdade, e assombrado com a reposta do Capitão mór. Foi o Mouro levado ante Mahamud; e referindo as palavras do Capitão, lhe disse, que os Portuguezes tinhão a fortaleza derribada, e os animos inteiros.

Coge Cofar mandou continuar a bataria, et dizer a Dom João Mascarenhas por Simão Feio (hum prisioneiro nosso, que contra as leis da guerra havia represado) que se espantava de o ver encurralado, sem sahir a peleijar ao campo, como fazia o bom Cavalleiro Antonio da Silveira, que mal respondião as obras ás palavras; a qual mensagem os soldados com pelouros respondérão do muro. Cin

co horas durou a bataria, fazendo no edificio já aballado, estrago grande. Porém as nossas peças lhe respondérão com maior dano, e com melhor fortuna, porque dentro na tenda do Soltão, huma balla perdida matou hum Mouro, com quem o mesmo Soltão estava praticando; e como estes Mouros Orientaes são credulos em agouros, tomando ElRei o caso, como aviso de algum máo successo, quiçá, cubrindo com a superstição o medo, sahio logo do campo deixando a Juzarcão, hum Abexim valente, que nas guerras do Mogor tirára soldo contra Soltão Mahamud, e agora como soldado mercenario, fora chamado com algumas ventagens a servir nesta guerra.

Retira-se e fica Juzarcão em seu lugar.

Partido ElRei do arraial, mais bellicoso na paz, que no conflicto, retirando-se na mesma Ilha á quinta de Melique, dava calor aos soccorros, que cada dia reforçavão o campo; porém Dom João Mascarenhas, que polo aperto do sitio, não tinha avisos certos dos designios do inimigo, praticou com os Fidalgos, e Cavalleiros quanto importava tomar alguma lingua. Ouvio esta pratica Diogo de Anaia Coutinho, hum Fidalgo que vivia do soldo, porém com espiritos

Acção notavel de Diogo de Anaia.

mui dignos de seu sangue; este se offereceo ao Capitão mór, e lançado do muro por huma corda, assegurado do escuro da noite, encaminhou aos quarteis do inimigo, e a poucos passos vio junto a si dous Mouros, que estavão praticando; duvidou de os acometter, porque trazer dous não era possivel, peleijar com elles não convinha; porém tomando da occasião conselho, derribou com hum bote de lança a hum delles, e abraçando-se com o outro, que se defendia bradando, mordendo, e forcejando, o levou até ás portas da fortaleza, onde achou o corpo de guarda, que entre louvores, e envejas o levárão ao Capitão mór com o seu prisioneiro. Referirei agora a circunstancia, por ser maior que o caso. Levou Diogo de Anaia prestado hum capacete de hum soldado, e vendo-se na fortaleza sem elle, crendo, que com a luta, e bracejar do Mouro o perderia, se tornou pela mesma corda a derribar do muro, e buscando-o á vista de hum exercito já alterado, o recolheo, e trouxe, tão temerario, como ditoso.

Pelos avisos do Mouro, soube o Capitão mór, que Coge Çofar, e

Juzarcão, hum valente, e outro desconfiado, fizerão reciprocos juramentos a Mafoma de ganhar Dio, ou acabar na empresa, dizendo, que se nos não podião soportar amigos, mal nos poderião sofrer victoriosos. Com a continuação da bataria, lhe rebentárão muitas peças, em lugar das quaes encavalgárão outras, batendo furiosamente os baluartes S. João, S. Thomé, e Sanctiago, de que erão Capitães Dom João de Almeida, Luiz de Sousa, e Gil Coutinho, os quaes sempre com as armas vestidas, sobre ellas mesmas tomavão algum breve repouso, sempre constantes no perigo, e ao trabalho promptos.

O baluarte Sanctiago, como mais fraco, fez maiores ruinas, e já nelle podião os Turcos peleijar quasi iguaes aos nossos; não ficou na fortaleza parapeito, nem amea, que não fosse arrasada; e do baluarte S. João até o de Sanctiago, todo o lanço do muro estava aberto, com que ao trabalho do dia succedia o da noite; sendo impossivel, e forçoso tão poucos defensores, com tão quebradas forças, reparar em poucas horas o estrago de huma fortaleza por tantas partes rota; porém todos conformes se dispunhão

ao trabalho, que não podião vencer, nem escusar.

Acudírão as mulheres da fortaleza a acarretar os materiaes para a defensa, sobindo sem temor ao muro; tropeçando em lanças, espadas, e pelouros, vencendo a natureza, e o sexo, como se trouxerão corações varonis em habitos alheios; taes houve, que vestindo armas, fizerão aos inimigos rosto, correndo da agulha á lança, do estrado á muralha; entre todas mereceo maior gloria Isabel Fernandes, a quem nossos Escritores em lugar de elogios, que honrassem sua memoria, chamão a Velha de Dio; celebre por este nome nos annaes, ou memorias do Oriente. Despendeo parte de seus bens esta grande matrona em mimos, e regalos, com que no mais vivo do conflicto, alentava aos soldados, exhortando-os a defensa, e a peileija, com razões maiores, que de hum espirito, e juizo feminil. Em fim a diligencia destas matronas servia de alivio no trabalho, nos perigos de exemplo, acodindo a qualquer obra servil, ou arriscada que fosse, promptas, e opportunas.

Valor das mulheres de Dio.

Vendo Coge Çofar, que tudo quanto suas armas arruinavão de dia, nos-

sa industria reparava de noite, maquinou hum artificio mais sutil pela traça, que útil pelo successo. Defronte do baluarte S. Thomé, que pela materia, e disposição do sitio estava mais aberto, determinou levantar outro, que lhe ficasse igual, ou eminente, para que batido pelo alto derribasse as ameas, tolhendo peleijar aos defensores, e ainda de noite, poder fazer reparos, ficando as peças para aquella parte assestadas de dia, com pontaria certa. Mandou logo trazer montes de terra, e rama para entulhar a cava, fortalecendo a esplanada com troncos de arvores grossas para lhe assegurar o terrapleno. A quantidade dos gastadores, que servião o campo, era outro novo exercito, com que a obra medrava sem tempo, e sem medida. Entretanto a artelharia do nosso baluarte jogava com dano do inimigo, porque como esta peonagem servia amontoada, e descuberta, não se tirava da fortaleza tiro algum perdido.

Reparou Coge Çofar no dano, por ser grande, ordenando, que na obra se trabalhasse de noite, para que tirando os nossos com pontaria incerta, e vaga, fosse menor o effeito, man-

dando fazer maior ruido onde se obrava menos, a fim de que os nossos artilheiros, guiados pelo ouvido, apontassem as peças ao tino do rumor, e dos eccos. O que entendido por Dom João Mascarenhas, mandou cobrir de luminarias a fortaleza, para que os gastadores, que trabalhavão amparados do escuro da noite, ficassem expostos ao mesmo perigo, que de dia. Porém Coge Çofar, que tinha pratica aprendida na milicia de Europa, mandou fazer estradas torcidas, e encubertas, por onde continuárão os Mouros mais seguros a elevação do forte, gastando a nossa artelharia ballas inuteis, e perdidas.

Deu o negocio ao Capitão mór cuidado, porque crescendo aquella maquina, não ficava na fortaleza lugar algum seguro, jogando a artelharia do inimigo a cavalleiro dos nossos baluartes, com que dos cercadores aos cercados, não havia no lugar ventagem, ficando os Mouros com a do número tão desigual aos nossos. Posto o caso em conselho, todos conhecião o perigo, e nenhum o remedio. Alguns com maior ousadia, que prudencia, votárão que sahissem os nossos, e lhes estorvassem a obra a

risco descoberto, sem ver que era maior o perigo que acomettião, que o de que se livravão. Poucos approvárão este conselho; nenhum sabia dar outro. Fizerão os nossos algumas sortidas, porém de pouco effeito, porque o inimigo poderoso, e vigilante, tinha com grossa escolta assegurados os postos aos gastadores; mas como nos apertos grandes costuma o perigo ser o melhor conselheiro, lembrou-se D. João Mascarenhas, que na fortaleza havia huma eminencia, que sobrelevava o forte S. Thomé, por cima do qual podia jogar a artelharia. Aqui mandou encavalgar algumas peças, as quaes tirárão com tão ditoso effeito, que em poucos dias derribárão aquella maquina, levantada, e caida com o sangue dos que a fabricárão. Porem como esta Hidra tinha tantas cabeças, emprendeo Coge Çofar a cava com as mesmas ruinas; o que lhe era mais facil, por ser obra que não havia mister medida, disposição, ou engenho.

Começárão dous mil piões a cobrir a cava com os materiaes do forte. Entretanto hum grande troço do exercito com dardos, settas, e espingardaria impedia os nossos assomar-se ao

muro. Cresceo a obra, e perigo nos cercados, porque como os altos da fortaleza estavão desmantelados, pouco que subisse o terrapleno, ficava igual ao muro. Desvelava-se o Capitão mór por lhe frustrar o intento, e vacillando nos meios convenientes, alguns velhos criados na fortaleza, lhe disserão, que no lugar onde estavão, tinha o muro hum postigo, que o discurso dos tempos cubríra com terra movediça, e que por aquella parte sem risco, e com facil trabalho se podia furtar o entulho. Pedia a necessidade execução prompta; mandou cavar o Capitão mór, e achou o postigo accommodado a seu intento. Sahião os nossos de noite, e furtavão o entulho por baixo, deixando a superficie vãa, que cobria os vazios, solidos na apparencia do inimigo; porém como aquella terra estava no ar violentada, trouxe-a seu mesmo peso ao centro, cahindo todo aquelle vulto fantastico á vista do inimigo.

Foi logo avisado Coge Çofar da industria, com que lhe frustramos tão custoso trabalho, e acudindo áquella parte, impaciente na contraposição que achava a todos seus desenhos, sahio da fortaleza huma balla perdida, Morre Coge Çofar de huma balla.

que no meio de hum esquadrão de Turcos, lhe levou a cabeça. Houve no exercito sentimento publico pela falta de tão grande soldado. Virão os nossos com destemperadas caixas, e arrastadas bandeiras dar sepultura ao corpo com todo o funeral militar, e politico, que ensinou a vaidade da guerra. Jurou logo seu filho Rumecão sobre o sangue do pai tomar justa vingança: que entre elles a dor, e a ira he a ultima piedade, que offerecem em sacrificio a seus defuntos.

Sucede-lhe Rumecão seu filho.

Succedeo Rumecão ao pai no odio, e cargo, continuando a guerra com a obrigação de General, e sentimento de filho, tão empenhado pela dor, como pelo officio. Mandou continuar por seis partes o entulho da cava, sendo por horas soccorrido o exercito de gastadores, bastimentos, munições, e soldados, crescendo por toda parte a obra que Rumecão esforçava, como disposição para nos dar o assalto. Tratou tambem de continuar a maquina, que o pai começára, contrapondo hum artificio a outro; lavrou seis estradas encubertas, que todas hião a parar no postigo da fortaleza, por onde os nossos lhe limpavão o entulho; estas hião fechar sobre a

ponte de madeira, que naquelle lugar tinhamos levantado para o mesmo intento de lhe furtar a terra, sobre que armavão a maquina, que temos referido: e sobre a ponte lançárão pedras, e traves, de tamanha grandeza, que a fizerão encurvar com o peso, e logo vir-se a terra, não sem dano dos servidores, que por debaixo della andavão recolhendo a terra. O que visto pelo Capitão mór, mandou cerrar o postigo, por ficar já esta serventia inutil, e evitar alguma subita invasão do inimigo, o qual sem estorvo continuava a obra, em quanto os nossos vacillavão em descobrir algum engenho, ou força, com que pudessem contrastar fabrica tão danosa, porque os Mouros com festas, e algazarras, mais mostravão gozar já da victoria, que esperala.

A estes cuidados succedião outros não menos pesados, porque já não havia na fortaleza duzentos homens defensores, huns rendidos do trabalho, outros de enfermidades, e feridas; mais necessitados de reparar as forças, que de offerecelas a segundo trabalho. E nos soldados ordinarios já a desconfiança hia abrindo porta ao temor. Faltavão munições, e man-

timentos; os mares verdes, o inverno furioso tiravão toda a esperança de soccorro, pois nem para o pedir, nem para o receber era o tempo opportuno.

O Vigario João Coelho vai ao Governador.

Era Vigario da fortaleza João Coelho, que sobre as virtudes do Sacerdocio, tinha resolução para emprender qualquer justo perigo. Este se offereceo ao Capitão mór (a quem era singularmente aceito) para, a despeito dos temporaes, tentar os mares, e aportando em Baçaim, ou Chaul, significar aos Capitães, com certeza de vista, o estado das cousas; e dahi avisar ao Governador por correios de terra, prometendo na fé do habito voltar a Dio com a primeira reposta, como fiel companheiro da fortuna de todos. O Capitão lhe mandou logo esquipar hum Catur com doze Marinheiros, onde o deixaremos lutando com as ondas, até darmos razão do successo que teve viagem tão animosa, e pia.

Os Mouros trabalhavão por força no entulho da cava, mas Rumecão cruel, e imperioso os mandava morrer, ou aturar no trabalho, de que recebião por premio, na mesma obra, miseravel sepulcro. Em fim chegárão a igualar a cava; e pelo baluarte de

Gil Coutinho, que se não podia entulhar, atravessárão grandes mastos com taboas pregadas, que lhes servião de ponte, para picar o muro, o que se lhes não pode defender com a artelharia, por trabalharem cubertos.

Ordenou logo Dom João Mascarenhas humas cadeas grossas, que do muro alcançassem a ponte, das quaes pendião muitas sacas de gunes envoltas em polvora, salitre, e outros materiaes faceis ao fogo, as quaes lançadas, ateárão na ponte com tal braveza, que logo a desfizerão. Acudio Rumecão a sustentar a obra com novo madeiramento, e maior copia de servidores, e soldados, huns que assistião á defensa, outros ao trabalho, a que os nossos se oppuzerão, dando-lhes miudas cargas de artelharia, e espingardaria, de que o inimigo recebeo grande dano; mas insistia Rumecão na obra tão porfiadamente, que por cima dos mortos fazia subir outros, que ainda que violentados, vencião o perigo com a obediencia. Chegou em fim por meio de tão custoso trabalho a igualar a cava.

Partidos que aos nossos offerece Rumecão.

Conhecendo pois Rumecão o estado em que nos achavamos pelos poucos defensores que occupavão os postos,

nos quiz tentar os animos crendo, que em tão perigoso estado nos ensinaria a razão, e a natureza, a não engeitar as vidas. Cerrada a noite, ouvirão os do baluarte Sanctiago bradar pela vigia, em lingua Portugueza, dizendo, que era Simão Feio, que queria fallar ao Capitão mór em negocio importante. Foi logo avisado Dom João Mascarenhas, e pondo-se com o soldado á falla, elle lhe disse, que era Simão Feio, que vinha mandado por Rumecão, que affeiçoado ao valor de tão grandes soldados, lhes queria poupar as vidas, que agora desesperadamente defendião; que bem via a fortaleza arruinada toda; a maior parte dos defensores enfermos, ou feridos, sem esperança alguma de soccorro, faltos de munições, e mantimentos; que não quizessem perecer obstinados, afeando com a temeridade dos fracos o muito que tinhamos obrado; que nos rendessemos, porque para gloria sua desejava conservar vivos tão valerosos inimigos; que nos faria todos os partidos honrados, deixando-nos com a liberdade as fazendas, e os navios para nossa passagem; o que não aceitando passariamos pelas leis da guerra,

e pelas licenças que dava nos estragos a ira, e a victoria. D. João Mascarenhas lhe respondeo, que a fortaleza onde estavão Portuguezes, não havia mister muros, que no campo raso a defenderião ao poder do Mundo; que esta verdade conheceria no primeiro assalto; que tratasse de pedir ao Soltão mais gente, e melhores soldados; que os Portuguezes desprezavão victorias tão pequenas; que as ruinas da fortaleza esperava reparar com cabeças de Turcos; que se lhe faltassem mantimentos, ao seu arraial os iria buscar como despojos; que em quanto seus soldados tinhão armas, não lhes podia faltar nada entre seus inimigos; que a boa passagem que lhes offer cia, esperava fazer cedo com a espada na mão por meio de seus esquadrões armados; e a elle Simão Feio dizia, que ainda que repetia forçado palavras alheas, não tornasse com segunda mensagem, porque o mandaria espingardear do muro.

Reposta do Capitão mór.

Vendo pois Rumecão, que dos perigos, trabalhos, e fomes, nos serviamos como de alimentos, injuriado no desprezo desta reposta, determinou dar o primeiro assalto. Amanheceo aos nossos hum temeroso dia, que

Assalta o inimigo o baluarte S. João.

foi aos dezanove de Julho deste anno de mil quinhentos quarenta e seis; em roda da fortaleza appareceo o exercito inimigo. Juzarcão com mil e quinhentos soldados escolhidos acometteo o baluarte São João, de que era Capitão Luiz de Sousa, acompanhado de D. Fernando de Castro, Sebastião de Sá, Diogo de Reinoso, Pero Lopez de Sousa, Diogo da Silva, Antonio da Cunha, e de outros Fidalgos, e soldados, que não passavão de trinta. Estes esperárão o primeiro impeto do inimigo com tanta gentileza, que rebatérão os primeiros oitenta que subírão, mostrando o dano que recebérão nas vozes, no sangue, e na cahida. Logo lhes succedérão outros, fazendo-lhes a subida mais facil os corpos dos que cahírão mortos. Juzarcão os inflammava com a honra, com o premio, com a vingança. Os ares feridos de instrumentos de fogo, e de vozes humanas, fazião nas paredes da fortaleza huma impressão medonha. A bataria continuava nos outros baluartes; em S. João, e S. Thomé o assalto; porque fossem mais faceis de render forças, sobre pequenas, divididas.

E o de S. Thomé.

Rumecão com os Turcos assaltou

o baluarte S. Thomé, de que erão Capitães Dom João de Almeida, e Gil Coutinho; e como gente pelo valor escolhida, pela nação soberba, arremetérão tão furiosos, que pelas lanças dos nossos intentavão subir atravessados, buscando pela morte a victoria. Elles tinhão a vantagem do numero; a do lugar os nossos; e os que tinhão cavalgado o muro, ou havião de entrar victoriosos, ou morrer estropeados, porque lhes era mais perigosa a retirada, que a peleija. O inimigo sempre com nova gente reforçava o assalto, os nossos valendo-se de humas mesmas forças, se mostravão superiores aos primeiros, iguaes aos ultimos. As mulheres acudião com armas, e panelas de polvora, vestindo os espiritos do tempo, não os da natureza. Algumas com regalos, e bebidas alentavão aos soldados, e não podendo mostrar esforço proprio, servião ao alheio. Taes houve, que com exhortações os animavão, merecedoras de forças varonis em corações tamanhos; mas nos feitos deste cerco contaremos os seus pelos mais raros, senão pelos maiores. Via-se hum monte de corpos mortos aos pés dos baluartes, huns desangrados do ferro,

e outros abrazados do fogo. Alguns agonizando entre a ira, e a dor, pedião vingança; e tal vez os que hião a satisfazelos, acabavão primeiro. Em fim os nossos este dia fizerão cousas maravilhosas, mais faceis de ajuizar pelo successo, do que pela escritura; porque sempre no particularizar accidentes, he a verdade incerta; mormente nos acontecimentos de guerra, onde a ira, ou o temor, e outros affectos, arrebatão o juizo de maneira, que apenas poderia cada hum ser Chronista fiel de suas mesmas obras.

Resistencia dos nossos.

Dom Fernando de Castro mostrou este dia esforço igual a seu sangue, maior que seus annos. Sebastião de Sá nos deixou de seu valor huma clara memoria, até que atravessado de huma setta ervada por hum joelho, cahio quasi mortal; e não podendo sustentar a peleija, não queria deixala. Foi em fim retirado dos companheiros com lastima, e enveja, deixando já nos inimigos seu sangue bem vingado. Todos em fim obrárão tão valerosamente, que este só dia bastava para os fazer soldados. Depois de duas horas de peleija, parecia que começavão o assalto, obrando Rumecão, como quem queria acabar a guerra

em hum só dia; mandou peleijar as nações divididas; ou para que a emulação as incitasse, ou por conservar melhor a obediencia, e elle mandando, e peleijando, com a voz, e com o exemplo os obrigava; e não se fartando do sangue, que via derramado, louvava os ousados, afrontava os remissos, mostrando entre o horror das armas, colera com acordo. D. João Mascarenhas se mostrou não só Capitão, mas ainda companheiro de todos nos maiores perigos, peleijando, e governando tão sabiamente, que não ficou devendo nada ao valor, menos á disciplina.

Vendo Rumecão os muitos mortos, que estavão em torno dos baluartes, e que os seus acudião já com obediencia mais remissa, mandou tocar a recolher; retirando com pressa os mortos, e feridos, como para cobrir aos seus o dano, aos nossos a victoria; porém delles mesmos soubemos, que perdérão quinhentos soldados neste assalto, muitos mais os feridos; dos nossos morreo hum só soldado, os feridos forão menos de vinte. Nesta desproporção se vê, que não se alcançou a victoria só com forças humanas, e que Deos defendia a causa como sua,

Retira-se o inimigo com perda.

sendo de seu poder nossas armas felices instrumentos; de que ainda nos mostrará a Historia argumentos maiores.

Recolhido o inimigo, chamou o Capitão mór os nossos a segundo trabalho: o qual lhes fez mais facil, ou a necessidade, ou a victoria. Era preciso reparar as ruinas da fortaleza; sendo as pedras, e o barro os leitos molles, em que os nossos havião de restaurar as forças já tão quebradas; acudírão todos faceis, e alegres ao serviço, a que o Capitão mór os obrigava com seu proprio exemplo, vencendo, depois dos inimigos, a mesma natureza. Amanheceo a fortaleza em parte reparada, respirando os nossos no trabalho, como em novo descanso, não lhes fazendo o peso das armas differença da noite ao dia. Ficou o inimigo tão cortado deste assalto, que se não atreveo em muitos dias vir com os nossos a braços; fazendo-o a experiencia mais cauto, ou temeroso. Tentava a fortaleza por momentos com algumas arremetidas leves para quebrantar os nossos com rebates continuos, e notar a disposição dos animos no occupar dos póstos; não cessava porém a bataria,

intentando enfraquecer-nos com hum lento assedio; mas como cada dia engrossava o campo com diversos soccorros, e o Soltão significava o empenho em que estava nesta guerra, resolveo Rumecão dar segundo assalto á fortaleza.

Recorre Juzarcão a superstições.

Considerando porém o dano, que havia recebido, peleijando com tão superiores forças, entendeo que o estrago dos seus devia ter causas maiores, para o que convinha aplacar o Propheta. Ordenou logo, que se tirasse huma bandeira com a figura de Mafoma, e com ella desse o exercito diversas voltas em torno da Mesquita, e com outras expiações barbaras, e ridiculas, tivessem a Mafamede aplacado, e propicio, cuja ira retardava aos seus a victoria. Fernão Carvalho Capitão do baluarte do mar, vio discorrer aquella noite o exercito com grão copia de luzes, ouvindo a tempos as vozes, e clamores, que logo paravão em subito silencio, e tornavão a rebentar em huns gemidos de multidão confusa, succedendo aos ais, e alaridos instrumentos de guerra; e nesta supersticiosa vaidade occupárão muitas horas da noite. Deu a Fernão Carvalho cuidado a novidade, de que

não pode fazer juizo. Avisou com tudo a Dom João Mascarenhas do que vira; que entendeo serião disposições para o assalto, ajudadas de algum barbaro culto, ou supersticioso rito, com que entendião conciliar a indignação de seu falso Propheta.

Outro assalto.

Apercebeo-se o Capitão mór para esperar esta segunda invasão do inimigo, achando a todos os soldados espiritos sãos em forças tão quebradas; os feridos, e enfermos desemparavão os leitos, e os remedios; mais promptos a buscar o perigo, que a saude. Dom João Mascarenhas obrava, e dispunha as cousas necessarias á defensa com valor, e juizo. Amanheceo o inimigo sobre a fortaleza (ainda mal declarada a luz do dia) com vozes, e alaridos medonhos, entre bellicos instrumentos, que fazia mais temerosos o silencio da noite. Vinha o exercito dividido em tres esquadras; trazião diante, entre outras, huma bandeira, em que estava figurado o seu Propheta, para que os incitasse juntamente a Religião, e a Regalia. Ao mesmo tempo assaltárão os baluartes S. João, e S. Thomé, e a guarita de Antonio Peçanha, com tanta furia, que lhes não deixava ver, nem

temer o perigo, porém forão recebidos dos nossos de maneira, que voltárão mais depressa do que havião subido, cahindo muitos mortos, os mais feridos, e outros abrazados do fogo. Ouvião-se as vozes de Juzarcão, e Rumecão, que incitavão a outros a escalar os baluartes. Estes subírão de refresco, favorecidos da escopetaria do exercito, innumeraveis settas, e outros tiros missivos. Aqui se ateou com grão calor o assalto, instando os Turcos por restaurar a opinião perdida, peleijavão estimulados da furia, ou da vergonha, porfiando a subir por entre o ferro, e fogo, como homens que estimavão a vida menos que a victoria; assim chegárão a igualar-se com os nossos, peleijando corpo a corpo sobre o baluarte.

Luiz de Souza, D. Fernando de Castro, com os Fidalgos, e soldados de sua companhia, derão este dia novo credito a nossas armas, obrando de maneira, que Rumecão os nomeava aos seus, humas vezes para exemplo, e outras para injuria. Os Turcos tinhão por momentos soccorros successivos; os nossos sempre os mesmos, tão valentes se mostravão aos ultimos, como aos primeiros. Fervia

a guerra em todos os lugares. Dos inimigos erão já muitos mortos, ou estropeados; porém o furor, e a ira, ou encobrião, ou desprezavão o dano; porque sobre o corpo daquelle que cahia, estribava outro o pé para arrojar a lança, ou peleijar mais firme, inventando o ardor, e a impaciencia da victoria, novas finezas, ou crueldades novas.

Entrão Turcos o baluarte S. Thomé.

Entrárão em fim o baluarte S. Thomé, que sustentárão por hum espaço largo, cahindo huns, e succedendo-lhes outros. Aqui foi grande a furia do inimigo, e tambem o estrago. Os tres irmãos, D. João, D. Francisco, e D. Pedro de Almeida, se mostrarão tão irmãos no valor, como no sangue, sustentando o peso de tantos inimigos o tempo que durou o assalto.

Os Turcos do terço de Rumecão peleijavão com os nossos corpo a corpo, iguaes no sitio, no numero maiores, o perigo accrescentou o esforço. Dos que entrárão o baluarte, poucos baixárão vivos, mas como tinhão já esta porta para a victoria aberta, a todo risco querião sustentala. Rumecão, como este era o primeiro favor que lhe derão as armas nesta guerra, com louvores,

e promessas acendia o orgulho dos Turcos. Entre os nossos se derramou huma voz, que o baluarte era ganhado; e esta fama, ou fosse ardil, ou caso, pudera perder a fortaleza, porque os que nas outras estancias peleijavão, quasi tinhão desemparado os postos por soccorrer o baluarte, que havião perdido; principalmente os que guardavão as casas da banda da rocha, acudírão com tanto impetu ao soccorro, que se aliviárão em parte os companheiros, que do trabalho, e feridas, tinhão já as forças lassas, e quebradas.

D. João Mascarenhas andou pelas estancias certificando a todos, que estava por nós o baluarte, e do valor com que nelle se peleijava; que Rumecão estava vendo no destroço dos seus, que banhados em sangue se precipitavão do muro, acabando de perecer na queda. Durava o assalto; e com as mortes, e feridas, parece, que crescião em huns, e outros inimigos as forças, e a braveza: o que considerando Juzarcão, crendo que os poucos defensores, que tinha a fortaleza, estarião nos baluartes escalados, sahindo do conflicto, se foi com alguns soldados torneando o muro, e

Juzarcão enveste a Couraça.

chegando áquella parte da fortaleza, que chamão a Couraça, a qual a natureza fizera defensavel, sem arte, pola altura, e aspereza do rochedo, em que o mar batia, e vendo que estava deserta, sem presidio, ou vigia, entendeo, que a qualidade do sitio nos tinha assegurados; e mandando chamar hum Sangiaco de cem Turcos, e prevenir escadas, começárão a subir por aquella parte sem que fossem vistos, nem resistidos, porque os soldados que estavão alli de guarda, com a nova do baluarte S. Thomé ser perdido, desamparando o posto, que guardavão com mais valor, que disciplina, se forão a soccorrelo.

Subírão os Turcos ousadamente a rocha, e forão demandar humas casas, que estavão encostadas á Igreja de Sanctiago, e davão passo a huma varanda baixa, em que logo arvorárão escadas para subirem outros; e Juzarcão de fora os animava, crendo que havia roubado a Rumecão a honra, e a victoria. Ganhárão os Turcos as casas, pelas quaes forão descendo á fortaleza, e hum mais atrevido, ou diligente entrou em casa de huma mulher casada, pedindo-lhe di-

Valor de huma mulher Portugueza.

nheiro com seguro da vida; a pobre da mulher cortada do temor mostrou que sahia a buscalo, e entrando na casa de outra vezinha, lhe contou desmaiada o perigo em que estavão; e esta com o sobresalto da nova deu aviso a outra; a qual com acordo, e forças de varão, tomou huma chuça e indo a demandar a casa em que os Turcos estavão, vio hum delles a porta, como vigiando o que passava fora, e remetendo a elle, tirando-lhe alguns botes de chuça, o fez recolher dentro, ficando-lhe o juizo tão livre no perigo, que teve acordo para cerrar a porta, e animo para esperar os Turcos, e impedir-lhes a sahida; digna por certo, que entre os varões mais claros ficasse sua memoria.

As mulheres, que vivião para aquella parte, assombradas de hum temor tão justo forão em demanda do Capitão mór gritando: Turcos na fortaleza; o qual acharão com tres soldados correndo os baluartes, e ouvindo as vozes das mulheres, não menos acordado, que animoso, mandou, que se callassem; levando-as comsigo por guia á casa onde estavão os Turcos; despedindo hum soldado dos que o acompanhavão, lhe mandou que tirasse al-

Acode o Capitão mór.

guma gente dos baluartes, que menos apertasse o inimigo, callando o perigo da fortaleza aos que peleijavão; e logo despedio outro soldado, para que lhe trouxesse a gente que achasse derramada por fora das estancias. No caminho se lhe ajuntou André Bayão com outra companheiro; e chegando á casa onde estavão os Turcos, vio aquella mulher, que os tinha encerrados, defendendo-lhes a sahida com esforço mais que varonil; faltando-lhe na vida premio, nesta Historia nome.

D. João Mascarenhas, havendo por presagio da victoria, achar em huma mulher valor tão novo, sabendo della, que estavão os Turcos encerrados na casa, mandou a hum Abexim, que acaso alli apparecéra, que lhe trouxesse huma panela de polvora, e porque se despachava lentamente, lhe travou de hum braço a tempo que do eirado da Igreja, onde já estavão alguns Turcos, sahio hum pelouro, que matou o Abexim, servindo ao Capitão de escudo. Chegou logo hum soldado com huma panela de polvora, e tomando-lha das mãos D. João Mascarenhas, lançando de hum vaivem as portas dentro, a quebrou entre os Turcos, onde o fogo abrazou os

E lança fora os inimigos.

mais delles, sem lhe tocarem muitos pelouros, que de dentro tirárão com pontaria certa; o que a muitos pareceo fortuna, a outros misterio; e mostrando-se este dia igualmente Capitão, que soldado, cuberto de huma rodela com a espada na mão, envestio os Turcos com mais quatro que o acompanhárão, e á força de cutiladas os levou até a varanda, onde os apertou tanto, que os fez precipitar da rocha com igual perigo ao de que fugião, porque os mais delles mortos, ou estropeados, perecérão na queda.

Aqui foi D. João Mascarenhas avisado, que sobre o eirado da Igreja se vião muitos Turcos com dous guiões arvorados, os quaes do alto começavão a escopetear os nossos, que já vinhão chegando. Foi aqui grande o perigo, porque como tudo erão armas de fogo, obrava menos o valor, que a contingencia. Os nossos erão menos de sessenta, os Turcos mais de cem. E vendo D. João Mascarenhas, que em quanto aquelles sustentavão o lugar, crescião outros, mandou que lhe trouxessem escadas, ordenando o caso, e a necessidade, que na sua mesma fortaleza désse elle o assalto. En-

Sobem Turcos á Igreja.

Vai o Capitão mór a elles.

costárão os nossos ao muro huma pequena escada, e o primeiro soldado, que se lançou a ella, voltou logo derribado de muitas lançadas que os Turcos lhe derão. Chegárão logo escadas mais capazes, e arrimadas ao muro; querendo o Capitão mór subir primeiro, lhe fizerão os soldados justa força para que não passasse. Acomettérão os nossos a subida pelas paredes do Apostolo Sanctiago, cuja a Igreja era, assegurando-lhes o lugar a victoria. O sitio fazìa desigual a peleija; huns firmes, outros dependurados quebrárão duas escadas, porque entre os nossos a competencia, e o ardor de qual havia de subir primeiro, era outra nova guerra. O Capitão mór com as palavras, e com o exemplo animava os soldados, mais por officio, que por necessidade. Andava a briga mui travada; dos nossos alguns cahírão mortos, nenhum se retirou ferido. Nos que estavão debaixo, a impaciencia de não ter lugar para subir, causava maior dor, que as feridas que vião receber aos companheiros, porque ainda em tão prolixo, e perigoso cerco os não fartava a guerra. Cortavão-se huns aos outros com estranha crueza.

Juzarcão animava, e soccorria os seus com nova gente; assim encheo brevemente de soldados o lugar donde peleijava, que era o eirado, ou abobeda da Igreja. Em fim os nossos a preço de seu sangue cavalgárão o muro, depois de porfiada contenda, mostrando a differença do valor na desigualdade do lugar, e do numero. Tres horas largas durou a briga, na qual os poucos que nella se achárão, obrárão de maneira, que merecia só esta facção particular Historia; porém nem ainda os nomes lhes achamos escritos, havendo merecido com seu sangue mais distincta memoria. Forão mortos quasi todos os Turcos, huns na queda, outros na resistencia; e sempre serião os melhores os que merecérão ser escolhidos para facção tão grande.

E retirão-se.

O Capitão mór entendendo, que nos baluartes ainda durava o assalto, levou os companheiros a descansar em segundo perigo; e visitando as estancias achou os nossos tão empenhados na resistencia, que parecia, depois de quatro horas, começar o assalto. Ao pé dos baluartes estavão tantos mortos, que lhes faltava a terra, cujos corpos facilitavão a subida do muro. Rumecão de fora animava, ou

reprendia aos seus, segundo o brio, ou fraqueza com que se combatião, incitando-os com premios, ou castigos, mostrando em todas as facções deste cerco valor, e disciplina. Dom João Mascarenhas não descançava, ordenando, e provendo o necessario em todas as estancias, de sorte, que em nenhum perigo o achavão os companheiros menos. Neste dia, que foi do Apostolo Sanctiago, parece que nos quiz mostrar o Santo, que era a victoria sua, não menos poderoso contra Mouros agora na Asia, que antes na Hespanha.

Morte de Juzarcão.

Durava a briga de huma e outra parte cruel, e temerosa, e Juzarcão com a dor viva de não effeituar a escala da fortaleza, que lhe foi tão custosa, vinha com os soldados de sua obediencia dar calor ao assalto, porém de hum pelouro da fortaleza, que lhe deu pelos peitos, cahio atravessado, e morto. E como era pessoa de tanta conta pelo valor, e posto que occupava, foi logo a nova derramada pelo exercito e chegando aos ouvidos de Rumecão, a recebeo com grande sentimento, ou fosse temor, ou piedade: mandou logo tocar a recolher, e retirar o corpo de Juzarcão; perda que

se não pode encobrir aos seus, que como fosse sobre outras muitas, ajuizavão, que já a victoria não valia o que tinha custado; e quando bem a alcançassem, quem havia de ficar que lograsse o triumpho? Que bem se mostrava o Propheta estar contra elles indignado, pois sofria ver sua bandeira ignominiosamente rota; e a estas considerações juntavão outras, accusando a fortuna do General, e as causas da guerra, avaliando como culpas as desgraças presentes. Rumecão curava estas desconfianças com varios artificios, cubrindo a perda dos seus, e encarecendo a nossa; pondo-lhes diante dos olhos as mercês do Soltão, e a fama, como parte melhor do premio que esperavão. Em este assalto perdemos sete soldados, e feridos trinta; dos Mouros passou de mil o numero dos mortos, e forão perto de dous mil os feridos.

E de muitos Turcos.

D. João Mascarenhas, depois de ordenar o enterro dos mortos, e cura dos feridos, em que não faltou com o cuidado, e menos com a fazenda, que despendeo sem conta, avisou por hum Catur ao Governador do estado das cousas, significando-lhe a falta que tinha de gente, munições, e

O Capitão mór avisa o Governador.

mantimentos. Nesta fusta, ou Catur se embarcou Sebastião de Sá a rogo do Capitão mór, e amigos, dizendo elle que só no baluarte onde fora ferido, podia ter saude, a qual lhe desejavão poupar todos, porque naquelle cerco merecêrão suas obras fama, e vida muito mais dilatada. Chegou a Baçaim com a fusta quasi soçobrada, acodindo ao receber, e hospedar D. Jeronymo de Menezes Capitão da fortaleza, enviando logo ao Governador as cartas com os avisos de D. João Mascarenhas.

Cuidados do Governador sobre soccorrer Dio.

Andava neste tempo D. João de Castro mui cuidadoso dos successos de Dio, porque os temporaes do inverno lhe impedião ter novas, e despachar soccorros; porém sem perdoar a despeza, ou perigo, quasi por debaixo dos mares, lhe acodio com munições, e gente, nos maiores apertos, como logo mostrará a Historia. Tinha aballado todo o poder da India com animo de ir en pessoa a descercar Dio, e parece que os successos lhe respondião ao intento, porque os Reis da India lhe fazião mui honradas offertas; e os Fidalgos, e soldados, sem soldo, ou mercé, se lhe offerecião.

Neste tempo, que era já na entrada do mez de Julho, chegou á barra de Goa a náo Espirito Santo, Capitão Diogo Rebello, a qual era da conserva do Governador, e por roim navegação havia invernado em Melinde; e ainda que chegou com alguma gente enferma, os ares da terra, o cuidado do Governador, e o alvoroço da jornada de Dio, lhes fez em breve reparar a saude. Alegrou-se Dom João de Castro com tão opportuno soccorro para engrossar a armada; porém tardavão novas da fortaleza, que o povo interpretava como indicio de algum máo successo; quando chegárão as cartas enviadas pelo Vigario, das quaes o Governador entendeo o aperto do sitio; as forças do inimigo, a falta em que os nossos estavão de gente, e bastimentos; e como o tempo pedia mais conclusão, que conselho, assentou comsigo enviar a seu filho Dom Alvaro de Castro com hum troço da armada contra o parecer dos mareantes, que havião por temerario este acomettimento no principio do inverno. Porém D. João de Castro sem deixar-se vencer do amor do filho, nem dos medos do tempo, resolveo enviar o soccorro; o que entendido

Chega-lhe o aviso do Vigario.

Manda seu filho D. Alvaro com soccorro.

pelos soldados, e Fidalgos, se lhe vierão offerecer, ainda aquelles, que pelos annos, e autoridade já estavão escusos. Entre estes foi Dom Francisco de Menezes, que depois de occupar grandes postos, se offereceo ao soccorro com praça de soldado; o Governador o levou nos braços, pedindo-lhe se guardasse para passar na armada em sua companhia; mas vendo que estava resoluto a hir neste soccorro, lhe deu sete navios, para que com elles tentasse o golfão, com os quaes partio Dom Francisco com muitos soldados de brio, e alguns parentes seus, amigos de ganhar honra, que o acompanhárão.

E primeiro a Dom Francisco de Menezes com sete navio.

Dahi a tres dias partio Dom Alvaro, reconciliado já com o pai da queixa de enviar seu irmão Dom Fernando primeiro, como se lhe tocassem por herança os primeiros perigos. Neste soccorro se embarcou grão parte da nobreza, a quem o gosto da empreza, e o da companhia do General, fazia desprezar os Turcos, e as tormentas. O Governador lhe lançou a benção, e o embarcou com grande saudade do povo, entregando os filhos pola patria, de quem se mostrou mais amoroso pai, que de seu mes-

Parte D. Alvaro com dez e nove.

mo sangue. Depois de o Governador dar ao filho algumas instrucções secretas, lhe ordenou, que estivesse á obediencia de D. João Mascarenhas, sem embargo de o eximir o posto, e assim lho escreveo; porque foi sempre Dom João de Castro justo estimador de virtudes alheas. Erão dezenove os navios da armada, cujos Capitães forão Dom Jorge de Menezes, Dom Duarte de Menezes filho do Conde da Feira, Luiz de Mello de Mendoça, e Jorge de Mendoça seu irmão, Dom Antonio de Attaide, Garcia Rodriguez de Tavora, Lopo de Sousa, Nuno Pereira de Lacerda, Athanasio Freire, Pero de Attaide Inferno, Dom João de Attaide, Balthasar da Silva, Dom Duarte Deça, Antonio de Sá, Belchior Moniz, Lopo Vaz Coutinho, Francisco Tavarez, e Francisco Guilherme.

Capitães que com elle hião.

Logo que o Governador despachou esta armada, ficou aprestando a em que determinava passar, buscando bastimentos, e dinheiro, pedido sobre sua verdade, que era só o thesouro, que conservou na India, com que se fez senhor dos corações, e fazendas de todos; o que certificaremos com os exemplos, como argumentos vivos.

Aprestos do Governador.

As mulheres de Chaul offerecem suas joias.

As donas, e donzellas de Chaul, movidas de hum mesmo espirito, juntárão todas as joias com que se adornavão, de ouro, e pedraria, e com liberalidade maior, que de mulheres, as enviárão ao Governador, sem preceder obrigação, ou rogo, significando-lhe que de seus proprios filhos, e maridos tinhão menos saudades, que enveja, pois o acompanhavão; não lemos nos Annaes dos Cesares acção mais generosa das matronas de Roma.

Offerta e carta de huma Dona.

Acaso se achava em Goa huma Dona de Chaul, chamada Catherina de Sousa, quando chegou o presente, e juntando em huma boceta todas as joias que tinha, as enviou ao Governador com esta carta: « Senhor, eu soube « como as mulheres de Chaul tinhão « offerecido a V. Senhoria as suas jo- « ias para a guerra. Ainda que eu « me achasse em Goa, não quiz per- « der a parte da honra, que me dahi « cabe. Por Catherina minha filha man- « do as minhas joias a V. S. Não jul- « gue, em quão poucas são, as que « pode haver em Chaul, porque lhe « certifico, que eu sou a que menos « tenho, porque as tenho repartidas « por minhas filhas. E crea V. S. que « só das joias de Chaul, póde fazer

« a guerra dez annos sem se acaba-
« rem de gastar. E a mercê que peço
« a V. S. he, gastar logo estas minhas
« na ida do Senhor D. Alvaro; por-
« que eu espero em Nossa Senhora,
« que haja elle tamanhas victorias,
« que excuse a ida, e trabalhos a
« V. S. Isto peço em minhas ora-
« ções, e assim que acrescente a vida
« à V. S. e o deixe hir a Portugal dian-
« te dos olhos da senhora sua mulher,
« e filhas. Escrita em Goa nas casas
« de Dona Maria minha filha, hoje
« onze de Junho. Minha filha Cathe-
« rina empenharei, se for necessario,
« para o serviço de V. S. » Não sei se do amor da patria, se da benevolencia do Governador, nascião estes estremos. Vimos iguaes necessidades na India, mas não iguaes finezas, como nos dias de D. João de Castro. Muitos Fidalgos que acabárão de ser Generaes, e os velhos arrimados nos bordões se vinhão offerecer, para soldados; porque não havia corpo, que pola autoridade, ou pelos annos parecesse pesado.

Despedido hum, e outro soccorro, ficou o Governador juntando o resto do poder, dispondo o governo da Cidade em sua ausencia, e sempre com

hum braço na paz, e outro na guerra, todas as occurrencias do Estado o achavão presente. E porque de munições, e mantimentos havia na fortaleza falta, além dos que já tinha enviado, carregou hum caravelão grande, que por ser embarcação pesada, podia mal sofrer os mares. Alguns soldados lha tinhão engeitado, parecendo-lhes risco sem gloria, lutar com os elementos, mas pola importancia do negocio desejava entregar a caravela a pessoa de conta, a quem a honra fizesse o perigo mais facil. Communicou este negocio com Manoel de Sousa de Sepulveda, Fidalgo, que pelo valor, e juizo lhe era muito aceito; este lhe disse, que Antonio Moniz Barreto tinha brio, e industria para cousas maiores; que ainda que tinha delle Governador alguma leve queixa, seria para não pedir, mas não para engeitar o serviço Real em occasião tão ardua; que elle o tentaria, e da resolução traria reposta. Assim foi, que entendido por Antonio Moniz o gosto do Governador, e que lhe dava huma viagem engeitada de alguns só por difficultosa, a aceitou promptamente. Do successo, e perigos que teve, diremos a seu tempo.

Antonio Moniz aceita hir a Dio.

Com a vigilancia do Governador havião entrado na fortaleza alguns soccorros, com que o perigo, e trabalho carregavão sobre forças maiores, bem que não tinhão proporção com as do inimigo, porque o ultimo soccorro, que chegou ao exercito, era de treze mil infantes, conduzidos por outro Juzarcão, não menos no valor, nem melhor na fortuna, que o primeiro. Este trouxe apertadas ordens do Soltão para estreitar o cerco, escrevendo a Rumecão, que não era possivel, que viessem quatro miseraveis do fim do mundo fazer aos Principes de Cambaia injurias em sua mesma casa; que morressem todos na empresa, porque antes queria hum Imperio deserto, que sujeito; que pois nas ruinas da fortaleza estavão já os Portuguezes meios enterrados, quando os não pudessem render como a homens, os matassem como a leões em suas mesmas covas. Rumecão não respondeo com mais, que apontar para as muralhas, e baluartes, todos postos por terra, já para gloria, já para desculpa; furioso de lhe parecer que o Soltão estava mal satisfeito do que tinha obrado; mais irritado da desconfiança, que do premio, prometteo satisfazer-lhe com a

Vem outro Juzarcão a continuar o cerco.

Levanta o inimigo hum bastião.

morte, ou com a victoria, e como a crueldade o fazia mais obedecido, que o cargo, mandou levantar hum bastião de fronte do baluarte Sanctiago, que se obrou com incrivel presteza; o qual guarneceo de artelharia, e gente, que ficando a cavalleiro dos nossos, não podião assomar-se, que os não pescassem as ballas do inimigo.

Os nossos o desfazem.

Deu este negocio ao Capitão mór não pequeno cuidado, porque se Rumecão dera por aquella parte o assalto, como era seu desenho, não podião resistir-lhe os nossos defensores, sem que ficassem descubertos ás ballas do inimigo; e resoluto a derribar esta maquina, encomendou a facção aos dous irmãos Dom Pedro, e Dom João de Almeida, os quaes sahindo com cem soldados no quarto da modorra, achárão os Mouros huns dormindo, e outros descuidados na confiança do lugar, e da hora, e dando subitamente nelles, fizerão em pequeno espaço estrago grande; porque desacordados se metião nas lanças, e espadas dos nossos, sem conhecer a morte, ou o inimigo. Os que puderão escapar fugindo, despertárão o arraial com gemidos, e vozes, sem saber affirmar cousa certa. Com a mes-

ma confusão chegou a Rumecão a nova, e como os perigos da noite se fazem parecer maiores, entendeo elle, que o atrevimento dos nossos estribava em forças grandes trazidas em algum soccorro, que havia chegado a furto de suas sentinellas. Chamou os Cabos a conselho, em quanto se punha o exercito em arma, e resoluto em soccorrer o bastião com o poder todo, entre ordens, e aprestos gastou o tempo de obrar, e quando já chegou, achou a fabrica desfeita, degolado o presidio, os nossos recolhidos; facção não menos ditosa, que importante; morrérão trezentos inimigos, nenhum dos nossos.

Rumecão mandou logo levantar humas grossas paredes defronte do baluarte S. João, asseguradas com huma tropa de Mouros, que por quartos fazião sentinella, e sobre o terrapleno hia plantando alguma artelharia, para daquelle sitio, em mais proporcionada distancia, bater o baluarte. Porém Dom João Mascarenhas, como andava vigilante em impedir os desenhos do inimigo, em huma noite tormentosa, e escura, lançou quatorze soldados por huma bombardeira, que dando de subito nos Mouros, os

Valor de quatorze soldados.

lançárão do posto, em quanto os servidores com picões, e outros instrumentos desfizerão a obra; do que sendo Rumecão avisado, resolveo assaltar a fortaleza com força descuberta, ordenando hum assalto geral para o seguinte dia; no qual fez huma pratica aos soldados, incitando-os com as injurias que tinhão recebido de tão poucos inimigos, quasi desbaratados dos trabalhos, da fome, e das feridas; que mais honrados estavão os que alli acabárão, que os que ficárão vivos, sendo no Mundo testemunhas infames de huma afrontosa guerra; que em seus braços estava salvar a honra de seu Rei, vingar seus companheiros, e deixar de si no Oriente huma clara memoria; que das mercês do Soltão estivessem seguros, porque havia de premiar, e contar huma a huma as feridas de todos; que se algum se atrevia a governar o bastão de General, promettia como soldado ser o primeiro que subisse no muro.

Assim os despedio igualmente irritados da gloria, e da injuria. Logo ao outro dia ao romper da alva se aballou o exercito ao som de muitos instrumentos bellicos com as bandeiras desenroladas, que se vião tremolar dos

nossos, e chegando aos muros, começárão em torno da fortaleza a arvorar escadas, favorecidas do corpo do exercito com innumeraveis, e differentes tiros de settas, pelouros, e outras armas, ajudando o horror deste conflicto confusas, e duplicadas vozes, que incitando furiosamente os animos, e turbando os juizos, impedião mandar, e obeceder. Subírão os Mouros ousadamente os muros, e os Turcos por outra parte, como envejando cada hum o perigo alheio, trabalhavão todos por ser primeiros no risco, e nas feridas. Os nossos, ainda que poucos, sendo cada hum Capitão, e despertador de si mesmo, obravão de maneira, como se estivesse por conta de cada hum a honra de todos. Os primeiros que subírão, com o sangue, e as vidas pagárão a ousadia; mas logo com o mesmo ardor lhes succedião outros, incitados huns do valor, outros do General, que debaixo louvava, ou reprendia aos que subião, segundo o animo, ou fraqueza, que nelles descobria.

Assalto geral.

Lançavão os Mouros nos baluartes granadas, panelas, e alcanzias de fogo em tanta quantidade, que os nossos peleijavão entre as chammas, que pren-

Reparo dos nossos contra o fogo.

dendo nos vestidos os abrazavão vivos. Occorreo o Capitão mór neste perigo com algumas tinas de agua, que em parte extinguião, ou refrigeravão o ardor do fogo; porém como o inimigo entendia o dano, continuou o ardil em todos os assaltos, a que os nossos inventárão hum remedio mais facil, que efficaz, vestindo-se muitos de couro, em que o fogo não podia prender tão levemente; e Dom João Mascarenhas da colgadura de guadamecins, que tinha, fez reparar a muitos, ficando-lhe as paredes nuas, e os soldados vestidos.

Fervia a guerra, e apenas se divisava a fortaleza, escondida entre nuvens de fumo, e só a descobria com breve luz o continuo fuzilar dos tiros; fazia horror o que se via, e o que se ouvia. Estavão ao pé do muro innumeraveis corpos, huns mortos, outros agonizando; e tudo o que se representava á vista, e ao juizo, era hum feio espectaculo de mortes, horrores, e feridas. Em todos os baluartes se peleijava em ambas as partes com grande valor, ainda que desigual pola desproporção do numero entre cercadores, e cercados. Mas o baluarte de Luiz de Sousa, onde estava Dom

Fernando de Castro, quasi esteve perdido, porque o tomou o assalto com maiores ruinas, e foi acomettido pela gente mais escolhida do campo. Porém fizerão os defensores illustres provas de valor, peleijando entre chammas de fogo com tão nova constancia, que nenhum desamparou o lugar, mostrando-se sobre valentes insensiveis. Aqui se singularisou Dom Fernando de Castro com esforço de maiores annos; parece que o valor não esperou a idade. Obrárão este dia os Portuguezes cousas dignas de melhor penna, e mais larga escritura. E os mesmos Turcos forão testemunhas fieis de suas proezas, dizendo, que só os Frangues merecião trazer barbas no rosto.

Recolhe-se o inimigo.

Em quanto durou o assalto, deu o baluarte do mar muitas cargas ao inimigo, que como peleijava em tropas descoberto, recebeo grande dano. O que advertido por Rumecão, vendo suas bandeiras rotas, perdidos os melhores soldados, e que os Portuguezes havião defendido as ruinas de sua fortaleza, sem perder huma pedra, mandou tocar a recolher, sentindo o dano menos que a injuria. Foi este dia a nossas armas muitas vezes fe-

Com morte de trezentos.

lice, porque morrendo dos inimigos trezentos, e levando dous mil feridos, não faltou nenhum dos nossos, ainda que alguns ficárão bem sangrados. Proveo logo o Capitão mór na cura dos feridos, sendo a benevolencia com que lhes assistia, o primeiro remedio; acudindo aos enfermos com as despesas, e tambem com a dor, e sentimentos, parecendo pai na paz, na guerra companheiro. Logo ao perigo succedeo o trabalho, reparando todos de noite o que as batarias derribavão de dia, porem acudião todos tão alegres ao serviço, que parecia vinhão a descansar, accarretando as pedras, a terra, e a faxina.

Trata Rumecão entulhar a cava.

Vendo Rumecão o risco, e a difficuldade que tinha tomar a fortaleza por escala, mandou correr com o entulho da cava do baluarte S. João até o de Sanctiago, obra que encomendou aos Janizaros, os quaes por opinião, ou por valor soberbos, buscavão com ambicão os maiores perigos deste cerco. Erão já mortos quatrocentos, deixando entre os seus fama, e sentimento: os que restavão assistião a esta obra, que para elles foi de nenhum fruto, e de grande perigo; porque a nossa artelharia os

pescava, e a muitos servidores, cujos corpos lançavão no entulho com disciplina barbara, e cruel. Crescia a obra, como era de faxina, e terra, quasi amassada com sangue dos miseraveis que nella trabalhavão; chegárão a encavalgar algumas peças, com que fazião dano aos baluartes, principalmente ao de S. Thomé, onde nos cegárão hum Camelo, e mostrava já a bataria disposição para cousas maiores.

Torna o Vigario a Dio.

Neste tempo chegou á fortaleza o Vigario João Coelho com nove soldados em huma embarcáção pequena, e ainda que achou os mares grossos, e os ventos ponteiros, o trabalho, e a necessidade fez vencer o perigo. Referio, que o Governador se aprestava com vivas diligencias para acudir ao cerco, e os grossos soccorros, que já tinha enviado. Que em Baçaim ficavão quinhentos homens, que com o primeiro tempo esperavão atravessar o golfão; e que muitos impacientes na tardança tinhão tentado os mares. Pela fortaleza se derramou logo esta nova, que foi festejada dos soldados com folias, e musicas; e pondo todos os olhos no mar, as nuvens lhes parecião navios: tão credulos são os homens

em qualquer esperança. Forão o Mouros sabedores das novas do soccorro, e antes que os nossos se engrossassem com as forças que esperavão, dispuzerão hum assalto geral, resolutos a entrar a fortaleza, ou dar ao Mundo, e ao Soltão desculpa com as mortes, com o sangue, e com as ruinas.

Novo assalto.

Começou a bataria aquelle dia com vinte e tres canhões, e alguns basiliscos, e a continuárão até o pôr do Sol, e no seguinte dia até ás tres da tarde. Arruinárão a mór parte dos muros, sem que os nossos se podessem cobrir com alguns reparos, ou travezes, pelas continuas cargas, que dava a espingardaria do inimigo. Chegárão logo os Turcos a cavalgar o baluarte S. Thomé pelas ruinas da bataria; porém o Capitão Luiz de Sousa, Dom Fernando de Castro, e Dom Francisco de Almeida com outros valerosos soldados, que o guarnecião, os recebêrão nas lanças com tal furia, que os fizerão voltar, huns mortos, outros estropeados. Succedêrão logo outros de novo, que cortados do nosso ferro, fizerão aos primeiros companhia. Nos outros baluartes se peleijava com a mesma fortuna, sendo o dano igual nos Mouros, e o valor

nos nossos. Estava tão raza a bataria, que os Mouros peleijavão com os nossos iguaes no sitio, como em campo partido, servindo-lhes as ruinas de escada, mas com grande ventagem do numero, e instrumentos de fogo. Porém os nossos merecérão este dia huma immortal memoria, sustentando muitas horas o peso de tão desigual batalha; porque dos inimigos aos cansados, ou feridos, lhes succedião outros; os Portuguezes sempre os mesmos, não mostravão no valor, ou no tempo differença.

Dom João Mascarenhas andava por todas as estancias mandando, e peleijando, humas vezes Capitão, e outras companheiro de todos; e vendo que o baluarte S. Thomé tinha o maior perigo, por ser mais carregado do inimigo, mandou trazer muitas panelas de polvora por aquellas honradas matronas, que desprezando o risco, e o trabalho, acudião opportunas a servir entre as lanças, e os pelouros, com nunca visto exemplo, e algumas exhortações aos soldados com juizo, e valor grande; outras com regalos, e mimos os esforçavão, parecendo que buscavão, ou merecião fama igual com elles. Ti-

Resistencia nos nossos.

nhamos o vento contrario, e levantando nuvens de pó da terra movediça, que os Mouros pisavão, quasi cegava os nossos, que estiverão a risco de perder-se só por este accidente; porém elles peleijando com os olhos cerrados, acomettião os Mouros, mais attentos a offender, que a reparar-se. Os inimigos peleijavão desesperadamente, acordando-lhes Rumecão por momentos a honra de seu Rei, e a sua.

Juzarcão enveste o baluarte S. João.

Juzarcão com os soldados de sua obediencia acometteo o baluarte S. João com tanto valor, que estiverão os nossos em grande perigo; porque depois de derribar os primeiros que havião subido, tornárão outros a cavalgar as paredes com tanta furia, que sustentárão a peleija igual por muitas horas, até que desangrados do nosso ferro, huns mortos, outros desalentados, perdérão o lugar, e as vidas. Aqui foi maior o esforço, e tambem o perigo, porque estando os nossos com as forças já lassas, e quebradas, sobreviérão outros Mouros de novo; porém elles, como se tiverão poupadas as forças, e o espirito para o maior trabalho, assim rechaçárão os ultimos, como os primeiros.

Na guarita de Antonio Peçanha se peleijou com não menor valor, nem desigual fortuna; e sem particularizar accidentes, podemos ajuizar pelo successo, os casos deste dia; porque deixou o inimigo mil e seiscentos mortos, fora innumeravel copia de feridos; cousa incrivel de pouco mais de duzentos soldados, que serião os nossos; assim o achamos escrito nas Relações, e Historias deste Cerco, que sendo nossas, costumão escrever louvores proprios com penna mui escassa. Nós ficámos com tres soldados menos, e com trinta feridos. Perda grande dos inimigos.

Da bataria, que precedeo a este assalto, ficou a fortaleza quasi em roda arruinada, e aberta, faltando-nos para reparala tempo, materiaes, e gente; porém furtavão os nossos as horas ao descanso, trabalhando de noite, e derribando as casas da fortaleza, se servião das pedras, e madeiramento, fazendo huma fórma de defensa subita, e furtiva, mais conforme ao tempo, que á necessidade.

Faltavão as munições, e os mantimentos, porque não havia mais polvora, que a que se podia fazer dia por dia, pouca, e mal enxuta; falta que já começavão a conhecer os Mou- Necessidades da fortaleza.

ros, concebendo esperanças, e ousadia para aturar o cerco, avisados que a esta necessidade respondião as outras, porque já valia a tres cruzados hum alqueire de trigo, e ainda a falta delle era maior, que o preço. Os doentes, na falta de gallinhas, comião gralhas, que acudião a cevar-se nos corpos mortos, as quaes os soldados matavão, e vendião por excessivo preço. Chegou em fim a tanto extremo a fome, que não perdoavão a cães, e gatos, e outras viandas semelhantes, nocivas, e immundas; e com tão miseravel alimento reparavão as forças, desprezando perigos, e trabalhos; vencendo com a grandeza dos animos as paixões, ou affectos da mesma natureza.

Como se remediou a falta de panelas de polvora.

Entre outros instrumentos offensivos, que faltavão, erão panelas para a polvora, de que se serve a milicia da India em mar, e terra; e neste cerco forão de não pequeno effeito. Esta falta se reparou, juntando duas telhas com os vazios para dentro, e breadas por fora, de que pendião murrões com as pontas acesas, e arrojando-as entre os inimigos, abrazavão a muitos, e com este facil engenho ajudárão os nossos a victoria.

Desejava o Capitão mór tomar lingua para saber os passos do inimigo, que sagaz, e ardiloso nos encubria seus desenhos com estranho recato, além de que do forte do mar havia tido aviso, que as mais das noites chegavão alguns Mouros até a ponte da fortaleza, onde paravão, como gente que vinha a medir, ou reconhecer o sitio para algum effeito; o silencio, a hora, e a continuação mostravão não ser a diligencia a caso; polo que Dom João Mascarenhas encomendou a Martim Botelho, soldado de confiança, que com dez companheiros se fosse huma noite lançar na ponte, e que por força, ou manha trabalhasse por lhe trazer hum destes Mouros. Foi lançado Martim Botelho com os mais companheiros pelas bombardeiras da Couraça no quarto da modorra, levando só espadas, e rodelas, e chegando ao lugar determinado, se baqueárão em terra para não ser vistos dos Mouros, e a pouco espaço applicando o ouvido sentírão gente, que vinha a demandar a ponte, e levantados acomettérão subitamente os Mouros, que erão dezoito, que como se virão de improviso assaltados, voltárão as costas aos primeiros golpes, ficando só

Tomão os nossos huma lingua.

hum Nobi no campo, que se defendia com huma lança mui valerosamente; porém Martim Botelho, vendo que era mais importante prendelo, que matalo, lhe desviou hum bote de lança com a espada, e arcando com elle, o trouxe apertado nos braços até a fortaleza, onde foi recebido com a honra, que merecia o feito.

Que novas deu do inimigo.

Deste prisioneiro soube o Capitão mór os intentos do inimigo, servindo-se do aviso para se vigiar de alguns ardís, que maquinavão os Turcos. Mais lhe disse, que faltavão do exercito cinco mil homens mortos ao nosso ferro, sem outros Cabos de nome, e que os soldados de melhor voto, desconfiavão da empresa, entendendo seriamos soccorridos com a primeira vaga, que o mar fizesse; porém que Rumecão com as perdas recebidas estava mais obstinado em proseguir o cerco, como homem empenhado na honra, e na palavra, que havia dado ao Soltão. E assim aconselhado de hum engenheiro Turco de

Mina-se o baluarte S. Thomé.

Dalmacia, ordenou que se minasse o baluarte S. Thomé, onde estava Dom Fernando com Diogo de Reinoso, e outros Capitães e Cavalleiros; o que se fez com estranho silencio, sem que

os nossos pudessem rastrear o intento, quiçá por lhes parecer, que os instrumentos de fogo não erão tão praticados na Asia, como na nossa Europa; mas como os principaes Cabos do exercito erão os Turcos, parece que assim trouxerão o valor, como a disciplina.

Em quanto se trabalhava na mina, mandava Rumecão picar o muro por differentes partes, para que os nossos attentos ao perigo publico, não dessem no secreto; e por nos divertir a attenção com outra industria, mandou fabricar alguns cavallos de madeira, e postos naquella parte, que olhava o baluarte S. Thomé, dava huns longes de o tomar por escala, e determinando dar o assalto aos dez de Agosto, aos nove mandou recolher a artelharia, que tinha nas estancias; e porque desta novidade lhe podiamos rastrear o intento, tratou de nos assegurar com outro novo engenho. Mandou na mesma noite hum Abexim á fortaleza, industriado de hum sotil engano; o qual chegado ao muro, fingindo hum temeroso recato, bradou pela vigia, dizendo, que o recolhessem dentro, porque queria tratar com o Capitão cousas de grande

Trata Rumecão divertir-nos.

peso. Recolhido, e escutado por Dom João Mascarenhas, começou a arengar discretamente, execrando a perdição do estado em que se achava, pois nascido de pais Christãos, perjurára a fé paterna, em que fora criado, como fruto abortivo de Catholicas plantas, e que agora já com os olhos abertos vinha bater ás portas da Igreja, para que os Sacerdotes Latinos encaminhassem ao curral de Christo tão perdida ovelha; que esta era a miseravel relação de tão desconcertada vida; que nos particulares de Cambaia lhe affirmava, que o Soltão tivera aviso, como o Mogor com poderoso exercito entrava pelos confins do Reino; pondo-lhe tudo a ferro; e que Juzarcão, que pouco antes viera ao exercito com treze mil infantes, trazia ordem para se unir com Rumecão, e juntos fazerem opposição ao inimigo; que com esta resolução mandára recolher a artelharia; porém que estivesse avisado para esperar hum assalto geral ao seguinte dia, porque querião os Turcos que aquella guerra acabasse com algum estampido. Dom João Mascarenhas lhe louvou, e confirmou a resolução Catholica, que havia tomado, e no

mais lhe agradeceo o aviso, tornando-o a lançar pelo muro, para que o fizesse sabedor de qualquer novidade que houvesse no campo.

Derramou-se pela fortaleza a nova de levantar-se o cerco com a certeza do futuro assalto, e os soldados alegres vestírão aquelle dia galas, huns festejando a vinda do inimigo, outros o fim da guerra. O Capitão mór achou a gente mui disposta a esperar o assalto, que como na opinião de todos era o ultimo de tão prolixo cerco, cada hum queria deixar de suas obras a memoria mais fresca.

D. Fernando doente acode ao baluarte.

Dom Fernando de Castro estava de cama, curando-se de febres, e sabendo do assalto que se esperava, se levantou, fazendo força o brio á natureza; o que Dom João Mascarenhas tratou de lhe impedir, humas vezes como Capitão, e outras como amigo; mas como nesta parte a desobediencia parecia virtude, quiz antes errar contra a saude, que contra a opinião, vestindo armas, e acudindo ao baluarte.

Amanheceo o dia do glorioso S. Lourenço, dedicado com sua felice batalha a martyrios de fogo. Acudírão a suas estancias Fidalgos, e sol-

dados, com tanto alvoroço, como se já tiverão posse do premio, e da victoria. Logo virão de longe abalar-se o exercito inimigo com ordenada marcha, derramando-se em torno da fortaleza. Laborava a nossa artelharia com não pequeno effeito, porque o inimigo, como soldado, sofreo a carga sem descompôr a ordem com que vinha marchando, até ganhar o posto, e arvorar escadas para dar o assalto. Chegárão a acometter os baluartes com resolução grande, querendo cevar os nossos na peleija, para que a confusão do conflicto servisse de cuberta ao engano do fogo, que tinhão maquinado. Fazião os nossos grandes gentilezas nas armas, como quem se apressava a descansar na victoria promettida no termo deste dia.

Finge o inimigo novo assalto.

No baluarte S. João se resistia á violencia do ferro, sem temer a do fogo. Peleijavão os inimigos tibiamente até que lhes chegou o sinal de se dar fogo á mina, retirando-se a hum mesmo tempo todos; porém o temor igual, e subito nos descobrio o engano. Bradou logo o Capitão mór dizendo, que deixassem o baluarte, para que sem dano rebentasse a mina, já conhecida na improvisa retirada do

inimigo. Obedecérão todos ás vozes do Capitão mór, deixando o posto; porém Diogo de Reinoso, com desordenado valor sustentou o lugar, tratando de covardes aos que o desamparavão. A estas vozes tornárão todos a occupar o posto, não querendo seguir a razão senão o exemplo. Rebentou logo a mina com espantoso estrondo, e aquelles valerosos defensores sustentárão mortos o lugar, que defendérão vivos. Aqui acabou Dom Fernando de Castro em idade de dezanove annos, levantado de huma doença, que a natureza pudera fazer leve, e o valor fez mortal. Morreo Dom Francisco de Almeida, continuando-se nelle o valor, e as desgraças dos de seu appellido. Aqui ficárão tambem sepultados Gil Coutinho, Rui de Sousa, e Diogo de Reinoso, que pagou com huma vida tantas mortes, de que havia sido generoso, mas fatal instrumento. Dom Diogo de Sottomaior, voando com huma lança nas mãos, cahio em pé na fortaleza, sem receber lesão do fogo, nem da queda. Alguns cahírão no arraial dos inimigos; quasi sessenta homens perecérão nesta desaventura, e treze que escapárão com a vida, ou ficá-

Dá fogo á mina.

Pessoas que perecérão nella.

rão feridos, ou disformes do fogo. Escrevem outros com dilatada penna os casos deste incendio. Nós por não lastimar a attenção de quem ler esta Historia, quizeramos nos successos de tão illustre cerco deixar antes em silencio este infelice dia. Admirárão-se os nossos de ver, que foi tão grande o effeito da polvora opprimida, que as pedras da fortaleza, arrebatadas do violento impulso, matárão muitos no campo do inimigo, obrando o fogo mais á vontade da natureza, que ao regulado limite do inventor da mina.

Valor notavel de cinco soldados nossos.

Passado algum espaço, logo que o fumo desassombrou a fortaleza, mandou Rumecão entrar quinhentos Turcos pelas ruinas do baluarte abrazado, seguindo-os de tropel o restante do campo; porém achárão cinco valerosos soldados, que lhes fizerão rosto, sustentando largo espaço o peso de tão nova batalha. Verdade tão estranha, que necessita de tanto valor para se escrever, como para se obrar; porém calificada então na confissão dos proprios inimigos, e agora nas cans de tantos annos. Acudio logo áquella parte Dom João Mascarenhas com quinze companheiros, e vio dous espectaculos; hum que merecia las-

tima, outro espanto; e soccorrendo aos cinco soldados, fizerão todos tão dura resistencia ao inimigo, que bastárão a retardar a furia de hum exercito já quasi victorioso; caso que referido só com a verdade nua, excede tudo o que escrevérão, ou fabulárão os Gregos, e Romanos.

Correo voz pela fortaleza, que os Turcos estavão já senhores do baluarte abrazado, com o que alguns soldados, que nas outras estancias peleijavão, corrérão áquella parte, como de mór perigo, e quiçá que este falso rumor salvasse a fortaleza, porque formárão hum grosso, que bastou a fazer rosto a treze mil infantes, que tantos contão nossas Historias, que comettérão o baluarte da mina. As mulheres, como ensinadas a despresar as vidas, acudírão a ministrar lanças, pelouros, e panelas de polvora; e aquella valerosa Isabel Fernandez com huma chuça nas mãos, ajudava aos soldados com as obras, muito mais com o exemplo, e com as palavras, dizendo em altas vozes: Peleijai por vosso Deos, peleijai por vosso Rei, Cavalleiros de Christo, porque elle está comvosco. Os inimigos, como o successo da mina lhes havia aberto pa-

Esforço de Isabel Fernandez, e mais mulheres.

ra a victoria huma tão larga porta, determinárão este dia concluir a empresa, incitados do General, e da occasião, peleijando já como favorecidos; os que combatião no baluarte, pela ambição de ser primeiros em facção tão illustre, se portavão com mais ardor, que os outros; e como erão Janizaros, e Turcos querião só para si a gloria deste dia. Rumecão mandou nas outras estancias reforçar o assalto, para com a diversão, em poder tão pequeno, facilitar a entrada.

O Vigario anima os soldados.

Esteve por muitas vezes perdida a fortaleza. Os inimigos muitos, e descansados; os nossos, sobre tão poucos, vencidos do trabalho de resistencia tão desproporcionada. Aqui acudio o Vigario João Coelho com hum Christo arvorado, dizendo, que aquelle Deos, cuja causa defendião, era o Autor das victorias; com cuja vista alentados aquelles fieis, e fortes companheiros, parecia que obravão com forças mais que humanas; porque nenhum mostrava das feridas fraqueza, ou sentimento, durando na batalha com o mesmo ardor, e espirito com que a começárão.

Já declinava o dia, e os Turcos com os nossos mortalmente abrazados,

por humas mesmas feridas vertião sangue proprio, e alheio; e como hum exercito inteiro carregava sobre tão poucos defensores, chegárão os nossos soldados a receber muitas lançadas em huma só ferida. Parecerá exageração o que como verdade referimos. Os grandes feitos, que os Portuguezes obrárão neste dia, o Oriente os diga, eu cuido, que da illustre Dio, lhes sérá cada pedra hum epitafio mudo. Porém dos cinco Cavalleiros, que havemos referido, não deixaremos com ingrata penna os nomes em silencio. Estes forão Sebastião de Sá, Antonio Peçanha, Bento Barbosa, Bertholameu Correa, Mestre João Cirurgião de nome. Com a peleija se acabou o dia; mandou Rumecão tocar a recolher depois de haver perdido neste assalto setecentos soldados, e sem conta os feridos, de que morrérão muitos mal assistidos na cura, porque pela multidão cansavão os mestres, e faltavão os remedios. Dos cinco Cavalleiros, que defendérão o baluarte, morreo só Mestre João despedaçado de muitas feridas, que deixou bem vingadas, sem querer deixar a briga, nem obedecer aos amigos, que o retirárão como pessoa tão impor-

Nomes dos cinco soldados.

Retira-se Rumecão.

Particular valor de Isabel Madeira.

tante pela arte, pelo valor não menos. Isabel Madeira sua mulher acudio a atar-lhe as feridas mortaes, e depois de o enterrar por suas mãos com poucas lagrimas, e grande sentimento, acudio ao trabalho das tranqueiras com as outras matronas; valor estranho, ou raras vezes visto ainda no varão mais constante.

Logo que se retirou o inimigo, mandou Dom João Mascarenhas enterrar os mortos, que estavão nas ruinas do baluarte, sendo levados de hum sepulchro a outro. Forão enterrados juntos pela estreiteza do lugar, e do tempo; faltando funebres honras, e piedosas lagrimas a tão honradas cinzas; porém dormem com saudade maior da patria em humilde jazigo, que aquelles, que em urnas de alabastro deixárão de huma vida sem nome ociosa memoria. A Dom Fernando de Castro depositárão em separado enterro, por se o Governador seu pai quizesse trasladar-lhe os ossos a lugar differente, lavrar-lhe hia tumulo mais soberbo, porém não mais illustre. Depois que o Capitão mór cobrio aos companheiros de piedosa terra, acudio a reparar o estrago, que deixára o assalto nas paredes; a que

ajudárão as mulheres companheiras do trabalho, e perigo, sem reservar tempo, e lugar para a dor, e lagrimas dos filhos, e maridos, que virão espirar com seus olhos, e ellas mesmas havião sepultado, encobrindo o sentimento natural com nunca visto exemplo.

Determinação do Capitão mór.

Reparados os baluartes com as pedras ainda quentes do sangue, e do incendio, chamou o Capitão mór a conselho os poucos companheiros, que sobrevivérão ao estrago, representando-lhes o miseravel estado em que se achavão; a maior parte dos defensores mortos; os que ficavão enfermos, e feridos; destroçadas as armas; corrupto o mantimento, as munições gastadas; a fortaleza posta por terra; os mares com os temporaes do inverno cada vez mais cerrados, o inimigo vigilante, e soccorrido por horas, com a noticia de todas estas faltas; o que considerado pedia a todos, que não se lembrando das vidas, o aconselhassem, como melhor poderião salvar a honra de seu Rei, e as suas; que entendessem, que estavão como espectaculo do mundo, e tinhão sobre si os olhos do Oriente todo, expostos a merecer a maior fama, ou a ma-

ior infamia; que se não podião alcançar a victoria, podião privar della aos inimigos, pois estava nas mãos de todos o poder acabar gloriosamente, ganhando maior honra destroçados, que os Mouros victoriosos; que os havia chamado para lhes communicar a resolução em que estava, esperando, que todos a approvassem, a qual era que em se gastando esse pouco mantimento, e munições, que havia, queimar a roupa, cravar a artelharia, e sahir com as espadas nas mãos a buscar o inimigo, para que não pudesse chamar victoria aquella, em que não acharia cativos, nem despojos. Ouvido Dom João Mascarenhas, não houve soldado a quem não parecesse que tardava o effeito de resolução tão valerosa. Diga Roma, se acha nos seus Annaes escrita huma acção tão illustre dos seus Fabios, Scipiões, ou Marcellos.

Viagem de D. Alvaro de Castro.

Em quanto estas cousas passavão, andava Dom Alvaro de Castro com as tormentas do inverno a braços; porque sendo vinte e quatro de Junho, tempo em que se não deixão navegar aquelles mares, elle, temendo o perigo da fortaleza, e desprezando o da armada, forçava o remo navegan-

do por debaixo das ondas. Era o vento travessão, e os mares andavão tão cruzados, e soberbos, que comião os navios, huns abertos com a força do vento, outros sem mastos, e desenxarceados andavão sem governo á vontade das ondas, e se hião alagando por hum, e outro bordo, sem nenhum obedecer ao leme. Dom Alvaro obstinado em soccorrer a Dio, andava a huma, e outra parte errando, vendo-se por momentos soçobrado; até que com o trabalhar do navio, lhe saltou o leme fora, com o que impaciente arribou a Baçaim destroçado com alguns navios de sua conserva; outros tomárão differentes portos, e enseadas. Aqui achou Dom Alvaro a Dom Francisco de Menezes arribado com a mesma fortuna, depois de haver huma, e outra vez tentado o golfão, que achou com tal braveza, que alijou ao mar as munições, e mantimentos que levava, por salvar o casco.

Arriba a Baçaim.

Neste tempo chegou Antonio Moniz Barreto com o caravelão das munições; e como era tão geral a tormenta, esteve muitas vezes perdido, e surgindo o entregou a Dom Alvaro com animo de passar a Dio, a despei-

Chega Antonio Moniz a Baçaim.

to dos mares, em qualquer embarcação que achasse, como saboreado de hum perigo para entrar em outro. Este dia, crescendo o tempo, começou a cassear o caravelão, e trincou duas amarras; e como era baixel tão importante, por trazer as munições do soccorro, tentou Dom Alvaro acudir-lhe; e por mais que trabalhárão os marinheiros, não puderão chegar-lhe com a força do tempo. Porém Antonio Moniz Barreto, metendo-se em huma Galveta, que acaso achou na praia, os de terra o virão mil vezes soçobrado; mas como era embarcação tão leve, e não fazia resistencia aos mares, sobre elles vagamente se sostinha. Em fim chegou, deu cabo ao caravelão, o qual contra o juizo de todos, com mais fortuna que razão, trouxe atoado. E fazendo discurso que só aquella embarcação, por leve, e pequena, poderia penetrar mares tão grossos, na qual faria menos impressão o choque e embate das ondas, a comprou a hum mercador secretamente, e com alguns marinheiros pagos á sua vontade, se veio embarcar nella. Estava acaso na praia Garcia Rodriguez de Tavora, e vendo a resolução de Antonio Moniz,

Salva o caravelão dos mantimentos.

Partem dous Fidalgos para Dio.

lhe pedio o levasse comsigo; escusou-se o Moniz dizendo, que lhe não convinha acompanhar-se de homem tão grande, que lhe fizesse sombra, porque queria só para si este perigo, sem que na sua embarcação parecesse segundo. Garcia Rodriguez lhe affirmou, que em toda a parte confessaria, que elle era o que o levava, e que disto lhe passaria escritos. Com tanto escrupulo se tratavão naquelle tempo os pontos da opinião. Satisfeito Antonio Moniz deste comedimento, deu lugar a Garcia Rodriguez; e vendo-os fazer-se ao mar Miguel de Arnide, hum soldado de corpo agigantado, e maior ainda no brio, que na estatura, bradando-lhes de terra, lhes disse: Como, senhores, sem mim passais a Dio? Não cabeis cá (lhe respondeo hum delles.) Mas o valeroso soldado, lançando-se ao mar vestido, com huma espingarda na boca, hia nadando demandar a Galveta. E vendo Antonio Moniz tão grande gentileza, pairou para o recolher dentro, dizendo, que levava hum bom soccorro a Dio, em tão bom companheiro.

Miguel de Arnide os acompanha.

Forão aquelles Fidalgos navegando com tempos tão rijos, que andárão todo aquelle dia, e noite á

Perigos da viagem.

misericordia dos ventos, obedecendo a Galveta aos mares sem carreira, ou governo. Humas vezes a fazião surdir as ondas, outras perder o que tinhão canjado. Forão correndo com huma moneta ao pé do masto a discriçam dos mares que a alagavão por hum, e outro bordo, os quaes apenas podião vencer com baldes. Nesta fadiga, e risco passárão a noite toda rendidos do continuo trabalho, sem que com a escuridão della, e cerração do tempo, pudessem conhecer a paragem em que estavão. Amanheceo o dia com pouca differença da noite, e elles continuando com a luta das ondas, até que sobre a tarde houverão vista da fortaleza; porém tão arrasada, que apenas se dava a conhecer pelas ruinas. Chegárão em fim a dar fundo, sem que fossem sentidos das vigias; argumento de ser a fortaleza perdida. Bradou Antonio Moniz alto, e sendo ouvido dos de dentro, forão correndo dar aviso ao Capitão mór. Aqui se conta, que perguntando as vigias, quem erão? Respondéra hum soldado, que Garcia Rodriguez de Tavora; o que Antonio Moniz sofrendo mal, disse; que elle era o que alli vinha; e pudera a descon-

Chegão a Dio.

Desconfiança briosa destes dous Fidalgos.

fiança chegar a maior rotura, se Garcia Rodriguez cortez, e comedido, não temperára o animo de Antonio Moniz justamente sentido; se bem o t mpo, e o motivo puderão fazer desprezar qneixa tão leve. Chegou D. João Mascarenhas, e levando-os nos braços, lhes disse, quanto estimava tão opportuno soccorro. Perguntou a Antonio Moniz, onde se achava D. Alvaro de Castro, o qual lhe respondeo em voz alta, que os soldados ouvírão: Aqui senhor, em Madrefabat o tendes com sessenta navios, e com a primeira vaga do tempo lhes vereis as bandeiras. E em sécreto lhe disse, que ainda ficava em Baçaim arribado, depois de tentar o golfo muitas vezes, mas tão impaciente na tardança, que não esperaria tempo para vir soccorrelo. Esta nova foi festejada de maneira, que os soldados com danças, e folias, esquecião os trabalhos passados, na esperança do soccorro vezinho; e os que havião militado com D. Alvaro, com a experiencia de seu brio, certificavão a vinda a despeito dos mares e dos ventos.

Dão novas de D. Alvaro.

D. João Mascarenhas agasalhou os hospedes no baluarte S. João, e

S. Thomé que erão os mais arruinados, dando-lhes estes mimos da guerra, como a benemeritos dos maiores perigos. Não era neste tempo menor o risco, mas já menos temido. Mandou Antonio Moniz a embarcação em que viera, a seu primo Luiz de Mello de Mendoça, que lha havia pedido. Passárão nella alguns soldados estropeados com cartas do Capitão mór a D. Alvaro de Castro, em que lhe dava conta de todo o succedido, referindo-lhe em summa as necessidades que temos relatado. Chegou a Galveta a Baçaim com grande alvoroço dos que a virão, polas novas de estar ainda por ElRei a fortaleza, se bem misturadas com as fezes de tantas mortes, entre as quaes foi mui sentida a de D. Fernando de Castro, que em tão verdes annos deixou de si tão honrada memoria. D. Alvaro a recebeo com a constancia de soldado, tomando por alivio achar-se com a espada na mão para vingala. E logo aquella mesma tarde mandou sahir a armada com ordem, que todos puzessem a proa em Dio, e que nenhum navio aguardasse por outro.

Avisa o Capitão mór a D. Alvaro.

O qual sahe de Baçaim.

Entretanto Rumecão vendo, que obravão mais as minas, que os assal-

Continua Rumecão as minas.

tos, sabendo de alguns escravos, que da fortaleza havião fugido da fome, e do perigo, o sentimento com que os nossos estavão pela falta de tantas pessoas illustres, que acabárão na mina, e a estreiteza com que se repartião as munições, e mantimentos, resolveo continuar as minas, que se obravão com menos risco, e com maior effeito; para cujo intento mandou picar o baluarte Sanctiago, e o lanço de muro que para elle corria, tudo por estradas torcidas, e encubertas, para nos esconder o desenho, e assegurar os seus trabalhadores. D. João Mascarenhas cauto, e prevenido, arguindo daquella breve pausa que fazião as armas do inimigo, que trabalhava em outra nova mina, temendo-se do baluarte de Antonio Peçanha, mandou-lhe fazer alguns reparos, e abrir escutas, por onde conheceo, que por aquella parte se picava o muro: o qual o inimigo achou tão forte, que o não podia romper o picão; difficuldade que venceo com vinagre, e fogo. Donde se vê que a estes inimigos da Asia não faltava valor, nem disciplina, como erradamente escrevem, os que em abatimento de nossas victorias, imaginárão os Mouros Orientaes barbaros, e

Os nossos acodem ao reparo dellas.

bisonhos. Com este artificio começou a arruinar o muro; e logo entre o baluarte S. Thomé, e o Cubello, ordenou Rumecão, que se lavrasse a mina; a qual sendo conhecida dos nossos, lhe fizerão contramina, e alevantárão por dentro huma parede forte; e como estavão faltos de materiaes, e gente, acudírão aquellas honradas matronas ao serviço de tão pesada obra em beneficio dos feridos, e enfermos, que não podião suprir este trabalho, nem tão pouco escusalo.

Anima Rumecão os seus para outro assalto.

Logo que Rumecão teve posta em perfeição a mina, determinou á sombra della dar hum geral assalto, e chamando a si os Cabos do exercito, e os que estavão escolhidos para escalar o muro, escrevem que lhes fez esta falla: « Aquellas ruinas, que « estais vendo, tintas no sangue de « nossos companheiros, hão de ser « hoje nosso sepulchro, ou nosso alo- « jamento. Cem soldados são os que « guardão aquellas estragadas mura- « lhas, aos quaes a fome, e as feri- « das tem tirado as forças de sorte, « que só peleijamos com as sombras, « dos que já forão homens, offerecendo « os miseraveis aos nossos alfanges « vidas sem sangue. A honra, que

« neste cerco tem ganhado com valor
« infelice, ha de ser toda nossa, por-
« que do fim da guerra tomão nome
« as empresas; que o mundo julga
« sempre o valor da parte da ultima
« fortuna. Acabemos de ganhar aquel-
« la fortaleza, subamos a este monte
« de triumphos, vingaremos infinitas
« injurias com huma só victoria. Livre-
« mos esta escrava da Asia das prisões
« do tributo; livremos nossos mares,
« que debaixo de suas armadas violen-
« tados gemem. Com este ultimo assal-
« to poremos fim a tão illustre empre-
« sa, e se acordará o Oriente idades
« largas com alegre memoria de tão fer-
« moso dia.»

Acabada a pratica, fallou, e animou aos particulares com razões accommodadas ao tempo, e ás pessoas, sinalando premios aos primeiros que subissem ao muro, como pudera o mais sabio e pratico Capitão da Europa. No mesmo dia, que foi o de dezaseis de Agosto sahio o inimigo com todo o poder, de seus alojamentos, e repartindo-se ordenadamente pelos baluartes, deixou o maior grosso do exercito, para acometter o de Sanctiago, por onde esperavão abrir a porta á victoria, ao qual se arrojá- Comettem o baluarte Sanctiago.

rão tumultuariamente, dando espantosas vozes, e tirando sobre elles grande copia de armas de arremesso para chamarem á defensa a maior força dos nossos. Ateou-se por esta parte com maior calor a briga, até que na força do conflicto, fingindo o inimigo, que cedia a nossa resistencia, se retirou subitamente, como a sinal certo. Os nossos, que estavão sobre aviso, conhecendo o engano no temor simulado, com que se retrahião, se apartárão tambem do baluarte, esperando que rebentasse a mina. Derão-lhe os Mouros fogo, o qual achando resistencia nos repuxos, e escarpas do muro, que lhe contrapuzerão, rebentou pela face de fora retrocedendo; e voando a cortina do muro, a lançou sobre os Mouros com tão grande violencia que matou mais de trezentos, e muitos mais ficárão estropeados.

Rebenta a mina com dano dos inimigos.

Ficou a fortaleza espaço grande escondida em nuvens de pó, e fumo, sem que de huma, e outra parte se conhecesse o dano; mas logo que se começárão a adelgaçar os ares, acudio o inimigo em tropas a subir pelos estragos, e ruinas do fogo, com tanta certeza de victoria, que huns aos ou-

tros fazião impedimento, estimulados da cobiça do premio, ou da ambição da honra. Porém os nossos os recebérão nas lanças, fazendo-os voltar em pedaços sobre os opprimidos da mina. Traz estes acomettérão outros, que depois de peleijarem grande espaço, forão tambem derribados dos nossos; aos quaes desatinavão muitas settas, chuços, e alcanzias de fogo, que tiravão do campo, com que nos encravavão alguma gente, e impedião a defensa aos soldados attentos a hum e outro perigo; porém assim abrazados, e feridos, não houve algum que largasse o lugar que sostinha, onde fizerão tão heroicos feitos, como se deixão ver no successo, e na desigualdade da peleija. O fogo, que os Mouros lançavão no baluarte, era tanto, que os nossos peleijavão em hum incendio vivo; a que o Capitão mór occorreo mandando trazer tinas de agua onde mitigavão, ou extinguião os vestidos, e corpos abrazados. Como a esta parte se inclinou mais o poder do inimigo, tambem aqui lhe fez opposição maior a força dos nossos, com que se acendeo a peleija mais viva, soccorrida dos Mouros por momentos com gente de refresco, e assistida com a presença,

e voz do General, que os esforçava.

Antonio Moniz Barreto, e Garcia Rodriguez de Tavora, derão aqui de seu valor huma illustre prova, sostendo o peso dos inimigos com constancia não vulgar, mostrando os mesmos brios nos perigos da terra, que nos do mar. Muita parte da honra deste dia coube áquellas nunca assaz louvadas matronas, não só companheiras no trabalho, mas tambem no perigo. A boa velha Isabel Fernandez com huma chuça nas mãos, animava aos soldados com palavras, e melhor com o exemplo; e as demais entre as settas, as lanças, e pelouros, ou mostravão seu esforço, ou servião ao alheio.

Continuão as mulheres seu valor.

Nos outros baluartes não estavão as armas ociosas, porque em todos se peleijava, para com a diversão facilitar a entrada pelo de Sanctiago onde havia rebentado a mina. Ordenou tambem Rumecão, que se batesse a Igreja da fortaleza, que podia ser arrazada por estar eminente, crendo naquelle lugar, seria mais sensitiva a offensa. Porém os nossos derão tão grande pressa aos inimigos, que chegavão já froxos, e tibios a escalar o muro, detidos no horror de seu mesmo estrago.

Mandou Rumecão tocar a recolher

impaciente, deixando sobre quinhentos mortos, sem conto os feridos. Qualquer dos nossos se podia contentar com a honra, que ganhou este dia. Miguel de Arnide, aquelle valeroso soldado, se assinalou tanto, que mostrou ser ainda aquelle corpo pequeno para tamanho espirito; e como a tão crecida creatura acompanhavão forças proporcionadas, o que alcançava com o primeiro golpe, escusava o segundo. Mojatecão, que tinha vindo ao exercito com hum soccorro grosso, e do valor dos Portuguezes fallava com desprezo, formando differente juizo com as experiencias deste dia, dizia, que erão dignos de que os servissem as gentes; e que a fortuna do mundo estava em serem elles tão poucos, porque a natureza, como a leões, os tinha feito raros, encerrando-os nas covas do ultimo Occidente.

Retirão-se os inimigos com perda.

Mojatecão louva o valor dos nossos.

Este dia perdemos sete soldados, e ficárão vinte e dous abrazados; e já os sãos erão tão poucos, que não bastavão a curar os feridos, e menos a repairar as ruinas da fortaleza, para que faltava tempo, materiaes, e gente; mas como Rumecão achava nos assaltos tão dura resistencia, fazia de nossas forças differente concei-

Avisado Rumecão de tres escravos fugidos.

to. Neste tempo fugírão para o inimigo tres escravos nossos, os quaes levados a Rumecão, lhe affirmárão, que na fortaleza não havia sessenta soldados, que pudessem tomar armas, e estes muito debilitados com a fome, e continuo trabalho das obras, e vigias, nos quaes não acharia mais que obstinação sem forças. Com a certeza deste aviso, resolveo Rumecão assaltar-nos com todo o poder para o seguinte dia, declarando aos seus o estado em que nos achavamos, e mandando, que todos o ouvissem da boca dos escravos; os quaes discorrendo pelo exercito, espalhavão alegres a relação de nossas miserias.

Dá outro assalto.

Logo que amanheceo, se ordenou o exercito para dar o assalto, no qual como o ultimo da guerra, se quizerão achar todos, e alguns vestírão galas, crendo, que hião mais a triumpho, que a peleija. Sahírão de seus alojamentos, com todas as insignias arvoradas, tocando diversos instrumentos, que alternados com a vozeria do campo, articulavão eccos barbaros, e medonhos; e como trazião vencido o medo com as noticias, que temos referido, de longe se avançárão ao baluarte S. Thomé, que por

estar quasi todo arrasado, as ruinas lhes servião de escadas. Era de Turcos esta primeira tropa, que arremetérão confiados, como a dar a victoria; porém os nossos quebrando entre elles algumas panelas de polvora, os fizerão retirar abrazados. Com a mesma furia chegárão outros, que depois de peleijarem algum espaço, voltárão tambem como os primeiros, sangrados do nosso ferro. Mas Rumecão, crendo, que tão continua resistencia nos teria consumidos, como o ferro, que cortando se gasta, ajuizando nossa fraqueza do seu mesmo estrago, bradou aos seus, que subissem a tomar posse da fortaleza, que já não havia quem se lhes oppuzesse. Aqui arremeteo tumultuariamente hum grão troço de Mouros esforçados, ou credulos ás vozes do General. Estes com o primeiro alento cavalgárão o muro, e começárão a peleijar com os nossos braço a braço, muitos, e descansados contra poucos já lassos, e feridos, porém tirando forças do brio, e necessidade, se mostrárão tão valentes aos ultimos, como aos primeiros. Alguns dos inimigos cahião, e succedião outros, com que esteve a fortaleza muitas vezes perdida. Aqui

Valerosa resistencia dos nossos.

acudio D. João Mascarenhas animando os seus, como grão Capitão, peleijando como o melhor soldado, e próvido a todas as occurrencias da guerra, tinha prompto todo o genero de armas, de que se ajudavão os nossos, ministradas por aquellas valerosas mulheres. Luiz de Sousa, Capitão daquelle baluarte, fez grandes gentilezas nas armas este dia. Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodriguez de Tavora, D. Pedro, e D. Francisco de Almeida, fizerão obras dignas de maior escritura; e todos os mais Cavalleiros, e soldados, que aqui se achárão, alcançárão bem merecida fama.

Acomette Rumecão o baluarte S. João e retira-se.

Mandou Rumecão acometter o baluarte S. João, crendo pela informação dos escravos, que achasse a entrada franca, mas obrárão tanto os poucos defensores que tinha, que obrigárão a retirar o inimigo com perda, e com vergonha. Rumecão assombrado do que via, affirmava que eramos instrumentos da indignação do Ceo contra Cambaia, e segunda vez tratou de applacar Mafoma com algumas expiações barbaras, e ridiculas; e porque nos assaltos perdia muita gente sem fruto, e os soldados já timidos

desprezavão a obediencia com o horror de tão quotidiano estrago, tornou a tentar as minas, como artificio, ou mais efficaz, ou mais seguro. E primeiro mandou abrir muitas setteiras na parede, que dividia o exercito da nossa fortaleza, por onde recebião os nossos muito dano, porque peleijavão como em campo raso; sem abrigo da muralha, que estava arruinada. Começárão a laborar os seus arcabuzes, dando continuas cargas.

Ordenou que com hum Quartão se batesse a cisterna, a qual, se chegára a arrombar-se, nos perderiamos com sede, como mal sem remedio. Esta cisterna está a entrada de huma rua, que chamamos a Cova, que foi a cava antiga dos Mouros, onde se recolhia a gente inutil. Aqui cahião muitos pelouros com dano dos miseraveis, que alli se abrigavão, e perigo da abobeda que cobria a cisterna. A este perigo occorreo o Capitão mór, ordenando huma tranqueira alta de vigas, e entulho, com que remediou hum, e outro dano, furando as casas pela parte de dentro, com que de humas a outras se dava serventia segura.

Intenta arrombar a cisterna.

Entretanto trabalhavão os Mouros

na mina, que hia demandar o baluarte Sanctiago, o que entendido dos nossos, ordenárão por dentro repuxos fortes, e abrírão alguns vãos por onde se vazasse o fogo. Chegado o termo de rebentar a mina, achou tal resistencia nas escarpas, que deu com parte do baluarte para a banda de fóra, matando quantidade de soldados, e mineiros, que assistião na obra, sem que dos nossos perigasse algum, ficando inteira a cortina do muro; seria caso, mas tão raro, que pareceo milagre. Em rebentando a mina, subírão de tropel os Mouros pelas ruinas do baluarte, donde se lhe oppuzerão os nossos, desvelados das continuas vigias, debilitados das fomes, e feridas, sustentados mais na grandeza do espirito, que em forças naturaes; mas ainda assim os animou a honra, e o perigo, de sorte, que parecião peleijar com forças descansadas, e inteiras, detendo a furiosa corrente do inimigo á custa delle mesmo. Era o lugar capaz de peleijarem muitos, e a desigualdade do número fazia o perigo maior. O ruido das armas, a confusão das vozes, impedião mandar, e obedecer. Cahírão muitos Mouros, mas pela diligencia dos Ca-

Rebenta outra mina com dano dos inimigos.

Perigo grande dos nossos.

bos, lhes succedião outros, com o que não deixavão respirar os nossos, acommettidos de longe com armas de arremesso, e de perto peleijando braço a braço. Assim aturárão muitas horas nesta dura contenda. Tiverão os inimigos lugar de arvorar tres bandeiras no baluarte, defendidas de boa copia de espingardeiros. Deste lugar forão descendo ao muro até a Igreja do Apostolo Sanctiago, que ficava encostada ao mesmo baluarte, metendo-se nos altos da casa; com o que ficou o baluarte, e a Igreja, a metade sustentado dos Mouros, e a outra dos nossos.

Arvora o inimigo tres bandeiras no baluarte Sanctiago.

Sobreveio a noite, pondo termo á discordia, não a paz, senão a natureza; e ainda assim com golpes vagos e incertos continuárão huma cega batalha. Ordenou logo o Capitão mór huma fraca trincheira, que mais nos dividia, que amparava do inimigo; a qual se obrou com as armas nas mãos, quasi furtiva, ficando por alojamento dos soldados o lugar da batalha; onde, nem sobre as armas, podião ter seguros hum pequeno repouso, porque nem para curar as feridas tinhão tempo, ou lugar opportuno. Não descansava o Capitão mór com

Cuidado do Capitão mór nos reparos.

as armas, e menos com o espirito. Mandou aquella noite assestar hum Camelo a porta da Igreja, que ficava a cavalleiro do baluarte, e com elle varejava os Mouros, que recebião muito dano, em quanto conservavão a posse do que tinhão ganhado, até que se cubrírão com huma trincheira grossa, que os assegurava.

Sahe de Baçaim Luiz de Mello.

Não se passava menos perigo no mar, do que na terra, porque logo que chegou a Baçaim a Galveta de Antonio Moniz, ao outro dia, que se contavão quatorze de Agosto, se embarcou nella Luiz de Mello de Mendoça com quinze companheiros, e apoz elle em hum Catur Dom Jorge, e Dom Duarte de Menezes com dezesete soldados; e Dom Antonio de Attaide, e Francisco Guilherme cada hum em seu navio com quinze soldados. Luiz de Mello se foi logo engolfando, sordindo pouco, porque levava o vento pelo olho, e quanto mas se afastava da terra, via os mares mais grossos; e como a Galveta era pequena, e estroncada, e as ondas tão soberbas, que rebentavão em flor, quebrando-se cruzadas com a força do temporal, começou a entrar-lhe a agua por hum, e outro bordo, que os mari-

Perigos que tem na viagem.

nheiros despejavão com baldes, vendo-se por momentos soçobrados; com que já areados, e timidos, grumetes, e soldados requerião a Luiz de Mello, que arribasse, dizendo, que sabião peleijar com homens, e não com os elementos; que já não era valor, senão porfia, perderem-se sem fruto; que contra a indignação de Deos não valia esforço. Porém Luiz de Mello os applacou, dizendo, que naquella Galveta, e com a mesma tormenta passára Antonio Moniz, que não levava melhores companheiros que elle, nem lhe tinhão mais cortesia os mares; que ninguem acabára cousas grandes sem perigo; e que quando seus companheiros, e amigos estavão ás lançadas com os Turcos, não havião de esperar os mares leite, e os ventos galernos para hir a soccorelos; que quando as ondas lhe comessem o navio, sobre a espada havia de chegar a Dio; que trabalhassem, que Deos os havia de ajudar.

O temor, ou o pejo destas palavras, fez por então aquietar a todos; assim forão aquella tarde, e noite lutando com a tormenta, esperando que cada onda os soçobrasse; e não podendo já as forças com o trabalho,

vendo crecer o temporal por instantes, se conjurárão os marinheiros, e soldados a obrigar a Luiz de Mello por força, que arribasse; do que sendo avisado por hum Gomez de Quadros, soldado de sua obrigação, tomou as armas todas, e recolhidas no paiol, se poz em cima com a espada na mão, dizendo, que quem lhe fallasse em arribar, ás estocadas lhe havia de dar a reposta; que a vida de nemhum delles era de maior preço que a sua, para se não quererem perder, onde elle se perdia; que puzessem os olhos em Dio, porque nem a honra, nem a salvação tinhão já outro porto. Vendo os soldados esta resolução, e os marinheiros mais temerosos do Capitão, que da tormenta, seguírão sua viagem sempre alagados, e com a morte bebida, parecendo, que cada rajada de vento os sepultava. Assim forão em continuo naufragio navegando, até que sobre a tarde houverão vista da fortaleza, donde forão olhados com espanto, e alegria. Os Mouros lhes tirárão muitas bombardadas ao entrar da barra; surgírão sem dano na Couraça, onde o Capitão os veio a receber com grande alvoroço; a quem Luiz de Mel-

Resiste aos que querem arribar.

Chega a Dio, e dá novas de D. Alvaro.

lo affirmou, que não poderia tardar dous dias Dom Alvaro de Castro; nova que foi festejada de todos com demonstracões que os Mouros entendérão, de que fizerão juizo, que andaria já no mar o soccorro, a cuja causa determinou Rumecão apertar mais o cerco. Luiz de Mello com os seus foi aposentado no baluarte Sanctiago, de que o inimigo tinha a maior parte, que havia guarnecido com os soldados mais escolhidos do campo, apostados a morrer na defensa do que tinhão ganhado. Ao seguinte dia chegárão D. Jorge, e D. Duarte de Menezes, havendo passado os mesmos riscos, com a mesma constancia, que Luiz de Mello. Com estes soccorros, maiores na qualidade, que no numero, parecia que tinha já outro semblante a guerra.

Chegão outros fidalgos.

Importunavão os novos hospedes a Dom João Mascarenhas, que os deixasse ver o rosto ao inimigo, tentando deitalo fora do baluarte Sanctiago, o que elle concedeo levemente, querendo tambem acompanhalos. Aprestárão-se para o outro dia, e em amanhecendo subírão pelos muros, com que o inimigo se cobria, lançando-se aos Mouros tão impetuosamente, que

Peleija-se no baluarte Sanctiago.

os deitárão fora, sem lhes valer o esforço, e resistencia com que se defendérão. O estrondo das armas chegou aos ouvidos de Rumecão primeiro, que o aviso, e acudindo com todo o poder áquella parte, tornou a travar com os nossos com igualdade no lugar, e ventagem no número. Aqui se peleijou de ambas as partes, braço a braço, e corpo a corpo, ferindo-se com as armas curtas, sustentando cada hum com o sangue, e com a vida o lugar, que occupava. Os nossos com tão inferior partido, fizerão tantas gentilezas nas armas, que os Mouros os olhavão de fora com temor, e espanto; porém como erão tão desiguaes as forças do inimigo, tornou a recobrar aquella parte do baluarte, que já tinha ganhado, e reforçando-a com guarnição dobrada, mandou dar hum assalto geral á fortaleza. Peleijava-se por todas as partes com huma mesma furia, cahião muitos Mouros, huns cortados do ferro, e outros abrazados do fogo; mas no mais vivo deste conflicto se começou a escurecer o dia com huma cruel borrasca de ventos, agua, trovões, e relampagos, parecendo, que no ar se accendia outra nova batalha.

Os Mouros vendo que a agua nos apagava as cordas, e que não podião ser offendidos com as panelas de polvora, nem outros instrumentos de fogo, interpretando a favor divino o curso, ou variedade dos tempos, por entre espessos chuveiros se chegavão aos nossos sem medo, com vozes, e algazarras, como de quem tinha o Ceo propicio. Foi este o dia, em que maior valor mostrárão os nossos, e em que a fortaleza teve maior perigo, porque os Mouros se metião pelas lanças, e espadas, ou brutos, ou valentes. Durou seis horas tão porfiado assalto, até que tornou a abrir o dia, e os nossos se começárão a aproveitar das panelas de polvora, com que abrazavão muitos, cuja vista aos outros resfriou o orgulho, peleijando mais cautos, até que se lhes acabou o dia, e Rumecão tocou a recolher, deixando quatrocentos mortos, e mais de mil feridos; dos nossos faltárão sete, forão mais os feridos. Neste assalto se achárão todos os Fidalgos do soccorro, mostrando no valor as mesmas qualidades que no sangue. Dom João Mascarenhas fez as vezes de Capitão, e de soldado, sabia, e valerosamente; assistindo sempre ao perigo, sem faltar ao gover-

Perigo da fortaleza, e valor dos nossos.

Retira-se Rumecão com muito dano.

no. Esta noite passárão os nossos mui vigiados pela vezinhança do inimigo, que havia recebido do Soltão novas honras, pelos apertos, em que tinha os cercados; e lhe havia entrado hum soccorro de cinco mil infantes com muitos Cabos Turcos, que Rumecão quiz logo avistar com os nossos, para lhes mostrar os contendores que tinha, como em prova do que havia obrado.

Entra soccorro ao inimigo.

Ao seguinte dia depois do assalto, entrárão pela barra Dom Antonio de Attaide; e Francisco Guilherme, que não achárão menos bravos os mares, que os outros, que temos referido. Disserão, que não podia tardar hum dia D. Alvaro de Castro, porque se tinha já levado a armada com ordem, que nenhum navio esperasse por outro. Os soldados festejárão a nova, e o soccorro com musicas, e folias continuas, com que já parecião passatempos os perigos do cerco.

Chegão a Dio mais fidalgos.

Entendendo Rumecão, que vinhão chegando á fortaleza alguns soccorros, e que em abrindo o tempo não serião os Portuguezes tardos em darse huns aos outros a mão nos maiores perigos, começou a desconfiar da empreza, vendo que os trabalhos não

Desconfia Rumecão da empreza.

quebravão os animos dos nossos, e que os seus soldados nas conversações não tinhão por justificada a causa desta guerra, accusando aos quebrantadores da paz por nós fielmente guardada. Temeo a disposição que via para algum motim, a que atalhava encarecendo o miseravel estado dos nossos, e a infallibilidade que tinha da victoria. Fez pagas aos soldados, e mandou prégar pelos Cacizes a certeza da gloria para todos os que morressem nesta guerra; e as mercês com que o Soltão havia de remunerar aos libertadores da patria; não se esquecendo do temporal á volta do divino. E porque as minas erão de menos risco que os assaltos; e obravão com maiores effeitos, determinou de as hir proseguindo. Com este desenho mandou abrir huma grande mina no lanço do muro, que hia do baluarte S. João a fechar na guarita de Antonio Peçanha; porém como os nossos andavão sobre aviso, ainda que Rumecão cauto, e ardiloso fazia aos outros baluartes pontaria, mandando trabalhar nelles de noite com estrondo, para com esta diversão cobrir o intento com tudo D. João Mascarenhas teve noticias da mina, contra a qual se

Abre outra mina que se atalha.

assegurou como das outras vezes, trabalhando os Fidalgos nos reparos, cujo exemplo fazia aos soldados o trabalho mais leve.

Da-se-lhe fogo, e os nossos defendem as roturas.

Chegado o termo de se dar fogo á mina, se abalou o exercito, e começou a tornear a fortaleza. Vinhão diante dous Sanjacos capitaneando huma tropa de Turcos, que erão os que havião de entrar pelas roturas, que se abrissem ao rebentar da mina, a qual com tremendo estampido levou pelos ares toda a face do muro. Corrérão logo os Turcos, ainda cegos do fumo, e da terra levantada nos ares com o impulso do fogo, porém achárão outro muro contraposto, a que o fogo, ou não chegou, ou achou resistencia; virão com tudo, que a guarita de Antonio Peçanha ficára por tres partes aberta, e voltando áquella parte as armas, intentárão ganhala; mas os nossos acudírão a defendela, como lugar mais fraco, retardando a corrente do inimigo.

Aqui andou por hum espaço a briga mui travada, peleijando cercadores, e cercados como em campo raso. E crendo Rumecão, que estava naquelle lugar todo o poder dos nossos, mandou acometter os outros

baluartes, onde tambem os Portuguezes lhe mostrárão o ferro. Metérão este dia os inimigos infinitos pelouros na fortaleza, dos quaes não recebemos dano, estando ella quasi arruinada; caso, que por ser raro, pareceo milagroso. Durou em fim o combate algumas horas, retirando-se o inimigo com o mesmo dano que outras vezes, os nossos com a mesma fortuna.

Retira-se o inimigo.

Rumecão, que já tinha por injuria a dilação do cerco, como homem que buscava os perigos, e o dano por desculpa, acometteo o outro dia o baluarte S. Thomé em pessoa, fazendo com seu risco exemplo, e mandou por differentes Capitães escalar os outros baluartes, parecendo a invasão destes dias hum successivo assalto. Aqui peleijárão os Mouros, mais como desesperados, que valentes, correndo atravessados pelas lanças, e espadas dos nossos a morrer, e a matar juntamente; mais promptos a offender, que a reparar-se; buscando a morte, como porta para a imaginada gloria, que lhe promettião os Cacizes, maquinando este diabolico incentivo em beneficio da empresa, e despreso da vida. Com este ardor sofrérão o peso da batalha muitas horas,

Acomette Rumecão o baluarte S. Thomé.

perdendo oitenta dos seus, sobre cujos corpos peleijavão, incitados da dor, e da injuria dos companheiros mortos. Peleijárão em fim com tal porfia, que sustentárão aquella parte do baluarte, onde se combatia, e nelle arvorárão bandeiras, cobrindo-se com vallos, e estacadas.

Successos no baluarte Sanctiago.

Não andavão menos quentes as armas no baluarte Sanctiago. Duas vezes o tiverão ganhado os inimigos, mas forão tão valerosamente resistidos que o tornárão a perder depois de bem sangrados. Aqui foi tanto o fogo, que os inimigos lançárão, que os nossos peleijavão abrazados, soccorrendo-se, por unico remedio, das tinas de agua para refrigerar-se. Antonio Moniz Barreto com dous soldados se achavão sós no baluarte, detendo a furia do inimigo; e querendo o Moniz sahir-se a mitigar nas tinas o ardor do fogo, travou delle hum soldado, dizendo: ah Senhor Antonio Moniz, deixais perder o baluarte d'ElRei? Vou-me banhar naquellas tinas (lhe tornou elle) que estou ardendo em fogo. Se os braços estão sãos para peleijar, tudo o al he nada (lhe respondeo o soldado.) Cuja advertencia aceitou o Moniz, tão pagado do valor que o

Valor particular de hum soldado.

soldado mostrava, que o trouxe comsigo para o Reino, e lhe alcançou despacho, confessando generosamente o seu desar para credito alheio; chamando-lhe sempre com honrado appellido, o soldado de fogo; nem as relações deste successo nolo dão a conhecer por outro nome.

Neste, e nos outros baluartes se peleijou este dia com valor, e perigo igual, que não podemos relatar por extenso, por serem os casos tão semelhantes, que parecendo huma mesma cousa repetida, se escrevem, e se lem com fastio; porém ainda que a relação deste cerco nao deleite com a variedade, quem negará, que foi esta facção huma das mais illustres que se achão nas historias humanas, da qual fizerão estimação justa as mais bellicosas nações da Asia, e da Europa? Retirado do assalto o inimigo, se fortificou nas ruinas da fortaleza, donde continuamente se mostravão as armas.

Retira-se outra vez o inimigo.

Ao seguinte dia despèdio D. João Mascarenhas em hum Catur a Antonio Correa, com vinte companheiros, soldado de grande valor, a quem não sabemos o nascimento, se bem suas obras o merecião, ou suppunhão il-

Sahe Antonio Correa a fazer alguma preza.

lustre. Sahio da barra, e torneando a Ilha, como lhe foi ordenado, se recolheo sem presa; e como os soldados de valor se não contentão com obrar bem, senão ditosamente; tornou o Correa ao mesmo negocio cinco vezes (mais desconfiado, que obediente) a tentar a fortuna; mas como o que parecia caso, era misterio, ordenou, ou permittio o Ceo, que o valeroso soldado fizesse da empreza porfia, o qual, como se a desgraça fora culpa, se accusava a si mesmo. Tornou em fim com mais importuna experiencia a rogar, ou conhecer sua sorte, e dando volta á Ilha, divisou ao longe hum fogo, que a distancia fazia mais pequeno, e remando contra áquella parte, deixando os companheiros no Catur, saltou em terra, caminhou algum espaço só, até que a mesma luz do fogo lhe descobrio doze Mouros, que em torno delle reparavão o frio. Voltou logo aos companheiros alegre, dizendo, que sahissem, porque tinhão como nas mãos a preza que buscavão; porém os soldados, ou esquecidos de si mesmos, ou servindo á Providencia mais alta, o não accompanhárão, como dando lugar á fortuna do Capitão, o qual ven-

do a feia resolução dos soldados, se foi só a demandar os Mouros, bastando-lhe o animo para acometter o perigo, qne não podia vencer. De repente envestio os Mouros, os quaes amedrontados com o subito acometimento, huns fugírão, outros se defendião timidos, e sobresaltados: mas tornados em si, e vendo-se acutilados de hum só homem, começárão a fazer-lhe rosto já com mais ousadia, voltando os que fugírão, a defender-se unidos: e em quanto Antonio Correa se acutilava com huns, outros o sojugárão pelos lados, e ainda depois de preso, como a fera, o temião atado; assim o levárão a Rumecão, mostrando as feridas, que recebérão, em credito do preso.

Enveste com doze Mouros, que o prendem.

Mandou Rumecão que o soltassem, preguntando-lhe, que gente haveria na fortaleza? se viria o Governador a Dio? com que poder, e em que termo se esperava o filho? Elle lhe respondeo com grande segurança, que na fortaleza havia seiscentos homens, que cada dia importunavão o Capitão que os levasse ao campo; que esperava brevemente a vinda de D. Alvaro com oitenta baxeis, o qual em desembarcando sahiria a campanha,

He presentado a Rumecão.

porque algumas galés que trazia, havião mister chusma de Turcos: que o Governador aprestava maior poder, porque queria acabar de huma vez com as cousas de Cambaia. Rumecão, que sabia a verdade de nossas forças, envejou hum coração tão livre em tão baixa fortuna, fazendo estimação (como soldado) de quem entre prisões o desprezava. Rogou-lhe, que se fizesse Mouro, porque com melhor Lei teria melhor fortuna, e conheceria a differença de servir a hum Monarca rico, ou a Piratas pobres. Porém o valeroso Cavalleiro, escandalizado na injuria de favores tão feios, lhe respondeo, que os Portuguezes, pola Lei, e polo Rei estavão sempre promptos a derramar o sangue; que Mafamede fora hum enganador, infame por obras, e doutrina; que se em Cambaia havia renegados, serião de outras nações, qual o fora seu pai Coge Çofar, que como monstro da terra em que nascéra, os pais, e a patria o negavão de filho.

Quer persuadilo a deixar a fé.

Rumecão não podendo sofrer de hum escravo as injurias da Lei, e as da pessoa, inflammado do zelo, e do despreso, o mandou ante si afrontar no rosto, primeiro que lhe tirassem

Afrontas que lhe faz.

a vida, crendo, que lhe seria mais leve a pena, que a injuria; e logo entre baldões, e mofas, o mandou passear nú as ruas da Cidade, inventor barbaro de tão novo supplicio, já contra o homem, já contra a humanidade. Porém o Cavalleiro de Christo, como soldado já de outra milicia, com mais castigado valor vencia sofrendo. Rumecão depois destas injurias, dizendo que pedia satisfação de sangue a honra do Propheta, mandou que fosse degolado, e a palma, que começou a merecer soldado, alcançou martyr. Foi levantada a cabeça em huma pica, e posta em lugar onde os nossos da fortaleza a vissem; os quaes com sentimento natural (mas injusto) como soldados lhe vingárão o sangue, como Catholicos lhe envejárão a morte. Entrárão ao outro dia os soldados de sua companhia, os quaes o Capitão mór não quiz ver, nem castigar, tendo respeito ao tempo; porém elles remírão a culpa, com se arriscar em todas as occasiões, como homens, que aborrecião huma vida sem honra. Muitos delles morrérão quasi voluntariamente, accusados de seu mesmo delicto. Os Mouros nos fazião mofas, e algazarras de lon-

Manda-o degolar.

ge, apontando para a cabeça de Antonio Correa, havendo por satisfação de tantos danos aquella recompensa, e já mais atrevidos fazião a despeito dos nossos algumas gentilezas.

Entre o baluarte S. Thomé, e o de Sanctiago estava huma bandeira arvorada, a qual desejou arrancar hum Mouro, crendo o poderia fazer sem risco, por ser o muro baixo, e pouco vigiado; ao qual chegou furtado sem ser visto dos nossos, e subindo pelas ruinas, travou da haste, e ainda que a abalou forcejando, nunca pode levala; e soltando-a temeroso, a deixou encostada; e vendo o pouco que lhe custára a primeira ousadia, tornou com o mesmo recato a buscar a bandeira; porém ao tempo, que para pegar nella, hia soltando o braço, hum soldado nosso lhe encarou a espingarda, e o derribou morto. Aconteceo isto á vista do arraial, que lhe tinha festejado o primeiro acommettimento com gritas, e louvores; agora o olhavão cahido com hum profundo silencio; corrérão os nossos com grão velocidade a cortar-lhe a cabeça, que arvorárão, avistando-a com a de Antonio Correa.

Os Mouros, que estavão fortifica-

dos no entulho do baluarte S. Thomé, forão ganhando terra, palmo e palmo, á custa de seu sangue, levando sempre diante montes de terra, e rama, que os cobria, e fortificava. Porém Dom João Mascarenhas mandou levar hum Basilisco ás portas da Igreja, que como lugar eminente lhe ficavão em bataria os Mouros, donde os varejou com tanta furia, que lhes rompeo as defensas, e com morte de muitos forão desalojados.

Estremos em que está a fortaleza.

Já neste tempo estava arrasada a fortaleza, e os Portuguezes, em lugar de muros, defendião suas mesmas ruinas; o inimigo dentro dos baluartes ás portas da victoria; os mantimentos, huns erão pelo tempo corruptos, outros pela qualidade nocivos, de que resultavão doenças de tão má qualidade, que os sãos recebião maior dano do contagio, que da hostilidade.

Torna D. Alvaro a arribar

Tinha partido de Baçaim Dom Alvaro de Castro com cincoenta navios, (assim chamão quaesquer baxeis na India, ainda que sejão caravelas latinas, ou embarcações de remo); e como vinhão empachados com munições, e bastimentos, não podendo sofrer mares tão grossos, tornárão a arribar em popa destroçados, e abertos, to-

mando diversas angras, e enseadas, onde o temporal os lançava. Entre os mais navios, que forão correndo com a tormenta, foi o de que era Capitão Athanasio Freire, o qual indo demandar a terra, se foi metendo na enseada de Cambaia quasi alagado, e tão perdido, que de commum acordo se assentou varar na primeira terra que avistassem, havendo que precedia a vida á liberdade; assim forão encalhar junto a Surrate, onde forão cativos, e levados a Soltão Mahamud, que os mandou aprisionar, e meter na masmorra, onde tinhão Simão Feio com outros Portuguezes.

Chega Rui Freire a Dio.

Rui Freire, que vinha na conserva de D. Alvaro em hum navio seu, com soldados pagos á sua custa, sofreo melhor os mares, e navegando aquelle dia, e outro com fortuna, avistou a costa de Dio, para onde se foi chegando até ir demandar a fortaleza; e entrando pela barra foi surgir na Couraça, onde foi bem recebido de todos, e deu ao Capitão mór as novas da vinda de D. Alvaro, tão esperada, como importante, porque ainda não sabia da arribada, de que daremos conta.

Prosegue D. Alvaro a viagem.

D. Alvaro de Castro, e D. Francisco de Menezes arribárão com tor-

menta geral a Agaçaim perdidos, aonde se reformárão brevemente, e tornárão a acometter o golfão com a maior parte dos navios de sua conserva; e vencendo a furia do temporal, houverão vista da outra costa por junto de Madrefaval. Nesta paragem appareceo de longe huma náo grossa, que se vinha furtando a nossa armada. Mandou Dom Alvaro ao Mestre, que arribasse sobre ella, o que fizerão mais dous navios, que vinhão na sua esteira. Amainou logo a náo, que era d'ElRei de Cambaia, e vinha de Ormuz, lançou dous mercadores fora, que vierão apresentar a Dom Alvaro hum cartaz passado antes da guerra; o qual fez represaria na náo, e a mandou levar a Goa, para que visse O Governador se era de presa. As drogas que trazia, erão coral, chamelotes, lárins, e alcatifas, que tudo foi julgado por perdido. E logo Dom Alvaro de Castro, seguindo sua derrota, tomou a barra de Dio com quarenta navios empavezados; trazião todos flamulas, e galhardetes, dando de si huma mostra bellicosa, e alegre. Saudou a fortaleza com toda a artelharia, que tambem lhe respondeo com a mesma, tocando todos os instrumen-

Toma huma náo de Cambaia.

Chega á fortaleza com quarenta navios.

Como he recebido do Capitão mór.

tos de guerra. Mandou o Capitão mór abrir as portas da fortaleza para receber Dom Alvaro, baixando todos os Fidalgos, e soldados a receber, e festejar a armada, em que de mais da pessoa de Dom Alvaro, vinhão Fidalgos, e Cavalleiros de muita conta. Trazião munições, e bastimentos para mui largo tempo, porque não quiz o Governador deixar a cortesia dos mares, negar, ou abrir passagem a segundo soccorro. Aposentou-se Dom Alvaro no baluarte, em que acabou seu irmão Dom Fernando; passárão-se a elle os soldados de sua milicia, e os mais dos Fidalgos, huns como companheiros de sua dor, outros de suas victorias; e como a General do mar lhe hião pedir o nome, sem querer separar-se de sua obediencia, opinião encontrada com o tempo, e mais com a disciplina. Porém Dom Alvaro disse ao Capitão mór, que elle vinha sojeito ás suas ordens; o que parecendo lanço de urbanidade a Dom João Mascarenhas, lhe respondeo com a mesma cortesia; mas Dom Alvaro lhe mostrou a instrucção que trazia, que entre as excellencias do Governador, não foi a mais pequena, na qual dizia, que ainda que a jurisdic-

ção do cargo, e as provisões Reaes o eximião de qualquer subordinação, que não fosse a do Governador da India, que elle mandava a seu filho Dom Alvaro, que estivesse ás ordens de Dom João Mascarenhas, porque assim o pedia a muita honra, que naquelle cerco tinha ganhado; temperança de varão verdadeiramente grande, porque onde havia perdido hum filho, e aventurava outro, da fama, que ajudára a ganhar com seu sangue, não quiz para si nada; sem duvida maior neste desprezo, que depois na victoria.

Rumecão sabendo da vinda de Dom Alvaro, disse, que já tinha na fortaleza prisioneiros para honrar seu triumpho, mandando trabalhar com mais calor nas minas. Despedio logo Dom Alvaro o seu navio com cartas ao Governador, do estado em que achára a fortaleza, e Dom João Mascarenhas o avisou de todos os successos passados. Haveria já na fortaleza seiscentos homens, todos soldados de opinião, com os quaes lhe pareceo a Dom João Mascarenhas que podia intentar cousas maiores que a defensa. Mandou logo assestar tres Camelos contra as estancias do inimigo, que as batérão tão

Avisão ambos ao Governador do estado da fortaleza.

furiosamente, que Rumecão reforçou as fortificações que tinha, tão attento a offender, como a defender.

Enveste o inimigo outra vez, e retira-se.

Dos assaltos passados ficou nas ruinas do baluarte S. Thomé hum Basilisco soterrado de estranha grandeza, o qual o Capitão mór desejou subir á fortaleza, e ordenando cabrestantes, e engenhos, nunca lhe foi possivel; e querendo ao menos seguralo, para que os inimigos se não servissem delle, o mandou liar com viradores grossos: porém os Mouros forão cavando por baixo das paredes do baluarte, e picando as pedras do alicesse, até que faltando-lhe os fundamentos, vierão as paredes a terra, ficando o Basilisco atado, e suspenso nos ares. Acudírão logo os Mouros a entrar o baluarte, aos quaes fez rosto Dom Francisco de Menezes com os de sua companhia, que ahi se achavão, travando com os Mouros huma pendencia assaz de bem renhida; e como este era o primeiro dia, que virão a cara do inimigo, o carregárão com as mãos tão pesadas, que houve a seu pesar de retirar-se deixando muitos dos companheiros no campo: mas no tempo que mais fervia a briga, liárão outros o Basilisco com hum calabrote forte, e o le-

várão arrastando, quasi a furto dos nossos, que attentos á peleija, não derão fé da obra que os Mouros fazião.

Andava Dom João Mascarenhas com grande vigilancia sobre os desenhos do inimigo, temendo mais as minas, que ser acomettido com força descuberta; o que entendido pelos soldados de D. Alvaro, temerosos com o exemplo fresco de D. Fernando de Castro, e outros Fidalgos, e soldados, que morrérão abrazados, se conjurárão em sahir a peleijar com o inimigo, timidos no perigo duvidoso, temerarios no certo. Determinão os nossos hir buscalo.

Dizião, que não querião com obediencia inutil perecer abrazados, quando podião morrer na campanha victoriosos, ou vingados; que pois sabião peleijar como homens, não querião acabar como feras, atados ao perigo; que de dous escolhião antes o que podião vencer, que o de que não podião fugir. Dom João Mascarenhas os dissuadio, quanto lhe foi possivel, primeiro com razões, depois com a autoridade do cargo, e da pessoa; mas tudo foi sem fruto, porque estavão tão vãos, e altivos com sua mesma culpa (como tinha semblante de O Capitão mór trata dissuadilos.

virtude) que esperavão da desobediencia premios, e louvores. Dom Alvaro de Castro acudio a detelos, estranhando-lhes resolução tão feia, dizendo, que ElRei sentia mais a desobediencia de hum soldado, que a perda de huma fortaleza; que ao Capitão mór só tocava o governar, a elles obedecer, e peleijar. Dom Francisco de Menezes lhes disse, que fossem embora a infamar o nome Portuguez, que a honra levavão já perdida, a vida grandemente arriscada; que quando escapassem das armas de seu inimigo, não poderião livrar-se da indignação justa de seu Rei, ao qual desprezavão na pessoa de seu Capitão mór com sedição tão feia. Porém elles fatalmente obstinados, se ordenárão para dar a batalha, dizendo, que de nenhum delicto se engeitava a victoria por desculpa; e quando se perdessem, ficavão fora do premio, e do castigo; que elles acudião pela honra do Estado, que estava mais costumado a tomar praças aos Mouros, que perder as suas.

D. Alvaro, e D. Francisco fazem o mesmo.

O mais que se pode acabar com os amotinados, foi, que ficasse a invasão para o seguinte dia, deixando-lhes por conselheiro aquelle breve tem-

Proseguem os soldados seu intento.

po, em que podião considerar o que convinha á honra, e saude de todos. Porém elles fatalmente conformes, amanhecérão resolutos, e promptos á batalha, dizendo ao Capitão mór, que se os não quizesse governar, entre si mesmos escolherião cabeça. Vendo pois Dom João Mascarenhas, que já acompanhar aos desatinados, era hum lanço forçoso, e que os de fóra sempre julgão melhor a causa dos temerarios, que a dos prudentes; elle, Dom Alvaro, e os mais Fidalgos resolvérão seguilos, onde com nova disciplina, obedecião os Capitães, mandavão os soldados.

O Capitão mór, e Fidalgos os acompanhão por atalhar o maior perigo.

Haveria na fortaleza (como temos dito) seiscentos homens, dos quaes ficárão nas estancias cento; dos outros fez Dom João Mascarenhas tres batalhas; as duas deu a Dom Alvaro de Castro, e Dom Francisco de Menezes, e outra tomou para si; logo sahírão da fortaleza, e com o primeiro impeto ganhárão as estancias, que os Mouros tinhão feito na cava, deixando-lhas com facil resistencia. Por esta sombra de victoria começou a ruina, porque os nossos altivos, e desordenados remetérão ao muro. O primeiro que subio foi Dom Alvaro, ajudado

Sahem os nossos, e em que ordem.

dos dous irmãos Luiz de Mello, e Jorge de Mendoça, que tras elle subírão. Dom Francisco de Menezes entrou por outra parte; sendo dos primeiros Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodriguez de Tavora, Dom Jorge, e Dom Duarte de Menezes, Dom Francisco, e Dom Pedro de Almeida.

Resistencia dos inimigos.

Rumecão, Juzarcão, e Mojatecão, vierão com grossas companhias a encontrar-se com os nossos, entre os quaes se começou a batalha, sustentada de nossa parte com mais valor, que disciplina. Dom Francisco de Menezes foi levando do campo os Mouros, que não podendo sofrer o peso deste encontro, perdérão muita terra, até que soccorridos de outros muitos, detiverão a corrente dos nossos.

Reprende o Capitão mór os amotinados.

Dom João Mascarenhas subindo o muro, quasi ao mesmo tempo, que os outros Cabos, vio muitos soldados do motim, que estavão ao pé delle sem ousar cavalgalo, e em voz alta lhes accusou com palavras feias a desobediencia, e a fraqueza; os quaes callados, como querendo responder com as obras, o seguírão. E logo acomettendo os inimigos, que andavão baralhados com Dom Alvaro, lhes

fizerão perder parte do campo; mas como o partido era tão desigual, os Mouros se forão melhorando, e carregando os nossos de sorte, que se desordenárão.

Valor, e disciplina de D. Alvaro.

Dom Alvaro fez obras que respondérão bem ao sangue, á opinião, e ao valor; não faltou a disciplina, difficil de conservar nas desgraças; porque foi ordenando, e recolhendo os seus, quanto lhe foi possivel, retirando-se mui acordado com o rosto sempre no inimigo, o qual lhe havia degolado alguma gente, e outra se desmandava, não podendo sofrer o impeto dos Mouros: o que vendo Jorge de Mendoça, ainda que estava já ferido, tomou a Dom Alvaro nos braços para subir ao muro; mas podendo-o mal fazer, por estar desangrado, foi ajudado de seu irmão Luiz de Mello; e estando Dom Alvaro já sobre a parede, lhe derão hu a pedrada, que o fez cahir da outra parte sem sentido.

Sobe o muro dondecahio de huma pedrada.

Depois de Luiz de Mello acudir a Dom Alvaro, salvou tambem o irmão, ficando elle com Garcia Rodriguez de Tavora, Antonio Moniz, e outros Fidalgos, detendo o impeto dos Mouros, em quanto os mais subião, até

Passa hum pelouro a Luiz de Mello.

que foi passado de hum pelouro, de que cahio quasi mortal. Os companheiros o levantárão, e puzerão em cima da parede, donde foi levado á fortaleza, e dahi a Chaul, onde acabou da ferida; merecendo seu singular esforço, senão mais gloriosa morte, mais dilatada vida.

Morte de Dom Francisco de Menezes.

Dom Francisco de Menezes, peleijando mui valerosamente, cahio atravessado de hum pelouro, com cuja morte os de sua companhia se começárão a retirar desordenadamente. Aqui foi o estrago maior, porque o inimigo, conhecendo o desarranjo dos nossos, carregou sobre elles com maior ousadia.

Acordo do Capitão mór.

Dom João Mascarenhas se portou nesta desgraça com valor, e acordo, humas vezes retirando os seus, outras fazendo voltas ao inimigo em quanto se recolhião os desmandados, com que evitou grande parte do dano; e tendo já salvado as paredes, se derramou huma voz, que era a fortaleza perdida, em que os soldados se começárão a espalhar por differentes partes, como gente desbaratada. Neste tão apertado conflicto bradou Dom João Mascarenhas aos seus, afeando-lhes a retirada, e peleijando tão valerosamen-

te; que só com alguns poucos que seguião deteve o inimigo. Os Fidalgos, que aqui se achárão, alcançárão em dia tão infelice, illustre nome. Lopo de Sousa ao pé do muro se defendeo de hum grão tropel de Mouros, fazendo-os afastar muitas vezes, com tal valor, que o acomettião de longe com armas de arremesso, até que atravessado pelos peitos de hum dardo cahio morto deixando bem vingado seu sangue. Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodriguez de Tavora, Dom Duarte, e Dom Jorge de Menezes, que trazia dez e sete feridas, fizerão ao inimigo mui custosa a victoria.

Enveste Mojatecão a fortaleza, e retira-se.

Rumecão, querendo tirar maior fruto de nosso desatino, mandou a Mojatecão, que fosse demandar a fortaleza com cinco mil soldados, cortando o passo aos que se recolhião destroçados e acomettendo o baluarte S. Thomé, achou nelle a Luiz de Sousa, que com a artelharia, e espingardaria lhe matou muita gente; porém o Mouro atrevido com o calor da victoria, insistio na escalada; mas foi tão valerosamente resistido, que se tornou a retirar com dano conhecido. Dom João Mascarenhas trabalhou tanto, que tornou a ordenar os soldados, que andavão

Ordena o Capitão mór os soldados.

derramados, dos quaes fazendo hum batalhão cerrado, guiou á fortaleza, e encontrando muitos Mouros, desmandados na segurança da victoria, deu nelles tão valerosamente que muitos deixárão as vidas, e os demais o campo. Perdérão-se nesta desgraça trinta, e cinco pessoas, em que entrárão os Fidalgos, que havemos referido; e forão mais de cem os feridos; mas em tão desordenada empreza, ainda se teve a desgraça por menor que o erro. O Capitão mór foi logo demandar a Dom Alvaro, que ainda achou sem falla, e a juizo dos Cirurgiões, mui contingente a vida, cujo perigo durou aquelles dias, que a Philosophia chama decretorios, ou criticos; porém fez a doença termo, cobrando Dom Alvaro saude, com alegria de todos, que o amavão pelas qualidades do sangue, e da pessoa. Nuno Pereira se achou neste conflicto; o qual depois de peleijar com valor conhecido, se recolheo com quatorze feridas. Pedio licença para se hir curar a Goa, onde tinha sua casa, e era casado de pouco, com fazenda abundante, da qual no serviço d'ElRei gastou grão parte, até perder a vida, como diremos.

Perda dos nossos nesta desordem.

Vendo-se Rumecão com tão inopinada victoria, havida por hum valor desordenado dos nossos, concebeo maiores esperanças do successo, resoluto a ver o fim da empresa, para a qual começou a achar nos seus mais prompta obediencia, perdendo na experiencia daquelle dia muita parte do temor, que tinhão a nossas armas. Deu logo conta ao Soltão da victoria, que na Corte se festejou com alegrias públicas, e Rumecão recebeo d'El-Rei honras de homem victorioso, sendo daquelle dia em diante mais assistido de gente, munições, e dinheiro, acudindo muita parte da nobreza a militar com elle, esperando gozar de sua fortuna. Mandou logo continuar a obra do baluarte, furtando-lhe por baixo a terra, para que descarnado o arruinasse o peso, faltando o fundamento sobre que assentava. Este desenho divertio D. João Mascarenhas, mandando fazer outro forte por dentro, que fechava em circuito menor, que por abraçar menos terra, era mais defensavel. Não se pode esconder a Rumecão a obra, e carregando para aquella parte muitos Mouros, tiravão de continuo aos trabalhadores pedras, dardos, alcanzias de fogo, huns com

Anima-se Rumecão com este successo.

Continua as minas, e os nossos os reparos.

pontaria certa nas partes que descobria o muro, e outros por elevação, com que ferião a nossa gente, mais attenta ao trabalho, que á defensa; polo que o Capitão ordenou se trabalhasse de noite com luzes escondidas, pondo as pedras pela estimação, e tino do que tinhão desenhado de dia.

Fabricão huma nova Cidade.

Rumecão altivo, e confiado com o bom rosto, que lhe mostrou a guerra na ultima peleija, como em desprezo da vinda do Governador, que se esperava, começou a edificar huma nova cidade, como quem já lograva os ocios do triumpho na imaginada victoria; ou fosse por dar aos seus confiança, ou que obrava como homem credulo na prosperidade dos successos, que já se promettia; fez palacios para sua pessoa com a policia, e grandeza, que pudera em huma paz ociosa. Para os Cabos maiores ordenou aposentos, empenhando-os a defender suas proprias moradas, mostrando nesta fabrica não menor artificio que soberba. Mandou atravessar com barcas a passagem do rio naquella parte, que se serve da Alfandega para a villa dos Rumes, as quaes depois de firmes com mui grossas amarras, terraplenou igualmente;

por onde (como em ponte, ainda que tremula, segura) tinhão facil passagem os carros, que bastecião a Cidade. Da confiança com que Rumecão se dava a tão custosa fabrica, se derramou huma voz por muitos Reinos vezinhos, e distantes de Cambaia, que era perdida a nossa fortaleza, e esta fama como grata aos ouvidos dos Mouros, e Gentios, se espalhou por todo o Oriente, até chegar a receber o Soltão congratulações de muitos Principes, que lhe davão emboras da victoria. Em Goa se ouvírão os eccos desta nova, com temor, e silencio, e ainda que vaga, e sem autor, chegou aos ouvidos do Governador, fazendo-se mais certa pelo secreto, e recato com que huns a referião a outros.

Esta desgraça que se temia, parecia que tomava certeza da tardança que havia nos avisos de Dio; porque nem da armada de D. Alvaro se sabia cousa certa, e os que querião divertir o Governador, mais podião desprezar, que negar a fama que corria; e elle, sendo o mais interessado, vendo quão necessario era animar o povo, mostrava hum coração inteiro, desmentindo com o semblante as novas que temia.

Cuidados do Governador.

Chega do Reino a Goa Dom Manoel de Lima.

Com este cuidado passava o Governador, divertindo-se com os negocios, e aprestos da armada, que solicitava com viva diligencia, quando lhe derão aviso, que na barra surgíra huma náo do Reino, de que era Capitão D. Manoel de Lima; e se apártara de cinco mais, que vinhão na mesma conserva, á ordem de Lourenço Pirez de Tavora. Das outras vinhão por Capitães D. João Lobo, João Rodriguez Peçanha, Fernão d'Alvares da Cunha, Alvaro Barradas. Estimou o Governador a vinda de D. Manoel de Lima, pola pessoa, e pola occasião. Vinha provido na fortaleza de Ormuz, que ElRei lhe deu por desviar alguns encontros entre elle, e o Governador Martim Affonso de Sousa, com quem andava atravessado, esperando que viesse da India, para lhe pedir satisfação de algumas queixas. Estes desabrimentos curou ElRei, como pai, interessado na paz de hum, e outro vassallo. Quizera D. Manoel partir-se logo a Dio com trezentos soldados á sua custa, porém o Governador o divertio, querendo acompanhar-se delle na armada, servindo-se de seu valor, e experiencia na facção presente.

O Governador andava sobre maneira cuidadoso dos negocios de Dio, interpretando mal a falta dos avisos, quando aportou na barra de Goa, a Capitania em que fora D. Alvaro. Vinha o navio todo embandeirado, e dando alegres salvas, querendo indiciar de longe as novas que trazia. Occorreo á praia grande parte do povo, solicito a perguntar pelos filhos, parentes, e amigos, e os menos empenhados, pelo commum do Estado. O Capitão foi levado aos Paços do Governador, satisfazendo pelo caminho a duplicadas, e molestas perguntas. Achou o Governador com o Bispo D. João de Albuquerque, e Fr. Antonio do Casal, Custodio dos Franciscos. A primeira cousa que o Governador perguntou foi, se estava ainda a fortaleza por ElRei seu senhor. Ao que o Capitão respondeo, que estava, e estaria. A cuja nova ajoelhando-se o Governador, com os olhos no Ceo, deu a Deos as graças, não sem derramar lagrimas, significadoras da piedade com Deos, do zelo com seu Principe. E logo recebendo as cartas, soube da morte de seu filho D. Fernando, que recebeo com tanta constancia, que os de fora lhe não conhe-

Tem o Governador novas de Dio.

Piedade, e alegria com que as recebeo.

Valor com que se portou na morte de D. Fernando seu filho.

cérão mudança no rosto, ou nas palavras, como se fora fraqueza parecer pai, ou indignidade ter affectos de homem. Fez mercé ao Capitão, e o mandou que fosse alegrar a Cidade com as novas que trazia, e logo recolhendo-se chorou em secreto o filho, esperando tempo á dor, sem injuria do lugar, e do animo. Aquelle mesmo dia aportou o navio, em que vinha Nuno Pereira, o qual das feridas falleceo no mar. Foi o corpo enterrado com todas as pompas funeraes, que se devião á pessoa, acompanhado do Governador, nobreza, e Povo, deixando de si este Fidalgo saudosa memoria.

Procissão em acção de graças.

Ao seguinte dia se fez huma solemne procissão de graças, a que assistio o Governador vestido de escarlata, consolando com novo exemplo o povo na morte de seu proprio filho. Por este navio soube da sahida que os nossos fizerão desordenada, e forçosa, que fora occasião de tantas mortes, e do perigo em que ficava D. Alvaro, cuja dor soube aliviar, ou encobrir, como quem dos filhos estimava menos a vida, que a memoria.

Soccorros que manda a Dio.

No mesmo dia despedio Vasco da

Cunha, para que fosse pelas bahias, e enseadas da costa, recolhendo os navios da armada de D. Alvaro, e os levasse a Dio. Por elle escreveo a D. João Mascarenhas congratulações da honra que havia ganhado, não menos para si, que para o Estado; affirmando-lhe, que em breves dias iria avistar a Dio com todo o poder do Estado, para o que não perdoava a nenhuma despesa, ou diligencia; e que em quanto se aprestava a armada, lhe mandaria soccorros, que bastassem a assegurar a fortaleza, e enfrear o inimigo, o que executou promptamente, porque logo apoz Vasco da Cunha, despachou a Luiz de Almeida com seis caravelas, e quatrocentos soldados, com muitas munições, e bastimentos, e grão copia de materiaes importantes para as necessidades do cerco. E foi tão incansavel a diligencia, com que se aprestava, que em brevissimo tempo se poz de verga d'alto toda a armada, e só lhe faltavão os soccorros de Cananor, e Cochim para levar-se; porque era tal o amor, e obediencia com que lhe assistião, que as Donas, e Cavalleiros de Goa lhe vinhão a offerecer os filhos, e a fazenda; levan-

do esta armada tantas benções do povo, como outras soem levar lagrimas e queixumes.

Chega Vasco da Cunha a Baçaim.

Vasco da Cunha seguindo a instrucção, que levava, foi recolhendo os navios, que achou naquellas enseadas desaparelhados da tormenta, e com elles entrou em Baçaim, onde achou o Capitão mór D. Jeronymo de Menezes com quinze navios aprestados para soccorrer Dio, empenhado de novo com o sentimento da morte de seu irmão D. Francisco, que temos referido; porém havia retardado a partida alguns dias, por ter avisos certos, que o Bramaluco vinha cercar aquella fortaleza logo que o visse ausente; diversão procurada pelo Soltão em beneficio dos cercadores. Dom Jeronymo, vendo-se mais empenhado na defensa de Baçaim, que no soccorro de Dio, entregou a Vasco da Cunha os navios; o qual partido, encontrou a Luiz de Almeida com as seis caravelas, e todos em conserva entrárão em Dio, representando soccorro mais crecido no número dos vasos, porém a fortaleza ficou assegurada da fome, e do perigo; e os soldados, pagos, e bastecidos, mais desejavão, que temião, a guerra.

Entra em Dio com Luiz de Almeida.

Era já o tempo em favor dos nossos, e começavão a senhorear o mar os navios do Estado. D. Alvaro, como Capitão mór do mar, mandou a Luiz de Almeida com tres caravelas, de que elle hia por Cabo, e nas duas Paio Rodriguez de Araujo, e Pedro Affonso, com ordem, que fossem demandar a barra de Surrate a esperar as náos de Meca, que viessem buscar aquelle porto; os quaes seguindo sua viagem, a poucos dias virão atravessar duas náos, huma grossa, e outra de menos porte. Logo que Luiz de Almeida as avistou, foi demandalas com os traquetes dados. Vinhão as náos arrasadas em popa, e tanto que houverão vista de nossas caravelas, voltárão n'outro bordo; mas como as caravelas hião mais boiantes, e erão mais ligeiras, soltando as velas, as alcançárão logo. Luiz de Almeida abordou a náo grande, em que vinha por Capitão hum Janizaro parente de Coge Çofar, que fiado na grandeza da náo, artelharia, e gente, que trazia, começou a defender-se, ateando-se entre huns, e outros huma bem renhida contenda. De ambas as partes se derramava sangue; peleijavão os Mouros por necessidade, os nossos por

Vai Luiz de Almeida esperar as náos de Meca.

Toma duas.

officio, e como erão melhores no valor, e disciplina, entrárão a náo, onde os Mouros, com a ultima desesperação mais atrevidos, peleijavão como para acabar vingados, até que com a morte dos principaes, se rendérão os outros. Ao Janizaro achárão atravessado de muitas feridas, o qual Luiz de Almeida mandou passar á sua caravela, e curar com resguardo. A outra náo rendeo Paio Rodriguez de Araujo com leve resistencia. Depois deste feito, se deteve Luiz de Almeida naquella paragem os dias de seu regimento, nos quaes tomou algumas embarcações de mantimentos, que hião bastecer o exercito, fazendo varar outras em terra, com que se conheceo alguma falta na provisão do Campo; e logo entrou em Dio com as náos da preza, e os Mouros enforcados nas vergas, dando estranho pezar ao Campo tão lastimosa vista. Rumecão offereceo pelo Capitão Janizaro, que (como dissemos) lhe era conjunto em sangue, trinta e dous mil pardaos de ouro; porém D. Alvaro mandou que o enforcassem, porque não viera a vender sangue, senão a derramalo; que dos Mouros não queria outro despojo, que as cabeças. Espantou a Rumecão a ira, aos Tur-

Entra em Dio com ellas.

Não quer D. Alvaro resgatar hum Janizaro, e manda-o enforcar.

cos o desprezo, e por não ter D. Alvaro embainhada a espada dos seus, em quanto não chegava a batalha, mandou alguns navios de Baçaim, e Chaul tomar as Gelvas, que bastecião o inimigo; o que fizerão tão ditosamente, que prezárão quatorze, trazendo pelas vergas os Mouros enforcados, de que já era menor o sentimento, que o espanto, vendo que não tinha a colera, e vingança dos nossos, piedade, ou limite.

Tomão os nossos quatorze Gelvas ao inimigo.

Entretanto D. João de Castro, resolvendo consigo dar a ElRei de Cambaia hum castigo, de cujo exemplo resultasse nos Principes da Asia a paz, e reverencia do Estado; quiz primeiro palpar, ou satisfazer aos juizos de fora, para que os que approvassem o intento, achasse doceis na execução de seu mesmo conselho. Para este effeito chamou a si o governo da Cidade Ecclesiastico, e Secular, com os Fidalgos, e Soldados de nome, aos quaes declarou o animo com que estava de ir descercar pessoalmente a Dio, e dar a Rumecão batalha em seus alojamentos; que dado que todos o sabião como particulares, lho queria certificar em commum, para que na approvação da Republica, levasse

O Governador declara em conselho a resolução de hir a Dio.

como parte da victoria a justiça da causa. Ouvido o Governador, agradecérão todos, em primeiro lugar a modestia de se querer subordinar ministro independente, logo o fervente zelo, com que queria em serviço da patria sacrificar a vida sobre o sangue ainda fresco de seus proprios filhos. Chegados a votar na materia, discorrérão com sentimentos differentes. Dom Diogo de Almeida Freire, Capitão mór de Goa, a quem os annos, e os casos da guerra tinhão dado experiencias largas, fallou desta maneira:

Parecer de D. Diogo de Almeida em contrario.

« As pequenas forças, que hoje temos, são formidaveis a nossos inimigos, em quanto as não conhecem; « porque toda esta Asia avalia nosso « poder pelas victorias, mais que « pelos soldados; de sorte, que só a « fama das cousas passadas nos conserva as presentes. Tem V. S. junto nesta armada todo o poder da « India, com que apenas podemos « contar dous mil Portuguezes, e tentamos estremecer o mundo com « brado tão pequeno. Esta arvore do « Estado, de cujas ramas pendem « tantos trofeos ganhados no Oriente, tem as raizes apartadas do tron-

« co por infinitas legoas, convem que
« a sustentemos, arrimada na paz
« de huns, e no respeito dos outros.
« Nunca podemos responder ao que
« se espera de nossas forças juntas,
« porque huma victoria pouco nos
« acredita, e hum só estrago nos
« acaba. Temos a nossa fortaleza soc-
« corrida: de que serve em huma cha-
« ga já curada, esperdiçar o remedio
« das outras? Que nova prudencia nos
« ensina aventurar em huma só ba-
« talha, o que se tem ganhado em
« tantas victorias? Temos poder pa-
« ra nos conservar inteiros, não te-
« mos forças para nos reparar perdi-
« dos. Nenhum grande soldado deu
« batalha campal, senão necessitado,
« porque onde o destroço costuma ser
« igual, só fica com o victorioso o cam-
« po, e a fama inutil. De Dio não que-
« remos, nem podemos ter mais que
« a fortaleza; pois com que furia ce-
« ga tornamos a comprar com nosso
« sangue, o mesmo de que somos se-
« nhores? Que novos povoadores te-
« mos para habitar a Ilha? De que
« parte do mundo podemos trazer ou-
« tros, que deixem de ser Mouros,
« ou Gentios, de fé tão incerta com
« o Estado, como estes, que agora

« nos offendem? Vamos a peleijar com
« Turcos, e com Mouros superiores
« em numero, iguaes em armas, e
« disciplina; se tivermos hum succes-
« so adverso, não temos salvação, por-
« que a terra he sua; se o alcançarmos
« prospero, nenhum fruto tiramos da
« victoria. Com armas navaes con-
« quistamos a India, com ellas a ha-
« vemos de conservar, porque temos
« a ventagem dos vasos, e da mari-
« nharia. Se não queremos vencer,
« senão em batalhas, arrazemos as
« nossas fortalezas, derribemos os mu-
« ros das Cidades. Se me dizem que
« he honra do Estado arruinar por
« huma offensa hum Reino, já esti-
« vera despovoado o Oriente, se to-
« dos os que nos fizerão guerra re-
« cebessem o ultimo castigo. Por ven-
« tura accusaremos a Affonso de Al-
« buquerque, porque depois de soffrer
« tantas hostilidades, e enganos dos
« Reis, e Governadores de Ormuz,
« o não deixou abrazar? Perderá aquel-
« la grande fama, que mereceo na
« terra, porque nas offensas, e cavilla-
« ções do Camorim, não deixou o
« Malabar destruido? Maculará Nuno
« da Cunha aquelle illustre nome,
« porque depois das traições de Ba-

« dur, não fez guerra a Cambaia?
« Iremos destruir ao Turco, polo
« atrevimento, com que cercou o seu
« Baxá a nossa fortaleza? Apréstare-
« mos nossas armadas contra o Achem,
« porque tantas vezes nos assaltou
« Malaca? Meteremos a fogo, e
« sangue este Hidalcão, por nos to-
« lher cada dia os mantimentos, e
« inquietar as terras de Bardez, e
« Salsete? Que desesperação nos ar-
« rastra a offerecer a garganta do
« innocente Estado ao cutelo inimi-
« go? Esta armada tão espantosa nas
« apparencias, e no poder tão debil,
« he freio a Rumecão, aos nossos
« muro; porem desembarcados em
« terra estes poucos soldados, abrirá
« o Oriente os olhos ao segredo de
« nossas forças, e todos estes Prin-
« cipes trabalharão por romper a fra-
« queza das prisões, em que os te-
« mos atados. Gloria foi do Imperio
« Romano vencer muitas batalhas
« Quinto Fabio Maximo; depois
« foi salvação escusar huma. Os pri-
« meiros Conquistadores nos fizerão
« a casa, a nos só toca o conservala.
« Se na oppugnação de Dio perdeo
« o inimigo hum exercito, que falta
« a esta facção para victoria? E que

« para castigo? A offensa intenta-se « com forças iguaes; a vingança « com muito superiores; porque não « se ha de ir a satisfazer hum aggra- « vo com risco de nova injuria. Mór- « mente, que em nada tem a fortu- « na maior imperio, que nas cou- « sas de guerra; alcanção-se muitas « vezes as victorias por leves acci- « dentes, e por outros se perdem. « Será pois justo deixar na contingen- « cia de hum successo o cetro Orien- « tal com espanto, e enveja das « gentes, fundado sobre tantas vic- « torias? Se perdermos esta armada, « onde está junto todo o poder da « India, que tesouros poupados tem « S. Alteza para nos mandar outra? « Começaremos a rogar, ou a con- « quistar de novo os Principes da In- « dia; tornaremos á sua infancia este « Imperio já encanecido; viveremos « na cortesia das Coroas que temos « offendido, ficando creaturas misera- « veis daquelles de quem fomos se- « nhores.»

Reposta do Governador.

As razões de Dom Diogo de Almeida satisfizerão aos de sua opinião; aballárão os que tinhão outra. Porém D. João de Castro, seguro na resolução tomada, discorreo em contrario,

dizendo, que nenhuma Nação dominante se satisfazia com a guerra defensiva entre seus inferiores; que o Estado se fizera no Oriente arbitro da paz, e da guerra, buscando os mais dos Principes da Asia nossa sombra para viver seguros; que todas as fortalezas, que tinhamos na India, se conservavão com as mesmas armas, com que forão ganhadas; que o respeito, que nos tinhão os Mouros, e Gentios, não duraria mais, que até saber que podiamos sofrer huma injuria; que todos estes Principes estavão attentos ao castigo de Cambaia, e não ousárão atégora ajudala com forças auxiliares, temerosos de poderem cahir sobre suas ruinas; porém se vissem que nos contentavamos com reparar os estragos de nossa fortaleza, e atar as feridas, que nos tinhão aberto, as tornarião a rasgar de novo, encaminhando o segundo golpe ao coração do Estado; que a reputação era alma dos Imperios; o sofrimento nos particulares, virtude; nas Coroas, ruina; que tinhamos perdido neste cerco tantos Fidalgos illustres, tantos Cavalleiros, e soldados de nome, que cobririão os vivos, como sina s infames, as feridas que recebérão nesta

guerra, se as não vissem vingadas; que ficava que contar ao Mundo deste cerco, senão a paciencia com que o tolerámos; que o Estado mais se assegurava com a fama, que com todas as drogas do Oriente; as quaes só erão de preço, quando as recebiamos, não por commercio, senão como tributo; que ultimamente, não queria que a primeira fraqueza de nossas armas acontecesse nos dias de D. João de Castro; que elle estava resoluto a peleijar; a culpa seria de hum só, a victoria de todos. Referio o Governador estas palavras com hum espirito presago do triumpho antevisto, ou da esperança do successo, ou da grandeza do animo.

Continua Rumecão com outra mina.

Em Dio não estavão ociosas as armas, porque Rumecão valeroso, e constante, não o assombravão os danos recebidos, nem os soccorros esperados dos nossos. Sabia o poder, com que o Governador vinha em pessoa, ainda estimado por maior na fama, que na apparencia; mas nem assim dobrou da resolução de proseguir o cerco, esperando a ultima fortuna. Mandou minar a guarita de sobre a porta, em que estava Antonio Freire, e ainda que se trabalhava com estranho silencio, divertindo a attenção dos nos-

sos com ardis differentes, o Capitão mór, a quem nenhum caso, ou accidente, achava descuidado, lhe penetrou a obra, á qual contrapoz os mesmos reparos, que outras vezes. Derão os Mouros fogo á mina em dez de Outubro, a qual rebentou sem dano pela face de fora, retrocedendo o fogo por achar resistencia nos repuxos, e virão os Mouros por dentro outra parede levantada, espantados de que anteviamos os fins de todos seus desenhos, não lhes valendo a força, nem a industria contra tão valerosos e prevenidos inimigos. Rumecão ainda que experimentava que nas minas era menor o fruto que o trabalho, ou por cansar os nossos, ou por ter os seus em boa disciplina, começou a abrir outras, que sendo tambem conhecidas se atalhárão, as quaes não referimos, porque não involvérão successo memoravel, como por evitar o fastio de relatar cousas tão parecidas.

A que deu fogo sem dano nesso.

LIVRO III.

Parte o Governador para Dio.

Aos dezesete de Outubro deste anno de mil quinhentos quarenta e seis, entregando D. João de Castro o governo da Cidade ao Bispo D. João de Albuquerque, e a D. Diogo de Almeida Freire, soltou as velas em direitura a Baçaim, onde quiz esperar alguns soccorros, e mantimentos, que vinhão retardados, porque fez opinião de não estar o Governador da India em Dio hum só dia cercado; querendo com a felicidade de Cesar, chegar, ver, e vencer.

Com que armada, e Capitães.

Constava a armada de doze galeões grossos, de que era Capitania S. Diniz, em que hia embarcado o Governador; dos outros erão Capitães Garcia de Sá, Jorge Cabral, Dom Manoel da Silveira, Manoel de Sousa de Sepulveda, Jorge de Sousa, João Falcão, D. João Manoel Alabastro, Luiz Alvarez de Sousa. Os navios de remo erão sessenta, de que erão os principaes Capitães Dom Manoel de Lima, Dom Antonio de Noronha, Miguel da Cunha, Dom Diogo de Sottomaior, o Secretario Antonio Carneiro, Alvaro Perez de Andrade, Dom

Manoel Déça, Jorge da Silva, Luiz Figueira, Jeronimo de Sousa, Nuno Fernandez Pegado o Ramalho, Lourenço Ribeiro, Antonio Leme, Alvaro Serrão, Cosme Fernandez, Manoel Lobo, Francisco de Azevedo, Pero de Attaide Inferno, Francisco da Cunha, Antonio de Sá o Rume, Cosme de Paiva, Vasco Fernandez, Tanadar mór de Goa, Cabo de quinze fustas, cotías, e taurins, em que hião os Canarins de Goa, e outros navios de Cananor, e Cochim.

Em seis dias afferrou Baçaim, vindo buscalo ao navio D. Jeronimo de Menezes seu cunhado, Capitão mór daquella fortaleza, consolando-se reciprocamente hum na morte do irmão, outro do filho. E porque o Governador não queria ter ociosas as armas, despachou Dom Manoel de Lima com seis navios ligeiros, para que na enseada de Cambaia fizesse algumas presas nos navios, que soccorrião, ou bastecião o Campo do inimigo. Naquella paragem andou alguns dias, em que tomou sessenta cotias de Mouros com mantimentos; mandou espedaçar os corpos, e trazidos a toa, os soltou nas bocas dos rios, para que a corrente os levasse á Ilha, onde fos-

Chega a Baçaim, e faz guerra a Cambaia.

sem vistos com horror, e espanto, de que a ira dos Portuguezes inventasse cada dia crueldades novas. Acabado o tempo do regimento, se recolheo Dom Manoel com sessenta Mouros pendurados nas vergas dos navios; espectaculo mais grato á vingança, que á humanidade. O Governador alegrando-se com estes ensaios da guerra, que emprendia, tornou a mandar Dom Manoel de Lima com trinta navios, e instrucção, que todo o maritimo de Cambaia puzesse a ferro; e fogo, para que a memoria do castigo durasse nas ruinas.

Lourenço Pirez o vai buscar.

Lourenço Pirez de Tavora, Capitão mór das náos do Reino (como temos referido) aportou em Cochim com os mais navios de sua companhia, e achando ahi novas do cerco, partio a Goa com toda a diligencia, crendo, que acharia o Governador em terra; e sabendo que se tinha levado toda a armada, rota batida foi demandar Dio, antepondo o serviço Real aos interesses da viagem, cujo exemplo seguírão muitos Fidalgos Reinoes, sendo a primeira terra, que pisárão da India, as ruinas de nossa fortaleza. Entre os quaes passou Dom Antonio de Noronha, filho do Viso-

Rei Dom Garcia; com sessenta soldados á sua custa; que estas erão as riquezas, que os Fidalgos daquelle tempo hião buscar ao Oriente, porque erão então melhores drogas as feridas, que agora os diamantes. Nestas náos teve o Governador cartas do Infante Dom Luiz, que referiremos, porque se veja a attenção com que o Rei, e o Infante olhavão as acções mais pequenas dos ministros, fazendo dellas acertado juizo, para lhes responder com premio, ou castigo; e a singeleza do trato, tão alheio da soberania, ou altivez de outros tempos; e não será para os saudosos daquella idade, prolixa esta memoria. E outros Fidalgos.

Carta do Infante Dom Luiz.

« Honrado Governador, pelas car-
« tas que escrevestes a El-Rei meu
« Senhor, e a mim, vi o discurso
« de vossa viagem depois de partido
« de Moçambique até chegar á India,
« e o que nella fizestes até a partida
« das naos, e o estado em que achas-
« tes a terra, e a condição dos ho-
« mens, e devassidão dos tratos, e a
« fraqueza da armada, e como vos
« houvestes com o Hidalcão nas cou-

« sas do Meale, e assim nas cousas de
« Ormuz, e com os Fidalgos, que
« tinhão licenças de Martim Affonso,
« para levarem lá drogas, e tudo
« mais, que por vossas cartas dizeis.
« E porque El-Rei, meu Senhor, vos
« responde a todas estas cousas em
« particular, o não farei eu, senão
« em somma. E porém não deixarei
« de dizer, quanto me assombrou cá
« em terra o perigo, que passastes a
« travez da Ilha do Comaro, porque
« verdadeiramente foi acontecimento
« mui grande, e temeroso, e porém
« eu o tomo como por boa estrea,
« porque me parece, que vos quiz
« nosso Senhor mostrar nisto, que vos
« ha de salvar dos perigos da terra
« da India, para que he necessario
« tanto milagre, como usou comvos-
« co, em vos salvar de tamanho pe-
« rigo; pelo que eu lhe dou muitas
« graças; e folguei de saber, que Dom
« Jeronimo de Noronha vos teve com-
« panhia neste perigo, pois Nosso
« Senhor tambem o salvou a elle,
« e he cousa de homem tão honrado,
« como elle he, participar dos peri-
« gos, e trabalhos de seu Capitão.
« Quanto ás mais cousas, que me
« escreveis, porque ElRei, meu Se-

« nhor vos responde a todas em par-
« ticular, e eu fui presente ás mes-
« mas repostas, não me pareceo acer-
« tado tornar-volas a referir, porque
« por suas cartas vereis o contenta-
« mento que tem, de como nessas
« partes o começais a servir, e a boa
« opinião que a gente tem de vos,
« o que particularmente vos manda,
« que façais em cada cousa. O que
« vos eu disto mais posso dizer he,
« que estou mui contente do modo
« que levais nas cousas dessa terra,
« e do que nella fazeis, e dizeis,
« porque bem se mostra nisto, que
« o passar tantos climas vos não mu-
« dou de quem ereis, e da conta em
« que vos eu sempre tive, porque
« vos não contentais de mostrar isto
« assim por obras, mas além disso vos
« ides sempre penhorando com pala-
« vras de demonstrações a fazer o
« mesmo; o que eu tenho por mui
« certo, que vós fareis sempre inteira-
« mente, quanto humanamente se pu-
« der fazer. Do modo que escrevestes
« a S. Alteza não estou menos con-
« tente, porque vierão vossas cartas
« mui bem ordenadas, e nellas
« todas as cousas necessarias, e ne-
« nhumas superfluas; e bem se vé

« nellas o mesmo que acima digo, « e que entendeis as cousas, e que « tendes zelo, e desejo de as fazer « sem respeito temporal de amor, « nem interesse; o que muito folgo « de vos ouvir, porque ainda que eu « tenho por certo, que o fareis assim, « parece huma grande avondança de « coração, e de virtude, que nelle « tendes, folgardes tanto de o dizer; « polo que eu espero em Nosso Se- « nhor, que vos ha de cumprir vossos « bons desejos, e que vos ha de tra- « zer dessa terra com muito vosso con- « tento, e honra, porque não pode « deixar de succeder isto, a quem ne- « nhuma cousa procura, senão o ser- « viço de Deos, e de seu Rei, e « ainda que vos isto ha de custar gran- « des trabalhos, lembro-vos que nel- « les está o merecimento das cousas; « que a Christo Senhor Nosso conveio « passalos para entrar na sua gloria; « e se vos parecerem as cousas diffici- « les, lembre-vos que estas são as em « que Deos poem a mão, e o que « ajuda a quem o serve nellas com « a tenção com que vós o fazeis, e « os homens não podem pôr mais de « sua casa, que a vontade, e a diligen- « cia; e por isso São Paulo não at-

« tribuia a si ; mais que o plantar
« das cousas, porque Deos ha de dar
« o incremento; e assim o dará elle
« em todas vossas cousas, como as
« plantardes com o zelo, que eu con-
« fio que vós tendes em todas, e por
« isso vos não espantem as grandes,
« nem tenhais em pouco as pequenas;
« fazei igual ponderação, e os fins
« dellas remetei-os a nosso Senhor;
« e posto que algumas vos não sahião
« como desejais, nunca entre em vós
« desconfiança, em quanto fizerdes
« as cousas com justo zelo, e limpa
« tenção, porque muitas vezes per-
« mitte nosso Senhor aos que o mais
« servem, que fação erros, para que
« merecão na paciencia, e na confi-
« ança delle, e se espertem mais
« nas cousas, e se acrescentem em
« maior perfeição. Fazei justiça, co-
« mo a entenderdes, tomando sem-
« pre conselho, e parecer nas cousas,
« como fazeis; conservai-vos na lim-
« peza de vossa pessoa, que usais
« acerca dos combates dos gostos
« temporaes, e interesses dessa ter-
« ra, e com isto venha o que vier,
« porque tudo será para bom fim. Nas
« cousas, que tocão ao culto divino,
« na conversão dos infieis vos esmerai

« muito, porque estas são as armas,
« que principalmente hão de defen-
« der a India. Procurai de lançar
« dessa terra as despezas sobejas dos
« homens, e as branduras, e delica-
« dezas, de que usão; e os vestidos.
« e paramentos de casas, que tra-
« tão, dispondo-os para estas cousas
« branda, e suavemente com o exem-
« plo, que lhes dais, e de vossos
« filhos, e com fazer favor, e mercé
« aos que usão do contrario; e se
« estas cousas não puderdes emendar,
« não vos espanteis disso, porque
« as que se danão com tempo, com
« tempo se hão de tornar a emen-
« dar, e não se podem remediar de
« improviso: por isso ide continuan-
« do com vosso bom proposito, e
« fazendo as cousas segundo a dispo-
« sição do tempo, e o sujeito das
« pessoas em que haveis de obrar,
« que com isto espero em nosso Se-
« nhor, que encaminhe todas as vos-
« sas cousas a seu serviço, e ao d'El-
« Rei, meu senhor, e á vossa hon-
« ra, como desejais. Quanto ao que
« me dizeis, que procure que vossa
« estada seja lá breve, bem vejo que
« tendes muita razão de o desejar
« assim, e me parece que se não po-

« de tratar até não ver as vossas cartas, que este anno embora virão, « e por isso deixo a reposta deste « ponto para o anno, que embora « virá. E acerca do que me escreveis « de Dom Alvaro vosso filho, eu fallei a S. Alteza naquelle negocio, e « S. Alteza o conhece bem, e está « bem informado das qualidades de « sua pessoa, e deseja de lhe fazer « honra, e mercé; e porém por algumas razões, que S. Alteza vos « manda escrever, e porque este anno escreve, que não manda lá nenhum despacho, houve por bem deferir este para responder a elle o « anno que vem, e por entretanto « lhe manda fazer a mercé, que vereis por suas provisões; a mim me « fica mui bom cuidado de lhe lembrar tudo o que a vossos filhos toca; espero em Nosso Senhor, que « se faça de maneira, que elle receba honra, e mercé de S. Alteza, « como vosso filho, a quem deseja « fazer o que vós lhe mereceis; e « podeis ter por certo, que S. Alteza « está em mui verdadeiro conhecimento da vontade com que servis, « e mui contente do modo que o « tendes feito atéqui. Eu fallei a S.

« Alteza em Affonso de Rojas, e por « vosso respeito lhe fizera logo a « mercé, que lhe eu pedi, mas porque « (como digo) manda dizer ás pessoas, « que andão na India, que este anno « não manda lá nenhum despacho, de- « ferio o de Affonso de Rojas para o « anno que vem, e diz que para então « lhe fará mercé. Eu terei cuidado, se « a Deos aprouver, de vos mandar a « provisão, e folgo eu muito das boas « novas, que me dais de Affonso de Ro- « jas, e de crêr he, que sendo irmão « do mestre Olmedo, e estando em « vossa companhia, não pode deixar « de ser homem de bem. O que me « mandastes nas náos, que vierão, me « foi dado, e com tudo folguei, por « ser cousa que veio da vossa mão; « agradeço-volo muito. *Escrita em « Almeirim, a vinte seis de Março de « mil quinhentos quaranta e sete.* »

« O Infante Dom Luiz. »

Danos que faz D. Manoel de Lima em Surrate.

Partido de Bacaim Dom Manoel de Lima, entrou de noite o rio de Surrate, e subindo por elle com a maré, avistou huma povoação grande, que ainda que não era habitada de Abeixins, tinha delles o nome. Esta-

va a povoação da banda de Levante, derramada em huma estendida planicie, e ainda que o lugar era aberto, tinha dous mil vezinhos, que asseguravão a defensa com algumas trincheiras, sem outra fortificação, fiados quiça, em que os seus nesta guerra erão os invasores, e nas espaldas que lhes fazia o exercito que tinhão na campanha. Sahio Dom Manoel em terra, e os nossos com a mesma ordem, com que desembarcavão, hião envestir o inimigo, mais valerosos, que disciplinados. Os Mouros tiverão animo para esperar, não para resistir, menos assombrados do temor dos nossos, que do horror de seus primeiros mortos, cujo sangue os intimidou de maneira, que voltárão as costas. Perecérão muitos na fugida, poucos na resistencia; foi o estrago grande, porque não perdoou a espada dos soldados a sexo, nem a idade. Mandou Dom Manoel pôr fogo ás casas, abrazárão-se fazendas, e edificios. O furor desprezou a cobiça: mandou cortar as mãos a hum só Mouro, que deixou com vida, para que não levasse novas sem sinaes da victoria.

Sahio do rio a armada, e costeando dous dias, houve vista da Cidade de Assola a Cidade de Autote.

Aniote, conhecida pela soberba dos edificios, e riquezas de seus habitadores grossos com o commercio maritimo. Estes prevenidos com o estrago alheio, resolvêrão-se a defender suas casas, ou morrer dentro nellas; tão iguaes andão na estimação com a vida, estes bens da fortuna. Tomou D. Manoel terra, ainda que não sem sangue, porque os Mouros vierão esperar os nossos, mostrando-se na resolução soldados, mas não na disciplina, porque divididos em magotes, acomettião aos nossos com tiros vagos, e incertos, descobrindo o mesmo temor na resistencia, que depois na fugida. D. Manoel os foi levando até os encerrar na Cidade, onde a vista das mulheres, e filhos, os fez deter piedosos. Aqui pareceo aos nossos, que tinhão inimigos, porque peleijavão com amor de pais, tibios em defender as proprias vidas, valentes em amparar as alheias; mas como o valor não era natural, e nascia de affectos piedosos, ou covardes, cedeo a piedade ao temor, deixando-nos a Cidade, os filhos, e a victoria. E como D. Manoel hia mais a destruir, que a vencer, deu a Cidade ao fogo. A crueldade sobejou ao estrago, porque a

muitas donzellas Bramanas, na cor, e fermosura, como as da nossa Europa, não perdoou a victoria, eximindo-as da culpa o sexo; o parecer da espada.

Foi D. Manoel de Lima assolando os lugares da costa por toda aquella enseada de Cambaia, fazendo taes estragos, que o não fartava o sangue, nem a victoria. Em fim se recolheo com mais gloria que despojos; e achou o Governador já na Ilha dos Mortos com toda a armada junta, com a qual no seguinte dia, que forão seis de Novembro, se fez na volta de Dio: hião os navios boiantes, cheios de flamulas, e galhardetes, dando de si huma fermosa vista.

E outros lugares, e recolhe-se.

Tanto que da fortaleza descobrírão a armada, foi o contentamento universal de todos, como os que depois de tantos diluvios de sangue, vião que lhes levava a paz, pela victoria. Embandeirou-se a fortaleza toda, vestindo-se de alegria as postradas ruinas. Mandou o Capitão mór disparar a artelharia. O Governador lhe respondeo do mar com huma espantosa salva, a que succedêrão os instrumentos musicos, e guerreiros das trombetas bastardas, solemnizando com

Chega o Governador a Dio.

alegres vesperas hum temeroso dia. Os Mouros tambem disparavão muitas peças, mostrando da chegada do Governador alegria, ou desprezo.

Faz conselho no mar.

Ficou Dom João de Castro no mar aquella noite, donde mandou chamar ao seu navio, o Capitão mór, Garcia de Sá, Manoel de Sousa de Sepulveda, Jorge Cabral, e outros Fidalgos de conselho; aos quaes significou a resolução com que vinha de peleijar, sobre que não queria parecer alheio; que o Governador da India não desembainhava a espada para se defender, senão para castigar; que no modo de cometer o inimigo, o aconselhasem todos. Garcia de Sá lhe approvou, e louvou a resolução tomada, apontando razões, que ao Governador forão mui gratas, pola pessoa, e polos fundamentos. Sobre a forma de peleijar se discorreo, e assentou modo, que se teve encuberto até a execução. Ordenou que se metesse a gente na fortaleza no silencio da noite, e em quanto desembarcava, com musicas, instrumentos, e tiros dos navios, occultar a Rumecão o intento. Em tres noites passou a gente a fortaleza por escadas de corda; o que se obrou tão cautamente, que o não

Mete a gente na fortaleza.

pode entender o inimigo.

Rumecão mostrando-se mais ousado no perigo vezinho, disse aos seus, que se o Governador quizesse peleijar na campanha, entrarião os Mouros na fortaleza pelas portas, e não pelas muralhas; que com as bandeiras Portuguezas esperava varrer a casa do Propheta; que peleijavão pola liberdade de tantos Principes, que gemião opprimidos do peso da servidão, e tributos; que poupassem o valor para vingar injurias de muitos annos em hum só dia; que com o peso de tantas victorias já não podia o Estado; que ordenava a fortuna trazelos juntos, para os acabar de hum só golpe. Esforçou estas arrogancias o Turco, com mandar que a todos os soldados se dobrassem as pagas. Passava de quarenta mil homens o exercito; erão os mais dos Cabos Turcos, soldados velhos, chamados com avantajadas pagas, a quem a fama do valor fizera conhecidos. Havião chegado de refresco ao Campo setecentos Janizaros, que quizerão, com soberba militar separados, como para verem os Mouros, quem lhes dava a victoria. Guarneceo Rumecão as estancias, e poz o grosso do exercito nas partes onde

Discurso de Rumecão.

Que exercito tinha.

E como o dispoem.

lhe pareceo, que poderia pojar a nossa armada, sem que a confiança lhe fosse impedimento á disciplina. Desta sorte esperou a invasão dos nossos, á resistencia prompto, e na batalha incerto.

Resolve o Governador dar batalha.

Tendo o Governador recolhido na fortaleza já todos os soldados, achou sobre acometer o inimigo opiniões diversas; e como as razões de huns e outros cahião sobre a contingencia do successo, não se podião escolher, nem reprovar sem o conhecimento do futuro a todos escondido. Garcia de Sá com autoridade dos annos, do valor, e do sangue, discorreo outra vez sobre as conveniencias da batalha; mas D. João de Castro, mandando guardar silencio a todos, disse que a sorte estava já lançada; que dos valerosos seria bem julgado, dos fracos não queria approvação, e os de fora esperarião o successo para fazer juizo. Aquella tarde gastou em dispôr os soldados para o seguinte dia, para que a dilação não alterasse os animos, ou a resolução.

Ordem que deu á armada.

Ordenou que os bateis da Armada esperassem sinal com tres foguetes da fortaleza, para que no mesmo tempo, que os nossos determinassem sahir, fossem remando con-

tra aquella parte, donde o inimigo se temia, tocando os instrumentos de guerra, fingindo todas as demonstrações de saltar em terra, metendo pelas perchas das fustas muitas lanças, cuja vista daria apparencias ao engano; e a do Governador se daria a conhecer de longe pelo lugar, e bandeira Real, e pelos atavios; simulação que ou nos deu, ou ajudou a victoria.

Amanheceo o dia, em que se contavão onze de Novembro, dedicado á memoria do glorioso S. Martinho Bispo Turonense, que nos podia favorecer Santo, e ajudar Soldado. Com a primeira luz do dia appareceo o Governador no terreiro da fortaleza com bastão de General, vestido de armas brancas com tanta majestade, que na pessoa se respeitava o cargo. Celebrou-se Missa em hum altar patente a todos, para que ao Deos dos exercitos se pedisse a victoria. Commungou O Governador, e a maior parte dos soldados, e o Custodio dos Franciscos publicou indulgencia plenaria aos que morressem na batalha. Acabado este acto, mandou tirar as portas da fortaleza, e guizar com ellas hum almorço aos soldados, para que a con-

Faz outras prevenções.

fiança do General, e a desesperação de algum abrigo igualmente servissem á victoria, fazendo-lhes o peleijar preciso por gloria, ou por necessidade; disse assim aos soldados:

Falla aos soldados.

« Entramos em huma batalha, onde
« vencidos honraremos nosso Deos
« com o sangue; vencedores nosso
« Rei com a victoria. A força do
« exercito inimigo são Turcos, e
« Janizaros, os quaes como soldados
« mercenarios buscão a guerra, abor-
« recem a peleija. A outra parte se
« compoem de nações differentes, o
« soldo as obriga á estar juntas, mas
« não a estar conformes. Não são es-
« tes mais valerosos que seus pais,
« e avós, não serão mais felices, a
« todos sujeitárão nossas armas. Este
« Imperio da Asia he filho de nossas
« victorias, criámolo em seu primeiro
« berço, sustentemolo agora já robusto,
« que depois de largas idades nos ha
« de mostrar ao mundo com o dedo
« a fama deste dia. Animar a batalha,
« fora esquecerme que somos Portu-
« guezes. »

Ordem em que os poz.

Nesta forma tinha ordenado a gente. Deu a vanguarda a Dom João Mascarenhas, devendo-se-lhe este maior perigo, como premio dos outros; ag-

gregou-lhe quinhentos Portuguezes, seiscentos Canarins, quinhentos Naires. A Dom Alvaro de Castro, outros quinhentos Portuguezes, em que entravão todos os Fidalgos, e Capitães de sua Armada. A Dom Manoel de Lima outros quinhentos. O Governador ficou com os mais, que serião oitocentos Portuguezes com alguns Canarins, e Malabares.

Os Mouros cada dia engrossavão o campo, e de fresco tinhão chegado Alucão, e Mojatecão com cinco mil soldados. Mandou o Governador fazer sinal á Armada com os foguetes, o qual conhecido, partio á voga arrancada, e arrimando-se á praia, desparou a artelharia toda nas estancias dos Mouros; escondeo a fumaça os navios por hum espaço largo, com que o inimigo não acudio ao que havia de temer, senão ao que temia, solicito no perigo imaginado, descuidado no certo. Rumecão com o grosso do exercito carregou áquella parte do mar a impedir a desembarcação aos nossos. O Governador sahio a este tempo da fortaleza com escadas prevenidas para encostar ao muro. Dom João Mascarenhas foi com os de sua companhia cingindo a cava, por su-

Comete a armada terra.

Acode alli Rumecão.

O Governador sahe da fortaleza.

bir por aquella parte, onde estava o baluarte de Diogo Lopez de Sequeira. Antonio Moniz Barreto, que hia nesta conserva, encomendou a sua escada a tres valentes soldados; estes forão os primeiros que ensanguentárão a victoria, sem que chegassem a vela. Tinhão vindo aquelle anno nas náos do Reino com Lourenço Pirez de Tavora; erão naturaes da Villa do Torrão, e trazião cartas a Antonio Moniz de sua mãi, que lhos recomendava, as quaes lhe derão estando para entrar na batalha; elle as recebeo alegre, dizendo aos soldados, que se livrasse com vida, lhes faria bons officios com o Governador, ao que elles respondérão conformes, que só naquelle dia necessitavão de seu favor, que ao diante seus procedimentos lhes farião passagem; que lhe pedião lhes entregasse aquella escada, seguro de que a saberião arvorar, e defender com as vidas. Antonio Moniz vendo brios tão honrados em soldados humildes lha entregou confiado, dizendo, fiava delles o credito, e a escada; a qual logo que levantárão com desgraciado valor, hum tiro cego lhes estroncou as cabeças.

Brio lastimoso de tres soldados.

Referirei hum estranho desafio, que deixára de escrever por lastimoso, senão fora tão illustre. Dom João Manoel, e João Falcão, Fidalgos de muita opinião, andavão entre si mal avindos por desconfianças leves, que no juizo dos homens, vem a pesar aquillo em que se estimão. Tratárão de averiguar no campo estes desabrimentos, fazendo juiz desta porfia o valor, ou o caso. Os padrinhos, que entravão na contenda com mais livre juizo, reduzírão a questão a mais honrado duello, discorrendo que o Governador tinha a pique a jornada, e que o desafio, que sempre era delicto, seria agora escandalo, que pelo bando perdião as cabeças; e que Dom João de Castro não era pai, ainda que o parecia; sofria culpas, mas não atrevimentos, que podião sanear as honras, onde arriscavão as vidas; concertando-se que o que primeiro, e com maior valor subisse o muro do inimigo, ficasse por melhor reputado na singular, e na commum batalha, inventando com engenhoso valor, mortes com premios, desafios sem culpa. Satisfizerão-se da proposta hum, e outro inimigo; pedírão a parentes, e amigos lhes tivessem as escadas,

Desafio estranho.

como homens, que havião de pelei-jar pela honra do Estado, e pela sua. Começárão de subir a hum mesmo tempo. D. João Manoel, lançando huma mão ao muro, lha levárão de hum golpe, acudindo com a outra tambem lhe foi cortada; soccorrendo-se dos cotos para ferrar o muro, com hum golpe de alfange lhe levárão a cabeça. João Falcão acometteo ao mesmo tempo o muro; e tendo-o já vencido, defendendo-se valerosamente, foi morto a cutiladas. Sobre qual destes dous contendores deu maiores provas de valor, fizerão os soldados de brio juizos differentes, nós diremos, em beneficio de ambos, que não devia mais á honra, quem deu tudo por ella.

Que faz D. João Mascarenhas.

Começou Dom João Mascarenhas com os seus a arrimar as escadas, subindo muitos com tanta resolução, como fortuna, porque ainda que recebidos nas lanças, vencérão a resistencia; estes comprárão a gloria de ser primeiros com o perigo de se achar sós no campo, tendo o peso dos Mouros em quanto lhes chegavão os companheiros. Os feitos de armas, que se obrárão nesta primeira escala, se deixão conhecer da postura com

que se combatia; pois os Mouros peleijavão firmes, e os nossos pendentes. Dom Alvaro de Castro, e Dom Manoel de Lima atravessárão o muro por differentes partes, recebendo na maior resistencia maior dano. Perdérão alguma gente em quanto peleijavão derramados, logo que se firmárão, derão lugar mais franco a que os seus subissem.

Que faz D. Alvaro de Castro.

O Governador achou no raso maior perigo, que teve na subida, porque encaminhou logo á ponte, que estava defendida com hum grosso de gente, e muitas peças assestadas nella; a importancia de ganhala era igual ao perigo. Cometteo-a o Governador a risco aberto; o valor foi singular, o caso milagroso, porque chegando muitas vezes os Mouros o murrão ás peças escorvadas, nenhuma tomou fogo; successo para milagre opportuno, para accidente raro. Porém não quiz o Ceo toda a victoria, porque crecendo os Turcos na defensa da ponte com escopetas, panelas de polvora, e lanças de arremeço, retardárão o impeto dos nossos. Alguns voltárão os rostos aos pelouros, quiçá para mostrarnos Deos quanto valemos, deixados em nos-mesmos; fugião os fracos, de-

Perigo do Governador na ponte.

Livra por milagre.

tinhão-se os valentes, porém Dom João de Castro a nenhum inferior no esforço, maior que todos no acordo, com alguns que o acompanhavão, cerrou com o inimigo, bradando a vozes altas: Victoria, fogem os Turcos. Esta voz se derramou com tão felices eccos, que os nossos outra vez unidos, buscárão sua bandeira; e os inimigos timidos, ou credulos, forão perdendo o campo; sendo esta voz do General a porta por onde entrou a victoria. Aqui fizerão os nossos estrago, como de vencedores, e o que era ardil já parecia verdade. O Governador sem perdoar instante a sua fortuna, foi atravessando o Campo, e como nem a victoria tem temeridades, nem o temor conselho, Dom João cercado de quasi todo o exercito inimigo, se acclamou victorioso, fugindo por aquella parte os Mouros sem dano, mas já desordenados. Em fim tivemos por seu lado a victoria, primeiro que a batalha. Entre os da companhia do Governador se affirmou sem contradicção, que fora elle o primeiro que cavalgára o muro, e deste feito não achou testemunha contra si, mais que a si mesmo, que lisamente disse, que Lourenço Pirez de Tavora

Acclama victoria.

E prosegue-a.

Que diz de Lourenço Pirez.

primeiro afferrára o muro; não querendo o credito da fama menos averiguada, havendo por escusado furtar honra, quem sabia ganhala.

Oppoem-se Rumecão.

Avisado Rumecão da desordem com que os seus fugião, acudio com hum grosso batalhão de Turcos a deter, ou estorvar a victoria, e como a ventagem do número era tão superior, retardando a furia dos nossos, igualou a batalha. Durou a porfia espa o largo. Foi derribada duas vezes a bandeira Real; o que vendo o Governador bradou impaciente: Que he isto Portuguezes? Tirão-vos das mãos a victoria? Tirão-vos a bandeira? E remettendo ao inimigo cuberto de huma adarga, em que trazia duas settas cravadas, com a voz, e com o exemplo animou os soldados de maneira, que com furiosa corrente, fizerão retroceder aos Mouros, fugindo os ultimos com o terror dos primeiros.

Peleija o Governador pessoalmente.

Dom Alvaro de Castro, e D. Manoel de Lima, feitos em hum só corpo, se fizerão envejar de seus soldados, e de seus inimigos. Acomettérão a Alucão, e Mojatecão valentes Turcos, e Cabos principaes do exercito, que muito espaço lhes fizerão duvidosa a victoria. O sangue tingia

as armas, tingia a terra, a vozaria dos Mouros stremecia o campo como perigo novo; o horror, e a confusão arrebatava os sentidos, de sorte, que muitos sentião as mortes primeiro que as feridas: cedeo em fim ao valor o número, e os Turcos se retirárão com infinitos mortos, as estancias perdidas. Dom João Mascarenhas acometteo a Juzarcão, ao qual ganhou o posto com não menos valor, nem peior fortuna. Rumecão não perdendo animo, nem acordo com a primeira desgraça, esperou a ultima, formando seus esquadrões no campo aberto, ou fosse necessidade, ou confiança, porque em tão numeroso exercito mais se conhecia o temor, que a perda, e como he proprio nas desgraças accusar a fortuna, fez Rumecão suas expiações com vozes, e alaridos supersticiosos, que os nossos ouvírão, como para conciliar a indignação dos Astros.

Estancias dos inimigos ganhadas, e por quem.

Rumecão se forma no campo raso.

Dom João de Castro, não querendo perder hum só momento de tão fermoso dia, juntou a si o pequeno exercito, e dando a vanguarda a seu filho Dom Alvaro, arrostou o inimigo, que o esperou formado, e estendendo as pontas da meia lua, com que estava

O Governador, e seu filho o envestem.

plantado, veio cingindo a nossa infanteria; porém Dom Alvaro, como se quizera para si só a gloria deste dia, envestio o inimigo com tanta gentileza, que foi entre os seus o primeiro, que chegou a ferir os Mouros, cometendo, ou abrindo com espada, e rodela hum esquadrão cerrado. Sustentou o inimigo o campo na primeira envestida, mas não podendo sofrer o peso da batalha, começou a retirarse com desordem. Os nossos rompendo de todo as fileiras turbadas, seguião mais, que destroçavão os inimigos rotos. Por esta parte se começou a declarar a victoria; mas Rumecão com hum grosso batalhão de Mouros, e Janizaros, fez aos nossos rosto, que derramados no alcance, ou desprezárão, ou esquecérão a disciplina.

D. Alvaro o rompe.

Torna Rumecão a fazer rosto.

Aqui esteve Dom Alvaro perdido, porque não podendo seus soldados resistir divididos, hião deixando aos inimigos o campo, e a victoria, sem que as vozes de Dom Alvaro, e constancia com que peleijava, pudessem deter a huns, nem ordenar a outros; tão pendente está do mais leve accidente a fortuna da guerra. Fr. Antonio do Casal, de cujo valor reli-

Perigo, e constancia de D. Alvaro.

Arvora Fr. Antonio do Casal hum Crucifixo.

gioso fazem os Autores memoria, com hum Crucifixo arvorado, começou com piedosas e esforçadas razões, a reprender, e animar os nossos, mostrando-lhes a imagem de Christo, exposta outra vez na Cruz a segundas injurias; aconteceo, que huma pedra perdida desencravou hum braço do Crucifixo; e lho deixou pendente, mostrando-se em huma mesma perspectiva o sagrado transumpto aos filhos inclinado, aos infieis cahido. Os nossos com maior espirito nas injurias do Ceo, que nas do Estado, mostrárão differente valor em differente causa, devendo mais á offensa de quem erão creaturas, que ao imperio de quem erão soldados. Subitamente se unírão conformes, e recobrando forças, mais forão os instrumentos da victoria, que os autores della. Rumecão se retirou desbaratado, e Dom Alvaro baralhado com elle entrou de envolta na Cidade, achando já maior estorvo nos mortos, que cahião, que resistencia nos vivos, que se não defendião.

Animão-se os nossos.

Rumecão se retira, e D. Alvaro entra na Cidade.

Ajunta-se lhe D. Manoel de Lima.

A este tempo chegou Dom Manoel de Lima, tão valeroso no mar, como na terra; o qual pela parte que lhe tocou rompeo o inimigo, até se

juntar com Dom Alvaro, e entrados na Cidade, fizerão cruel estrago nos Mouros, que rotos, e divididos buscavão salvação na fugida, mais que na resistencia. Já o semblante da guerra mais parecia saco, que batalha; os nossos achavão Mouros, não achavão inimigos; muitos metidos pelas casas roubárão suas mesmas fazendas, que occultavão, como furto a victoria; outros deixavão as armas, por fugir mais ligeiros. Dom João Mascarenhas entrou por outra parte na Cidade, dando neste dia glorioso fim a tão illustre cerco. E D. João Mascarenhas.

O Governador ainda peleijava no Campo, solicito da victoria dos seus, certo na sua, quando lhe chegou aviso, que a Cidade estava já rendida. Mas Rumecão pondo tropeços á victoria, tornou a rebentar como mina, com oito mil soldados, ordenando-se em fórma de dar ou esperar nova batalha; que era o poder tão grande, que das reliquias do seu estrago fez outra nova guerra. Sahião a este tempo da Cidade D. Alvaro de Castro, e D. João Mascarenhas, e D. Manoel de Lima a congratular-se da victoria com o Governador, quando virão a Rumecão no campo com ou- Offerece Rumecão nova batalha.

O Governador o desfaz.

tro novo exercito. O Governador não querendo, que a suspensão parecesse temor, quasi com o mesmo alento da primeira batalha cometeo a segunda, ordenando tres esquadrões, os dous, que buscassem os inimigos pelos lados, e elle pela frente. Nesta ordem cometeo o inimigo, o qual mais desesperado, que constante, aguardou o primeiro impeto dos nossos; mas como peleijava já timido e desconfiado, e os seus com cobarde, e forçada obediencia lhe assistião, com leve resistencia nos deixárão o campo. Bem que em todas as facções do cerco, e da batalha, se mostrou Rumecão tão valeroso, como disciplinado: mas nas adversidades merece-se melhor, do que se alcança a fama.

Alcança-se a victoria.

Abrírão-se os Mouros pela frente, e o Governador, a maneira de rio impetuoso, cuja corrente tudo leva diante, quasi indefesos os foi desbaratando. Já no Campo se fazia estrago sem batalha; os Mouros parecião inimigos na fugida, e não na resistencia; e como os nossos ácomettião algumas mangas, que se mantinhão inteiras, elles mesmos se desordenavão por remedio, fugindo huns dos outros

com igual, ou mais certo perigo, que fugião dos nossos. Outros por não parecer inimigos arrojavão as armas, como instrumentos, que nos podião acordar aggravo, ou vingança. Em fim naquella tragedia se representavão todos os affectos, de que o temor se veste. Rumecão vendo tudo perdido, vestindo huma pobre cabaia, se lançou entre os mortos, occultando-se á ira, e á victoria; porém huma pedra tirada de mão incerta, o livrou com a morte, do triumpho. Muitos deste homicidio se fizerão autores, como já nos tempos de Galba, de quem quizerão ser mais os matadores, do que forão as feridas. E em nossos dias, e nosso mesmo Reino, vimos tambem hum caso nada dessemelhante.

Morre Rumecão.

Advertidamente callei os casos particulares desta batalha, porque se não podem louvar huns sem injuria de outros; só dos Cabos, e pessoas maiores démos breve noticia, por reverencia do lugar, e do sangue; demais, que na confusão de huma batalha, difficultosamente se podem particularizar accidentes com o rigor da verdade; e he certo, que aquelles, a cuja penna não escapárão os

atomos do caso mais occulto, ou buscárão soccorros para a historia, ou penetrárão os acontecimentos com vista mais aguda. Basta saber, que tão illustre empresa honrou naquelles tempos nossas armas, nestes nossa memoria; e creio, que em todas as facções da Asia, nos cercos não tivemos maior; nas batalhas não tivemos igual.

Varia estimação do numero dos inimigos.

O número do exercito inimigo se não pode averiguar ao certo, porque com estimação desigual, huns o sobem a sessenta mil, outros disserão menos, e nem os Mouros, que ficárão cativos, souberão formar juizo certo da gente, que perdérão. Mas de qualquer maneira, foi a desproporção tão notavel de hum poder a outro, que bastou a dar pelo Mundo hum espantoso brado; e nas Historias alheias achamos a victoria escrita com mais honrado applauso, do que em nossas memorias; e se a Patria imitára a gratidão do Imperio Romano com filhos benemeritos, dera a lêr ao Mundo as obras de Dom João de Castro em sublimes estatuas, que como annaes de bronze, fossem volumes publicos a todas as idades. Não achamos, que respondessem os premios a

seu merecimento, quiçá para o fazer maior, o alcançou nesta parte a desgraça dos varões excellentes; logrou porém como premio de duração mais larga, a fama de seu nome. Os Principes da Asia com ambiciosas mensagens lhe derão emborás da victoria; a Camera de Goa o chamou Duque, ou fosse, que o advertia, ou que o desejava. ElRei D. João o honrou com titulo de Viso-Rei da India, sendo do Estado quarto em tempo. Os outros premios devia de os sepultar a mesma terra, que cubrio suas cinzas, ficando só sua posteridade hereditaria da gloria de tão grande ascendente.

Parabens da victoria.

Recolheo o Governador os despojos, que forão os Reaes, muitas bandeiras, e quarenta peças de artelharia grossa, em que entrava aquella, que hoje temos na fortaleza de S. Gião, que do lugar, em que se ganhou, ainda conserva o nome. Entregou a Cidade ao saco, sem reservar para si hum só ferro de lança, sempre das riquezas do Oriente desprezador constante. Desta, e outras virtudes nasceria affirmarem os Mouros, que fora o Governador assistido de algum poder divino, porque sobre o tecto

Despojos della.

Saco da Cidade.

Favor divino que nos assistio.

da Igreja virão huma Donzella, cujos raios não podia sofrer a vista, cujo aspecto lhe enfraquecia os corações, com que deixavão as armas, huns timidos, outros reverentes. Não temos este favor do Ceo por indigno de credito, se olhamos a piedade do General, a justiça da causa. Dos Mouros morrérão cinco mil, em que entravão Rumecão, Alucão, Acedecão, e outros Turcos de nome; ficárão seiscentos cativos, que depois servírão ao triumpho; dos nossos faltárão trinta, forão quasi trezentos os feridos.

Quantos Mouros morrérão.

Nossos mortos, e feridos.

Poucos dias descançou o Governador nos ocios da victoria, porque entrou logo em cuidados molestos de reedificar, antes fundar, a fortaleza desde a primeira pedra; obra, que a necessidade fazia precisa, o aperto impossivel, porque as despesas de tão prolixa guerra tinhão apurado as rendas do Estado, e sobre ellas se havião feito empenhos, que só se podião remir com a paz de muitos annos: porém o Governador, sem se atar aos inconvenientes, começou a dar principio á nova fabrica, desenhando-a em fórma differente, que a antigua; porque a juizo de homens

Reedifica o Governador a fortaleza.

intelligentes, convinha estender o sitio, engrossar o muro, fazer os baluartes mais vezinhos, e lavrar armazens para recolher as munições, e mantimentos em parte enxuta, em que se conservassem bem acondicionados, differentes dos outros, que pela humidade do terreno corrompião os bastimentos. Os materiaes não se podião comprar, nem conduzir sem pagas, e jornaes; pedreiros, piões, e architectos, pedião suas ferias. Não tinha o Governador baixellas, nem diamantes de que poder valer-se, assim recorreo a outros penhores, a que a fidelidade deu valia, a natureza não. Mandou desenterrar os ossos de seu filho D. Fernando, para fazer delles á Cidade de Goa hum nunca visto empenho; mas como a terra ainda tivesse o corpo mal gastado, cortou da barba alguns cabellos, sobre que pedio vinte mil pardaos á Camera de Goa, abrindo-lhe o amor da patria huma estranha porta, por onde não souberão entrar aquelles fidelissimos Decios, Curcios, e Fabios, de que Roma ainda hoje soberba, de entre as ruinas de seu Imperio lhe salvou a memoria. Acompanhava o penhor a seguinte Carta.

Empenha para isso os cabellos da barba.

Carta, que o Governador D. João de Castro escreveo de Dio á Cidade de Goa.

« Senhores Vereadores, Juizes, e « Povo da muito nobre, e sempre « leal Cidade de Goa; os dias passa- « dos vos escrevi por Simão Alvarez « cidadão dessa Cidade, as novas da « victoria, que me Nosso Senhor deu « contra os Capitães d'ElRei de Cam- « baia, e callei na Carta os tra- « balhos, e grandes necessidades em « que ficava, porque lograsseis mais « inteiramente o prazer, e conten- « tamento da victoria; mas já agora « me pareceo necessario não dissimu- « lar mais tempo, e dar-vos conta « dos trabalhos em que fico, e pe- « dir-vos ajuda para poder supprir, « e remediar tamanhas cousas, co- « mo tenho entre as mãos; porque « eu tenho a fortaleza de Dio derri- « bada até o cimento, sem se poder « aproveitar hum só palmo de pare- « de; de maneira, que não sómente « he necessario fabricala este verão « de novo, mas ainda de tal arte, e « maneira, que perca as esperanças « ElRei de Cambaia, de em ne- « nhum tempo a poder tomar. E com

« este trabalho tenho outro igual, ou
« superior a elle, aldemenos para
« mim muito mais incomportavel de
« todos, que são as grandes oppres-
« sões, e continuos achaques, que
« me dão os Lasquerins por paga, de
« que lhes eu dou muita certeza,
« porque d'outra maneira se me irião
« todos, e ficarei só nesta fortaleza;
« o que será occasião de me ver em
« grande perigo, e por esse respeito
« toda a India, como quer que os
« Capitães d'ElRei de Cambaia com
« a gente que ficou do desbarato,
« estão em Suna, que he duas legoas
« desta fortaleza, e ElRei lhes man-
« da cada dia engrossar seu campo
« com gente de pé, e de cavallo,
« fazendo muitas amostras de tornar
« a tentar a fortuna, em querer dar
« outra batalha; para as quaes cou-
« sas me he grandemente necessario
« certa somma de dinheiro, polo que
« vos peço muito por mercé, que
« por quanto isto importa ao serviço
« d'ElRei nosso Senhor, e por quan-
« to cumpre a vossas honras, e le-
« aldades, levardes avante vosso an-
« tigo costume, e grande virtude,
« que he acudirdes sempre ás estre-
« mas necessidades de S. Alteza, co-

« mo bons, e leaes vassallos seus,
« e polo grande, e entranhavel a-
« mor, que a todos vos tenho, me
« queirais emprestar vinte mil par-
« daos, os quaes vos prometto como
« Cavalleiro, e vos faço juramento
« dos Santos Evangelhos de volos
« mandar pagar antes de hum anno,
« posto que tenha, e me venhão de
« novo outras oppressões, e necessi-
« dades maiores, que das que ao pre-
« sente estou cercado. Eu mandei des-
« enterrar D. Fernando meu filho,
« que os Mouros matárão nesta for-
« taleza, peleijando por serviço de
« Deos, e d'ElRei nosso Senhor, para
« vos mandar empenhar os seus ossos,
« mas achárão-no de tal maneira,
« que não foi licito ainda agora de
« o tirar da terra; polo que me não
« ficou outro penhor, salvo as mi-
« nhas proprias barbas, que vos aqui
« mando por Diogo Rodriguez de
« Azevedo; porque como já deveis
« ter sabido, eu não possuo ouro,
« nem prata, nem movel, nem cou-
« sa alguma de raiz, por onde vos
« possa segurar vossas fazendas, só-
« mente huma verdade secca, e breve,
« que me Nosso Senhor deu. Mas
« para que tenhais por mais certo

« vosso pagamento, e não pareça a
« algumas pessoas, que por alguma
« maneira podem ficar sem elle, co-
« mo outras vezes aconteceo, vos
« mando aqui huma provisão para o
« Thesoureiro de Goa, para que dos
« rendimentos dos cavallos vos vá pa-
« gando, entregando toda a quantia,
« que forem rendendo, até serdes
« pagos. E o modo que neste paga-
« mento se deve ter o ordenareis lá
« com elle. Hei por excusado de vos
« affeitar palavras, para vos encarecer
« mais os trabalhos em que fico, por-
« que tenho por muito certo, por
« todos os respeitos, que acima digo,
« haverdes de fazer nesta parte tudo,
« e mais do que puderdes, sem en-
« trevir para isso outra cousa, salvo
« vossas virtudes costumadas, e o
« amor, que todos me tendes, e vos
« tenho. Encomendo-me, Senhores, em
« vossas mercés. *De Dio, a vinte e tres*
« *de Novembro de mil quinhentos qua-*
« *renta e seis.*»

Chegado o mensageiro a Goa, lhe respondeo o Povo com maior quantidade, que a pedida, vendo que tinhão hum Governador tão humilde para os rogar, tão grande para os defender. Remetérão-lhe outra vez

Os Cidadaõs de Goa lhos tornão.

Hoje se conservão.

aquelles honrados penhores, que hoje se conservão em mãos do Bispo Inquisidor Geral, seu dignissimo neto, que os recolheo em huma urna, ou piramide de cristal, assentada em huma base de prata, na qual estão gravados em torno disticos differentes que fazem de acção tão illustre engenhosa memoria, ficando aos successores de sua casa este honrado deposito, como para fazer hereditarias as virtudes de D. João de Castro. Levárão os portadores do dinheiro a Carta que se segue.

Carta da Camera de Goa, em reposta da do Governador.

« Illustrissimo, e excellente Capi-
« tão geral, e Governador da India,
« pelo muito alto, e muito podero-
« so, e muito excellente Principe El-
« Rei nosso senhor. Diogo Rodriguez
« de Azevedo chegou a esta Cidade
« segunda feira seis dias do mez de
« Dezembro, e o dia seguinte deu
« em Camera huma Carta de Sua Il-
« lustrissima Senhoria, que foi lida
« com muito prazer, e grande con-
« tentamento, por sabermos de sua
« saude; a qual boa nova sempre que-
« riamos saber, e muito melho-

« res lhe desejamos ; e por ella a
« Cidade, e todo este povo em ge-
« ral, e em especial, damos muitas
« graças a nosso Senhor, e temos
« certa esperança em nossa Senhora
« Virgem Maria Madre de Deos nossa
« advogada, que tendo os povos da
« India a V. S. Illustrissima por seu
« Duque, e Governador, que em
« nossas afrontas, e trabalhos nunca
« careceremos de ajudas divinaes,
« por merecimento de seu catholico,
« e modesto viver, e auto, e obras
« de muitas louvadas virtudes ; e
« com esta esperança vivemos em
« novo repouso, porque a presente,
« e gloriosa victoria, que por seu
« prudente conselho, e grande es-
« forço, e cavallaría venceo, e des-
« cercou a fortaleza de Dio, e des-
« baratar, e destruir o poder d'El-
« Rei de Cambaia, com mais outros
« veinte mil homens Mouros, Tur-
« cos, Rumes, Coraçoes, e Chris-
« tãos renegados da Fé de N. Senhor,
« Alemães, Venezianos, Genovezes,
« Francezes, e assim d'outras mui-
« tas, e diversas nações, dos quaes
« grão parte delles forão mortos a
« ferro de lança, e espada, de que
« a Cidade tem certeza de pessoas de

« bem, que de vista forão presentes;
« os quaes bons serviços nos mostrão
« claros sinaes, que ao diante, pra-
« zendo a Nosso Senhor, e a seu am-
« paro, não temeremos outros traba-
« lhos, que de futuro se apresentão do
« proprio Rei de Cambaia com outro
« novo poder, e outros Reis e Se-
« nhores, nossos comarcãos, e os de
« toda a India, que são de certo ini-
« migos nossos, e de muitas inimiza-
« des, além de serem infiéis inimigos
« de nossa Santa Fé Catholica, dos
« quaes huns, e outros não temos
« segura, nem firme paz; antes te-
« mos sinaes de faltas, e enganosas
« amizades. E quanto ao emprestimo
« que em nome d'ElRei Nosso Se-
« nhor nos manda pedir, responde a
« Cidade, que os moradores faremos
« de presente, e sempre que cum-
« prir servirmos S. Alteza com as
« fazendas, e vidas, e com as al-
« mas. E porque a tenção da Cidade,
« e de todos he servir Vossa Illus-
« trissima Senhoria, havendo respei-
« to, que o tal emprestimo cumpre
« muito ao serviço d'ElRei Nosso Se-
« nhor, cuja a Cidade he, e todos
« somos, com muita diligencia, e
« cuidado daquelle dia, que Diogo

« Rodriguez de Azevedo deu o reca-
« do até o fazer desta, que são vin-
« te e sete de Dezembro, se ajuntá-
« rão vinte mil, cento, quarenta e seis
« pardaos, e huma tanga, de cinco
« tangas o pardao, os quaes empres-
« tou esta Cidade, a saber Cidadãos, e
« o Povo, e assim os Bramenes mer-
« cadores, gameares, e ourives. E es-
« crevemos em certo a V. S. que esta
« Cidade, e os honrados moradores
« polo servir, temos obrigação de
« pôr as vidas, e as fazendas com
« melhor vontade do que o faremos
« por nossas proprias honras, e inte-
« resses. E quanto, Senhor, aos pe-
« nhores que nos manda, a Cidade, e
« moradores nos temos por aggrava-
« dos de V. S. ter tão pouca con-
« fiança em nos, e em nossas leal-
« dades, que para cousa que tanto
« cumpria ao serviço d'ElRei nosso
« Senhor, e a seu Estado Real, não
« erão necessarios tão honrados, e il-
« lustres penhores, porque nossa leal-
« dade nos obriga ao serviço d'ElRei,
« e a presente necessidade, e de-
« pois disso as obrigações em que
« somos, e a grande affeição, e mui-
« to amor que V. S. tem a esta Cida-
« de, e moradores; e por ello, e

« tudo o mais que neste caso lhe sen-
« timos, lhe beijamos as mãos, e
« rogamos a Nosso Senhor, que lhe
« dé perfeita saude, e o prospere de
« muita honra e grandes victorias con-
« tra os inimigos de nossa santa Fé.
« E tôdavia, Senhor, Diogo Rodri-
« guez de Azevedo lhe torna a le-
« var os seus penhores; e assim lhe
« levão elle, e Bertholameu Bispo,
« Procurador da Cidade, o dito di-
« nheiro, que lhe a Cidade, e Po-
« vo della emprestárão de sua boa,
« e livre vontade. E assim lhe levão
« mais a Provisão, que cá mandou
« para o Thesoureiro pagar o dito
« dinheiro, e lhe pedem por mercé
« que tudo acceite, como de leaes
« vassallos, que somos a ElRei Nosso
« Senhor, e a V. S. mui obrigados.
« *Escrito em Camera, a 27 de Dezem-*
« *bro de* 1547. E eu Luiz Tremessão,
« Escrivão da Camera, o mandei es-
« crever, e sobscrevi por licença, que
« para ello tenho. Pero Godinho. João
« Rodriguez Paes. Rui Gonçalvez. Rui
« Dias. Jorge Ribeiro. Bertholameu
« Bispo. »

Continua a obra da fortaleza.

Continuava a obra da fortaleza com tanto gosto dos officiaes, e jornaleiros, que crescia sem tempo, sendo

tão pontuaes as pagas dos servidores, e soldados, que havião, que só para o Governador estava o Estado pobre. Além do emprestimo da Cidade, lhe enviárão as Donas, e Donzellas em hum cofre a pedraria e joias, com que a fraqueza feminil serve ao poder, e a vaidade: offerta de que não podião esperar retribuição, ou usura; donde se vê, quanto melhor servidas são dos povos as virtudes, que as tirannias dos regentes.

Ordenou a D. Manoel de Lima, que com trinta navios avistasse os lugares da costa de Cambaia, e os abrazasse todos, mostrando ao Soltão, que a vingança não acabára na victoria; porém que na Cidade de Goga não entrasse, por ter aviso, que a ella se recolhéra toda a gente que escapou da batalha. D. Manoel, a quem ainda esperava a fortuna por aquella enseada, se foi correndo a costa, e a poucos dias de viagem lhe sobreveio hum temporal tão rijo, que o levou a necessidade da tormenta a demandar abrigo no mesmo porto, que pela instrucção lhe fora prohibido. Os da Cidade, como ainda tinhão presente a imagem do passado perigo, tanto que virão as mesmas armas, de

E a guerra de Cambaia.

D. Manoel de Lima a faz.

Vai a Cidade de Goga.

que estavão cortados, desempararão a Cidade, assim os soldados, como a gente popular, e inutil, fugindo para o Sertão com igual desacordo. Estava ancorada no porto huma náo de Mouros, que era do Zamaluco, bom correspondente do Estado, o qual vendo a fugida dos Mouros, começou a capear aos nossos, para que dessem na Cidade. D. Manoel, não entendendo o sinal do navio, pareceo-lhe que de confiado o chamava á peleija, e pondo-se logo em armas colerico, e impaciente, notou, que a Cidade se despejava, e o miseravel povo corria como hum tropel confuso a demandar huma pequena serra, que lhe ficava á vista, crendo, que a distancia, e aspereza do sitio os livraria da invazão dos nossos. Conheceo D. Manoel o intento com que lhe capeava o navio, e perplexo entre a occasião, e a obediencia poz o caso em conselho; e como entre os soldados de valor, he sempre o brio primeiro interprete das ordens, votárão, que se entrasse a Cidade, porque a instrucção do Governador não podia comprehender todos os accidentes, o qual se estivera presente, fora o primeiro que saltasse em terra. Seguio

logo a execução o conselho. Entrou Dom Manoel á Cidade quasi sem resistencia; o saco dos soldados foi grande, e o que desprezou a cobiça, se entregou ao fogo, que abrazou fazendas, e edificios; foi o dano maior do que a victoria. Cativou Dom Manoel tres Baneanes, dos quaes soube que toda a gente se salvára em hum lugar da serra, que ficava em pequena distancia; determinou assaltalo, para que aos fugitivos, e oppostos, igualasse o castigo. Foi amanhecer sobre o lugar, levando os Baneanes por guia, forçados com miseravel necessidade, a entregar os filhos, e parentes; e os que se imaginavão no abrigo do Sertão seguros, virão primeiro sobre si a espada, que vissem o inimigo. Não fez o estrago differença de causa a causa, de pessoa a pessoa; naturaes, e estrangeiros, culpados, e innocentes pagárão com as vidas o delicto, ou proprio, ou alheio. Das pessoas passou á religião a injuria; dentro dos Pagodes mandou enforcar a muitos, que na vaidade de suas superstições he culpa inexpiavel. Degolou os gados do contorno, salpicando as Mesquitas com o sangue das vacas; animal, que como deposito das almas,

Que saquea, e abraza.

venerão com culto abominavel.

Embarca-se, e periga.

Embarcado Dom Manoel de Lima, tornou a cortar a enseada, onde se vio perdido sem tormenta, porque o fluxo, e refluxo das ondas he tão impetuoso, que basta a destroçar os navios. Passado mais adiante, houve vista da Cidade de Gandar, povoada de Mercadores Gentios, rica pelo commercio, e fraca pelos habitadores. Esta foi na primeira envestida rendida, e abrazada, sendo, que entregávão os naturaes as fazendas como preço das vidas, que não podérão salvar oppostos, nem rendidos; porque a ira, ou deshumanidade dos soldados, antes buscava o sangue, que os despojos. Muitos outros lugares da enseada destruio, durando nas cinzas, e ruinas muitos annos as memorias do estrago; e os naturaes, que sobrevivérão ás miserias dos outros, se recolhérão ao interior do Reino, onde com segura pobreza entretinhão ás vidas.

Destroe Gandar.

Recolhe-se a Dio.

Deu Dom Manoel volta a Dio, onde achou ao Governador entre os materiaes da nova fabrica, a cuja vista crescia o edificio. Desejava deixar a fortaleza em defensa, porque o chamavão a Goa differentes negocios. Porém D. João Mascarenhas, ou can-

sado, ou satisfeito dos trabalhos do cerco, fez deixação da praça, sem acabar o tempo, querendo aquelle anno vir ao Reino lograr tão merecida fama. Quizera o Governador dissuadilo, temendo, que ninguem lhe aceitasse a fortaleza, porque com a vitoria, e alteração do commercio, faltavão os estimulos da honra, e do proveito, que são os maiores incentivos, de que os homens se vencem. Porém D. João Mascarenhas resoluto a passar ao Reino nas náos de Lourenço Pirez de Tavora, obrigou ao Governador a que buscasse Capitão para a praça, que já alguns fidalgos lhe havião engeitado, aborrecendo lugar de tantas victorias, quiçá polo perigo que tem succeder a varões excellentes; porém D. Manoel de Lima, ou por complacencia do Governador, ou por confiança de si mesmo, se offereceo para ficar na praça.

Deixa D. João Mascarenhas a praça.

D. Manoel de Lima se offerece a ficar nella.

Entretanto o Governador se aprestava para passar a Goa; mandou Antonio Moniz Barreto com alguns navios a esperar as náos de Cambaia, que por intelligencias secretas sabia, que havião de visitar a Costa de Pór, e Mangalor; as quaes elle encontrou, rendeo, e trouxe a Dio, cujas

Toma Antonio Moniz algumas náos.

fazendas ajudárão a reparar as despezas do Estado. ElRei de Cambaia com o sentimento de tantas perdas rebentou em huma vingança barbara, mandando matar dous prisioneiros nossos innocentes, que do tempo da guerra lhe ficárão cativos, vingando-se de tão grandes injurias em sombras tão pequenas.

Vingança barbara d'ElRei de Cambaia.

Concluidos os negocios de Dio, começou a fortuna a sobresaltar o Estado com novos accidentes. Teve o Governador duplicados avisos de Ormuz, que os Turcos com crescido poder tinhão lançado de Baçorá a Mahamet As-Enam, fiel amigo do Estado, o qual chamava nossas armas, para com forças auxiliares resistir ao commum inimigo. Vião-se não de longe os perigos, e as consequencias, que resultavão de tão roim vezinho, com quem apenas podiamos caber no mundo, quanto mais no Estado. Ponderava-se a importancia de Baçorá, como fundamento lançado para cousas maiores; de cujo sitio daremos huma breve noticia. He Baçorá povoação de quatro mil vezinhos, situada na Arabia Felix, em altura de vinte e quatro gráos para a banda do Norte; aparta-se do rio Eufrates em pequena

Avisos de Ormuz.

Descripção de Baçorá.

distancia. Distará da fortaleza de Ormuz duzentas legoas, de Babylonia pouco mais de quarenta. De Ormuz a ella se navega ao longo da costa pela parte da Persia, por ter melhores surgidouros, e aguadas. A Ilha he povoada de Mouros oppostos aos Turcos, por serem (ainda que cultores de Mafamede) differentes na crença, porque seguem os ritos, e ceremonias do Persa; a quem da a beber o Demonio as abominações de Mafoma em vasos differentes. Aqui se fortificárão os Turcos, e começárão a ganhar os Arabios vezinhos, huns com as armas, outros com beneficios, criando em Baçorá novo Principe, que como descendente de seus antigos Reis, seria aos Arabios grato, e aos Turcos fiel; liberalidade, com que mostravão entrar com semblante de amigos, escondendo a ambição de Senhores. A justiça deste, que os Turcos saudárão por Rei, escrevem outros em dilatadas letras, cuja relação deixo por ser ao gosto importuna, e alheia da Historia.

Os Turcos se fortificão nella.

Resolveo o Governador despachar a Dom Manoel de Lima para a fortaleza de Ormuz, que pela morte de Dom Manoel da Silveira lhe cabia,

Vai Dom Manoel de Lima para Ormuz.

tomando a obrigação da guerra com os Turcos, como pensão da praça, ficando outra vez a fortaleza de Dio, como pedra reprovada dos que a edificavão; porque não havia Fidalgo, que quizesse ficar com o trabalho da fortificação, havendo D. João Mascarenhas levado as honras do perigo. Não sei se as cousas da India correm hoje por esta opinião. O Governador se molestava, de que lugar de tantas victorias ficasse tão aborrecido. O que entendido por D. João Mascarenhas, se offereceo para ficar aquelle inverno na praça; cousa que o Governador estimou sobre modo, dizendolhe, que em quanto a fortaleza estava imperfeita, a fama de seu nome serviria de muro. E porque se veja quão facil era este grande Varão em autorizar honras alheias, referirei a Carta que escreveo a seu filho D. Alvaro, quando entendeo que D. João Mascarenhas iria a Goa para passar ao Reino. « Lá vai o Senhor D. João Mascarenhas, tal qual os Mouros, e Gentios confessão; e eu, que sou bom « Christão, faço a mesma confissão « de seu esforço, porque em todas « as batalhas o achei sempre a meu « lado. Vai-se embarcar para o Rei-

E D. João Mascarenhas torna a ficar em Dio.

O que delle escreve o Governador a seu filho Dom Alvaro.

« no : rogo-vos muito, que lhe façais « o mesmo tratamento, que a minha pessoa, e não consintais que tome outra pousada, senão a vossa : « porque além de elle o merecer, « espero em Deos que tornará muito cedo a estas partes a emendar « meus descuidos. » Tambem escreveo a ElRei largamente sobre os merecimentos dos homens, de si não fallou nada, mostrando-se agradecido aos serviços de todos, e só aos seus ingrato.

E a El-Rei de to los.

Concluidas as cousas de Dio, deixou o Governador a Dom Jorge de Menezes com seis navios, para que andasse o resto do Verão na enseada de Cambaia; e mandou lançar pregão em todos os lugares confinantes; que todos os Mouros, e Gentios pudessem tornar a povoar a Ilha, porque debaixo de sua justiça estarião as pessoas e commercios seguros, gozando da paz, e liberdade antigua; e como a verdade recebe credito do valor, tornárão os Gentios a buscar assim o abrigo de nossas armas, como de nossas leis, vindo copia de mercadores, e vezinhos a engrossar o trato, havendo por mais segura a paz, que começava nos limites da guerra.

Deixa naquella costa a Dom Jorge.

Embarca-se para Goa.

Embarcou-se o Governador para Goa, aonde o esperava o applauso universal das gentes, como eccos articulados da victoria. Chegou a tomar porto em breves dias; onde vierão a visitalo ao mar o Bispo, Capitão mór, e Regentes, pedindo-lhe se detivesse em Pangim, em quanto a Cidade dispunha o triumpho, com que o queria receber, porque não reputasse o Mundo aquelle povo por barbaro, ou ingrato; que triumpho tão merecido, não era ambição da pessoa, mas gloria do Estado; que das victorias levavão os Reis o fruto, os vassallos a fama; que bem podia desprezar o premio, sem engeitar a memoria.

Chega, e he visitado no mar.

Decreta-se-lhe triumpho.

Deixou-se o Governador vencer deste agrado do povo, como quem não podia desprezar as honras do triumpho, sem injuria dos que lho ajudárão a merecer; nem pôr limite ás alegrias populares em odio da prosperidade de todos, de cujas demonstrações festivas tinhão na fortuna desculpa, nos Cesares exemplo. Para os quinze de Abril de quarenta e sete se destinou o dia do triumpho, primeiro, e ultimo, que virão nossas armas costumadas a lograr fama sem gloria. Fabricou a Cidade no Bazar

Fabrica delle.

de Santa Catharina hum espaçoso caes, cujo material cobrião varias alcatifas. Rasgou-se a porta da Cidade até o alto do muro, como que se mostravão as pedras humildes, ou gratas. Era a tapeçaria das muralhas de custosos brocados. A grandeza não podia subir a mais, o gosto não se contentava com menos. Em partes era o adorno de diversos veludos; para que o ouro servisse á majestade, as cores ao deleite. Na portada se vião dous leões dourados, sustentando em huma, e outra tarja as Roelas dos Castros sempre illustres, agora triumphantes. Junto ao caes corria hum dilatado bosque de arvoredo, que com interrompidas sombras mitigava o calor, sem occultar o dia. Via-se o mar cuberto de náos, e galeões, de fustas, e almadias, que das Ilhas vezinhas concorrérão, todas embandeiradas, e alegres. Estava no terreiro do Paço huma fortaleza, desenhada pela planta de Dio, e dentro algumas bombardas carregadas sem balla, e outros instrumentos de fogo, com que figuravão huma representação alegre dos passados horrores. Na mesma fortaleza se escondião curiosas danças, que com accordadas vozes cantavão ao Governador

louvores a numeros atados, deleitando o ouvido na armonia, o juizo na letra. O concerto das ruas, como para dar a conhecer a opulencia do Oriente; as tellas de lavores por usuaes se olhavão com desprezo. As galas dos moradores taes, e tantas, que parecia, que triumphava o povo. Nem seria menos dos animos o applauso, se os corações se virão, pois erão demonstrações voluntarias de naturaes affectos.

Entra o Governador.

Abalou o Governador de Pangim em huma galeota, cujo adorno a fazia differente das outras; levava comsigo os Fidalgos velhos, que o acompanhárão na jornada, igualmente partiaes na gloria, e no perigo. Hião diante os galeões da armada, a quem seguião as embarcações de remo com as velas içadas nos palancos, e todos navegando assombrados com o verdor de differentes ramos, parecião da terra hum bosque tremulo, huma Cidade erratica. Logo que avistárão a fortaleza, lhe derão huma tão temerosa salva, que a guerra parecia real, mais que apparente; como contraposta lhe respondeo a artelharia de terra, com tal horror, que os sentidos não conhecião differença da batalha ao triumpho. Para dar passo á galeota do Go-

vernador, se abrio a armada toda. Vinha custosamente trajado, dando o que era seu ao tempo, vestindo não menos airosamente as galas, do que vestia as armas. Trazia huma roupa Franceza de setim carmezim con troçaes de ouro, que lhe tomavão os golpes, e como quem não queria perder memorias de soldado, vestia huma coura de laminas assentada em brocado com seus tachões de prata, gorra com plumas, mostravão ouro as guarnições da espada. No caes o esperavão os Cabos da Milicia, Nobreza, e Regimento da Cidade, com os quaes entrou a primeira porta onde hum Vereador na lingua Latina lhe orou discretamente, discorrendo, como por beneficio de seu valor tinhamos humilhado o mais soberbo cetro do Oriente, cujas ruinas serião de sua fama os elogios maiores; que agora tinha Portugal seguro o Estado, em seus braços segunda vez nascido, cujas armas servião tanto á Fé, como ao Imperio, obrando, que em tão remotas partes se ouvissem os brados do Evangelho; que agora os Mouros, e Gentios crerião, que não podia deixar de ser Deos grande, o Deos de tantas victorias; que ainda depois de

Hum Vereador lhe faz pratica.

idades largas no Oriente mostrarião com o dedo os navegantes o lugar da batalha, ficando por tradição o estrago de Cambaia de Nação a Nação, de Reino a Reino; que os pais o contarião aos filhos, ainda sobresaltados na memoria dos perigos passados; que já nossas bandeiras gloriosamente enroladas poderião descançar no templo da Paz, aberto o da Victoria. Sobre os accidentes de seu governo discorreo largamente, parecendo ao Povo, que antes abreviava, que encarecia suas virtudes, maiores na consideração dos estranhos, do que em nossos elogios. Rematou a oração na suavidade de musicos instrumentos, differentes, e acordes. Logo se dispararão algumas peças, cujas ballas erão doces diversos, que cahindo em pequena distancia, forão á gentalha do povo convite, ainda que arrebatado, alegre. Os Vereadores da Cidade, recebêrão ao Governador com paleo, e logo hum Cidadão de autoridade, inclinado, e reverente, lhe tirou a gorra da cabeça pondo-lhe nella huma coroa triumphal, e na mão huma palma. Diante caminhava o Custodio dos Religiosos Franciscos com o Crucifixo, que levou na batalha, e o braço desencravado, e pendente; (sinal com que já de tão

Recebem-no com paleo.

Ordem do triumpho.

longe aquella Magestade divina, nesta, e naquella idade nos assegura os Reinos, e as victorias.) Seguia-se a bandeira Real de nossas Quinas, olhadas com admiração nova de Mouros, e Gentios. Logo os estandartes de Cambaia arrastados á vista de Juzarcão, e outros Capitães maniatados, que representavão a tragedia de sua fortuna, a elles lastimosa, a nos alegre. Viâo-se seiscentos prisioneiros arrastrando cadeias; traz elles as peças de campanha, com varias, e numerosas armas. As damas das janellas banhavão ao triumphador em aguas destilladas de aromas differentes. Os officiaes, que tratavão o ouro, ou preciosas drogas, lhe vinhão a offerecer voluntarios tributos, sendo a igualdade dos animos outra cousa maior, que o triumpho. Os Templos adornados, e abertos, se mostravão benevolos, e gratos; nesta fórma chegou a visitar a Cathedral, Metropoli do Oriente, onde o Bispo, e Clero o recebêrão com o hymno: *Te Deum laudamus.* Entrado na Sé, reconheceo com piedosas offertas ao autor das victorias, e por ser já tarde com abreviadas ceremonias se recolheo aos Paços, não cabendo a magestade do triumpho nas horas de hum só dia.

Vai a Sé.

Reconhece a Deos por autor de suas victorias.

LIVRO IV.

Poucos forão os Reinos do Oriente, que no Governo de Dom João de Castro não alterassem aquelle Estado com diversos movimentos de guerra, ou com armas oppostas, ou com reciprocas discordias, chamando nossas forças a conciliar a paz, ou ajudar a victoria, vendo-o muitas vezes o oriente, em serviço da Religião cingir a espada.

Religiosos Franciscos passão a Ceilão.

Havia ElRei Dom João enviado alguns Religiosos Franciscos á Ilha de Ceilão, exemplares na vida, e na doutrina, para que com o sangue, e com a palavra testemunhassem a verdade Evangelica, sendo este o maior cuidado de nossos Principes, cujas bandeiras mais vezes vio tremolar a Asia em obsequio da religião, que do imperio. Entrados estes Religiosos na Ilha, forão recebidos d'ElRei da Cotta com benigna hospedagem, começando a nascer segunda vez no Oriente o Sol divino. Ouvio aquella Gentilidade a voz do Ceo; e ao beneficio da terra inculta respondia o fruto, encaminhando ao curral da Igreja infinitas ovelhas.

Passárão estes embaixadores do Evan-

gelho a dar novas da luz a ElRei de Candea no coração da Ilha, o qual achárão grato no tratamento das pessoas, e facil na obediencia da doutrina: foi instruido nos misterios de nossa crença, para que com fé mais robusta se lavasse nas aguas do Baptismo. Deu aos Religiosos terra, materiaes, e despezas para a fabrica de hum Templo, sendo esta a primeira fortaleza, que levantou a conquista do Evangelho naquella Ilha contra os erros da idolatria, porque das vozes do Apostolo S. Thomé (se alli chegárão) nem nos entendimentos havia luz, nem na terra memoria.

Pregão a fé em Candea, e ElRei se inclina a ella.

Mostrava-se este Principe aos preceitos de nossa Religião obediente; mas ainda não constante, porque o temor de alterar os vassallos na mudança da lei, lhe fazia, por não perder o que amava, deixar o que entendia; porque como planta ainda sem raizes, o inclinavão a huma, e outra parte contradicções humanas. Tentárão os Religiosos desviar-lhe estes tropeços do caminho da vida, affirmando-lhe, que debaixo do amparo de nossa Religião, e nossas armas, assegurava huma, e outra coroa, porque estava naquelle tempo governando o

Mostra inconstancia.

Os Religiosos o animão.

Estado aquelle D. João de Castro, que pela Fé sabia derramar o sangue, pelos amigos arriscar o Estado.

Sua resolução.

Ouvio bem o Rei esta proposta, dizendo, que se o Governador lhe mandasse soccorro, não só professaria a Fé, porém que a prégaria a seus vassallos. Com esta resolução partio hum Religioso a Goa, e certificado o Governador da causa de sua vinda, zelou a conversão daquelle Principe, como o maior negocio do Oriente; não menos prompto a dar á Igreja filhos, que ao estado victorias. Despachou logo com sete fustas a Antonio Moniz Barreto, e ordem, que encontrando-se com navios nossos os levasse comsigo; escrevendo áquelle Principe honradas cartas, acompanhadas de muitos donativos. Mas em quanto Antonio Moniz vai navegando, fallaremos na tomada de Baroche, por guardar a ordem dos tempos na relação dos successos.

O Governador zela esta conversão, e manda a isso Antonio Moniz.

Tinha o Governador despedido de Dio a Dom Jorge de Menezes, para que na enseada de Cambaia fizesse todas as hostilidades possiveis, mostrando ao Soltão, que com os estragos passados, nossas armas não embotárão os fios. Tomou Dom Jorge al-

gumas embarcações de mantimentos, que passavão a bastecer os portos do inimigo, porque acabasse a fome aquelles, que perdoára a espada. Deu huma tarde vista á Cidade de Baroche, cujos edificios lhe representárão na magestade a policia de Europa. Estava situada em huma eminencia, cingida de muros de ladrilho, que mais servião ao adorno, que á defensa. Com tudo se deixavão ver diversos baluartes, obrados não sem alguma luz de fortificação, guarnecidos de muita artelharia, que senhoreava as entradas do porto. Com a elevação do sitio se descobrião portadas de cantaria lavrada onde a correspondencia de torres, e janellas mostravão de seus habitadores o poder, e artificio. Era o trato da terra, de finissimas sedas, droga, que daquelle porto se navegava a muitos do Oriente. Possuia Madre Maluco esta Cidade, tributada das aldeas vezinhas, que na fertilidade, e na grandeza lhe compunhão hum mediano estado.

Sitio, e fortificação de Baroche.

Trato dos moradores.

Madre Maluco a senhorea.

Acaso tomárão os nossos huma almadia de pescadores naturaes da terra, que perguntados, disserão da Cidade o que temos referido. E querendo saber Dom Jorge, que presidios havia

na Cidade, disserão, que toda a milicia levára Madre Maluco a Amadabá, Corte do Soltão, e que só ficávão ao presente alguns mecanicos, e outra gente de trato. Dom Jorge, parecendo-lhe opportuna a occasião de assaltar a Cidade, ainda que era o poder desigual para facção tão grande, como os successos pendem dos accidentes, determinou tentar a fortuna, e por assegurar os moradores, se fez na volta do mar, como quem navegava por differente rumo, levando comsigo os pescadores, para na entrada lhe servirem de guias. Tanto que anoiteceo tornou a armada a demandar o porto, e saltando em terra, sem que a confiança, ou descuido do inimigo se assegurasse em defensa, ou sentinella alguma, forão ferindo os nossos naquella gente desarmada, e fraca, onde a noite, a confusão, e o sono, os trazia a encontrar o perigo, de que andavão fugindo; errando miseravelmente, se desviavão tanto dos seus, como dos inimigos, fugindo dos que tambem fugião. Os gemidos dos filhos não movião os pais á piedade, e menos á vingança; porque o temor subito obrava com os peiores affectos da natureza. Os lamentos,

D. Jorge a entra de noite.

e gritos das mulheres, esses as descobrião, sendo seus ais seu maior perigo. E os que escondidos em suas casas escapárão ao ferro, nellas mesmas os abrazou o incendio, não ficando aos miseraveis para a morte remedio, senão escolha. A hum mesmo tempo se fazia a invasão, e o saco. Foi o estrago como em guerra sem resistencia; o despojo, como em Cidade entregue. Alcançou em fim D. Jorge nesta empreza fama sem risco, victoria sem inimigo. Porém não duvidamos, que se achára opposições maiores, pudera conseguir seu valor o que obrou sua fortuna. Mandou dar a Cidade ao fogo, aonde em breves horas os nobres, e plebeos, as plantas, e edificios se convertérão em lastimosas cinzas, sem que a natureza as distinguisse, lugar as separasse. Embarcou-se alguma artelharia miuda, e rebentou-se a grossa, sendo esta facção tão celebre entre os nossos, que fizerão tomasse o appellido de Baroche, quem tinha o de Menezes, como já as ruinas de Cartago derão a Scipião o nome de Africano.

Poem-lhe fogo.

Toma della o apellido.

Acudio o Maluco com cinco mil cavallos, cedo á lastima, tarde ao remedio; e vendo que o ferro, e fogo

Acode o Maluco tarde.

não deixára cousa alguma com semelhança do que havia sido, voltou impaciente a ElRei de Cambaia, como quem levava em chaga fresca a dor mais sensitiva. Representou-lhe o estrago da Cidade, aggravo que parecia maior, por ser depois de tantos. Sentio o Soltão este novo accidente, jurando acometter outra vez Dio, que era a pedra do escandalo, onde se quebravão as forças de tamanho imperio. Em tanto, pois, que os odios de Cambaia respirão na imaginada vingança, discorreremos no espiritual de Candea, que como semente afogada entre espinhas, não chegou a lograr fruto.

O Rei de Cotta dissuade ao de Candea da conversão.

Entendia o Madune Rei da Cotta como o de Candea buscava com a mudança de Religião, a protecção do Estado; e como estes Gentios são observantes zeladores de seus erros, buscou meios para lhe persuadir, que era a idolatria necessaria á Coroa; affirmando-lhe, que com a nova crença, faria aos vassallos desobedientes, aos Reis inimigos, ingrato a seus antigos Idolos, que havião prosperado o cetro de Candea tantos annos em Reaes ascendentes; que o Governador da India devia ser o mais insolente homem

da terra, pois não sofria, que o Mundo tivesse outro Rei, nem outro Deos, mais que os que elle servia; e adorava; que não negava ser a Religião dos Portuguezes, ou melhor, ou mais felice, pois cultivão o Deos das victorias; porém, que a elle lhe bastava servir aos deoses da patria, em que nascéra, sem desejar melhor posteridade, ou mais ambiciosa fortuna, que os que lhe precedêrão. E quem sabia se o Governador queria fazer da piedade motivo para lhe usurpar o cetro? Que não recebesse na Ilha homens tão valerosos, que em nenhuma parte sabião já estar, senão como senhores. Que se os Frangues lhe promettião trazer a casa melhor Lei, e augmentar-lhe o estado, quem com inteiro juizo havia de dar credito a tão nova bondade de homens, que nunca vira; e mais quando estes não erão tão desprezadores do humano, que não viessem do fim do Mundo a dominar a Asia? Que se queria exemplos, mais Reinos acharia por elles destruidos, que doutrinados; que era verdade, que os seus Jogues (que elles chamão Sacerdotes) erão faceis em derramar o sangue pola Lei, que ensinavão, mas que estes

o farião, ou como ambiciosos do nome, ou prodigos da vida; se já não era, que no occidente havia mais loucos, que nas outras Regiões, e davão todos naquella perigosa teima de doutrinar ao Mundo; que ultimamente lhe aconselhava, como Rei, e amigo, que devia degolar o soccorro dos Frangues, que esperava, para dar satisfação a seus antigos deoses, justamente indignados de os querer desamparar por divindade estranha; que pola soberba de lhe virem dar luz ao entendimento, ou pola ambição de lhe usurpar o Reino, merecião este castigo na contingencia de hum, ou outro delicto; que para este effeito o ajudaria com armas, e soldados, fazendo commum a causa, pois o era tambem a injuria dos Idolos de todos.

O de Candea consente nisto.

O miseravel Principe, não podendo levantar-se de todo com o peso de seus antigos erros se deixou persuadir das razões do barbaro, e fraudulento amigo, porque os olhos ainda cegos com as nevoas da idolatria, não podião sofrer as luzes da verdade, que lhe amanhecia; e logo ou incauto, ou violentado conspirou na traição do Madune, como enfermo frenetico, contra os instrumentos da saude indignado;

esperárão em fim os hospedes, resolutos em executar a maldade, que tinhão concebido.

Entretanto, partido Antonio Moniz de Goa, achou em differentes portos alguns navios nossos, que conforme a instrucção, que levava, aggregou a sua armada. Dobrado o cabo de Comorim, e passados os baixos de Manar, foi demandar Baticalou, para dahi entrar em Candea, caminhando por terra. Levava doze fustas de remo, de que tirou cento, e vinte soldados escolhidos, e com elles foi caminhando com a segurança de quem hia buscar hum Principe amigo, e obrigado, e sobre tudo, senão fiel ainda, ao menos grato já, e benevolo ás verdades da Lei, que lhe pregavamos. Chegado a Candea, como tudo fervia em armas, não pode ser a traição tão cauta, que Antonio Moniz a não entendesse por diversos avisos, e pela simulação com que tentárão dividir-lhe os soldados para os poder matar mais a seu salvo. De mais, que o Rei lhes não quiz ver o rosto, quiçá por não descobrir nos affectos a consciencia temerosa, e culpada. Antonio Moniz se sahio logo da Cidade, mandando queimar os impedimentos,

Viagem de Antonio Moniz.

Chega a Candea, acha tudo trocado.

e bagages, que trazia, ficando assim mais livre para a defensa, e para a retirada, e juntando os soldados lhes disse.

« Companheiros, e amigos: todos « sabeis a traição, que nos tem ordenado este Rei infiel, a quem viemos soccorrer, e servir, entendo, « que nos cometerão com força descuberta, pois tem agora huma razão, ou causa mais para nos offender, que he havermos conhecido « seus enganos. Nenhum de nos terá « mais vida, que em quanto a souber defender. Pode salvarnos o valor, e a conformidade; soccorros « não esperamos de fóra, pois estão « em nos mesmos; e estes barbaros « não se empenhárão na traição, se « virem que he custosa; e que muito, façamos nos agora por nos mesmos, o que vinhamos a fazer por « elles, que he derramar o sangue. « Os caminhos, que guião a Batecalou, onde está a nossa armada, devem estar occupados do inimigo, « polo que nos parece, que vamos demandar o Rei de Ceitavaca, fiel « amigo do Estado, onde acharemos « hospedagem, e abrigo seguro, para « dahi irmos a buscar nossa armada.

Trata de voltar-se.

Logo que Antonio Moniz começou a marchar, se descobrírão os inimigos em tropas, açomettendo nos com settas, dardos, e pedras, e outras armas deste genero, com que nos ferírão alguma gente, determinando com este importuno modo de peleija acabar-nos sem risco. Trazia o inimigo, ao parecer, hum corpo de oito mil homens regidos por seu Cabos, a que chamão Modeliares, destros naquelle modo barbaro de cometer, e retirar, superiores aos nossos no numero, e na agilidade, e sem dúvida hum, e hum nos forão derribando a todos, se os não fizera afastar a nossa espingardaria, de que recebérão dano, e temor grande, vendo cahir alguns subitamente mortos; de que espantados os outros, nos seguião mais timidos, e cautos; assim nos forão picando todo aquelle dia, humas vezes atrevidos, e outras cobardes, e com este sequito desigual, e importuno, hião dando aos nossos a carga lenta, mas nunca interrompida. He cometido dos inimigos.

Sobreveio, a noite, de que os nossos recebérão mais segurança, que repouso, porque sempre os forão inquietando com tiros vagos, e perdidos, sem que os probres soldados po- Trabalhos que passa.

dessem ainda sobre as armas receber algum breve descanso; mastigando o biscouto com os olhos no inimigo, e as mãos nas armas. Assim passárão até o seguinte dia, que se descobrírão os barbaros mais soltos, e atrevidos; perdido, ou mitigado aquelle horror primeiro, que lhe fazião os instrumentos do fogo. Chegárão em fim a ferir-nos de perto com armas curtas, com o que foi forçado Antonio Moniz deter a marcha, e fazer algumas voltas, em que lhe degolámos gente, e cativámos, entre outros, hum seu Modeliar, que no habito, e nas armas, parecia o Regente de todos; o que mostrou ser assim no risco, e ousadia com que intentárão livralo, fazendo muitas arremetidas, de que sahírão cortados, porém sempre constantes naquella invasão porfiada, que já os nossos não podião aturar, rendidas as forças do trabalho.

Prudencia com que modera os seus.

Alguns forão de parecer, que fizessem rosto ao inimigo, e se livrassem peleijando, ou acabassem vingados; porém Antonio Moniz lhes disse, que a melhor parte do esforço, era o sofrimento; e que só este os podia salvar, que tinhão a maior parte do caminho vencido; que marchando vi-

giados, e unidos, não poderião receber grande dano; que por grande, que o perigo fosse, seria depois maior o gosto, quando o recontassem gloriosos, e seguros. Assim lhes foi o Capitão criando espiritos novos, e enfreando a desesperação de tão prolixa resistencia, até os visitar a noite, como alivio dos trabalhos do dia, na qual os barbaros tambem quebrados dexárão em alguma maneira respirar os nossos. Porém tanto que amanheceo, tornárão a seguir a presa mais furiosos, parece que corridos de achar opposição tão valerosa em poder tão pequeno. Aqui se desenvolvérão mais soltos contra os nossos, que já se defendião, ainda que com os mesmos animos, com forças mais remissas.

Mandou Antonio Moniz quebrar as pernas ao Modeliar, que levava cativo, e lançalo na estrada, a quem os seus, deixando a peleija, acudírão logo detidos do amor, ou da piedade do maioral, ou companheiro, que vião em tão miseravel estado; ficárão os nossos hum espaço largo, como sem inimigo; porém subitamente movidos de hum espirito de lastima, ou vingança, acomettérão impetuosamente os nossos em hum passo estreito,

que hia fechar em huma ponte, fundada sobre hum grande rio, que se não vadeava. Mostrou aqui Antonio Moniz avantajado esforço, fazendo com nove companheiros rosto aos inimigos em quanto seus soldados passavão; e como os teve da outra parte, quebrou hum lanço da ponte; industria, com que tolheo aos barbaros a passagem, e sequito. Não alcançou Antonio Moniz fama popular por tão heroica defensa, porém entre os poucos que souberão fazer justa estimação das obras excellentes, mereceo esta retirada applausos de huma grande victoria. Chegárão em fim ao Rei de Ceitavaca, onde achárão benigna, e fiel acolhida, reparando-se da fome, feridas, e trabalho com liberalidade piedosa, e grata, offerecendo-lhes suas forças para a vingança de tão justo aggravo.

Esforço com que peleija.

Retira-se.

O pobre Rei de Candea arrependido da maldade cometida por inducção do Regulo vezinho, aborrecendo a traição, como cousa criada em peito alheio, enviou a Antonio Moniz hum mensageiro com dez mil pardaos para os gastos da armada, escrevendo-lhe, que o sentimento era seu, e os erros alheios; que pois o fora

Arrepende-se ElRei de Candea.

Manda-lhe hum mensageiro.

buscar infiel, não o desemparasse Christão; que o Deos, em que começava a crer, por isso era tão grande, porque perdoava offensas: que aquellas tenras flores, que começavão a abrir no jardim da Igreja, não as quizesse deixar desabrigadas ás injurias do ardor da idolatria, que pois vierão com armas limpar aquelle matto de superstições gentilicas, não se espantasse de sahir lastimado das espinhas, e cardos da infidelidade; que sendo tão benigno o Deos, que lhe prégavão, com justiça sem misericordia não salvaria os homens; que a quem não desprezava o Ceo, não desprezasse a terra, que lhe pedia o soccorresse; porque estava prompto a offerecer pelo amparo a fazenda, e pela Fé o sangue.

Com esta carta esteve Antonio Moniz resoluto em se tornar a Candea, representando-se-lhe maiores os interesses da Religião, que os perigos da vida. Porém os soldados, como abraçados com a taboa, em que havião escapado, não quizerão sahir do abrigo do Principe amigo, dizendo, que o primeiro engano fora do traidor fementido, o segundo seria do Capitão credulo, e incauto; que se não querião tornar a fiar da vibora, que

Quer Antonio Moniz tornar.

Os seus o encontrão.

huma vez os mordéra; porque se os quizera matar quando obrigado de hum grato soccorro, que faria, quando offendido na injuria de seu exercito afrontado? Que querião agradecer a Deos hum milagre, antes que pedir outro; que o Governador os não mandava como Apostolos, senão como soldados; que se hião a derramar o proprio sangue pela Fé, fossem sem armas, mas que a sua vocação era defender a Lei com a espada, e não pregala. Vendo Antonio Moniz, que os soldados estavão frios no zelo, e duros na obediencia, entendendo, que se Deos quizesse salvar aquelles povos, abriria os caminhos, resolveo buscar sua armada; e em quanto elle navega, tornaremos ás cousas do Hidalcão, que temos retardadas.

Recolhe-se a armada.

O Hidalcão manda sobre as terras firmes.

Sobresaltado o Hidalcão com a presença do Meale em Goa, tentou com o remedio das armas purgar estes receios; e porque as guerras de Dio tinhão hum pouco desangrado o Estado, crendo acharia no Governador confiança, ou descuido nascido das victorias, sabendo que a Cidade de Goa o tinha ausente, acometteo as terras de Bardez, e Salsete, que asseguradas na paz estavão sem defensa. Despe-

dio quatro mil soldados, que sem golpe de espada as senhoreárão, fazendo, que os agricultores lhe acudissem com os frutos, e foros annuaes, que pagavão ao Estado. Chegou a Goa o aviso desta entrada, que deu grande cuidado, por não se achar com forças para fazer ao inimigo rosto. Resolvérão esperar a vinda do Governador, cujo nome bastaria a quebrantar ao Hidalcão o orgulho, presidiando entretanto a fortaleza de Rachol para deixar ás incursões do inimigo este pequeno freio.

Logo que o Governador chegou a Goa, dando os primeiros dias ao gosto dos successos passados, não querendo dar outros ao descanço, como homem, que tinha a paz por vicio, a guerra por costume, passou a Agaçaim, donde despedio a Dom Diogo de Almeida Freire, com novecentos homens, para que desalojasse o inimigo, que estava com quatro mil soldados nas aldeas vezinhas. E tanto que os Mouros tiverão aviso, que a nossa gente marchava, sem esperar o som das caixas, nem a vista das bandeiras, se recolhérão ao sertão; o que a todos pareceo respeito ás victorias de Dio, cuja fama tinha cheio de temor, Retirão-se de temor dos nossos.

Manda outra gente, e quer elle vir.

e reverencia o Oriente todo. Ficou outra vez a campanha á nossa obediencia, logrando com os receios da guerra huma paz mal segura, qual se podia esperar de Principe queixoso, e vezinho. O Hidalcão, dando-se na fugida dos seus por afrontado, acudio pela opinião das armas, como segunda causa para mover a guerra, mandando oito mil soldados a senhorear as terras da contenda, em quanto aprestava poder maior: intentando (como elle dizia), onde aventurava o Reino, arriscar a pessoa. Porém em quanto o estrondo destas armas, se não ouve em Goa, fallaremos das cousas de Malaca, e Maluco, por serem dispostas com a providencia do Governador, e acabadas com sua fortuna.

ElRei Aeiro preso em Goa.

Estava Bernardim de Sousa despachado com o governo das Malucas, Ilhas que como tão distantes do coração do Estado, recebião mais tibia obediencia, assim na sojeição dos naturaes, como na liberdade dos Governadores, que obravão voluntarios, e independentes. Tinha Jordão de Freitas enviado a Goa a ElRei Aeiro, ligado com prizões indignas da Coroa, e criminado com processos alheios da

verdade. Os quaes Dom João de Castro mandou verificar por tela de Juizo, e absoluto o pobre Rei dos delictos impostos, depois de o hospedar com Real tratamento, lhe restaurou com honras, e favores as injurias do innocente cetro, mandando a Bernardim de Sousa, lhe fosse dar a posse do Reino com maior reverencia, que de nossos Governadores costumavão receber seus passados, para que conhecessem aquelles povos a clemencia, e justiça do Estado, distribuida por igual balança a subditos, e amigos. He absoluto pelo Governador.

Chegou Bernardim de Sousa á Ilha de Ternate, e saltando em terra, se foi meter na fortaleza, sem as ceremonias, com que a ambição daquelles povos costuma receber a seus Governadores. Jordão de Freitas, que na subita venda do successor, e na consciencia culpada, estava lendo o processo de suas demasias, ficou sobremaneira alterado, conhecendo da inteireza de Dom João de Castro, que não permittia aos Capitães móres, que aos Reis amigos fizessem nem sofressem injurias, e que se não podia justificar Aeiro, sem o condenar a elle. Com tudo deu a Bernardim de Sousa posse da fortaleza, a quem lo- Levado a Ternate.

go acudírão os filhos de Aeiro, mais a saber dos castigos do pai, que a esperalo; tão timidos são os juizos dos homens nas cousas que desejão. Bernardim de Sousa lhes disse, que o fossem desembarcar da não tão honrado, que pareceria, que mais fora representar serviços, que responder a culpas. Os filhos, ainda incredulos no gosto da insperada nova, forão correndo á praia, seguidos de multidão de povo, que avaliava por cousa rara, justiça contra hum poderoso, admirando-se da igualdade de nossas leis, indifferentes a naturaes, e estrangeiros.

E restituido aos seus.

Desembarcou Aeiro, dizendo, que nossos braços lhe derão a victoria de nos mesmos; e que das excellencias do Governador da India fallaria sempre com o dedo na boca. Levantados em as mãos levava os grilhões, com que dalli partíra preso, servindo-se da memoria do aggravo para o agradecimento. Com esta justiça repousárão as cousas de Maluco em grata obediencia muitos annos.

Conjurão varios Reis contra Malaca.

Gozava neste tempo Malaca de huma profunda paz, attentada sobre as amizades, e commercio dos Principes vezinhos, e porém ElRei de Viantana achando-se com forças para inten-

tar qualquer empresa grande; o poder, e o ocio lhe trouxerão á memoria muitos aggravos esquecidos, que dos Reis de Patane havia aquella casa recebidos; e como era bem correspondido dos Principes de Quedá, Pam, e outros confinantes, teve meios para os colligar, fazendo-os pareciaes na vingança de alheias injurias. Pozerão sobre o mar huma grossa armada, capitulando, que o de Viantana se contentaria com a vingança do inimigo, e elles ficárião com os despojos da guerra, a respeito de aventurarem o sangue na satisfação dos aggravos de outro.

Era nesta occasião Simão de Mello Capitão de Malaca, e sabendo das discordias destes Principes, escreveo a Diogo Soarez de Mello, que estava no Porto de Patane, que se viesse áquella fortaleza, porque como todos aquelles Reis erão amigos do Estado, queria antes ser arbitro, que parcial em suas differenças, de mais que era razão politica, deixar que a guerra os quebrantasse, para que desangrados vivessem na paz, e obediencia de nossas armas mais sugeitos, considerando, que o tempo lhes podia dar occasião, e as forças ousadia,

Que faz o Capitão della.

porque para o odio, bastava sermos nós dominantes; e para a guerra o poder não busca outras causas.

Diogo Soarez, não engeitando o aviso, despedio alguns navios de carga para a China, e elle com duas galeotas se partio na via de Malaca. Andava neste tempo o Achem ás presas com vinte vélas grossas, fazendo com fôrças de Senhor o officio de Cossario. Tomou alguns juncos de bastimentos, e fez no mar outros insultos em navios de amigos. Com a fortuna cresceo o atrevimento, chegando a desembarcar de noite no porto de Malaca, para poder dizer, que chegára a pizar terra de nossa obediencia; e logo com esta gloria, ganhada tanto a furto, se tornou a embarcar.

Sahe em terra o Achem, e recolhe-se logo.

Tocou-se na Cidade a rebate, onde o temor, e a noite fez maior o perigo, fugindo muitos de suas mesmas sombras. Chegárão á fortaleza as vozes dos que só temião, porque vião temer, assombrados do medo sem perigo, mandou o Capitão mór a Dom Francisco d'Eça com alguns soldados, que entrados na povoação dos Chelins, virão na confusão, e temor de todos a imagem da guerra, menos o inimigo, que estava já embarcado, sem

levar mais que a fantastica vaidade de haver saltado em terra. Sentio Simão de Mello a covardia do Achem, como se fosse injuria; tão respeitadas estavão as paredes daquella fortaleza, que parecia insolencia cometelas, avistalas delicto. Mandou logo por hum Bantim ligeiro, espiar os passos do Achem, em quanto lançava ao mar dous caravelões, e seis fustas, para os mandar em busca do inimigo. Aportou nesta occasião Diogo Soarez de Mello com as duas galeotas, que temos referido, como trazidas por nossa fortuna a ajudar a victoria. Nomeou a Dom Francisco d'Eça por Cabo desta esquadra, o qual ainda mal armado, com a pressa de quem acudia a pendencia subita, se fez na volta do mar, com instrucção, que se em dez dias não achasse o inimigo, se recolhesse ao porto; porque não hia bastecido para mais largo tempo.

Sahe a buscalo a armada.

Navegárão oito dias sem encontrar a armada, e chegados a huma Ilha, tiverão novas, que o inimigo estava ancorado em Quedá, viagem de dous dias. Determinou Dom Francisco passar avante; porém os soldados se amotinárão, dizendo que era de Capitão bisonho seguir a quem fugia;

Tem novas delle o Capitão, e quer seguilo.

Os soldados se amotinão.

que os bastimentos estavão já acabados; que elles não hião a peleijar com a fome; e que se o regimento do Capitão mór se estreitava a dez dias, melhor era a obediencia, que a victoria. Porém Diogo Soarez de Mello, ainda que inferior no posto; maior na autoridade, disse que todo o Capitão que se voltasse, havia de peleijar com elle primeiro, porque maior serviço faria a ElRei em meter no fundo soldados desobedientes, que inimigos atrevidos. Aplacado nesta fórma hum temor com outro, navegárão a Quedá, onde souberão, que o inimigo estava em hum porto oito legoas distante; resolveo D. Francisco seguilo, visto estar tão vezinho. Aqui foi a murmuração dos soldados maior, mas não o atrevimento, porque virão que a injuria era mais do temor que do perigo; assim forão seguindo a Capitania com maiores demonstrações de gosto, do que nunca tiverão, ou fosse por dourar os receios passados, ou que os corações presagos da victoria, criárão mais honrados affectos.

Diogo Soarez os aplaca.

Avistão, e cometem o inimigo.

Avistárão naquella mesma tarde a Cidade de Parlés, em cujo porto estava o inimigo surto em huma enseada,

que fazia o rio em pequena distancia da Cidade. Mandou o Capitão mór sondar o rio, e abalisar com ramas o canal para fugir dos bancos; e sabendo pela sonda, que tinhão as caravelas fundo, cometeo a entrada a tempo, que o inimigo vinha com duas galés, e outros navios buscar a nossa armada, porque pelas espias entendeo, que erão navios mercantis, em razão de haverem vista da terra dos caravelões sómente, por estarem as fustas, e galeotas cubertas com a sombra de huma ponta torcida em voltas que alli faz o rio. Trazia o inimigo duas galés diante, que davão escolta a outra muita fustalha; as quaes como achárão soldados, aos que imaginavão mercadores, quizerão voltar, mas como o rio era muito estreito, e ellas vinhão arrazadas em popa, o não podérão fazer, sem que primeiro lhe chegassem os nossos. Atracados em breve espaço tingírão as armas, e ainda o rio em sangue. Diogo Soarez entrou a galé Capitania com cincoenta soldados, e achou nos Mouros tão porfiada resistencia, que todos forão mortos, porém nenhum rendido; com o mesmo orgulho peleijárão os outros. Conheceo-se a victoria pelos vasos,

Rende Diogo Soarez a Capitania.

mas não pelos cativos. Parece, que com obstinação honrada, nenhum quiz sobreviver á sua ruina. A resistencia do inimigo he argumento do valor dos nossos, pois não só peleijárão com valentes, mas com desesperados.

Embaixada dos conjurados.

Entretanto ElRei de Viantana, e os mais confederados recebérão tantas satisfações do de Patane, que assentárão com maiores vinculos a paz; estes sabendo, que a nossa armada era sahida, ajuizando que a fortaleza ficaria sem guarnição bastante, vierão tentar, se esta occasião lhes abria caminho para tirar de Malaca tão pesado vezinho; e como o odio os fazia atrevidos, e o temor covardes, quizerão com o semblante da paz disfarçar-nos a guerra. Enviárão hum Capitão pratico a Simão de Mello, significar-lhe o sentimento, que tinhão de haver o Achem desbaratado a nossa armada; e que sabião, que com o gosto da victoria, juntava poder maior para vir sobre a fortaleza, que como tinha tão poucos defensores, era forçoso, que o valor cedesse a multidão, pois o número, e a occasião dava as victorias; que elles como amigos do Estado lhe pedião licença para desembarcar naquelle porto; e remirem com

seu sangue a fortaleza de tão certa ruina, e faria o Mundo juizo, que erão melhores amigos no trabalho, que na prosperidade. Além desta mensagem cautelosa, vinha o enviado instruido, que notasse os soldados que tinha a fortaleza, e do semblante do Capitão conjecturasse o valor, ou receio, com que ouvia o destroço da armada, por ser o coração nos affectos mais fiel, que a lingua.

Porém Simão de Mello entendendo, que a offerta era traição, e o mensageiro espia, determinou ferilos pelos seus mesmos fios, servindo-se de enganos contra enganos. Respondeo agradecido a tão opportunos soccorros, como lhe offerecião, e que em retorno de tão grata amizade, lhe pedia alviçaras da victoria, que os seus navios alcançárão do Achem, de que naquelle instante havia tido aviso; e que na fortaleza tinha gente, e munições sobejas para os servir contra seus inimigos; que o Achem sahíra daquelle porto fugindo; que os Portuguezes tiverão no alcance difficuldade, na victoria nenhuma. Estas palavras recebérão credito da segurança, com que se disserão, ficando o Mouro credulo, e descontente no esforço

Reposta do Capitão de Malaca.

do Capitão, na victoria da armada; levando aos seus por reposta, que o Capitão mór, ou entendera o ardil, ou desprezára o medo.

Faltão novas da armada.

Simão de Mello com estas cousas entrou em grande cuidado, porque a tardança da armada fazia a nova contingente, accusando-se de leve, e temerario, por haver empenhado as forças daquella praça contra hum inimigo, de cuja paz não tiravamos fruto, nem gloria da ruina; porque humilde prova de valor seria destroçalo com forças iguaes, se o tinhamos vencido com muito inferiores. Assim discorria o Capitão, como se não pudera haver desgraça sem culpa.

Queixa-se o vulgo.

Hião na armada embarcados os casados de Malaca, cujas mulheres, e filhos com lagrimas anticipadas ao successo, choravão a victoria, que ignoravão, queixando se do Capitão, que quizera comprar fama com o sangue alheio; sendo mais conveniente ao Estado huma paz honrada, que huma victoria inutil. E já o tumulto popular tocára em liberdade,

O P. Xavier o socega.

se o Mestre Francisco Xavier (que então a India respeitava Penitente, e agora o Mundo venera Santo) não enfreára o povo, lembrando-lhe a paciencia nas adversidades,

não só como virtude, senão como remedio; descobrindo-lhe cauto, mas tambem compassivo, huns longes de mais alegres novas, que mais parecião alivios de proximo, que annuncios de Propheta. Quando no mesmo dia, em que se deu a batalha, estando á vista de numeroso povo, ensinando os caminhos da vida, se arrebatou subitamente em hum extasis profundo, como bebendo em suave silencio os segredos divinos; até que despertando da mysteriosa pausa dos sentidos, rompeo em agradaveis vozes, dizendo, que prostrados ante os altares, dessemos graças ao Autor das victorias, porque naquella hora desbaratára Deos com nossos braços a armada do inimigo. O povo reverente no presagio do Interprete divino, com gratas, e piedosas lagrimas louvava a Deos no Santo, começando dos extremos do pesar, mais segura a alegria. Aquella mesma tarde estando doutrinando a plebe em huma Ermida vezinha, referio os casos da batalha com tão particulares accidentes, como quem sabia o successo, de quem deu a victoria; e desta felicidade cremos, foi o glorioso Santo intercessor, e oraculo, o qual com muitas outras

Pronostica a victoria.

E annuncia o modo della.

illustrações divinas antevio os segredos escondidos com espirito presago do futuro. Ficou Malaca gozando de huma honrada paz, assegurada com a victoria, que temos referido; porém o Governador em Goa, ainda com as armas quentes no sangue de huma batalha, o chamavão a outra.

Cuidados do Hidalcão.

Entre o Hidalcão, e o Estado deixou Martim Affonso de Sousa vivas as causas dos odios, que temos referido, de que Dom João de Castro lhe não podia dar satisfação, sem afronta, nem negar-lha sem guerra. Com a retirada dos Mouros estavão á nossa obediencia as terras de Bardez, e Salsete, nascendo os frutos da agricultura, quasi debaixo das armas, com que os defendiamos. O Hidalcão, como via com seus olhos as terras, e tambem os aggravos continuados na retenção que avaliava injusta, cada dia nos acordava com as armas seu direito, sobresaltado juntamente com a presença do Meale em Goa, que era veneno, que acomettia o coração do Reino; e entendendo; que com as entradas dos seus, subitas, e furtivas, mais irritava, que enfraquecia o Estado, e que com a negação dos mantimentos empobrecia os vassallos, e engros-

sava os vezinhos, de cujos portos os recebiamos, entrou em consideração de nos fazer a guerra com poder descuberto, em que aventurasse o Reino, e a pessoa, deixando na fortuna de huma batalha a justiça de humas, e outras armas; e como a paz, e a tyrannia o tinhão feito rico, erão-lhe faceis as despesas da guerra, que havia de mover, quasi dentro em sua mesma cava. Despachou logo oito mil soldados a senhorear as terras da contenda, em quanto se dispunhão forças maiores para sustentar, o que aquellas ganhassem.

Manda gente á terra firme.

O Governador, com o primeiro aviso desta entrada, ordenou, que Dom Diogo de Almeida Freire com novecentos Portuguezes, e alguns Canarins de soldo, e huma companhia de cavallos fosse encontrar o inimigo, ficando elle em Pangim para o soccorrer com o resto da gente, se o Hidalcão viesse pessoalmente; fama, que os Mouros derramavão, e nos querião persuadir, ou se persuadião. Dom Diogo de Almeida partio com esta gente, e fez alto na fortaleza de Rachol, a cuja vista teve algumas escaramuças leves com o inimigo, que não quiz empenhar o poder, nem

D. Diogo de Almeida lhe sahe.

aceitar a batalha, que lhe offereciamos, quiçá conhecendo, que não podiamos sustentar guerra lenta pela falta de provisões, e incommodidades do terreno alagadiço, e retalhado em esteiros, onde não podiamos ter alojamento enxuto, nem servir-nos de cavallaria em todos os lugares da campanha; huns, que pela humidade nos tolhião a passagem, outros pela aspereza; inconvenientes mais faceis de vencer aos Mouros, que como naturaes da terra sabião melhor os passos, e estavão feitos ao trabalho de calcar os pantanos com agilidade, e soltura; de mais, que erão bastecidos com maior abundancia, como senhores do paiz. Vendo pois Dom Diogo, que o inimigo tinha a escolha de peleijar, ou retirar-se, e que os mantimentos lhe faltavão, consultou o Governador, que lhe ordenou, que recolhesse a gente na fortaleza de Rachol, em quanto resolvia o que se devia obrar.

O Governador o faz recolher.

E poem esta guerra em conselho.

Voltou o Governador de Pangim a Goa, onde poz em conselho o estado das cousas, e desejos que tinha de opprimir o Hidalcão com guerra mais pesada para evitar as molestias de tão repetidas entradas, ficando de huma

vez com as mãos libres para acudir a negocios differentes, o que não poderia ser, deixando armado, e sem castigo tão importuno vezinho. Porém a todos pareceo, que a guerra se differisse para tempo opportuno, qual seria o do Verão seguinte, em que os nossos podião campear já no terreno enxuto, e com forças maiores, engrossadas com os soldados reinoes, que nas náos de viagem se esperavão; que o fim das empresas não era a brevidade, era a victoria.

O Governador, ainda que bellicoso, e mal sofrido, houve de sojeitar a vontade ao entendimento, esperando monção, em que pudesse pedir ao Hidalcão mais rigorosa conta de seus atrevimentos. O que assentado ordenou a Dom Diogo de Almeida Freire, que retirasse a gente, deixando a fortaleza de Rachol con sufficiente presidio, pondo ás correrias do inimigo este pequeno freio. E como o Governador era no exercicio das armas incansavel, em quanto não tinha real a guerra, parece que se deleitava com a imagem della. Hia todos os dias ao Campo, onde mandava aos soldados tirar a barra, jogar as armas, formar esquadrões, incitando a huns

Dilata-se para outro tempo.

Exercita a guerra na paz.

com premios, a outros com louvores, fazendo com a emulação, e exercicio, crecer estas virtudes, trocando huma Cidade pacifica, e politica, em escola de armas, que estes erão os saráos, e comedias, onde com útil, e bellicosa diversão se recreava o povo, tendo com a frequencia destes ensaios os soldados tão bem disciplinados, que nas occasiões da guerra verdadeira, nenhum caso, ou accidente os tomava de novo. Passando pela rua de Nossa Senhora da Luz, vio em huma casa terrea quantitade de armas em hum cabide, tratadas com tal lustro, e aceio, que se pagou da limpeza, e concerto, com que estavão dispostas; e tendo a redea ao cavallo, perguntou, quem na casa vivia. Acudio a lhe responder o mesmo dono, que era hum Francisco Gonçalvez, soldado de fortuna. O Governador depois de o louvar de curioso, e bem occupado, lhe mandou dar trinta pardaos, com que lustrasse o ferro; sendo que nos dias de seu governo tiverão pouco tempo as armas para criar ferrugem.

Favorece os soldados.

Era já entrado o mez de Agosto, e o Governador, como antevendo as occasiões futuras, não perdia momen-

Tem avisos de Dio.

to em municionar, e bastecer a armada, quando aportou na barra de Goa Francisco de Moraes Capitão de hum catur, com cartas de Dom João Mascarenhas, em que o avisava, que o Soltão de Cambaia juntava todas as forças de seus Reinos com voz de pôr segundo sitio áquella fortaleza; que convinha mostrar-lhe este Verão as armas, porque attento á segurança de sua mesma casa, deixaria de inquietar a alheia; mormente, que impedindo-lhe nossas armadas a liberdade da navegação, e os uteis do commercio, abriria os olhos para ver, que só da paz do Estado pendia sua prosperidade.

O Governador mandou juntar o governo da Cidade, a quem deu copia da carta de Dom João Mascarenhas, pedindo-lhe o ajudassem, para acabar de domar, ou reduzir este inimigo; e ainda que esta exacção os tomava sobre tão fresco empenho foi a proposta do Governador tão grata a todos, que lhe offerecêrão as vidas, e as fazendas, como se fora o serviço do Estado, alimento, e herança dos filhos, que criavão. Esta felicidade de tempos não alcançou a India, em todos os governos. Dom João de Castro lhes pe-

Communica-os ao Senado, e pede-lhe ajuda.

Offerecem-lhe quanto tem.

dio dez mil pardaos, com que o Povo o servio promptamente. E as mulheres de alguns Cidadãos ricos lhe mandárão quantidade de joias, com huma carta cheia de honradas queixas pelas não haver aceitado, nem despendido na primeira offerta; mostrandose as de Chaul, ainda que no exemplo segundas, na offerta maiores. Porém o Governador escasso no uso, e dispendio de tão fieis donativos, lhos tornou a remeter agradecido, pagando-lhes nas honras dos maridos, e filhos, tão liberal, e opportuno serviço. Avisou aos moradores de Baçaim, e Chaul das noticias do Capitão de Dio, e despesas da armada, e necessidade em que estava para que o ajudassem; os quaes lhe respondérão tão faceis ao serviço Real, que parecia, recebião as novas occasiões de perigo, e despesas, como premio do que tinhão servido.

E as mulheres suas joias.

Avisa Chaul, e Baçaim.

Andava o Governador dando expediente aos aprestos da armada, quando lhe chegou nova, que na barra de Goa havião lançado ferro duas náos do Reino, que se apartárão da conserva de outras. Tinhão aquelle anno partido do Reino seis, sem Capitão mór; das que chegárão erão Capi-

Chegão náos do Reino.

tães Balthasar Lobo de Sousa, e Francisco de Gouvea; das quatro que faltavão Dom Francisco de Lima em São Philippe, e vinha provido na Capitania de Goa; Francisco da Cunha no Zambuco; e estas duas partírão tarde, e vierão tomar a barra em vinte e tres de Setembro. De outra náo, que era a Burgaleza, vinha por Capitão Bernardo Nazer, invernou em Socotorá, e aportou em Goa nos ultimos de Maio. Era Capitão da outra Dom Pedro da Silva da Gama, filho do Conde Almirante, despachado para Malaca, e por ruim navegação do seu Piloto, se perdeo nas Ilhas de Angoxa; salvou-se porém a gente, se passou a Moçambique, e dahi repartida por outras embarcações, chegou á India. Nestas náos veio ordem ao Governador, que mandasse alargar o sitio á fortaleza de Moçambique, por avisos que se tinhão, de haverem Rumes de vir a ella, e convinha assegurar os moradores, e o porto, como escala principal de nossas náos, tolhendo ao inimigo o impedimento, que nos podia fazer no commercio de Çofala, e uama. Ordens que trazem.

Achava-se o Governador com tres

Resolve a guerra do Hidalcão.

mil soldados Portuguezes, e alguns soccorros de Naires de Cochim, que forão as maiores forças, que juntou na India, e considerando, que o Hidalcão com sua ausencia poderia perturbar o Estado, attento a não ficar em Goa quem lhe fizesse opposição bastante, resolveo buscalo no interior do Sertão, necessitando-o a aceitar a batalha, porque tinha para esta guerra tão precisa, taixado o poder, e o tempo. Communicou esta resolução com os Regentes da Cidade, e aos Cabos da milicia; e a todos pareceo a occasião opportuna. E como o Governador era nas execuções sobre maneira presto, e tinha a gente prompta, repartio em cinco esquadras os soldados, segundo a disciplina da India, de que fez Cabos a seu filho Dom Alvaro, Dom Bernardo, e Dom Antonio de Noronha, filhos do Viso-Rei Dom Garcia de Noronha, Manoel de Sousa de Sepulveda, e Vasco da Cunha. Hia tambem Dom Diogo de Almeida Freire com duzentos cavallos, e os casados de Goa, a quem se aggregárão os piões da terra, em número de mil, e quinhentos. Presidiava a fortaleza de Rachol Francisco de Mello com trezentos soldados Portugue-

Ordena sua gente.

zes, e alguma infanteria dos naturaes; ao qual avisou o Governador, que se aprestasse para se ajuntar com elle na Villa de Margão.

Neste tempo chegárão a Goa Embaixadores do Rei do Canará, que pertendião a confederação do Estado, para com armas auxiliares molestar ao Hidalcão seu confinante. Foi este Reino entre os Orientaes pola grandeza do imperio o mais illustre; polos principios da origem o mais desvanecido, fabulando mil tradições apocrifas, com que á veneração Real servio a lisonja. Ouvio o Governador a embaixada com ceremonias decentes á ambição do Rei, e grandeza do Estado; e logo capitulárão amizades com condições honestas a huma, e outra Coroã. Tanto que o Hidalcão entendeo a resolução do Governador, mandou retirar a guarnição das terras firmes, como declinando o golpe da primeira invasão, querendo cansar o Estado, com aquella fórma de guerra repentina, e furtiva, aos nossos intoleravel, a elle facil.

Vem-lhe Embaixadores do Canará.

Ouve-os, e despede-os.

Retira o Hidalcão a gente.

Soube o Governador, que os Mouros erão recolhidos a Pondá, onde estavão abrigados com a artelharia do seu forte; alguns Capitães forão de

O Governador os segue.

parecer, que o Governador não seguisse o inimigo, que fogia; opinião envelhecida dos maiores soldados; porém D. João de Castro, não querendo vestir de balde as armas, mandou passar avante, dizendo, que queria castigar ao Hidalcão em sua mesma casa. Foi esta resolução grata aos soldados, crendo, que levavão na fortuna do General grão parte da victoria. Marchou o campo aquelle dia, duas legoas, e já sobre a tarde houve vista do inimigo, que da outra parte de huma ribeira o esperava, para lhe impedir o passo com hum corpo de dous mil soldados.

D. Alvaro peleija na vanguarda.

Dom Alvaro de Castro, que levava a vanguarda, se lançou ao rio, vadeando, e peleijando juntamente; o inimigo lhe deu a carga de arcabuzaria, com que lhe derribou alguma gente, porém sem impedir, ou retardar aos outros, que passavão. Os demais Capitães cortárão o rio por differentes partes, e quando chegárão, achárão a D. Alvaro baralhado com os Mouros, e já tão apertados, que hião deixando o campo, porque não era seu intento peleijarem no raso; tanto que vencemos o rio, cessárão da opposição, que nos fazião, retirando-

Os Mouros fogem.

se ordenados á sua fortaleza de Pondá. O Governador mandou seguilos, o que se fez aquelle dia por cima de alguns estrepes, que encravárão a muitos; e chegando a Pondá vio a todos os Capitães do Hidalcão ordenados em fórma de dar, ou aceitar batalha. O Governador com o mesmo passo da marcha, que levava, mandou acomettelos; os Mouros na resolução parece que conhecérão a pessoa de D. João de Castro, e como se derão lugar á fama de seu nome, lhe deixárão o campo, onde só com o respeito alcançou a victoria. Retirou-se ao Sertão o inimigo, onde pola aspereza da terra não podia ser seguido. Entrou D. Alvaro na fortaleza, que achou desamparada: forão muitos de parecer, que se desmantelasse; o Governador porém, com mais altivo acordo, mandou que aos miseraveis fugitivos se deixasse aquelle abrigo; era desprezo, e pareceo piedade.

Manda o Governador seguilos.

Retirão-se ao Sertão.

Ficárão outra vez as terras á nossa obediencia, sem paz segura, nem guerra continuada. O Hidalcão tinha forças para nos tolher os frutos, mas não para lograios; e peleijava já mais pola reputação, que polos in-

Volta a Goa.

teresses da campanha. Voltou o Governador a Goa, onde tinha a armada prompta para passar ao Norte, não tendo outro lugar para descanso, que o mar, ou a batalha; e como o tempo chamava as vélas, e os successos trazião aos soldados contentes, não foi necessario para se embarcarem, bando, ou diligencia.

Torna a Dio.

Achou-se o Governador no mar com cento e sessenta fustas, de que erão os Capitães, D. Alvaro de Castro, D. Roque Tello, D. Pedro da Silva da Gama, D. João de Abranches, D. Jorge d'Eça, D. Bernardo da Silva, Vasco da Cunha, Francisco de Lima, Francisco da Silva de Menezes, D. Jorge de Menezes o Baroche, Manoel de Sousa de Sepulveda, Cide de Sousa, Duarte Pereira, Diogo de Sousa, Garcia Rodriguez de Tavora, D. João de Attaide, D. João Lobo, Gaspar de Miranda, D. Braz de Almeida, Jorge da Silva, D. Pedro de Almeida, Pero de Attaide Inferno, Antonio Moniz Barreto, Cosme Eanes Secretario, Melchior Correa, Sebastião Lopez Lobatto, Antonio de Sá, Alvaro Serrão, D. Antonio de Noronha, Diogo Alvarez Tellez, Antonio Henriquez,

Aleixo de Abreu, Antonio Diaz, Balthasar Diaz, Balthasar Lopez da Costa, Damião de Sousa, Manoel de Sá, Fernão de Lima, Alonso de Bonifacio, Antonio Rebello, Antonio Rodriguez Pereira, Melchior Cardoso, Cosme Fernandez, Nuno Fernandez, Francisco Marquez, Duarte Diaz, Diogo Gonçalvez, Francisco Alvarez, Francisco Varella, Luiz de Almeida, Francisco de Britto, Gonçalo Gomez, Gregorio de Vasconcellos, Gomez Vidal Capitão da guarda do Governador, Antonio Pessoa Veador da fazenda da armada, Gonçalo Falcão, Gonçalo de Valladares, Galaor de Barros, Gaspar Pirez, João Fernandez de Vasconcellos, Fernão d'Alvarez, João Soarez, Ignacio Coutinho, João Cardoso, João Nunez Homem, João Lopez, Lopo de Faria, Manoel Pinto, Lopo Soarez, Manoel Pinheiro, Lopo Fernandez, Manoel Affonso, Marcos Fernandez, Nuno Gonçalvez de Leão, Pero de Caceres, Pero de Moura, Rui Pirez, Pero Affonso, Pero Preto, Luiz Lobatto, Simão de Areda, Francisco da Cunha, Simão Bernardez, Thomé Branco, Patrão mór da ribeira, Coge Percoli lingua; e os navios, que vierão de Cochim, de

que os Cabos erão nossos. Forão nesta conserva alguns navios de Particulares, que por benevolencia do Governador servírão graciosamente o Estado.

Chega a Baçaim.

Com toda esta frota foi o Governador surgir em Baçaim, donde mandou algumas espias a Cambaia, para reconhecer as forças, e desenhos do inimigo, de cujo poder se fallava em todas aquelles portos com temor, e espanto; e os Guzarates credulos, ou soberbos dizião, que o Soltão poria desta vez o Estado debaixo de seu açoute. Aqui teve o Governador aviso, que Caracem genro de Coge Çofar estava na fortaleza de Surrate com pequeno presidio, na confiança do exercito vezinho. D. João de Castro desejando cometer alguma das praças, que cobria a sombra do inimigo, mandou a seu filho D. Alvaro com sessenta velas, para que subindo o rio de Surrate, despachasse alguma pessoa de confiança, que notasse o estado da fortaleza, ou tomando lingua da terra, soubesse com que munições, e presidio Caracem se achava; e parecendo que se podia tomar a fortaleza por escala, lhe desse logo o assalto, porque pelas mesmas pisadas,

Manda D. Alvaro a Surrate.

que deixasse, iria a soccorrelo.

Despede D. Alvaro a D. Jorge.

Chegou Dom Alvaro com a armada ao primeiro poço, que fica na entrada do rio, e logo despachou a D. Jorge de Menezes Baroche com seis fustas, para reconhecer a fortaleza. Subio D. Jorge pelo rio, remando a voga surda, até que sendo visto da fortaleza. lhe tirárão algumas bombardadas. Os das fustas voltárão logo os remos, ou timidos, ou cautos, por mais que lhes bradou Dom Jorge que esperassem. Aqui foi o perigo maior, donde se não temia, porque de huma povoação de Abexins, que estava sobre o rio, tirárão muitas peças; o que visto por Dom Jorge, saltou em terra, e entrando a povoação, ganhou a artelharia dos redutos com valor, e animo tão quieto, que a baldeou nas fustas, sem que lhe fizesse estorvo a gente que acudia de terra. Esta segurança fez parecer o poder maior, quiçá medindo o inimigo nossas forças por nosso atrevimento.

E outros Capitães.

Logo que D. Alvaro despedio a D. Jorge com as fustas, mandou traz elle outras duas, de que erão Capitães Francisco da Silva de Menezes, e João Fernandez de Vascon-

cellos; os quaes desejando tomar lingua em terra, surgírão em hum poço antes da povoação dos Abexins, donde mandárão os marinheiros, que fizessem aguada; que saltando em terra, caminhárão quasi hum tiro de espera. Caracem, tanto que ouvio as bombardadas, que se tirárão da povoação dos Abexins, como havemos referido, despedio quinhentos Turcos, para que os soccorressem; os quaes achárão as estancias perdidas, e a artelharia embarcada; e passando mais avante forão vistos dos marinheiros, que fazião aguada; que bradárão a Francisco da Silva, dizendo, que no campo havia inimigos, e Francisco da Silva encaminhou logo a soccorrelos, acompanhado de João Fernandez de Vasconcellos, e fazendo hum esquadrão cerrado, envestírão com os Turcos, e os rompérão, ficando alguns cahidos com a carga da espingardaria, que os nossos lhes derão.

Que lhes succede.

D. Jorge, que se hia recolhendo, quando vio as fustas surtas, e que os nossos peleijavão em terra, poz nella a proa, e acudio a tempo, que pode carregar ao inimigo, o qual se recolheo fugindo, deixando alguns companheiros mortos no campo. Custou-nos

a victoria hum soldado.

Embarcárão-se os nossos, e forão na companhia de D. Jorge a demandar a armada. O qual referindo a D. Alvaro o successo, e a observação que fizera, pareceo aos Cabos, que não tinha lugar a facção, visto estar a armada descuberta, e a terra appellidada. Só D. Jorge sustentou tenazmente, que se devia cometer a fortaleza, sendo a grandeza de seu animo a maior razão, com que o persuadia; porém erão as contradicções tão vivas, que não podia acontecer sem culpa o mais feliz successo.

Voltão a D. Alvaro.

Em quanto D. Alvaro esteve no rio de Surrate, o Governador surto, deu expediente a diversos negocios, e como sobre valeroso, era tambem bizarro, derramou fama, que havia de prender o Soltão dentro em Amadabá, onde á vista dos Turcos, que o asseguravão, o havia de assar vivo. E como esta voz recebia credito de tão grandes victorias, huns aos outros a referião os Mouros temerosos, ou credulos. O Governador por fazer apparente o medo, ou a galantaria, mandou lavrar huns espetos grandes, como quem para descançar dos negocios mais graves, se deleitava em

Que fez o Governador em Baçaim.

diversões briosas. Costumavão os soldados daquelle tempo trazer nos cintos humas machadinhas mui polidas, que servião de cortar as driças, e enxarceas dos navios de presa, e tambem de arrombar caixões, e fardos, este era o uso, o outro era cuberto. Desgostava-se o Governador de armas, que tinhão tão humilde serviço, e vendo acaso passar Fausto Serrão de Calvos, soldado limpo, com huma machadinha, lhe disse, que os homens de conta, só a espada cingião airosamente: Senhor (lhe respondeo o soldado) sem esta machadinha não servem os espetos de V. Senhoria, porque não poderemos assar inteiro a ElRei de Cambaia.

Ajunta-se com seu filho.

Foi o Governador ajuntar-se com D. Alvaro na barra de Surrate, onde soube que a fortaleza estava soccorrida. Passou dahi com toda a armada junta a avistar Baroche; de cujo porto despedio a Francisco de Sequeira, Capitão dos Naires de Cochim, para sondar o rio, e ver o que se podia obrar, informando-se do estado da fortaleza com vista de olhos. Este Capitão subio pelo rio até haver vista do exercito do Soltão derramado por huma dilatada campina. Era fama;

que trazia duzentos mil soldados; o certo he, que era a multidão tão grande, que cobria os campos vezinhos, e distantes: Referio ao Governador o que vira, o qual altivo de se ver tão temido, quiz avistar as forças do inimigo por credito de sua mesma fama. Mandou que levantasse ferro a armada, e foi subindo até dar fundo na frente do exercito, cujo numeroso poder secava os rios. E desembarcando em terra, formou campo, e apresentou batalha ao Soltão; acção tão valerosa, que entre as memoraveis do Mundo não deve esta ser segunda. O Soltão nem aceitou, nem recusou o conflicto; esperou ser cometido, assim como buscado: vio ao Governador, não lhe quiz ver a espada. Porém D. João de Castro, como buscando nova gloria em facções não vulgares, chamou a si os Cabos, e Fidalgos de nome, aos quaes fallou nesta substancia.

Avista o Soltão.

Apresenta-lhe batalha.

« Temos á vista o maior Rei da « Asia, e o maior exercito: anda « buscando occasiões a fortuna de « nos fazer famosos, para que sobre « esta victoria, na obediencia do Ori- « ente, descansemos as armas. Confes- « so-vos a desigualdade tão grande en-

Falla aos seus.

« tre hum poder, e outro; porém nos-
« sas esquadras não se contão pelo nu-
« mero, senão pela virtude. Aquelles
« são os mesmos, que ha poucos dias
« destroçamos em Dio, não he neces-
« sario a estes fazer novas feridas,
« rasguemos mais as que ainda trazem
« abertas. Seu mesmo número os faz
« mais temerosos, vendo embaraçados
« os caminhos para poder salvar-se;
« se hontem nos deixárão o Campo,
« tendo-nos sitiados, como nos hão de
« resistir agora victoriosos? Mal sus-
« tentarão a honra de seu Rei, os que
« perdérão a sua. Maior poder he o
« nosso, que o do inimigo; pelejjão
« de nossa parte a fama, e a victoria.
« Não creio, que haverá quem engeite
« a grande parte que lhe cabe na glo-
« ria deste dia.»

Reposta dos Fidalgos, e Cabos.

Os Fidalgos, e soldados dissuadírão ao Governador de tão perigoso acomettimento; porque em forças tão desproporcionadas, ainda era digna de reprehensão a victoria; que os homens grandes fiavão mais da razão que da fortuna; que olhasse pela conservação, pois já lhe sobejava a fama; que assaz era haver desembarcado, e offerecer ao Soltão batalha pisando sua mesma terra. O Governador se

deixou vencer destas razões, temendo mais a culpa, que o perigo. D. Jorge lhe pedio quinhentas espingardas, para com ellas fazer alguma sorte no inimigo; porém D. João de Castro, como lhe desviárão o golpe da batalha, parece, que não quiz lastimar o Soltão com chaga tão pequena. Esperou tres horas na Campanha, sem que o inimigo se movesse, e logo mandou embarcar os soldados, que o fizerão tão desassombrados, e seguros, como em porto do Estado; facção a mais gloriosa que tivemos sem sangue. Está no campo tres horas, e embarca-se.

De Baroche foi o Governador atravessando a Dio, e despedio alguns navios por dentro da enseada de Cambaia a destruir os lugares da costa, a que havia perdoado a espada dos nossos. Estes talárão as hortas, e palmares plantados para a recreação, e alimento de seus habitadores, abrazárão grão copia de navios, derribárão soberbos edificios, de que ainda hoje se conserva a lastima, e a memoria nas prostradas ruinas. Danos que faz.

Aportou o Governador em Dio, onde o Capitão mór o veio receber á praia, e os naturaes da Ilha lhe fizerão festas, como soberbos na sojei- Chega a Dio.

D. João Mascarenhas faz deixação da praça.

ção de tão valeroso inimigo. D. João Mascarenhas lhe lembrou a licença que já tinha para passar ao Reino, a qual o Governador lhe não quizera conceder, nem podia negar; alguns Fidalgos lhe havião engeitado a praça, temendo, parece, não ter as occasiões, que seus antecessores. Quando chegou áquelle porto Luiz Falcão, que vinha de governar Ormuz, e primeiro que elle havião chegado ao Governador algumas notas de seu procedimento, toleraveis por não tocarem no valor, e justiça de seu governo. O Governador o chamou, e lhe disse os cargos de que o sindicárão, os quaes desejava esquecer, como amigo, e não podia como superior, que com novos serviços podia pòr silencio em defeitos passados; ficando naquella fortaleza, em que S. Alteza, e o Mundo tinhão postos os olhos. Luiz Falcão a aceitou, rendendo ao Governador as graças por tão honrado castigo, offerecendo despender na praça, a fazenda que adquiríra em Ormuz, e a que no Reino tinha. Este brio lhe louvou, e accendeo Dom João de Castro com favores publicos.

O Governador a entrega a Luiz Falcão.

Concluidas as cousas de Dio, se

embarcou o Governador em direitura a Baçaim, dando vista á costa de Pór, e Mangalor, aonde abrasou as Cidades de Pate, e de Patane. Os moradores fugindo ao açoute, salvárão no sertão as vidas, e parte das fazendas, faltando-lhes valor, e acordo para se defender, ou morrer em suas mesmas casas. Cento, e oitenta embarcações, que estavão em differentes portos, mandou dar ao fogo, vendo seus miseraveis donos o incendio com lagrimas inuteis. Ouvião-se de longe as vozes, e os gemidos, desprezados da ira, e da victoria. Alguns velhos, e meninos, que não podérão salvar-se, mandou o Governador livrar do incendio, misericordia aos soldados importuna, grata á humanidade. Os despojos se entregárão ao fogo, sendo menor a presa, que o destroço. Muitos outros lugares daquella costa, sem nome, forão arruinados, ficando este cerco de Dio mais famoso pela vingança, do que pela victoria.

Embarca-se, e danos que faz.

Compaixão do Governador.

Daqui se passou o Governador a Baçaim, determinando gastar o que restava do Verão na guerra de Cambaia, donde despachou algumas espias para saber os passos do inimigo, dos quaes soube, que na Corte de Ama-

Passa á Baçaim.

dabá, não havia casa sem lagrimas, e que o Soltão mandára com rigoroso decreto, que se não fallasse no cerco, e batalha de Dio, como se tiverão as leis imperio na dor, ou na memoria. Destes mesmos enviados entendeo o Governador, que as fortalezas de Surrate, e Baroche, se despejárão á vista da armada de Dom Alvaro, que podéra tomalas por escala, senão fora encontrado dos Cabos, que lho dissuadírão; de que D. João de Castro mostrou tão vivo sentimento, como se acertar as occasiões fora necessidade; chegando sua modestia a romper em palavras, que accusavão os Capitães da armada de tibios, e remissos.

Sente não se tomar Surrate.

Neste breve ocio, que o Governador teve em Baçaim, começou a escrever para o Reino, fazendo tão honradas lembranças a ElRei dos homens que servírão, que mostrava ser este zelo, ou gratidão, virtude singular entre tantas; e os soldados se avantajavão no valor, assegurados, que não lhes faltaria o General com o premio, ou com o zelo.

Lembra a ElRei os que servírão.

O Hidalcão entendendo, que as forças do Estado estarião, ainda que gloriosas, quebradas com as victorias,

Torna o Hidalcão com guerra.

tornou a occupar as terras firmes com hum exercito de vinte mil infantes, a ordem de Cala Batecão, hum valeroso Turco nascido na Dalmacia, pratico nas linguas, e disciplina de Europa. Este senhoreou sem contradição as terras, fazendo recolher á fortaleza de Rachol alguns poucos soldados nossos, que avisárão a Goa do poder do inimigo.

Recebido este aviso, Dom Diogo de Almeida com conselho do Bispo, que governava, e de alguns Fidalgos, e soldados, resolveo desalojar os Mouros com a milicia da terra, primeiro que se fortificassem, e crecendo em atrevimento, e forças, chegassem a avistar as muralhas de Goa, Cidade dominante. Ordenada a gente, que o havia de acompanhar, e estando para marchar já prompto, vierão os Vereadores, e governo da Cidade com requerimentos, e protestos, que não passasse avante, nem arriscasse com forças tão desiguaes a cabeça do Estado; que o Governador estava en Baçaim com armada cheia de soldados victoriosos, com que podia castigar o inimigo, contra o qual levaria, como segundo exercito, seu nome, e sua fortuna.

O Capitão de Goa lhe quer sahir.

A Cidade o encontra.

Avisa ao Governador.

Durou entre cidadãos, e soldados a controversia de maneira, que por pouco chegará a sedição, e discordia; zelando huns a conservação da Cidade, outros a reputação das armas. Em fim partírão, e compuzerão a differença com que se desse aviso ao Governador, pois estava vezinho, o qual logo que entendeo, que o governo politico se queria adjudicar a direcção da guerra, reprendeo asperamente sua animosidade; e a Dom Diogo de Almeida agradeceo, e confirmou a resolução de buscar o inimigo, ordenando-lhe, que o esperasse em Pangim, com a gente, onde seria em breves dias.

Embarca-se logo.

Não bem tinha Dom João de Castro soltado da mão a penna, com que escreveo ao Reino, quando tomou a espada. Aquelle dia, que recebeo o aviso, mandou tirar peça de leva, e ao seguinte desamarrou a armada, e indo costeando, avistou a Cidade de

Avista Dabul.

Dabul, já famosa pelo castigo que lhe derão nossas armas, e agora dos portos do Hidalcão a principal escala. Deixavão-se ver de longe muitos jardins, pomares, e edificios polidos, que mostravão a delicia, e grandeza de seus habitadores; seria a Cidade

de quatro mil vezinhos, com dous fortes, e alguns redutos, que defendião a entrada do porto; e dado, que a facção era para mui discursada, resolveo o Governador entreprendela.

Aquella tarde andou a armada pairando á vista da Cidade, notando os surgidouros, e defensas, e ao seguinte dia no quarto d'Alva, mandou o Governador passar aos bateis a seu filho Dom Alvaro com dous mil homens, para saltar em terra; sendo elle dos primeiros que a pisárão por meio de muitas bombardadas. Aqui fizerão os inimigos rosto, impedindo, ou retardando a passagem dos nossos; esteve a batalha igual hum largo espaço, fazendo-os ousados na peleija o lugar, e a causa; as vozes das mulheres, e filhos que ouvião, lhes fazião receber as feridas sem dôr, e sem receio; os mortos que cahião não lhes fazião exemplo ao temor, senão á vingança De ambas as partes se derramava sangue, e a constancia de huns, e outros inimigos fazia contingente o successo. Quando chegou o Governador com o resto do poder, e carregou o inimigo de maneira, que começou a fraquear na defensa; pouco a pouco nos foi largando o campo,

Sahe D. Alvaro em terra.

O governador o segue, e toma a Cidade.

até que com declarada fugida, nos deixou a victoria. Entrou o Governador com os Mouros de envolta na Cidade, onde perecêrão muitos á vista das mulheres que não souberão deixar, nem defender. Ao estrago succedeo a cobiça; o despojo igualou a victoria; apenas se pode recolher a fazenda nas vasilhas da armada. Ardeo em poucas horas a Cidade com terrivel incendio, ficando segunda vez lastimosas suas ruinas pela memoria de hum, e outro estrago. Perdemos nesta facção cinco soldados, o inimigo duzentos; maior numero seria o dos feridos.

Chega a Agaçaim.

O Governador deixando a Cidade abrazada, se tornou a embarcar, e foi demandar Agaçaim, onde o esperava Dom Diogo de Almeida com cento e cincoenta cavallos, e a milicia da terra, com quantidade de barcas para passar a gente. Deteve-se o Governador aqui hum dia, em que se informou dos desenhos, e forças do inimigo; e logo no seguinte, que era vespera do Apostolo S. Thomé, se resolveo cometer os Mouros, e invocar o nome do Santo na batalha, não lhe querendo tirar a honra da protecção da India comprada com a doutri-

na, e sangue derramado na Cruz de seu martyrio.

Estava o inimigo alojado na villa de Morgão, que de Agaçaim ficava em pequena distancia; o que sabido pelo Governador, ordenou a sua gente em duas batalhas. A primeira deu a seu filho Dom Alvaro de Castro, companheiro de suas victorias, com quem forão os Naires de Cochim, e os casados de Goa. A segunda, que tomou para si, se compunha de todos os Fidalgos, e soldados da armada, aos quaes a cavallaria da Cidade guarnecia os lados. Nesta ordem mandou fazer a marcha, lançando alguns cavallos diante, que descobrissem o campo. Enveste os inimigos.

Os Mouros estavão derramados sem ordem, ou disciplina, como gente que não temia inimigo, ou o não esperava; porém tanto que alguns soldados, que andavão pelo campo, virão nossas bandeiras, e por vista, ou aviso, entendérão, que O Governador os buscava, forão dar conta a Cala Batecão sobresaltados, encarecendo o poder, que o temor, ou a distancia fazia mais crecido. O Turco assombrado de ter já sobre si tão victoriosas armas, não teve mais acordo, que Fogem.

para fazer com a fugida aos seus exemplo. Deixárão nos quarteis as tendas, bastimentos, e bagagens, e ainda as viandas da ceia, já quasi cozinhadas, que forão para o trabalho da marcha, necessario, e suave despojo. Nesta fugida começou a tomar o Governador posse das terras, e da victoria.

D. Alvaro os segue. Passárão-se os Mouros á outra banda de hum caudaloso rio, que só se podia atravessar por huns vallos ordenados a maneira de ponte. Estes cortou o inimigo por impedir o sequito dos nossos, porém com tanta pressa, que ainda a terra movediça deixava passo aberto, e ainda que difficil, não perigoso. Por esta parte tentou Dom Alvaro a passagem do rio, començando poucos, e poucos a vadealo, como a estreiteza do lugar o sofria.

Voltão. Não estava tão alheio de si o inimigo, que perdesse a occasião de peleijar com tão conhecida ventagem. Voltou cos seus ao rio, mostrandonos, que fora ardil o temor cauteloso. Carregárão os Mouros sobre os que hião passando trémulos, poucos, e desordenados. O Governador os animava a que passassem, com a voz, com o imperio, com a presença, mas o te-

mor venceo a obediencia; voltárão os primeiros, não sem derramar sangue, e com peiores sinaes, que os das feridas. Já a este tempo a impaciencia do Governador fez cometer o rio por differentes partes. Dom Diogo de Almeida o vadeou com hum troço de cavallaria, achando por aquella parte melhor váo, e melhor fortuna; porque se topou com o General dos Mouros, que a cavallo andava ordenando, e animando os seus, ao qual envestio com grande gentileza. Do encontro veio o Turco a terra cahido, mas não desacordado, porque levantando-se, meteo mão ao alfange, e buscou a Dom Diogo, que ainda que não perdeo a sella, ficou desacordado com a força do golpe, por hum pequeno espaço; mas tornando a cobrar-se, cometeo segunda vez o Turco, soccorrido de dous soldados, e o deixou com muitas feridas estendido no campo.

Mata D. Diogo o General.

Os outros capitães, ainda que com difficuldade atravessárão o rio, estimulados do exemplo do Governador, que vião andar com os inimigos envolto, mais envejado, que obedecido de seus mesmos soldados; que derramados, e sem ordem, se lançavão ao rio, huns tardos, outros

Peleija o Governador.

precipitados; porém depois que passou a gente toda, carregou com tal força o inimigo, que não podendo sofrer o peso da batalha, foi desemparando o campo. O Governador, que não perdoava accidente á sua fortuna, foi apartando os Mouros, já timidos, e desordenados, de sorte, que em breve espaço rematou a victoria. Morrérão poucos dos nossos, forão muitos feridos: nos Mouros foi o estrago grande, e no alcance maior que no conflicto; porque como os nossos não tomavão cativos, com o mesmo golpe cortavão oppostos, e rendidos. Dom Alvaro de Castro mandando, e peleijando, nunca pareceo mais filho de tal pai, que neste dia. Os outros Fidalgos, e Cavalleiros se houverão tão iguaes no valor, que nenhum mereceo segunda fama. Com o nome de S. Thomé, e em seu dia se venceo esta batalha, dando de seu favor aos Catholicos Orientaes hum testemunho illustre. Foi esta rota memoravel, e ainda cantada muitos annos das donzellas de Goa, inventando na singeleza de versos faceis, louvores sem artificio, nem lisonja.

Alcançou a victoria.

Em dia de S. Thomé, e com seu nome.

Despedio o Governador a gente, e foi se descansar a Pangim, escu-

sando-se de ter a festa em Goa, desprezando as palmas, e triumphos Marciaes justamente; pois era já seu nome na voz do Mundo, maior que todo applauso. Aqui esteve despachando as náos de carga, que havião de voltar ao Reino, em que foi embarcado Dom João Mascarenhas, varão mais constante nos perigos da Asia, que nas adversidades da patria. Foi recebido d'ElRei, e da Nobreza com honras não vulgares. Os premios não respondérão com igualdade aos serviços. Foi Conselheiro d'ElRei Dom Sebastião no Estado, depois hum dos Governadores do Reino. Casou com Dona Elena filha de Dom João Castellobranco, de que deixou illustre, e fidelissima posteridade.

Despacha as náos do Reino.

Elogio de Dom João Mascarenhas.

Não pareceo a Dom João de Castro, que estava o Hidalcão ainda bem cortado de nossas armas; resolveo quebrantalo com mais pesada guerra. Assegurou com grosso presidio as terras de Salsete, deixando a Dom Diogo de Almeida com cento e vinte cavallos, e mil piões da terra; e nos rios de Rachol ordenou, que ficassem alguns navios para defensa das aldeas vezinhas, cujos lavradores desamparavão as terras, vendo o dominio del-

Continua o Governador a guerra.

las incerto, e contingente pela instabilidade dos successos da guerra. Entendedo pois o Governador, que seria facil de prostrar hum Reino declinado, foi continuando com o Hidalcão a guerra, querendo que de seu castigo fizessem argumento os emulos do Estado. Mandou embarcar os soldados, que tinha sempre promptos, porque era a todos nos perigos companheiro, e nos trabalhos pai; e dando á véla, foi navegando por aquella costa do Hidalcão, a qual destruyo com tão igual açoute, que não deixou lugar, que pudesse consolar as miserias de outro; não se livrou nenhum pela resistencia, alguns pela distancia.

Danos que faz.

Assola Dabul o de cima.

Outro Dabul, que chamão de cima, que por espaço de duas legoas se apartava da praia, estava por forte, e por distante rico com os depositos, e fazendas de muitos; mas nem assim lhe valeo o abrigo da terra, para se eximir da fortuna dos outros; porque o foi demandar o Governador, dando a seu filho Dom Alvaro o primeiro perigo, a que chamão os soldados vanguarda (que estes erão os favores daquelle pai, e os daquelle tempo), porém quando chegou, os Mou-

ros tinhão assegurado no interior do sertão pessoas, e fazendas. Não achárão os nossos cousa, que servisse á victoria; ao estrago si, porque os edificios, que não puderão servir ao despojo, pagárão com a ruina. Vierão as Mesquitas, e Pagodes a terra, deixando os Idolos desfeitos, e prostrados, sem que a ira dos nossos de pedra a pedra fizesse differença, chorando aquelles Mouros, e Gentios, com humas mesmas lagrimas, as miserias de seus deoses, e as suas. Passou a indignação de nossas armas a talar a campanha, destruindo os gados, e palmares, para que a fome acompanhasse a guerra; espada, de que os não podiao livrar a fuga, ou resistencia. Ficou em fim tão assolado tudo, que das povoações á campina se não fazia differença pela vista, senão pela memoria. Tala a campanha.

Recolheo-se o Governador a Baçaim, donde voltou as armas á guerra de Cambaia, despedindo alguns Capitães para que danassem todo aquelle maritimo, fazendo presas nas náos de Meca, que vinhão ancorar nos portos da enseada; o que Dom Antonio de Noronha, e Dom Jorge Baroche fizerão com felices armas, Vai a Baçaim. Faz danos a Cambaia.

crescendo com presas, e victorias reputação, e forças ao Estado, sendo nossas armas respeitadas, e temidas nos dias de Dom João de Castro de maneira, que os mais dos Principes da Asia, vezinhos, e distantes, com voluntaria obediencia tributavão ao Estado, para no abrigo de nossas forças defender, ou assegurar os Reinos. Desta verdade nos darão os Reis de Campar, e Caxem não leves argumentos.

Rax Solimão quem foi.

Escrevem nossas Chronicas, e com maior espanto as estranhas, aquelle famoso cerco de Dio, que defendeo Antoneo da Silveira, de quem as armas do Turco recebêrão na India, ou a primeira, ou a maior afronta. Foi General da empresa Rax Solimão, que depois de perder no sitio grande parte da armada, o temor de nossas náos, ainda ancoradas no porto, o fez retirar fugindo, e deixando em terra bagagens, e feridos. Este vendo, que não podera conseguir a facção prometida a seu Senhor, o qual soberbo, e imperioso não costumava aceitar satisfação de culpas, ou desgraças, quiz antes arriscar a fidelidade, que a cabeça. Entrou no porto de Adem com voz de amigo, onde

Chega a Adem.

o Rei o mandou visitar com mimos, e refrescos da terra, cauto porém, e vigilante em guardar a Cidade, porque a fé, e o poder fazião ao Baxá sospeitoso. O Turco que vio sua traição temida, ou descuberta, quizera por escala cometer a Cidade, porém temeo a fortaleza da praça, e o valor dos Arabios; e assim recorreo a outro ardil mais vil, e mais seguro; qual foi mandar-se desculpar com o Rei de não entrar na Cidade, por não perder a monção, que lhe pedia quizesse vir a bordo, porque tinha que lhe communicar negocios do Grão Senhor em beneficio de seu Reino. O pobre Rei facil, e credulo em prosperar o estado, se foi logo ver ao mar com o Baxá assegurado da consciencia innocente; mas o tiranno esquecido da fé, e humanidade, o mandou descabeçar na galé entre baldões, e mofas, deleitando-se cruel em traição tão feia. Morto o Rei foi facil ao Baxá occupar a Cidade na violenta morte de seu Principe temerosa, e confusa. E porque pela vezinhança dos Turcos custou cuidado, e sangue ao Estado, daremos della huma breve relação.

Degola o Rei.

Jaz situada na costa da Arabia Fe-

Sitio de Adem.

lix em altura do Pólo Artico de doze gráos, e hum quarto, abrigada de huma pequena serra, que com alguns castellos lhe defende a entrada da terra. Está assentada na boca do Estreito, o porto limpo, capaz de ancorar navios de todo porte, ainda que descuberto aos Ponentes, que são os ventos, que alli cursão nas monções do Estio. A arte, e a natureza a fizerão defensavel por terra, assegurando-se da ambição dos Regulos vezinhos, e incursões dos Alarves Arabios, que com importunas correias molestão a campanha. Está no porto huma pequena Ilha medianamente fortificada, a que os naturaes chamão Cirá, defronte fica outro surgidouro abrigado de muitos ventos, onde costumão dar fundo as náos, que navegão a Meca. Não tem rios, ou fontes que fertilizem a terra, e tambem as aguas do Ceo lhe faltão por dous, e por tres annos, ou seja condição do clima, ou castigo secreto; assim a conduzem em cáfilas de camelos de partes mui remotas. A droga principal da terra he Ruiva; mas o que mais lhe importa he a ancoragem das náos, que navegão o Estreito. A gente he bellicosa, e cruel, segue com prom-

ptidão a guerra, pelos despojos mais, que pela victoria.

Occupada pelo Baxá a Cidade, vendo-se, ainda que intruso, obedecido, começou a quebrantar o povo com diversos gravames, tirando-lhe as forças para melhor os dominar, timidos, e sujeitos. Aos poderosos mandava degolar, e confiscar sem causa, sendo a vida culpa, a riqueza delicto. O sofrimento dos miseraveis era melhor para virtude, que para remedio; porque até da paciencia servil dos innocentes se cansava o tiranno. No dominio da Cidade lhe succedeo Marzão, e tambem nos insultos, tão crueis, que apurárão de todo a paciencia dos pobres moradores, resolvendo-se a podelo sofrer como inimigo, mas não como Senhor. Tiverão meios para offerecer a ElRei de Campar a Cidade, e a obediencia, dizendo, que com qualquer soccorro acometterião os Turcos descuidados com o dominio pacifico, e quasi hereditario, e muito mais com o desprezo de homens, que tinhão, ao parecer, perdido a memoria de sua liberdade, e sua injuria.

Solimão a occupa.

Quem lhe succede.

Os moradores a offerecem a ElRei de Campar.

O Rei vezinho, com palavras de lastima, e agrado, lhes aceitou a offerta;

Aceita-a o Rei, e que faz.

ou fosse ambição, ou humanidade. Escolheo entre os seus mil soldados benemeritos de facção tão grande, querendo ser o mesmo Rei companheiro, e Capitão de todos. Partírão no silencio da noite, e chegando a Cidade, lhe derão os conjurados huma porta, por onde entrárão, fazendo-se senhores do castello com leve resistencia. Marzão com quinhentos Turcos se fez forte nos paços, mais certo do perigo, que das causas, e autores delle. Com a primeira luz do dia appareceo ElRei capitaneando os seus, e logo enviou a Marzão hum trombeta dizendo, que aquella Cidade era sua por antigos pretextos, e agora por eleição dos proprios morádores; que opprimidos com a intrusão do Baxá tiverão a voz, e a liberdade atadas para não pronunciarem o nome de seu natural Principe; que elle os vinha amparar como a affligidos, e mais como a vassallos; que se quizessem deixar a Cidade, lhes faria tratamento de amigos, permittindo-lhes levar as armas, e roupa que tivessem; e quando não, a justiça, e a victoria o farião duas vezes senhor de seus mesmos vassallos.

Que fazem os Turcos.

O Turco, entendida a conspiração

dos Arabios, e que para se defender lhe faltavão forças, e bastimentos, obedeceo ao tempo, sahindo com as bandeiras arvoradas, tocando caixas, a occupar hum castello distante oito legoas, do qual intentou com os soccorros de Baçorá, reduzir a Cidade á servidão primeira. Começou assaltando aos de Adem as cáfilas, que bastecião a Cidade, a qual como recebe do sertão agua, e mantimentos, padeceo em breves dias grandes necessidades, porque se alguns bastimentos lhes entravão, erão poucos, custosos, e furtivos. Com lagrimas o povo lastimado pesava em huma mesma balança a fome, e a tirannia; males, de que só tinha miseravel escolha. Engrossava o tiranno seu partido com soccorros continuos, a que não podia o Rei fazer opposição com forças iguaes; e discorrendo com as cabeças do Povo sobre os meios de salvar a Cidade, lhe trouxerão á memoria a fama de nossas victorias contra Turcos, e a fidelidade de nossa protecção aos confederados. Resolvêrão mandar huma Terrada ao Capitão de Ormuz, que então era Dom Manoel de Lima, offerecendo huma fortaleza, e os rendimentos da alfandega; dando-nos jun-

São soccorridos.

Mensageiro dos moradores a Ormuz.

tamente a conhecer o perigo do Estado, se os Turcos firmassem o pé naquella praça.

Era fama, que o Marzão esperava de Baçorá em breve importantes soccorros; e que se o deixassem engrossar o poder, cometeria Cidade com força descuberta; polo que ElRei de Campar mostrando-se no discurso, e no valor soldado, não querendo que este tronco prendesse com maiores raizes, determinou com tres mil homens escolhidos, cercar a fortaleza; o que emprendeo com maior resolução, que fortuna, porque nos primeiros assaltos o matárão. Os Arabios cortados do temor com a morte do Rei, deixado o sitio, vierão a sepultar o corpo, sendo na occasião a vingança mais opportuna, que a piedade.

Topa D. Paio de Noronha.

A Terrada que navegava a Ormuz, entrando o cabo de Rosalgate, se encontrou com Dom Paio de Noronha, que com doze navios de remo, guardava aquelle Estreito, e entendida a pertenção do Arabio, parecendo-lhe este soccorro digno de todo grande soldado, escreveo ao Capitão de Ormuz, que se não houvesse de tomar esta honra para si, lha não negasse a elle. Dom Manoel lhe mandou mais dous

navios, e alguma gente escolhida, para que fosse assegurar a Cidade, em quanto lhe aprestava maiores forças; e ao Embaixador d'ElRei de Campar, depois de lhe fazer honrado tratamento, aconselhou, que pedisse ao Governador da India armada, que elle era tal, que não negaria amparo aos amigos do Estado, mormente contra Turcos, cuja guerra tomavamos como herança de nossas armas.

Chegou D. Paio a Adem, onde foi recebido com a benevolencia, e grandeza, que puderão a seu proprio Principe, entregando-lhe a Cidade, tanto para a defensa, como para o governo. Arvorárão huma bandeira nossa, pola qual se apostárão a morrer todos, sangrando-se nos peitos com demonstrações, e ceremonias barbaras, mas fieis, protestando, que defendião aquella Cidade, como membro do Estado, de que já erão por obediencia vassallos, e filhos por amor. Porém D. Paio se portou de maneira, que fez declinar a opinião de nossas armas no Oriente, e nós troncaremos os accidentes desta Historia em beneficio de tão grande appellido; dado que andão de outra penna mais livre referidos em vulgares escritos.

Chega a Adem.

E não se ha bem.

Os moradores envião a Goa.

Desamparados os de Adem por D, Paio, nem assim perdérão a devoção do Estado, defendendo a Cidade com a voz de Portugal na boca; e porque ou não tinhão, ou não quizerão outro abrigo, que o de nossas armas, resolvérão enviar huma pessoa Real ao Governador, que lhe significasse o estado em que se achavão; de cujas miserias podiamos tirar nova fama, não desprezando a gloria de amparar affligidos; que o Principe de Adem queria receber do Estado as leis, e a Coroa, a quem se faria feudatario com hum grato, e honesto tributo.

Alegra-se o Governador.

D. João de Castro se alegrou de ver soar seu nome, e suas victorias nos ouvidos dos Principes remotos, fazendo-os não só reverentes, mas sujeitos. Em Goa houve grande alvoroço com a mensagem, vendo que a fortuna do Governador tornava ao Estado as felicidades da primeira India, pois aonde outras armas mal havião chegado por noticia, as suas chegavão por imperio.

Manda seu filho.

Deu o Governador esta empresa a seu filho Dom Alvaro, tão benemerito de todas, que não pareceo a eleição de pai, mas de ministro. Quizerão-se embarcar com elle muitos Fi-

dalgos velhos, que o Governador desviou com hum modesto decreto, ordenando, que se ficassem em Goa, porque necessitava delles para cousas maiores; era porém tão grande o gosto da jornada, que recebêrão o decreto como aggravo de todos; parece que era o vicio daquelles tempos a ambição dos perigos. O Governador os satisfez, alegre de ver aquelles espiritos criados debaixo de sua disciplina. Mandou logo espalmar, e bastecer trinta navios de remo, de que fez Capitães a Dom Antonio de Noronha, filho do Viso-Rei Dom Garcia, Antonio Moniz Barreto, que hia provido na fortaleza, que se havia de fazer em Adem, D. Pedro d'Eça, D. Fernando Coutinho, Pero de Attaide Inferno, D. João de Attaide, Alvaro Paez de Sottomaior, Fernão Pirez de Andrade, Pero Lopez de Sousa, Rui Diaz Pereira, Pero Botelho Porca, irmão de Diogo Botelho de casa do Infante Dom Luis, Alvaro Serrão, Luis Homem, Melchior Botelho, Veador da fazenda, Gomez da Silva, Antonio da Veiga, Luis Alvarez de Sousa, João Rodriguez Correa, Diogo Correa, que tinha vindo com o Embaixador de Adem, Diogo Banho,

Com que armada.

Pero Preto, Alvaro da Gama, e outros.

Outra Embaixada de Caxem.

Poucos dias antes que sarpasse a armada, chegou a Goa hum Embaixador d'ElRei de Caxem, a quem os Fartaques vezinhos havião usurpado grande parte do Reino. Este, como reinava na outra contracosta da Arabia, sabendo que Adem era soccorrida de nossas armas, ajuizando que com a mesma armada o podiamos restaurar, escreveo ao Governador, que não seria menos grato ao Mundo restituir a Caxem, que defender a Adem. Representava quão fiel hospedagem achárão nossas armadas em seus portos, fazendo resenha das que alli havião ancorado em tempos differentes, a cuja causa se fizera aos Turcos sospeitoso; offerecia além da fidelidade moderado tributo. O Governador entendendo, que estes soccorros reputavão nossas forças, e criavão amigos ao Estado, assentou, que com a mesma armada se désse favor ao de Caxem, visto ser huma mesma a viagem, e a despesa, com que se podia obrar huma, e outra empresa. E porque os de Adem, como cercados, necessitavão de prompto soccorro, o Governador antevendo, que o corpo da armada podia chegar tarde, frustrando

Reposta do Governador.

o intento, e cabedal, despachou logo a Dom João de Attaide com quatro navios, para que entrasse em Adem, e entretivesse o cerco até chegar Dom Alvaro. D. João de Attaide deu á véla, e por lhe ventar o Noroeste grosso, desaparelhou hum dos navios, que arribou destroçado, os mais forão seguindo sua viagem.

Entretanto peleijavão em Adem obstinadamente cercadores, e cercados, derramando de ambas as partes sangue. Carregava o pezo desta guerra sobre alguns Portuguezes da armada de Dom Paio, que mostrárão valor illustre em nascimento humilde; os quaes se empenhárão na resistencia, como se defendérão sua patria no principado alheio. Estes bastárão a embaraçar aos Turcos a victoria muitos dias, e como erão soldados de fortuna, nossas Chronicas com ingrato silencio lhes callárão os nomes, como se a virtude necessitára de heroicos ascendentes, o fossem menos honrados estes por suas obras proprias, que os outros pelas alheias. Creio que com injuria da natureza criárão novas leis os poderosos, em que não só fazem hereditarios os morgados, mas os merecimentos.

O que passou em Adem.

Chegão Turcos. Estando as cousas de Adem na contingencia, que temos referido, appareceo a armada dos Turcos, que constava de nove galés Reaes, e algumas galeotas, as quaes derão vista á Cidade, surgindo fóra da enseada, sahírão em terra, armárão tendas, e fortificárão alojamento, avisando ao Baxá se lhes aggregasse com a gente que tinha. Os Arabios, que virão sobre si forças tão grandes, acudião remissos á defensa, huns tibios, outros desconfiados, parecendo-lhes insuperavel o valor, e o poder dos inimigos, e já em privadas juntas accusavão em seu Rei a ambição de dilatar a Coroa com o sangue do innocente povo, não cabendo seu espirito na fortuna de seus antecessores. Porém os Portuguezes, que com elles estavão, vendo que dos casos mais arduos era mais gloriosa a fama, esforçárão os Arabios, mostrando-lhes a resistencia necessaria, e possivel; offerecendo-se de novo por companheiros voluntarios de sua fortuna; o que bastou a criar-lhes outros espiritos novos com que se apostárão a morrer na defensa; menos pela obrigação, que pelo exemplo.

Poem-lhe cerco. Sitiárão a Cidade os Turcos, pon-

do-lhe duas batarias com algumas peças de disforme grandeza, entre ellas duas, que chamavão Quartaos; jogavão balla de quatro palmos de roda; fizerão nos muros mais ruinas, que brechas, com que aos cercados o perigo ensinou a disciplina, fazendo seus reparos, e travezes por dentro, com que entretinhão, e rebatião os assaltos, e fazião aos Turcos duvidosa, e custosa a victoria. Porém Dom Paio de Noronha (arrastado de algum fatal destino) privou aos Arabios da victoria, aos nossos da honra, mandando secretamente avisar a todos os Portuguezes se viessem a elle, desemparando a defensa do Principe feudatario, e amigo, faltando ás obrigações do cargo, e ás do sangue. Os mais dos Portuguezes obedecérão, só Manoel Pereira, e Francisco Vieira, dous soldados de fortuna, disserão, que aquella Cidade era d'El-Rei de Portugal, e que na defensa della havião de perder as vidas: parece que na milicia daquelles tempos primeiro se perguntava pelo valor, que pela disciplina. Estes sustentárão a Cidade até o ultimo dia, ganhando melhor opinião na ruina, que os Turcos na victoria.

D. Paio manda recolher os nossos.

Que fazem os Arabios.

Logo que os Arabios entendérão, que erão os Portuguezes recolhidos, perdida a esperança da defensa, tratárão de partidos; mandou porém o Principe cessar a pratica, dizendo, que antes sahiria da Cidade desbaratado, que rendido; que aquella bandeira d'ElRei de Portugal não havia deixar ganhala aos Turcos sem nodoas de seu sangue: fidelidade digna de ser melhor assistida de nossas armas. Continuou os assaltos o inimigo, conhecendo já nos moradores divisão, e fraqueza, com que tornou a tomar calor a pratica da entrega; a qual o Principe atalhou sempre, a si mesmo fiel, e ao Estado. Porém o perigo, a fome, e a desconfiança dobrárão alguns dos moradores para darem ao inimigo huma porta secreta, por onde entrou a Cidade. O Principe com a vida desempenhou a fidelidade prometida ao Estado, peleijando com espirito Real, mas infelice. Manoel Pereira, e Francisco Vieira salvárão a hum Infante, que levárão a Campar, consolando aos vassallos com aquelle pequeno ramo de seu prostrado tronco.

Successo de D. João de Attaide.

Dom João de Attaide, que deixamos no mar com tres navios, foi fazendo viagem, e porque tinha ven-

tos de servir, em poucos dias vio a costa da Arabia, e foi demandar a Cidade de Adem, e entrando a remo na bahia, deu de rosto com as galés que estavão surtas; e porque ainda cursavão os Levantes, se tornou a sahir para o pégo. Os Turcos, logo que virão os navios, levárão as ancoras, e os forão seguindo tão apressadamente com a ventagem do remo, que os navios de Gomez da Silva, e Antonio da Veiga, lhes ficavão já quasi debaixo dos esporões das galés, e vendo que lhes não era possivel a fugida menos a resistencia, varárão os navios na terra, que lhes ficava perto, onde salvárão as vidas. D. João de Attaide, como levava melhor navio, foi metendo de ló tudo o que pode, vendo-se muitas vezes perdido, até que sobreveio a noite, com que se fez na volta do Abexim, em cuja costa espalmou o navio no Ilheo de Mete, que faz frente ás Cidades de Barbara, e Zeila. Os que se salvárão em terra, forão buscar o abrigo d'ElRei de Campar, onde achárão Manoel Pereira, e Francisco Vieira, de quem souberão os successos, que temos referido; forão hospedados, e providos de tudo com amor, e abundancia.

Viagem de D. Alvaro.

D. Alvaro de Castro, partindo com toda a armada junta, como levava os Levantes em popa, fez a viagem breve, e tanto avante, como os Ilheos de Canecanim, lhe sabio Dom João de Attaide; do qual soube a perda de Adem, e como lhe corrérão os Turcos, de cujas galés se livrára com o favor da noite. Dom Alvaro, e os Fidalgos, e soldados da armada, mostrárão justo sentimento desta nova, avaliando em menos a perda do Estado, que o desar de nossas armas, porque das quebras da opinião entre naturaes, e estranhos dura sempre a memoria. O Embaixador, e cunhado d'ElRei de Campar, que hia na armada, sentio vivamente as mortes do cunhado, e sobrinho, consolando-se porém muito com saber que nada ficárão devendo á honra, nem á fidelidade, mostrando nestas considerações animo tão inteiro, como se buscára alivio a dor alheia. Dom Alvaro com os Cabos da armada poz em conselho o que se devia obrar

Faz conselho, e que assenta.

e pareceo a todos, que visto o soccorro de Adem estar frustrado, voltassem as armas em beneficio do Rei de Caxem, como trazia por instrucção a armada, a quem os Fartaques

vezinhos tinhão tomado a fortaleza de Xael; a qual senhoreava hum porto, que era dos poucos, que este Regulo tinha, a principal escala; empresa mais util, que difficil.

Mandou Dom Alvaro governar a Xael, e surgindo á vista do castello, os Fartaques temerosos, ou amigos, recebêrão como de paz a armada. Era o Forte fabricado de adobes, com quatro cubellos tão pequenos, que bastavão para o guarnecer trinta, e cinco soldados, que o presidiavão. Estes, tanto que vírão a armada, lançárão fóra huma mulher, que entendia, e fallava a nossa lingua, a qual perguntando pelo Capitão mór, lhe disse, que os Fartaques erão amigos do Estado; que se vinhamos em demanda daquella fortaleza, a largarião logo. A muitos pareceo, que se lhe aceitasse, porque de inimigos tão poucos, e sem nome, não esperavamos gloria, nem despojo; os mais votárão, que por autoridade de nossas armas, os mandassem render á discrição. Entendida pela mulher esta resolução, disse, que os Fartaques saberião defender as vidas, e o castello, mal satisfeita da reposta dos nossos. Os Mouros tirárão logo huma bandeira

Vai a Xael.

Intenta a escala.

branca, e arvorárão outra vermelha, a que succedeo tirarem os nossos algumas bombardadas, com pontaria tão incerta, que não fizerão dano. D. Alvaro rodeou com todos os seus a fortaleza, que mandou cometer por escala por differentes partes, assegurando os que subião com a espingardaria de baixo, e porque era a carga continua, não ousavão apparecer os Mouros. Fernão Pirez foi o primeiro, que começou a subir por huma escada, levando o seu guião diante, que arvorou, e sustentou no muro. Quasi ao mesmo tempo subio Pero Botelho com o mesmo risco, e fortuna que o primeiro. Estes franqueárão aos mais a subida.

Antonio Moniz Barreto, D. Antonio de Noronha, Dom João de Attaide, e outros forão demandar a porta da fortaleza, que estava entulhada com fardos de tamaras, e não puderão entrar, sem que os nossos viessem por dentro, e a desentulhassem. Os Fartaques se retirárão a dous cubellos, donde se defendião com desesperado valor, engeitando as vidas, que Dom Alvaro lhes offerecia, que parece, querião perder para vingança, ou para desculpa da força, que

Peleijão os Arabios até morrer todos.

não podérão defender, que até entre estes barbaros he o valor a primeira virtude. Peleijárão em fim os Mouros até acabar todos, não merecendo nome de esforço a obstinação barbara, donde não podião esperar victoria, nem vingança. Dos nossos morrérão cinco, e passárão de quarenta os feridos.

Ganhada a fortaleza (facção mais importante ao Regulo, que grande a nossas armas) a entregou Dom Alvaro ao Embaixador d'ElRei de Caxem, que mostrou a gratidão do beneficio, então em bastecer a armada, depois em ter com o Estado fiel correspondencia; e porque se hia gastando a monção, se foi D. Alvaro invernar a Goa, onde foi recebido com applauso maior que a victoria; festas que o Governador fomentou como pai, e Dom Alvaro estimou como soldado.

Ganha-se a praça.

Tomou Lourenço Pirez de Tavora a barra de Lisboa com as cinco náos de sua conserva; as quaes tiverão não só breve, mas facil, e prospera viagem. Dissemos como nellas vinha D. João Mascarenhas, cheio de fama, e de merecimentos. As novas de Dio se derramárão logo pelo povo, ajuizando cada hum, como entendia, a

Chega Lourenço Pirez a Lisboa.

paciencia do cerco, e a resolução da batalha. O vulgo não sabia pôr taixa nos louvores de Dom João de Castro, como gente sem enveja das pessoas, e fortunas maiores. Os Fidalgos, e grandes ajudavão, ou consentião a voz universal de todos, sendo virtude rara, poder sofrer de seus iguaes a fama; e não houve algum tão ambicioso, que desejasse para si melhor nome, nem mais illustres obras.

Festeja-se a nova de Dio.

Vestírão galas os Reis, e a Corte, e determinárão dia para dar graças na Capella com offertas pias, e Reaes. Houve hum douto Sermão, em que se disserão do Governador encomios, e virtudes. ElRei deu conta da victoria ao Summo Pontifice, e aos maiores Principes da Europa, que todos lhe congratulárão, como a mais illustre facção do Oriente. Na carta que escreveo a ElRei, Dom João de Castro, pedia licença para se vir ao Reino, mostrando que não buscava póstos quem deixava os maiores: e porque não parecesse ambição nova o desprezo de tudo, pedia a ElRei duas geiras de terra, que partem com a sua quinta de Cintra, e rematão em hum pequeno cabeço, que ainda hoje conserva o nome do Monte das Alviçaras.

Que pede o Governador de alviçaras.

Parece, que nas honras teve ElRei consideração a seus serviços, e no premio á sua fortuna. Tudo se verifica da sua carta, de que damos a copia.

Carta d'ElRei D. João Terceiro.

« Viso-Rei amigo. Eu ElRei vos « envio muito saudar. A victoria, que « Nosso Senhor vos deu contra os « Capitães de ElRei de Cambaia, foi « de tão grande contentamento para « mim, como era razão, que eu ti- « vesse por tal, e tamanho vencimento, « e por quão grandes mercés, e ajudas « nisso recebestes de Nosso Senhor, po- « las quaes elle seja muito louvado; e « muito se deve á vossa prudencia, e « grande animo, que naquelle dia mos- « trastes; e assim no que fizestes no gran- « de, e apressado soccorro, que man- « dastes á fortaleza de Dio em tão des- « vairado tempo, offerecendo ao mar- « vossos filhos; em que se vio, quanto « mais pode comvosco o que importa a « meu serviço, que o affecto natural « de pai; o que eu assim estimo, co- « mo he razão, vendo, que não so- « mente desbaratastes tão grande po- « der de inimigos, mas ainda déstes « muita segurança a toda a India, no

Que mercés lhe faz ElRei.

« grande receio, que aos inimigos « della fica com esta tamanha victo- « ria cujo serviço assim he razão, que « eu tenha na conta que elle merece, « como que tenha delle o contenta- « mento, que se requere. E do fale- « cimento de vosso filho Dom Fer- « nando recebi mui grande despra- « zer, assim por ser elle vosso filho, « como porque hia bem mostrando « naquella idade, quem houvera de « ser em toda a outra; pois aca- « bou tão honradamente, e em tão « grande serviço de Nosso Senhor, e « meu, deveis de sentir menos sua « perda, e dar graças a Nosso Senhor « por como foi servido, que acabas- « se; o que sei, que vós fizestes, « mostrando ainda no esquecimento « da morte do filho, a lembrança do « que cumpria a meu serviço; das « quaes cousas assim serei sempre « lembrado, que não sómente volas « conhecerei com grande contenta- « mento dellas, mas ainda com mui- « ta mercé; a que agora quiz dar « principio nas que faço a vos, e a « vosso filho Dom Alvaro, guardan- « do o remate dellas para o cabo de « vosso servico, que eu confio, e « tenho por mui certo, que será tal,

« como forão os que atégora me ten-
« des feito, e com esta confiança
« e com a experiencia, que eu disso te-
« nho, desejando muito neste tempo
« vos fazer mercé em todo conside-
« rando porém quanto isto cumpria a
« meu serviço, e vendo por vossas
« obras, quanta mais conta tinheis com
« elle, que com todas vossas cousas,
« houve por bem de vos não dar li-
« cença para vos virdes, como me
« pedieis. Polo que vos encomendo
« muito, e mando, que o hajais assim
« por bem, e que nesse carrego me
« queirais ainda servir outros tres an-
« nos, no fim dos quaes vos manda-
« rei licença para vos virdes embora.
« E eu espero em Nosso Senhor, que
« vos dé mui boa disposição para o
« fazerdes. E porém se por cima do
« que tanto cumpre a meu serviço,
« como he ficardes-me ainda servindo
« nessas partes por este tempo, vos
« a vos parecer que tendes todavia
« necessidade de vos virdes, folgarei
« de mo escreverdes, e entretanto es-
« perareis minha reposta. *Pero de Al-*
« *caçova Carneiro a fez em Lisboa a*
« *vinte de Outubro de mil quinhentos*
« *quarenta e sete.* »

REI.

Creio, que nos pede attenção maior a Carta da Rainha D. Catherina, onde não he só Real a firma, mas tambem o discurso, ajuizando as acções da victoria com madureza de varão, e brios de soldado.

Carta da Rainha D. Catherina.

« Viso Rei. Eu a Rainha vos en-
« vio muito saudar. Vi a Carta, que
« me escrevestes, na qual particular-
« mente me dais conta do que ten-
« des feito, e provido em todas as
« cousas, que vos pareceo que cum-
« prião ao serviço d'ElRei meu Se-
« nhor, e á defensão, e segurança des-
« sas partes; e de tudo ser tão confor-
« me a quem vós sois, e á grande
« confiança que S. Alteza de vos tem,
« recebo tanto contentamento, como
« he razão, assim por ver, que S. Alte-
« za he de vos tão bem servido, como
« pela muita honra, que nisso tendes
« ganhada. E quanto ao cuidado, e
« grande diligencia, com que logo en-
« tendestes no corregimento, e provi-
« mento da armada, foi grande prin-
« cipio, e mui necessario para reme-
« dio de tamanhas cousas, como depois
« se offerecêrão; e por certo tenho, que

« por mui grande, que fosse, o traba-
« lho, que nisso levastes, seria maior
« o contentamento, que terieis de ser
« tão bem empregado. E a guerra,
« que fizestes ao Hidalcão, foi cousa
« mui bem acertada, pois tão claro
« se vio nella o contrario da opi-
« nião, que dizeis se tinha, que da
« guerra dos Portuguezes lhe não po-
« dia vir dano; o que seria causa de
« a mover tantas vezes; nem de sua
« paz se lhe seguia proveito, pelo
« que não estimaria quebrala. E se
« elle soubera quem vós sois, e quan-
« to mais vos lembra a honra, que o
« proveito, não curára de vos fazer
« o offerecimento, que vos fez acer-
« ca de Meale; mas a pouca impres-
« são que fez em vos, e vosso claro
« desengano, lho daria a conhecer.
« E quanto ao negocio do cerco, e
« guerra da fortaleza de Dio, foi
« mui grande merce de Nosso Senhor
« a victoria, que vos alli deu contra
« tamanho poder, e número de ini-
« migos de sua santa Fé Catholica,
« que de tão diversas partes alli erão
« juntos, e mui claro sinal de elle
« ter de sua mão o Estado de essas
« partes, e lhe dou por tudo tantos
« louvores, como he razão, e lhe

« devo. E muito acrecenta no grande « contentamento, que ElRei meu « Senhor, e eu temos de tamanho « vencimento, ver com quanta pru- « dencia, e discrição provastes em « todas as cousas, que para se poder « alcançar, erão necessarias, e quão « animosamente vos houvestes o dia « da batalha, e com quanta preste- « za soccorrestes aquella fortaleza, of- « ferecendo a isso vosssos filhos em « tão fortes tempos, o conhecimento, « que S. Alteza, e eu temos de todas « estas obras, e do grande fruto, que « dellas seguio, he mui conforme « á qualidade, e grandeza dellas; e « assim confio, que o Sua Alteza mos- « tre, na honra, e mercé que vos fa- « rá, e porque tudo se vos deve; e « bem o deu a entender no gosto, e « contentamento, em que logo quiz « dar a isso principio, nas que agora « fez a vos, e a vosso filho D. Al- « varo, segundo vereis por sua carta. « E do falecimento de D. Fernando vos- « so filho, recebi mui grande despra- « zer, assim por quanto sei, que o ha- « vieis de sentir, como pela perda de « sua pessoa, que segundo tinha mos- « trado naquelle feito, se pode bem « ver, que foi grande; mas eu tenho

« tal conhecimento de vos, e de vossa
« muita prudencia, e virtude, que sei
« certo, que em todo tempo, em que
« Nosso Senor o levára parasi, vos
« conformareis vós com sua vontade,
« e tomareis de sua mão; quanto
« mais sendo naquelle, em que por
« defensão de sua Fé, e em tamanho
« serviço de S. Alteza, tão honrada-
« mente acabou, e cumprio com a
« obrigação de quem era, que são
« razões mui grandes para vós mui-
« to o deverdes fazer assim, e muito
« menos sentirdes sua morte. E quan-
« to ao que me pedis acerca de vossa
« vinda, em que Dona Leonor vossa
« mulher (que eu muito folguei de
« ver polo merecimento de sua pessoa,
« e virtudes, e pola muito boa von-
« tade que lhe tenho) me fallou de
« vossa parte, como em cousa que
« tanto deseja; estimára eu muito de
« com gosto, e contentamento de El-
« Rei meu Senhor, poder nisso sa-
« tisfazer a vos, e a ella; mas polo
« muito, que Sua Alteza tem de vos-
« so tão bom serviço, e pola gran-
« de falta, que lá poderia fazer em
« tal tempo vossa pessoa, houve por
« bem de se servir ainda lá de vos,
« outros tres annos, segundo por sua

« carta vereis. E tenho por mui cer-
« to, que por todas estas razões o
« havereis assim por bem, e vos rogo
« muito, que assim seja, e espero em
« N. Senhor, que vos dará saude,
« e for as para o poderdes fazer,
« e vos ajudará, e esforçará em to-
« dos vossos trabalhos, pois delles se
« segue tanto seu serviço; e pois sa-
« be que o principal respeito por-
« que S. Alteza o ha assim por bem,
« he saber, que será elle lá de vos
« inteiramente servido. E na lembran-
« ça, que entre tamanhos trabalhos,
« e tão importantes negocios, tives-
« tes daquellas cousas minhas, que
« levastes a cargo, se vê bem, quan-
« to desejo tendes de nisso, e em
« tudo me servir, o qual eu estimo,
« como he razão. E quanto o que to-
« ca a Diogo Vaz, por outra carta
« vos escrevo o que nisso folgarei que
« se faça. Com o benjoim de boninas,
« e com todas as mais cousas que me
« enviastes por Lourenço Pirez de Ta-
« vora, recebi muito prazer, por ser
« tudo tão bom, que bem parece ser
« enviado com tão boa vontade, a
« qual eu ainda mais estimo, e tudo
« vos agradeço muito. E dos criados
« meus, e pessoas, que me escreveis,

« que lá tem bem servido, e assim das « cousas, em que vos parece necessario « prover, farei lembrança a ElRei meu « senhor, como pedis que faça. O que « S. Alteza houver de prover, assim nos « officios como nas merces, que houver « de fazer a todos os que lá o servem, ha « de ter tanto respeito ao que vós em « tudo lhe escreverdes, e pedirdes co- « mo he razão que seja; e muito vos « agradeço a boa informação, que a Sua « Alteza dais dos meus criados, que na- « quelle feito de Dio se achárão, e assim « o muito favor, e boas obras, que sei, « que a todos lá fazeis por meu respei- « to. *Pero Fernandez a fez em Lisboa « a trinta dias de Outubro de mil qui- « nhentos quarenta e sete.* »

A Rainha.

Não he de menor estimação a carta, que lhe escreveo o Infante Dom Luis, como de Principe em fim, que tão grande juizo soube fazer de merecimentos, e virtudes.

Carta do Infante D. Luis.

« Honrado Viso-Rei. Recebi vos- « sa carta, que veio nesta armada de « Lourenço Pirez de Tavora, em que

« me dizeis, que recebestes a minha,
« que por Luis Figueira vos mandei,
« e agradeço-vos muito dizerdes-me,
« que vos parecérão bem as lembran-
« ças que vos fazia; e muito mais
« o pordelas em obra; e bastava pa-
« ra o eu crer que seria assim, ainda
« que vos eu não conhecéra, ouvir
« o que lá fazeis, e ver, que com
« a boca cheia me escreveis vossos tra-
« balhos, pobreza, e abstinencia, cou-
« sas com que se vence o Diabo, o
« Mundo, e a Carne, que nessas par-
« tes da India tem tanto poder; o
« que he maior victoria, que a d'El-
« Rei de Cambaia, nem ainda de
« todo o poder do Turco. Polo que
« em quanto viverdes não deveis de
« temer cousa alguma, mas antes espe-
« rai em Nosso Senhor, que vos aju-
« dará, como agora fez na defensão, e
« batalha de Dio, em cuja victoria vós
« tendes muito que lhe louvar, pois
« vos fez instrumento de tanto serviço
« seu, e d'ElRei meu senhor, e de
« tanta honra vossa, e de todos os Por-
« tuguezes; assim dos que se achárão
« comvosco, como dos que estiverão
« ausentes. E certo, que vós tendes
« feito nesta jornada, desdo primeiro
« dia que tivestes novas do cerco de

« Dio, até o de vossa, e nossa « victoria, tudo o que entendo, « que hum valeroso, e astuto Capi- « tão podia fazer, assim na preste- « za dos soccorros, como em por- « des vossos filhos por balisas da « fortuna, e perigos do Inverno; « e mares da India, para que os « outros os tivessem em menos: no « que se mostra bem claro, quanta « mais parte tem em vos o serviço « d'ElRei meu Senhor, e a obriga- « ção de vosso cargo, que os effeitos « naturaes de pai, que são os que « mais forção a natureza. E no sofri- « mento que mostrastes na morte de « Dom Fernando de Castro vosso fi- « lho, se confirma bem esta opinião, « e certo, que eu o senti por mim, e « por vos, e houve por mui grande « perda, por quão certos sinaes nel- « la via de seu grande esforço: e « creio, que nisso lho quiz Deos pa- « gar, com o tirar de vida tão tra- « balhosa por meios tão honrados, « e de tanta gloria sua, que deve « ser grande causa de vossa consola- « ção. Dom Alvaro de Castro vosso « filho não empregou mal sua jor- « nada, pois com tantos trabalhos, « e perigos soccorreo a fortaleza de

« Dio a tempo, que sua chegada
« foi por então o remedio della; e
« de como se nisto houve, e no dar
« nas estancias dos inimigos, e em
« tudo o mais lhe lanço muitas ben-
« çóes por vossa parte, e minha.
« E tornando a vossa determinação de
« aventurardes vossa pessoa, e o Es-
« tado da India, por soccorrerdes
« Dio, foi mui boa, pois de o não
« fazerdes estava tanto mais aventura-
« do; e o chegardes a Dio, e orde-
« nardes vossa desembarcação, e man-
« dardes, que os navios cometessem
« a terra a tempo que havieis de dar
« a batalha, e o modo de cometer
« que nisso tivestes, tudo me pare-
« ceo digno de agora, e sempre dar-
« mos muitas graças a Deos Nosso
« Senhor, e de Sua Alteza vos fa-
« zer muitas mercés, a que agora dá
« principio, como vereis acerca de
« vos, e de vosso filho; e assim o de-
« ve fazer, e fará aos Fidalgos, e
« Cavalleiros, que nessa jornada com-
« vosco o servírão, em especial a D.
« João Mascarenhas, que se houve
« no peso desse cerco, como honrado
« Capitão, e esforçado Cavalleiro.
« Folguei muito de ver o modo, que
« tivestes no escrever a Sua Alte-

« za sobre os serviços, que os Fidal-
« gos, e Cavalleiros, que nessas par-
« tes andão, lhe fizerão no nego-
« cio de Dio, no que se vio, que ti-
« nheis com seus trabalhos conta. Is-
« to fazei sempre por amor de mim,
« e folgai de louvar os homens,
« porque já que está certo, não fal-
« tar quem diga delles os males,
« (que haveis de castigar os que nel-
« les sentirdes) razão he tambem,
« que os bons os levanteis, para que
« os que lá não poderdes galardoar,
« Sua Alteza por vossa informação o
« faça. Eu fallei sobre vossa vinda,
« como me escrevestes, que me elle
« não concedeo, e me deu para is-
« so duas razões, que a meu pare-
« cer, ainda que vós tenhais muitas
« para vós desejardes de vir, Sua Alte-
« za tem muitas mais para vos man-
« dar rogar, que o sirvais nesse gover-
« no outros tres annos, o que haveis
« de folgar de fazer por servirdes a
« Nosso Senhor pola grande mercé,
« que vos tem feito, e a Sua Alteza
« pola confiança, que de vos tem, e
« contentamento de vosso serviço. E
« confiai em Deos, que vos dará for-
« ças para poderdes com os grandes
« trabalhos, e desordens da India, e

« eu espero nelle, que fazendo-o vós « assim, venhais encher estes picos da « serra de Cintra de Ermidas, e de « vossas victorias, e que as visiteis, « e logreis com muito descanso vosso. « Nas cousas particulares vos não fallo, « porque ElRei meu Senhor vos es- « creve o que ha por seu serviço em « reposta da carta geral, que lhe escre- « vestes, que vinha em muito bom es- « tilo, e em muito boa ordem. *Escrita « em Lisboa a vinte e dous de Outubro « de mil quinhentos quarenta e sete.* »

O INFANTE D. LUIS.

Deixa-se bem ver destas cartas, quão gratos erão aos Reis os serviços de Dom João de Castro. Negou-lhe ElRei Dom João a licença que pedia para vir descansar ao Reino, como em beneficio da patria, e do Oriente; prorogou-lhe outros tres annos do governo com nome de Viso-Rei; não teve vida para lograr este acrecentamento; para o merecer, sim: fez-lhe merce de dez mil cruzados de ajuda de custo, e patente de Capitão mór do mar da India a seu filho D. Alvaro; cargo, que já exercitava com menos annos, que victorias.

Tinha entendido ElRei Dom João pelos avisos do Viso-Rei, que a segurança da India necessitava de ter a todo tempo forças promptas para todas as occurrencias do Estado; e que os estragos de Cambaia, junto com o respeito, criavão odio nos Principes vezinhos, cuja ruina era para outros exemplo. Com estas, e outras considerações, despachou este anno para a India seis náos, que partírão em monções differentes. Das primeiras tres, que partírão em Novembro, era Capitão mór Martim Correa da Silva, que levava a fortaleza de Dio. Os outros Capitães erão Antonio Pereira, e Christovão de Sá; e porque na costa da India teve a Capitania os ventos ponteiros, esgarrou, e não podendo ferrar Goa, foi tomar Angediva; donde mandou aviso ao Viso-Rei para o prover do necessario, visto ser-lhe forçado invernar em aquelle porto. O Piloto de Christovão de Sá soube-se marear melhor, porque tanto que avistou a costa da India, foi metendo de ló para se pôr a barlavento de Goa, e houve vista da terra por Carapatão, onde foi demandar a barra.

Manda ElRei seis náos á India.

Logo que o Viso-Rei soube, que

Chega huma a Goa.

entrára náo do Reino, mandou desembarcar os doentes, que elle em pessoa foi visitar, e prover. E certo, que entre as excellencias deste bom Viso-Rei, podemos dar o primeiro lugar á caridade, porque não costuma ser virtude de Soldado, e menos de Ministro. Recebeo as vias, em que achou as honras, e mercés, que havemos dito, estimando estas para desempenho, aquellas para premio; de que os Fidalgos a si proprios se davão parabens, contentes de que ficasse o Viso-Rei outro triennio governando, como quem entendia, que tinhão nelle os soldados pai, e o Estado homem.

Adoece o Viso-Rei. Achava-se Dom João de Castro, gastado menos dos annos, que dos trabalhos de tão continuas guerras, com que veio a cahir rendido ao peso de tão graves cuidados. Enfermou gravemente, e descobrio a doença em poucos dias indicios de mortal; o que elle conhecendo pela molestia de repetidos accidentes, se aliviou da carga do governo. Chamou ao Bispo Dom João de Albuquerque, a Dom Diogo de Almeida Freire, ao Doutor Francisco Toscano, Chanceller mór do Estado, a Sebastião Lopez Lobat-

Deixa o Governo.

to, seu Ouvidor Geral, e a Rodrigo Gonçalvez Caminha, Veedor da Fazenda, aos quaes entregou o Estado com a paz dos Principes vezinhos, assegurada sobre tantas victorias. Mandou vir a si o Governo popular da Cidade, ao Vigario Geral da India, ao Guardião de S. Francisco, a Fr. Antonio do Casal, a S. Francisco Xavier, e aos Officiaes da Fazenda d'ElRei, a quem fez esta falla.

Falla aos do Conselho.

« Não terei, Senhores, pejo de « vos dizer, que ao Viso-Rei da In- « dia faltão nesta doença as commo- « didades, que acha nos hospitaes o « mais pobre soldado. Vim a servir, « não vim a commerciar ao Oriente; « a vos mesmos quiz empenhar os « ossos de meu filho, e empenhei « os cabellos da barba, porque para « vos assegurar, não tinha outras ta- « peçarias, nem baixellas. Hoje não « houve nesta casa dinheiro com « que se me comprasse huma galli- « nha; porque nas armadas que fiz, « primeiro comião os soldados os sa- « larios do Governador, que os sol- « dos de seu Rei; e não he de es- « pantar, que esteja pobre hum pai « de tantos filhos. Peço-vos, que em « quanto durar esta doença, me or-

« deneis da fazenda Real huma ho-
« nesta despeza, e pessoa por vós
« determinada, que com modesta tai-
« xa me alimente.» E logo pedindo hum Missal, fez juramento sobre os Evangelhos, que até a hora presente não era devedor á fazenda Real de hum só crusado, nem havia recebido cousa alguma de Christão, Judeo, Mouro, ou Gentio; nem para a autoridade do cargo, ou da pessoa tinha outras alfaias, que as que de Portugal trouxera; que ainda a prata, que no Reino fizera, havia já gastado, nem tivera já mais possibilidade para comprar outra colcha, que a que na cama vião; só a seu filho D. Alvaro fizera huma espada guarnecida de algumas pedras de pouca estima, para passar ao Reino. Que disto lhes pedia mandassem fazer hum termo, para que se alguma hora se achasse outra cousa, ElRei, como a perjuro, o castigasse. Esta pratica se escreveo nos livros da Cidade, a qual se poderá ler, como instrucção, aos que lhe succedérão; nos quaes, creio, ficou a memoria mais viva, que o exemplo.

Juramento que toma.

Logo que o Viso-Rei entendeo, que era chamado a mais dura batalha,

fugindo a importuna diversão de cuidados humanos, se recolheo com o Padre S. Francisco Xavier, buscando para tão duvidosa viagem, tão seguro piloto; o qual lhe foi todo o tempo, que durou a doença, enfermeiro, intercessor, e mestre. Como não adquirio riquezas, de que dispôr de novo, não fez outro testamento, que o que deixou no Reino, quando passou a governar a India, em mãos do Bispo de Angra Dom Rodrigo Pinheiro, com quem o tinha communicado. E recebidos os Sacramentos da Igreja, rendeo a Deos o espirito em seis de Junho de mil quinhentos quarenta e oito, aos quarenta e oito de sua idade, e quasi tres de governo daquelle Estado. As riquezas, que grangeou na Asia, forão suas heroicas obras, que neste papel virão a ler os futuros com saudosa memoria. No seu escritorio se achárão tres tangas larins, e humas disciplinas, com sinaes de usar muito dellas, e a guedelha da barba, que havia empenhado. Mandou em São Francisco de Goa depositar seu corpo, para que dalli se tresladassem os ossos á sua Capela de Cintra. Tratou-se logo do funeral, não menos lastimoso, que so-

Recolhe-se com o P. Xavier.

Sua morte.

Enterro, e sentimento.

lemne, merecendo de todo o Estado lagrimas illustres, e plebeas.

Vem seus ossos ao Reino.

Depois de alguns annos vierão seus ossos ao Reino, que forão recebidos com reverente, e piedoso applauso, ultimo beneficio, que com suas cinzas ha recebido a patria, e trazidos aos hombros de quatro netos seus ao Convento de S. Domingos de Lisboa, onde muitos dias se lhes fizerão sumptuosas exequias. Daqui forão segunda vez trasladados ao Convento de S. Domingos de Bemfica, onde (posto que em Capella alheia) estiverão alguns annos com tumulo decente, até que o Bispo Inquisidor Geral D. Francisco de Castro seu neto, lhes fez capella, e sepultura propria; na traça, na materia, e na escultura, depois das Reaes, a nenhuma segunda; cuja relação não desagradará, em beneficio da memoria do avó, e piedade do neto.

Depositão-se em S. Domingos de Lisboa.

Trasladão-se a Bemfica.

Onde estão hoje.

Dista o Convento de S. Domingos de Bemfica, dous mil passos da Cidade de Lisboa. Hum lugar vezinho lhe dá aquelle nome. Foi o sitio delle em propriedade dos Senhores Reis de Portugal; no qual, por sua frescura, tinhão huma casa de campo, que frequentavão, já para diver-

são dos negocios, já para o exercicio da caça. ElRei D. João o Primeiro vendo-se devedor a Deos de tantas victorias, entre outras acções de graças, fez destes paços doação á Ordem de S. Domingos, com terras, hortas, e pomares vezinhos, em vinte e dous de Maio de mil trezentos noventa e nove, para se fundar este Convento, que não só teve os alicesses Reaes, senão os augmentos. Obrigou-se o fundador (por provisão, que nos archivos do Convento se guarda) a amparar, e defender as cousas, e Religiosos delle, solicito na causa de Deos valeroso na sua. ElRei Dom João o Segundo lhe dotou huma grossa fazenda, que com nome da Quinta das Ilhas hoje possue a casa, sem lhe impôr obrigação, que pudesse fazer menos grata, ou liberal a esmola. ElRei Dom Manoel, ainda que repartido em cuidados, e fabricas maiores, deixou nos sacrificios deste Templo religiosa memoria, ordenando, que se dissessem cada semana aos Anjos duas Missas cantadas a favor dos navegantes; que este era o Astrolabio de seus descobrimentos, e as forças das victorias Orientaes daquella idade. A Rainha Dona

Catherina tratou esta casa como Capella sua, offerecendo-lhe de seu Oratorio Reliquias de reverencia, e preço; entre outras, em huma grande Cruz de prata hum pedaço do Santo Lenho, que sendo offerecido por mãos Reaes calificão a certeza de tão superior donativo, accumulando os senhores Reis nesta casa a beneficios temporaes, os sagrados. ElRei Dom Philippe o Segundo lhe acrecentou os proprios com huma honesta esmola. Foi sempre dos mais observantes da Religião este Convento, que com nome de Recoleta, não permitte declinação, ou indulgencia do primeiro instituto. Nelle como em escola de virtudes, se costumavão retirar os filhos mais benemeritos da Ordem; huns a fugir, outros a descançar das Prelasias para vagar a Deos em ocio santo, e reformar o espirito.

Nesta casa por fundação, e disciplina illustre descansão as cinzas victoriosas de Dom João de Castro, em huma Capella, e sulpultura de religiosa grandeza. He esta da instituição de *Corpus Christi*, tem a porta principal no claustro do Convento, e sobre ella pendente hum escudo relevado das armas do funda-

dor; abraça o largo della quarenta palmos; tem mais de setenta o comprimento; proporção a que os Architectos chamão Dupla, e á obra Dorica. He de huma só nave de pedraria brunida; o lageamento de pedras de cores tambem brunidas. Em torno a circunda interiormente hum composto, e proporcionado pedestal, sobre que se funda a armonia da mais architectura. Tem seis arcos com pilares interpostos, sobre bases, capiteis, e simalhas tambem em torno, com seis luzes obradas com respeito á architectura. Tem hum retabolo, e sacrario (em que sempre está o Santissimo Sacramento aluminado com duas alampadas de prata) de obra de talha com florões; tudo dourado, e no alto hum painel da Cea do Senhor. Detraz do Altar, e retabolo ha Coro dos Noviços, para cuja criação, e melhor serviço do Senhor se lhes fez casa com vinte cellas, e mais officinas, que formão o corpo de hum Convento. O tecto da Capella, depois de coroada com a simalha, he tambem de pedraria, apainelado com artezões, e molduras. Dos seis arcos, que a compoem, ficão os dous primeiros nos Presbiterios; no da parte do

Evangelho, está huma porta, que dá serventia para a tribuna, e aposentos do fundador; e no da parte da Epistola outra para o serviço da Sanchristia. Os outros quatro occupão quatro sumptuosas sepulturas, cujas urnas formão pedras de cores lustradas, que descansão ás costas de elefantes de pedras negras.

No primeiro arco, que fica junto ao do Presbiterio da parte do Evangelho, está a sepultura de D. João de Castro, onde, antes de se fechar, forão recolhidos seus ossos, com o seguinte epitaphio.

D. JOANNES DE CASTRO

XX. PRO RELIGIONE IN UTRAQUE
MAURITANIA STIPENDIIS FACTIS :
NAVATA STRENUE OPERA THUNETANO BELLO ;
MARI RUBRO FELICIBUS ARMIS PENETRATO ;
BELLATIS INTER EUPHRATEM, ET INDUM
NATIONIBUS :
GEDROSICO REGE, PERSIS, TURCIS
UNO PRÆLIO FUSIS ;
SERVATO DIO, IMO REIPUB. REDDITO ;
DORMIT IN MAGNUM DIEM,
NON SIBI, SED DEO TRIUMPHATOR ;
PUBLICIS LACHRYMIS COMPOSITUS,
PUBLICO SUMPTU PRÆ PAUPERTATE
FUNERATUS.
OBIIT OCTAVO ID. JUN. ANNO M.D.XLVIII.
ÆTATIS XLVIII.

Estão em o seguinte arco junto a este os ossos de Dona Leonor Coutinho sua mulher.

Da parte da Epistola em o arco, que responde ao da sepultura de D. João de Castro, está a de D. Alvaro seu filho, em que do mesmo modo forão póstos seus ossos, tem o epitaphio, que se segue.

D. ALVARUS DE CASTRO,

MAGNI JOANNIS PRIMOGENITUS,
CUI PENE AB INFANTIA DISCRIMINUM SOCIUS,
PUGNARUM PRÆCURSOR,
TRIUMPHORUM CONSORS,
ÆMULUS FORTITUDINIS,
HÆRES VIRTUTUM, NON OPUM;
REGUM PROSTRATOR, ET RESTITUTOR:
IN SINAI VERTICE EQUES FELICITER
INAUGURATUS:
A REGE SEBASTIANO SUMMIS REGNI
AUCTUS HONORIBUS:
BIS ROMÆ, SEMEL CASTELLÆ, GALLIÆ,
SABAUDIÆ LEGATIONE PERFUNCTUS.
OBIIT IV. KALEND. SEPTEMB.
ANNO M. D. LXXV.
ÆTATIS SUÆ L.

E logo no outro arco junto a este, está D. Anna de Attaide sua mulher. No vão desta Capella se fez hum carneiro com seis arcos de pedraria, em

hum dos quaes ha altar para se dizer Missa; e os mais tem repartimentos para os ossos, e corpos dos defuntos.

Dotou o Bispo Inquisidor Geral, fundador desta Capella, ao Convento de Bemfica, para sustento dos Religiosos que hão de assistir ás obrigações della, duzentos e quarenta mil réis de juro em cada anno, situados nas rendas da Camera desta Cidade de Lisboa, repartidos pela ordem seguinte. Cento e vinte mil réis por tres Missas quotidianas. Cincõeta (anticipada esmola) pelos anniversarios, que ha de ordenar em seu testamento. Quarenta para fabrica, e provimento da Capella. Trinta para se poder acudir ás necessidades dos Religiosos, que naquelle Noviciado residem, para a custodia, e limpeza da Capella. Além do que a ornou de muitas peças ricas, e devotas; e a Sanchristia della de todo o necessario ao culto divino; assim ornamentos para as festas, como para os dias ordinarios, roupa branca, castiçães, tocheiras, lampadas, ceriaes, e mais cousas semelhantes, tudo com abundancia, e perfeição.

Ascendencia de D. João de Castro.

Dom João de Castro, tão claro pelo sangue, como pelas virtudes,

nasceo em Lisboa a vinte e sete de Fevereiro de mil e quinhentos; foi filho segundo de Dom Alvaro de Castro, Governador da Casa do Civel, e de Dona Leonor de Noronha, filha de Dom João de Almeida, segundo Conde de Abrantes, neto de Dom Garcia de Castro, que foi irmão de Dom Alvaro de Castro, primeiro Conde de Monsanto, filhos de Dom Fernando de Castro, netos de Dom Pedro de Castro, e bisnetos de Dom Alvaro Pirez de Castro, Conde de Arraiolos, e primeiro Condestable de Portugal, irmão da Rainha Dona Ines de Castro, que foi mulher d'ElRei Dom Pedro o Cruel. Era este Condestable filho de Dom Pedro Fernandez de Castro, a quem chamárão em Castella, o da Guerra, que vindo a este Reino, principiou nelle a illustre Casa dos Castros, que em tanta grandeza se tem conservado. O qual Dom Pedro, era por baronía descendente do Infante Dom Fernando, filho d'ElRei Dom Garcia de Navarra, casado com Dona Maria Alvares de Castro, filha unica do Conde Alvaro Fanhez Minaia, quinta neta de Lain Calvo, de quem diriva sua origem esta familia. Sendo

moço casou Dom João de Castro com Dona Leonor Coutinho, sua prima segunda; maior na qualidade, que no dote; com a qual retirado na Villa de Almada fugio com anticipada velhice as ambições da Corte. Passou a servir a Tanger, aonde deu de seu valor as primeiras, mas não vulgares provas, bem que destas alcançamos mais fama, que noticia. Tornou a Corte chamado por ElRei Dom João o Terceiro, e como já seus brios não cabião no Reino, passou á India com Dom Garcia de Noronha. Acompanhou a Dom Estevão da Gama na jornada do Estreito do mar Roxo, e fez desta viagem hum Roteiro obra util, e grata aos Navegantes. Tornado a Portugal se retirou á sua quinta de Cintra, descansando na lição dos livros, sempre exemplar no ocio, e na occupação. Outra vez cingio espada para seguir as bandeiras do Emperador Carlos na jornada de Tunez, onde a seu nome ajuntou gloria nova. Acabada esta empreza se recolheo a Cintra escondendo-se á sua propria fama; soube fogir dos cargos, não pode livrar-se. ElRei Dom João o chamou para General das armadas da costa; serviço, em que

a seu valor respondérão os successos. Passou ultimamente a governar a India, onde com as victorias, que havemos referido assegurou, e reparou o Estado. Nas horas que lhe perdoavão os cuidados da guerra descreveo em copioso tratado toda a costa, que jaz entre Goa, e Dio, sinalando os baixos, e recifes; a altura da elevação do Pólo, em que estão as Cidades, restingas, angras, e enseadas, que formão os portos; as monções dos ventos, e condições dos mares; a força das correntes, e o impeto dos rios; arrumando as linhas em taboas differentes: tudo com tão miuda, e acertada Geographia que o pudera esta só obra fazer conhecido, se já o não fora tanto pelo valor militar. Com igual semblante o virão as incommodidades da patria, e as prosperidades do Oriente, parecendo sempre o mesmo homem em diversas fortunas. Fez brio de merecer tudo, e de não pedir nada. Fazia razão, e justiça a todos igualmente, sendo nos castigos inteiro, mas tão justificado, que mais se podião queixar da lei, que do Ministro. Era com os soldados liberal, e com os filhos parco, mostrando mais humanidade no officio,

que na natureza. Tratava com grande respeito as acções de seus antecessores, honrando até aquellas de que se apartava. Sem estragar cortezia, conservou o respeito. Dos grandes parecia superior, dos pequenos pai, vivia de maneira, que emendava as culpas, mais com o exemplo que com o castigo. Sempre zelou a causa de Deos, primeiro que a do Estado; nenhuma virtude deixou sem premio; alguns vicios deixava sem castigo, melhorando assim muitos, huns com o beneficio, outros com a clemencia. Os donativos que recebia dos Principes da Asia mandava carregar na fazenda Real; virtude, que louvárão todos, imitárão poucos. Os soldados enfermos achavão nelle lastima, e remedio; a todos obrigava, e parecia devedor de todos. Evitou (como ruina do Estado) chatinar aos soldados; nenhuma facção emprendeo, que não conseguisse, sendo nas execuções promptissimo, maduro nos conselhos. Entre occupações de soldado, conservou virtudes de Religioso; era frequente em visitar os Templos, grande honrador dos Ministros da Igreja, compassivo, e liberal com os pobres; devotissimo da Cruz, cujo sinal adorava com inclinação profunda sem dif-

ferença de lugar, ou tempo. E tão religiosamente ardia no culto deste sinal santissimo, que quiz mais lavrar templo á sua memoria, que fundar casa á sua posteridade, deixando como em piedosa benção a seu filho D. Alvaro, que se na graça, ou justica dos Reis achasse alguma gratidão de seus serviços, do premio delles edificasse na serra de Cintra hum Convento de Recoletos Franciscanos, advertindo, que com a invocação da Cruz se titulasse a Casa. D. Alvaro de Castro, que das virtudes de tão piedoso pai foi legitimo herdeiro, ordenou a fabrica do Convento, menos grande pela magestade do edificio, que pela santidade dos varões penitentes, que o habitão. Sendo a primeira vez mandado pelo Senhor Rei D. Sebastião com embaixada ao Papa Pio IV. impetrou delle privilegiar o Altar do dito Convento para todas as Missas, e para o dia da invenção da Cruz indulgencia plenaria a todos os que rogassem pelas necessidades maiores da Igreja; e advertidamente pela alma de D. João de Castro: graça tão singular, e nova, que a não vimos concedida a Principes soberanos. Parece que andava em Italia tão viva a fama de suas victorias, como de suas virtudes,

qualificadas com tão illustre testemunho do Vigario de Christo. Por estas, e outras virtudes cremos terá alcançado no Ceo melhores palmas em mais alto triumpho. Teve tres filhos, que todos, como benção do pai seguírão os perigos da guerra. D. Miguel o mais moço, que nos dias d'ElRei D. Sebastião passou a India, e faleceo Capitão de Malaca. D. Fernando, que faleceo abrasado na mina do baluarte de Dio. D. Alvaro com quem parece, que partio as palmas, e as victorias, filho, e companheiro de sua fama; o qual tornando ao Reino, sem outras riquezas, que as feridas, que recebeo na guerra, casou com D. Anna de Attaide filha de D. Luiz de Castro, Senhor da Casa de Monsanto. Foi d'El-Rei D. Sebastião particular aceito, fiando-lhe os maiores negocios, e lugares do Reino; fez diversas embaixadas a Castella, França, Roma, e Saboia. Foi do Conselho de Estado, e unico Veador da Fazenda; e entre cargos tão grandes, acabando valido, morreo pobre.

Que filhos teve.

Elogio de D. Alvaro de Castro.

INDEX

DAS PRINCIPAES COUSAS

DESTA HISTORIA.

A.

L:

N.

P.

R.

S.

FIM.

EM PARIS,
Na officina de J. SMITH.

